



Universidade do Estado do Rio de Janeiro

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Letras

Patrícia Oliveira de Freitas

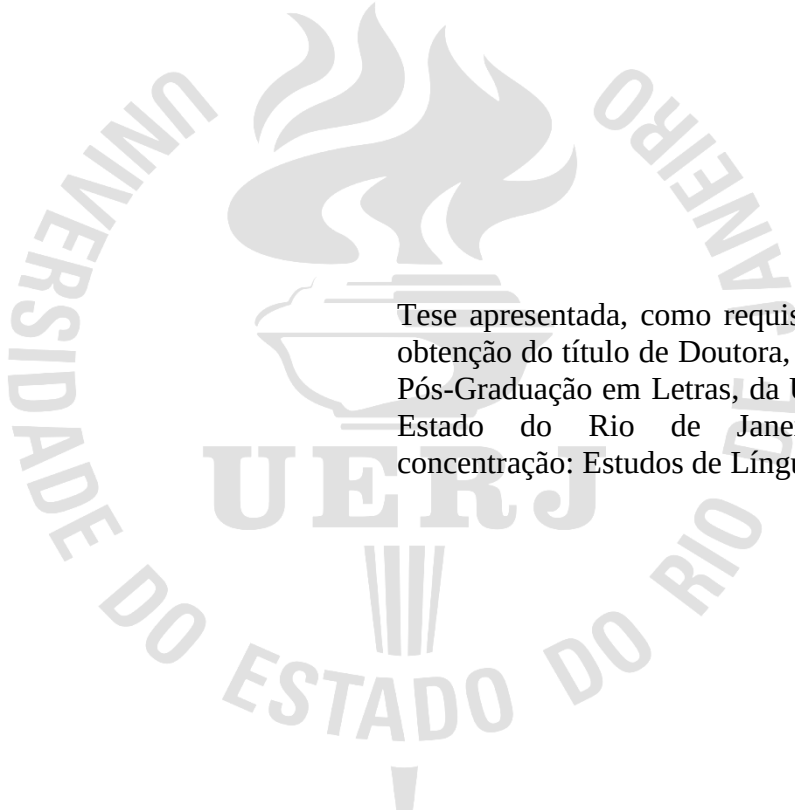
Metáforas cotidianas para órgãos sexuais e linguagem sexista

Rio de Janeiro

2023

Patrícia Oliveira de Freitas

Metáforas cotidianas para órgãos sexuais e linguagem sexista



Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Orientadora: Prof^a. Dra. Sandra Pereira Bernardo

Rio de Janeiro

2023

CATALOGAÇÃO NA FONTE
UERJ/REDE SIRIUS/BIBLIOTECA CEH/B

F866 Freitas, Patrícia Oliveira de.
Metáforas cotidianas para órgãos sexuais e linguagem sexista / Patrícia Oliveira de Freitas. – 2023.
220 f.: il.

Orientadora: Sandra Pereira Bernardo.
Tese (doutorado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Instituto de Letras.

1. Linguística – Teses. 2. Metáfora – Teses. 3. Aparelho genital – Anekdotas – Teses. 4. Sociolinguística – Teses. 5. Tabu linguístico – Teses. I. Bernardo, Sandra Pereira. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Letras. III. Título.

CDU 801.541.251

Bibliotecária: Eliane de Almeida Prata. CRB7 4578/94

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta tese, desde que citada a fonte.

Assinatura

Data

Patrícia Oliveira de Freitas

Metáforas cotidianas para órgãos sexuais e linguagem sexista

Tese apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Doutora, ao Programa de Pós-Graduação em Letras, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Área de concentração: Estudos de Língua.

Aprovada em 22 de março de 2023.

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dra. Sandra Pereira Bernardo (Orientadora)
Instituto de Letras – UERJ

Prof^ª. Dra. Naira de Almeida Velozo
Instituto de Letras – UERJ

Prof^ª. Dra. Tânia Mara Gastão Saliés
Instituto de Letras – UERJ

Prof. Dr. Gerson Rodrigues da Silva
Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro

Prof^ª. Dra. Valéria Fernandes Nunes
Universidade Federal do Rio de Janeiro

Rio de Janeiro

2023

DEDICATÓRIA

Dedico esta tese às mulheres brasileiras.
Que as nossas vozes ecoem como estrondo!

AGRADECIMENTOS

Obrigada, Uerj, por tantos bons momentos colecionados. A metáfora conceptual que subjaz a este agradecimento é MOMENTOS SÃO COLEÇÕES.

Obrigada, Professora Dra. Sandra Pereira Bernardo, por orientar de forma tão empática, dedicada e com tanto brilhantismo! As metáforas conceptuais que fundamentam esta gratidão são ORIENTAÇÃO É EMPATIA, ORIENTAÇÃO É DEDICAÇÃO e ORIENTAÇÃO É BRILHANTISMO.

Obrigada, família. Vocês são o pilar da minha vida! A metáfora conceptual que respalda tudo o que eu sinto por vocês é FAMÍLIA É SUSTENTAÇÃO.

Obrigada, amigos, por todo o suporte durante a jornada acadêmica. Duas metáforas justificam este agradecimento: ACADEMIA É JORNADA e AMIGO É SUPORTE (NA JORNADA).

Obrigada, Deus da minha fé, por tudo isso. Este é o Deus que embasou todas essas metáforas e as comprimiu nesta tese.

Metáforas cotidianas

(...) Como seres humanos, temos a capacidade de usar e compreender a linguagem metafórica sem uma percepção consciente dos conceitos metafóricos envolvidos. No entanto, há vantagens em nos tornarmos conscientes das metáforas ao nosso redor. Se soubermos como as metáforas funcionam em um nível conceptual, podemos controlar seus efeitos. Podemos evitar o uso de metáforas que são confusas ou perturbadoras e podemos projetar metáforas que fazem exatamente o que queremos. Quando encontramos a linguagem metafórica, podemos analisar o que a torna eficaz ou não. Podemos evitar ser manipulados por metáforas subconscientes e podemos aceitar os benefícios de uma metáfora, rejeitando todos os aspectos que consideramos inúteis ou imprecisos (SULLIVAN, 2018, s/p).

Linguagem Sexista

Assim, alguns termos sexistas podem ser vistos como tão parte da linguagem que nem os notamos como sexistas (...). No entanto, ainda existem itens lexicais que parecem ser claramente sexistas e que podemos querer mudar ou cujo uso podemos querer resistir (MILLS, 2008, p. 44).

RESUMO

FREITAS, Patrícia Oliveira de. *Metáforas cotidianas para órgãos sexuais e linguagem sexista*. 2023. 220 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

Esta pesquisa em escopo de tese tem por objetivo principal refletir sobre os efeitos de sentido de uma linguagem sexista em nomes populares e não terminológicos para a vulva e o pênis por meio do estudo das metáforas conceptuais (LAKOFF; JOHNSON, 1980; KÖVECESES, 2005, 2006, 2007, 2010) subjacentes a manifestações linguísticas com potencialidades para o despertar do riso. Além disso, busca-se discutir como essa nomenclatura popular metonímica e metafórica sublinha representações sociais de gênero a partir do uso da jocosidade como forma de mascarar marcações ideológicas sobre as posições de mulheres e homens em âmbito social, perpassando, assim, as relações estabelecidas entre ideologia, cultura, metaforizações – conceptuais e linguísticas –, linguagem sexista e riso. Para tanto, recorre-se ao arcabouço teórico da Linguística Cognitiva (FILLMORE, 1975, 1982, 1985; GEERAERTS, 2006; LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1987; KÖVECESES, 2005, 2006, 2007, 2010), de modo a coadunar diversos postulados relacionados à cognição humana e que incluem as experiências sociais e corpóreas em seus efeitos de significação do mundo. Metodologicamente, este estudo caracteriza-se como uma pesquisa com enfoque quali-quantitativo e interpretativista (BORTONI-RICARDO, 2008; SACCOL, 2009), fundamentando-se, paralelamente, em uma pesquisa baseada em *corpus* (MITTELBERG; FARMER; WAUGH, 2007) e de abordagem lexical (KÖVECESES, 2019), viabilizando a organização e a categorização de aproximadamente 4.672 dados linguísticos. Nesse sentido, a utilização de dicionários on-line, tais como os dicionários ‘Priberam’, ‘Dicio’ e ‘Dicionário Informal’, expositores dos diferentes usos das expressões linguísticas, como procedimento metodológico, tornou-se essencial para esta pesquisa ao viabilizar a identificação, a categorização e a organização de metáforas conceptuais para a formação do *corpus* de análise. O estudo apontou que as metáforas conceptuais sucedem de compatibilidades conceptuais não apenas relacionadas a objetos, alimentos/bebidas, entidades e pessoas, mas também a práticas sociais de diversas naturezas, apontando para uma característica figurativa e representacional do uso de metafórico. Por meio da análise, foi possível visibilizar, via nomeação de seus órgãos sexuais, a subordinação da condição feminina à efígie masculina, e a condição virilidade e potencialidade da figura masculina a partir de nomeações circunscritas ao humor. Acredita-se que, dada a naturalidade de determinadas metáforas arraigadas em meio social, a identificação da linguagem sexista torna-se mais difícil de ser identificada, principalmente quando há a manipulação de *frames* para a violação de restrições linguísticas e a consequente a incursão do riso. Porém, o estudo do processamento da metáfora e de outros dispositivos cognitivos para a conceptualização da linguagem permite a visualização das disposições ideológicas subjacentes a designações burlescas para órgãos sexuais, fornecendo indícios quanto aos papéis sociais assumidos por atores socioculturais brasileiros.

Palavras-chave: Domínios, *Frames* e MCIs. Linguagem sexista. Metáforas e metonímias conceptuais. Órgãos sexuais.

ABSTRACT

FREITAS, Patrícia Oliveira de. *Everyday metaphors for sexual organs and sexist language*. 2023. 220 f. Tese (Doutorado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

This thesis-scope research has the main objective of reflecting on the meaning effects of sexist language in popular and non-terminological names for the vulva and the penis through the study of conceptual metaphors (LAKOFF; JOHNSON, 1980; KOVECESES, 2005, 2006, 2007, 2010) underlying linguistic manifestations with the potential to trigger laughter. In addition, we seek to discuss how this metonymic and metaphorical popular nomenclature underlines social representations of gender from the use of playfulness as a way of masking ideological markings about the positions of women and men in the social sphere, thus permeating the relationships established between ideology, culture, metaphorizations – conceptual and linguistic –, sexist language and laughter. For this purpose, the theoretical *framework* of Cognitive Linguistics is used (FILLMORE, 1975, 1982, 1985; GEERAERTS, 2006; LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1987; KÖVECSES, 2005, 2006, 2007, 2010), in order to combine several related postulates to human cognition and that include social and corporeal experiences in their meaning effects of the world. Methodologically, this study is characterized as research with a quali-quantitative and interpretive focus (BORTONI-RICARDO, 2008; SACCOL, 2009), based, in parallel, on *corpus*-based research (MITTELBERG; FARMER; WAUGH, 2007) and a lexical approach (KÖVECSES, 2019), enabling the organization and categorization of approximately 4,672 linguistic data. In this sense, the use of online dictionaries, such as the dictionaries ‘Priberam’, ‘Dicio’ and ‘Dicionário Informal’, exhibitors of the different uses of linguistic expressions, as a methodological procedure, became essential for this research by enabling the identification, categorization and organization of conceptual metaphors for the formation of the *corpus* of analysis. The study pointed out that conceptual metaphors result from conceptual compatibilities not only related to objects, food/beverages, entities and people, but also to social practices of different natures, pointing to a figurative and representational characteristic of the use of metaphor. Through this analysis, it was possible to visualize, via the naming of their sexual organs, the subordination of the female condition to the male effigy, and the condition of virility and potentiality of the male figure based on nominations limited to humor. We believe that, given the naturalness of certain metaphors rooted in the social environment, the identification of sexist language becomes more difficult to identify, especially when *frames* are manipulated to violate linguistic restrictions and the consequent incursion of laughter. However, the study of metaphor processing and other cognitive devices for the conceptualization of language allows the visualization of the ideological dispositions underlying the burlesque designations for sexual organs, providing clues as to the social roles assumed by Brazilian sociocultural actors.

Keywords: Domains, *frames* and CIMs. Sexist language. Conceptual metaphors and metonyms. Sex organs.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 -	LUGAR DE MULHER É NO TANQUE	37
Figura 2 -	Nomes populares para a vulva	66
Figura 3 -	Nomes populares para o pênis	66

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1 -	Hipóteses para o estudo da nomenclatura metafórica para órgãos sexuais	17
Quadro 2 -	Habilidade cognitiva geral de atenção: perfilamento de cenas.	
	<i>Dupla jornada faz mulheres trabalharem 3,1 horas a mais que homens ...</i>	24
Quadro 3 -	Lista parcial de esquemas imagéticos	30
Quadro 4 -	Mapeamentos para ‘poder feminino é localização’	37
Quadro 5 -	Mapeamentos para ‘TRABALHO É JORNADA’	42
Quadro 6 -	Identificação de domínios-fonte e de metáforas conceptuais.....	67
Tabela 1 -	Distribuição de dados linguísticos	67
Tabela 2 -	Quantitativo geral de amostras	68
Quadro 7 -	Categorias em comum vulva / pênis	75
Quadro 8 -	Categorias para a seção de análise	77
Quadro 9 -	Metáforas conceptuais específicas para VULVA/PÊNIS É ALIMENTO	81
Quadro 10 -	Representações esquemáticas para VULVA/PÊNIS É ALIMENTO	86
Quadro 11 -	Metáforas conceptuais específicas para VULVA/PÊNIS É ANIMAL	90
Quadro 12 -	Representações esquemáticas para VULVA/PÊNIS É ANIMAL.....	94
Quadro 13 -	Metáforas conceptuais específicas para VULVA/PÊNIS É FERRAMENTA	97
Quadro 14 -	Representações esquemáticas para VULVA/PÊNIS É FERRAMENTA	99
Quadro 15 -	Metáforas conceptuais específicas para VULVA/PÊNIS É LOCALIZAÇÃO.....	101
Quadro 16 -	Representações esquemáticas para VULVA/PÊNIS É LOCALIZAÇÃO.....	105
Quadro 17 -	Metáforas conceptuais específicas para VULVA É CAVIDADE.....	109
Quadro 18 -	Representações esquemáticas para VULVA É CAVIDADE.....	111
Quadro 19 -	Metáforas conceptuais específicas para VULVA É RECEPTÁCULO	113
Quadro 20 -	Representações esquemáticas para VULVA É RECEPTÁCULO	115
Quadro 21 -	Metáforas conceptuais específicas para VULVA É DEPÓSITO	118
Quadro 22 -	Representações esquemáticas para VULVA É DEPÓSITO	119
Quadro 23 -	Metáforas conceptuais específicas para VULVA É INVÓLUCRO	121
Quadro 24 -	Representações esquemáticas para VULVA É INVÓLUCRO	122
Quadro 25 -	Metáforas conceptuais específicas para PÊNIS É PATENTE MILITAR	125
Quadro 26 -	Representações esquemáticas para PÊNIS É PATENTE MILITAR	126
Quadro 27 -	Metáforas conceptuais específicas para PÊNIS É ARTEFATO MILITAR.....	129
Quadro 28 -	Representações esquemáticas para PÊNIS É ARTEFATO MILITAR	129

Quadro 29 - Metáforas conceituais específicas para PÊNIS É OBJETO DE METAL	131
Quadro 30 - Representações esquemáticas para PÊNIS É OBJETO DE METAL	132
Quadro 31 - Metáforas conceituais específicas para PÊNIS É MÁQUINA	134
Quadro 32 - Representações esquemáticas para PÊNIS É MÁQUINA	134
Quadro 33 - Estruturas esquemáticas de categorias compartilhadas	139
Quadro 34 - Estruturas esquemáticas de categorias para a vulva	144
Quadro 35 - Estruturas esquemáticas de categorias para o pênis	146

LISTA DE BREVIATURAS E SIGLAS

LC	Linguística Cognitiva
MCI	Modelo Cognitivo Idealizado
MCIs	Modelos Cognitivos Idealizados
TMC	Teoria da Metáfora Conceptual

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	14
1	LINGUÍSTICA COGNITIVA: DO ARQUIPÉLAGO ÀS ILHAS.....	21
1.1	Esquemas imagéticos.....	27
1.2	<i>Frames</i>, domínios e modelos cognitivos idealizados	31
1.3	Teoria da metáfora conceptual	35
1.4	Teoria da metonímia conceptual	41
2	ENTRE CORPOS E PESSOAS: ÓRGÃOS SEXUAIS E MULHER/HOMEM	45
3	IDEOLOGIA, LINGUAGEM SEXISTA E RISO	50
4	QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO	58
4.1	Considerações teóricas sobre o método	58
4.2	Considerações práticas do método	64
5	METÁFORAS COTIDIANAS PARA ÓRGÃOS SEXUAIS	78
5.1	Metáforas cotidianas para VULVA e PÊNIS: categorias conceptuais compartilhadas	78
5.1.1	<u>VULVA/PÊNIS É ALIMENTO</u>	<u>79</u>
5.1.2	<u>VULVA/PÊNIS É ANIMAL</u>	<u>89</u>
5.1.3	<u>VULVA/PÊNIS É FERRAMENTA</u>	<u>94</u>
5.1.4	<u>VULVA/PÊNIS É LOCALIZAÇÃO</u>	<u>100</u>
5.2	Metáforas cotidianas para VULVA	106
5.2.1	<u>VULVA É CAVIDADE</u>	<u>106</u>
5.2.2	<u>VULVA É RECEPTÁCULO</u>	<u>112</u>
5.2.3	<u>VULVA É DEPÓSITO</u>	<u>116</u>
5.2.4	<u>VULVA É INVÓLUCRO</u>	<u>120</u>
5.3	Metáforas cotidianas para PÊNIS	123
5.3.1	<u>PÊNIS É PATENTE MILITAR</u>	<u>125</u>
5.3.2	<u>PÊNIS É ARTEFATO MILITAR</u>	<u>127</u>
5.3.3	<u>PÊNIS É OBJETO DE METAL</u>	<u>130</u>

5.3.4	<u>PÊNIS É MÁQUINA</u>	132
6	METÁFORAS COTIDIANAS PARA ÓRGÃOS SEXUAIS E LINGUAGEM SEXISTA	136
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	150
	REFERÊNCIAS	159
	APÊNDICE A – Nomes para o órgão sexual feminino	169
	APÊNDICE B – Nomes para o órgão sexual masculino	209

INTRODUÇÃO

Só a partir do conhecimento que temos do nosso inconsciente cognitivo é que temos capacidade de nos conhecermos, de entender nossas ações, nossas crenças e nossos valores (URIBE, 2007, p. 67).

Em pesquisa empreendida para mestrado (FREITAS, 2017), analisei o papel da Integração Conceptual (ou Mesclagem) na conceptualização de piadas que continham, em sua narrativa, nomes populares para os órgãos sexuais, aqui considerados como designações populares metonímico-metafóricas. Nessa análise, foi possível evidenciar a criatividade do falante na inventividade de nomes de natureza erógena e sexual para se contornar o tabu linguístico que permeia, em toda e qualquer cultura, as relações linguístico-discursivas entre indivíduos. Os dados dessa pesquisa permitiram a verificação não apenas do aspecto criativo da mente humana para o desvio de palavras-tabu, como também viabilizaram a verificação de restrições morais que subjazem ao pensamento coletivo e que interditam, de forma jocosa, as designações anatômicas para os órgãos sexuais.

Em análises linguísticas sobre tabu, leva-se em consideração o fato de que a coibição de algo/alguém diz respeito, sobretudo, à maneira como esse objeto alvo de tabu é denominado, apontando relações muito tênues entre o objeto tabuizado e sua nomeação (cf. GUÉRIOS, 1979). Isso porque um elemento proibido faz com que sua proferição seja, de igual modo, desautorizada, um fato que condiciona tal elemento a novas nomeações, nem tão proibidas nem tão irrestritas, nem tão livres para circularem nem tão interditadas: o famigerado ‘meio termo’. Assim, as novas designações tornam-se, em certo nível, passíveis de difundirem-se socialmente, ainda que de modo chistoso, despertando o aspecto risível das pessoas ao mesmo tempo em que consentindo a circulação de determinados termos.

Embora a pesquisa supracitada (FREITAS, 2017) tenha sido realizada a partir de narrativas jocosas, o pontapé inicial para o referido estudo se deu a partir da observação de listas disponíveis no *site* Desciclopédia¹, contendo nomes para as partes erógenas do corpo humano, incluindo-se, além dos nomes para a vulva e o pênis, nomes populares para os seios, o ânus e os testículos. Metodologicamente, o rol de nomes foi utilizado na pesquisa de modo a se identificar quais nomes estariam em circulação no momento da coleta de dados iniciais. Porém, apenas os dados de nomes para a vulva e o pênis foram utilizados para fins de análise.

¹ Disponível em: (1) https://desciclopedia.org/wiki/Deslistas:Nomes_populares_para_a_vagina
(2) https://desciclopedia.org/wiki/Lista_de_nomes_populares_para_p%C3%AAnis

Tais listas, quando disponibilizadas em eventos científico-acadêmicos, ou até mesmo em conversas cotidianas de cunho informal, costumavam despertar, em primeiro momento, o riso espontâneo e descontraído, típico de uma piada contada em ambiente muito familiar. Foram inúmeras as situações em que o riso se fez presente quando esse catálogo de nomes era exposto. Em diversos momentos, imediatamente após a manifestação do riso, a jocosidade dava lugar à reflexão, nessas ocasiões, nem sempre de forma burlesca.

Por muitas vezes, nesse momento de reflexão pós-riso, ouvi questionamentos do tipo “Por que os nomes para o pênis são melhores/positivos?”. Em apresentações da pesquisa em eventos acadêmicos, já fui, por mais de uma vez, interrompida com a frase “Que nomes machistas!” ou “Isso é muito sexista!”. Na condição de mulher e pesquisadora, presenciei não apenas mulheres ponderando sobre dados linguísticos que lhes feriam, como também vi homens admitindo uma condição de domínio e, talvez, de superioridade, em um tom de reconhecimento necessário quando se busca uma reanálise de significados opressivos. E, embora todos esses cenários em comum expusessem uma certificação coletiva de que haveria algo de errado com aqueles nomes, particularmente quando colocados em pares opositivos (nomes para órgão sexual feminino *versus* nomes para órgão sexual masculino), essa ação crítica e reflexiva vinha sempre, de forma unânime, somente após a manifestação preliminar do riso.

Tais acontecimentos impulsionaram-me a retomar, de forma específica, às referidas listas de designações populares para órgãos sexuais em uma nova pesquisa, agora com o propósito de tese, a fim de se sistematizar os nomes que compõem as listas supramencionadas e que concernem a nomes não anatômicos para a vulva e o pênis². Assim, busco, nesta pesquisa de cunho qualitativo, ampliar o escopo de análise ao identificar que outras metáforas conceptuais (LAKOFF; JOHNSON, 1980), além daquelas evidenciadas em estudo anterior (FREITAS, 2017)³, permeiam o imaginário coletivo da população brasileira e guiam as ações humanas a tal ponto de uma situação dita engraçada passar a ser concebida, instantaneamente, como um espaço importante de ponderação sobre como os nomes para o órgão sexual feminino são conceptualizados pelos falantes do português do Brasil, especialmente ao se colocar tais nomes em oposição aos nomes para órgão sexual masculino.

² Por uma questão de delimitação, as listas de nomes para os seios, os testículos e o ânus não serão usadas nesta análise, sinalizando a necessidade de se empreender, posteriormente, o estudo de metáforas e de metonímias conceptuais que agrupem tais nomes para as referidas áreas erógenas do corpo humano.

³ Metáforas Conceptuais identificadas na pesquisa (FREITAS, 2017): VULVA É MATAGAL, VULVA É OBJETO CURVO E COM EXTREMIDADES AFUNILADAS, VULVA É RECEPTÁCULO DO PÊNIS, PÊNIS É AVE, PÊNIS É OBJETO CILÍNDRICO E ERETO, PÊNIS É OBJETO ERETO E RIJO.

Além disso, discuto a linguagem sexista (cf. MILLS, 2008), evidenciada pelas metáforas que a ativam, procurando interfaces entre eixos teóricos concernentes à ideologia e ao riso, de modo a demonstrar como os modelos cognitivos sublinham os sistemas de crenças e valores de falantes do Português do Brasil a partir do rol de nomes metonímicos e metafóricos para órgãos sexuais, vistos inicialmente como designações jocosas. Para fomentar o debate, esta análise inclina-se aos aspectos inconscientes da ideologia a partir da nomenclatura aqui descrita e sua naturalização em âmbito social. Isto é, busca-se identificar padrões cognitivos que subjazem à linguagem sexista e que viabilizam o despertar do riso, ocasionado, entre outros fatores, por uma reanálise de *frames* disponíveis (COULSON, 1998, 2001; COULSON; KUTAS, 2001).

Dito isso, esta análise pretende se nortear pelas seguintes questões de pesquisa:

- (i) Quais metáforas conceptuais permeiam o ideário de uma comunidade linguística, tal como a brasileira, de modo a representar, metonimicamente, pessoas a partir da nomeação de seus órgãos sexuais?
- (ii) Como as metáforas linguísticas de uma nomenclatura popular para a vulva e o pênis evidenciam a conceptualização de homens e mulheres nas relações socioculturais?
- (iii) Como a nomenclatura aponta para a relação que se estabelece entre a cultura, as metáforas conceptuais/linguísticas, a linguagem sexista e o riso?

Esta pesquisa, portanto, tem como objetivo geral elencar as metáforas conceptuais do pensamento que fundamentam metáforas linguísticas concernentes à conceptualização de pessoas por meio de seus órgãos sexuais. Este desígnio de pesquisa converge para os seguintes objetivos específicos:

- a) Discutir a nomenclatura popular a partir das metáforas e metonímias conceptuais desse universo de etimologia popular;
- b) Sublinhar os efeitos das metáforas linguísticas, apontando as posições de homem e mulher na sociedade brasileira a partir das metáforas que nomeiam seus órgãos sexuais.
- c) Sumarizar as relações que se firmam entre ideologia, cultura, metáforas, conceptuais e linguísticas, linguagem sexista e o aspecto risível da nomenclatura popular metonímica e metafórica para órgãos sexuais.

Desse modo, o Quadro 1 evidencia a súmula das hipóteses defendidas nesta tese.

Quadro 1 - Hipóteses para o estudo da nomenclatura metafórica para órgãos sexuais⁴

(i) Quais metáforas conceptuais permeiam o ideário de uma comunidade linguística, tal como a brasileira, de modo a representar, metonimicamente, pessoas a partir da nomea��o de seus órgãos sexuais?
As metáforas conceptuais emergem da identifica��o de compatibilidades entre órgãos sexuais e (i) formatos de objetos que se assemelham às partes erógenas do corpo humano, (ii) alimentos e bebidas, (iii) pessoas e aparência física de pessoas, e (iii) práticas sociais de diversas naturezas.
(ii) Como as metáforas linguísticas de uma nomenclatura popular para a vulva e o pênis evidenciam a conceptualiza��o de homens e mulheres nas rela��es socioculturais?
As metáforas linguísticas são o ponto de acesso às metáforas em nível conceptual. Sabe-se que as metáforas conceptuais evocam formas coletivas de pensamento, e que a metaforiza��o conceptual estrutura-se a partir de outras estruturas cognitivas, tais como os domínios, <i>frames</i>, modelos cognitivos idealizados e esquemas imagéticos. Por se tratar de estruturas estáveis do conhecimento (vide item 1.2), há recorrências nas cenas abarcadas por essas estruturas da cogni��o. No caso de uma nomenclatura para órgãos sexuais, as metáforas conceptuais evocam práticas languageiras de um sexismo implícito, em que, por meio da nomea��o de seu órgão sexual, a mulher �� regularmente minimizada em fun��o de seu gênero. Além disso, as manifesta��es linguísticas para o órgão sexual feminino refletem, por vezes, uma condi��o de subordina��o ao órgão sexual masculino. E se há uma condi��o de sujei��o, �� porque existe, simultaneamente, uma rela��o de dominância, expressa por nomes para órgãos sexuais masculinos. O estudo das metáforas conceptuais, atreladas a outros dispositivos cognitivos da linguagem, permite a visualiza��o ideológica das posi��es de HOMEM e MULHER assumidas por atores socioculturais brasileiros.
(iii) Como a nomenclatura aponta para a rela��o que se estabelece entre a cultura, as metáforas conceptuais/linguísticas, a linguagem sexista e o riso?
As metáforas conceptuais são atravessadas por ideologia, revelando uma cogni��o corporificada coletiva em dada cultura. Tais metáforas arraigam-se socialmente de modo que, quanto mais naturalizadas em âmbito sociocultural, mais difícil tende a ser a identifica��o da linguagem sexista implícita ao discurso, requerendo um estudo sistemático do inconsciente cognitivo. A metaforiza��o para nomes de órgãos sexuais suscita o riso – também vinculado �� ideologia –, quando há o acionamento de um <i>frame</i> não habitual, o qual não está diretamente relacionado ao enquadre de órgãos sexuais – embora as proje��es conceptuais estabeleçam rela��es e semelhanças entre o <i>frame</i> inusitado e o <i>frame</i> relativo a órgãos sexuais. Assim, acredita-se que o riso, enquanto fator inerente aos aspectos inconscientes da ideologia, emerge da manipula��o de <i>frames</i> na conceptualiza��o da nomenclatura para órgãos sexuais.

Fonte: A autora, 2023.

⁴ Os conceitos da Linguística Cognitiva abordados no Quadro 1 são elucidados no Capítulo 1, intitulado *Linguística Cognitiva: do arquipélago às ilhas*.

Como pressuposto geral, defendo que as representações de homem e mulher, na sociedade, podem ser observadas, metonimicamente, a partir de como o seu órgão sexual é nomeado. Pelos efeitos que esses nomes produzem, posiciono os dados como evidência de um *frame* sexista expresso pelas formas linguísticas, dadas as regularidades de padrões esquemáticos subjacentes a essa nomenclatura e os contextos em que as metáforas se dispõem: são regulares, habituais e vulgares; costumam ser um gatilho para a jocosidade, sendo divulgados em *sites* de humor, propensos a um tipo mais específico de reação coletiva (o riso); aparentam ter uma preocupação maior em nomear o órgão sexual feminino e, assumindo uma perspectiva hegemônica de gênero em uma sociedade de cunho patriarcal, tal como a brasileira, os nomes para o órgão sexual feminino mostram-se, na maioria das vezes, minimizados se comparados aos nomes para o órgão sexual masculino. Este fato aponta para uma supremacia social em que a figura masculina é proeminente.

Como aporte teórico, recorro ao postulado da Linguística Cognitiva (GEERAERTS, 2006; LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1987; KÖVECSES, 2021, 2022) por se tratar (i) de um complexo de teorias traçadas em coletividade, não sendo uma única teoria fechada em que se baseiam as pesquisas; (ii) os constructos teóricos valoram as relações sociais e as experiências corpóreas em seus efeitos de significação do mundo; (iii) além de haver uma inclinação conceitual à diminuição dos efeitos de um projeto cartesiano ao relativizarem o conceito de verdade e as dicotomias herdadas do *cogito* cartesiano, tais como corpo/mente, interioridade/exterioridade, relativismo/objetivismo.

Em relação aos aspectos metodológicos adotados, esta pesquisa caracteriza-se, quanto à sua natureza, como uma pesquisa básica, uma vez que “[...] objetiva gerar conhecimentos novos úteis para o avanço da ciência sem aplicação prática prevista” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 51). Embora se tente, com esta análise, propor uma reflexão sobre as representações sociais de gênero na cultura brasileira, projetando possíveis mudanças de comportamento social a partir da compreensão do inconsciente cognitivo, não se trata, objetivamente, de uma pesquisa aplicada, com execução prática a partir de verdades e de interesses situados localmente. Trata-se, antes de tudo, de uma proposição de discussão mais ampla de sociedade e cultura, aqui caracterizada como a cultura brasileira, sem finalidades mais imediatas e particulares, como na pesquisa aplicada.

Quanto ao objetivo, proponho uma pesquisa de cunho explicativo, visando evidenciar os porquês e os efeitos das práticas languageiras que concernem ao contexto de nomenclatura popular para órgãos sexuais, aprofundando o conhecimento de uma realidade empírica (cf. GIL, 1987). No que se refere à abordagem, esta pesquisa fundamenta-se no enfoque quali-

quantitativo e interpretativista (cf. BORTONI-RICARDO, 2008; SACCOL, 2009), uma vez que o estudo perpassa diretamente a análise e a experiência subjetiva da pesquisadora, marcando uma interação intrínseca entre sujeito e dados linguísticos, a saber, entre a pesquisadora e suas experiências que a motivaram a pesquisar este tema.

Paralelamente, esta pesquisa configura-se como uma pesquisa baseada em *corpus* (MITTELBERG; FARMER; WAUGH, 2007), segundo a qual uma dada amostra de dados linguísticos, por meio de dados previamente compilados, pode evidenciar características específicas de tal amostragem, como é o caso dos dados contidos nas listas de nomes para órgãos sexuais do *site* Desciclopédia⁵. Atrelada a este método de pesquisa, este estudo utiliza-se da abordagem lexical, proposta por Kövecses (2019), como forma de se identificar as metáforas conceptuais subjacentes às expressões linguísticas que compõem o *corpus* de análise. A utilização de dicionários que viabilizem o uso das expressões tornou-se essencial, possibilitando a organização e a categorização dos dados. Assim, para levar a cabo tal empreitada, foram utilizados dicionários on-line que evidenciassem acepções relacionadas aos usos linguísticos e a outras informações inerentes ao conceito, estando essas informações vinculadas a um tópico mais geral – no caso desta pesquisa, a uma nomenclatura popular para órgãos sexuais.

Deve-se ressaltar que, no registro escrito desta tese, por vezes, lanço mão do uso da primeira pessoa para marcar um espaço, aqui considerado um espaço de luta sobre a palavra-significado (MILLS, 2008). Nesse lugar de luta, em que o uso da primeira pessoa se faz presente, oriento a leitura de modo a se pensar que sou eu, a autora, quem fala/escreve, criando laços com quem lê e projetando uma conexão entre texto, autora e leitoras(es). E que, de alguma forma, a pessoa que lê sabe que quem escreve é uma mulher, que se posiciona evidenciando os efeitos de uma linguagem sexista moldada por recursos cognitivo-metafóricos, sem assumir uma pretensa neutralidade linguística na veiculação dos dados de pesquisa. Se, por um lado, pretendo marcar a escrita em 1ª pessoa como uma ‘demarcação territorial’ ou como uma ‘apropriação de fala’, por outro lado, o uso de 3ª pessoa indica as diferentes vozes que me situam a escrever, e que sinalizam que não sou eu, especificamente, quem diz, mas a diversidade de autorias precedentes, de análises e de escritas anteriores, sintetizadas nos recortes teóricos deste estudo.

⁵ Disponível em: (1) https://desciclopedia.org/wiki/Deslistas:Nomes_populares_para_a_vagina
(2) https://desciclopedia.org/wiki/Lista_de_nomes_populares_para_p%C3%AAnis

Por fim, é importante ressaltar que todo o trabalho desta tese é para ‘desempacotar’ o conhecimento que nos vem pronto, evidenciando determinadas assunções ideologicamente marcadas sobre homens e mulheres – entre outros gêneros – e que podem ser observadas, inclusive, quando há o despertar do humor, quando se ri, quando se identifica um aspecto chistoso em dados linguísticos, tais como as nomeações populares para a vulva e o pênis. Tais designações provocam certos efeitos nas inter-relações discursivas e, conseqüentemente, nas práticas sociais nas quais que estamos inseridos, especialmente quando não há a consciência coletiva do poder da palavra, da constituição da linguagem como prática de ação (cf. JONES, 2016) e de como ela pode servir a efeitos de opressão na sociedade.

E, para além de uma marcação de espaço de luta sobre a palavra-significado (MILLS, 2008), esta tese pretende pôr em prática o que se enuncia na epígrafe deste capítulo: explorar o consciente cognitivo para, então, conhecermo-nos como cultura e refletirmos sobre os enunciados que tendem à dominação.

Dito isso, o primeiro capítulo desta tese, intitulado “Linguística Cognitiva: do arquipélago às ilhas”, descreve o arcabouço teórico da Linguística Cognitiva, partindo de uma ideia geral desse nicho teórico (o arquipélago) às teorias específicas em que se baseiam a análise de dados (as ilhas). No segundo Capítulo, “Entre corpos e pessoas: órgãos sexuais e mulher/homem”, busca-se perpassar os aspectos filosóficos da Linguística Cognitiva ao trazer à tona o corpo (e a corporificação) para o quadro teórico em que esta pesquisa se fundamenta, buscando, assim, evidenciar o escopo analítico desta tese: nomes para órgãos sexuais.

O Capítulo 3 discorre brevemente sobre os conceitos de “ideologia, linguagem sexista e riso”, de modo a relacionar tais definições às metáforas conceptuais, ao inconsciente cognitivo e à cognição corporificada coletiva. O Quadro Teórico-metodológico, no Capítulo 4, tece considerações teóricas e práticas do método adotado nesta análise, sendo caracterizado como uma extensão da parte teórica desta tese. O Capítulo 5, “Metáforas cotidianas para órgãos sexuais”, descreve a análise de doze metáforas conceptuais para órgãos sexuais, selecionadas previamente, de modo a sublinhar os efeitos de sentido da nomenclatura para órgãos sexuais. O Capítulo 6 “Metáforas cotidianas para órgãos sexuais e linguagem sexista” retoma as considerações tecidas nesta pesquisa de forma sumária, antecedendo as Considerações Finais deste estudo.

Assim, concluída a introdução desta tese, passa-se ao capítulo posterior, expoente do referencial teórico em que se baseia esta pesquisa.

1. LINGÜÍSTICA COGNITIVA: DO ARQUIPÉLAGO ÀS ILHAS

A Linguística Cognitiva [...] assume a forma de um arquipélago e não de uma ilha. Não é um grande território claramente delimitado, mas sim um conglomerado de centros de pesquisa linguística mais ou menos extensos, mais ou menos ativos, que estão intimamente ligados por uma perspectiva compartilhada, mas que (ainda) não estão reunidos sob a regra comum de uma teoria bem-definida (GEERAERTS, 2006, p. 2).

A Linguística Cognitiva (LC) é comumente associada a um movimento, em virtude de sua natureza dinâmica para análises linguísticas. É uma empreitada, como também é conhecida, dada a dispersão teórica integralmente amoldada por seus estudiosos. Pode-se dizer que uma empreitada se desenvolve quando o trabalho é realizado por suas partes integrantes, partes estas que são individuais, embora complementares. Assim, sem considerá-la um quadro teórico-metodológico fechado em uma única teoria, sendo arquitetada por um único pesquisador, a LC é, em vez disso, um nicho teórico em que proposições são justapostas e interligadas por pontos em comum, os quais consubstanciam e sustentam as teorias por ela alvitadas.

Essa característica de articular diversos postulados teóricos, assumindo um olhar “semantocêntrico e integrador” (MEDEIROS, 2019, p. 17) das análises linguísticas, é o que torna a LC uma grande área de pesquisas sobre cognição e linguagem e sobre os efeitos de um pensamento corporificado – isto é, um pensamento atrelado ao corpo – em âmbito social. Teoriza-se, nessa perspectiva, uma relação mútua entre constituição corpórea, linguagem e meio físico e sociocultural, cuja articulação recai sobre o significado, em como ele é construído e expresso culturalmente pelos falantes.

É por isso que falar sobre LC é falar sobre o processo de significação, assim como falar sobre linguagem é falar sobre conceptualização de mundo a partir dos dados adquiridos das movimentações do corpo no espaço. O significado é, pois, originado das experiências neurobiológicas, corpóreas e socioculturais. Toda e qualquer teoria da LC irá se pautar nessas premissas.

A integração entre teorias não apenas torna a LC vultosa como também a torna consistente em suas assunções. Isso porque esse complexo teórico prevê reflexões e levantamentos científicos que coexistem, complementam-se, sobrepõem-se uns aos outros, sendo, por vezes, até mesmo concorrentes (EVANS; GREEN, 2006), mas sempre conectados por pontos em comum. É nesse sentido que cada teoria é comparada a uma ilha e a LC, sendo

uma estrutura maior, é um arquipélago, cujo sustentáculo para essas ilhas são os compromissos assumidos, em comum acordo, por parte de quem adere aos pressupostos cognitivistas (GEERAERTS, 2006).

O primeiro compromisso recomendado pela LC inclina-se à caracterização de princípios gerais que operem em todos os aspectos da linguagem, apontando para uma convenção de generalização. As particularidades do conhecimento linguístico são investigadas a partir de um conjunto comum de habilidades cognitivas, a partir das quais as análises são conduzidas. Assim, se nas abordagens formais de análise linguística, o estudo da linguagem é comumente separado por áreas particulares – isto é, fonologia, semântica, pragmática, morfologia e sintaxe –, para a LC, esses ‘blocos’ apresentam características organizacionais e operacionalidades mentais em comum.

Em outras palavras, o compromisso de generalização, como é conhecido, busca aspectos gerais presentes em toda e qualquer área da linguagem, o que inclui “a polissemia, padrões de inferência, metáforas inovadoras e mudança semântica” (LAKOFF, 2006, p. 234)⁶. Há, como salienta Gibbs (2006, p. 27)⁷, uma busca por “princípios gerais em nossas descrições teóricas de fenômenos linguísticos”, princípios estes que são relacionados, e não autossuficientes, únicos, separados de outras teorias, como se costuma crer em teorias formais de análises linguísticas.

O segundo compromisso pauta-se em princípios gerais que tangenciem a mente e o cérebro, sendo esses princípios originários de disciplinas relacionadas e a partir de evidências experimentais relevantes (LAKOFF, 2006)⁸. É, portanto, uma abordagem interdisciplinar em sua essência, amparada por um compromisso cognitivo – que é o que faz da LC efetivamente cognitiva. De maneira relacionada ao princípio de generalização, admite-se uma ideia contrária àquela que afirma a existência de modularidade da mente, ideia proposta por diferentes áreas das Ciências Cognitivas⁹. Em caminho reverso à ideia de separação estrita de áreas particulares, evidencia-se a perspectiva da LC sobre a organização linguística, a qual reflete uma função cognitiva mais geral. Desse modo, assume-se que a estrutura e a organização linguística não se separam de outros aspectos da cognição.

6 Texto em língua estrangeira: The generalization commitment: To seek generalizations in all areas of language, including polysemy, patterns of inference, novel metaphor, and semantic change.

7 Texto em língua estrangeira: The Generalization commitment emphasizes that we seek general principles in our theoretical descriptions of linguistic phenomena.

8 Texto em língua estrangeira: The cognitive commitment: To take experimental evidence seriously (LAKOFF, 2006, p. 234).

9 São áreas de interesse das Ciências Cognitivas: a Psicologia, a Linguística, as Neurociências, a Inteligência Artificial e a Filosofia.

Além disso, discorrer sobre Linguística Cognitiva é inevitavelmente defender a construção do significado a partir de uma determinada perspectiva. Uma das premissas básicas admitidas por cognitivistas é que o significado linguístico é perspectivado. Nas palavras de Geeraerts (2006, p.4)¹⁰, “o modo mais fácil de compreender o assunto é pensar em perspectivas espaciais visíveis em expressões linguísticas, e na maneira como a mesma situação objetiva pode ser interpretada linguisticamente de maneiras diferentes”. O significado linguístico é, portanto, dinâmico, flexível, enciclopédico, baseado no uso e na experiência dos participantes da interação (cf. GEERAERTS, 2006).

Essa perspectiva linguística existe a partir de processamentos da mente de natureza não linguística e corpórea. São elementos que coexistem com diversos encadeamentos mentais, como, por exemplo, a habilidade de atenção e de mudança de atenção, quando se muda o foco de determinado aspecto de um cenário a outro. Atribui-se a esse processo o conceito de PERFILAMENTO, inicialmente abordado por Langacker (1987), em que se considera um determinado escopo e, dentro desse escopo, há uma estrutura dependente particular a qual é selecionada para designação. Desse modo, admite-se uma BASE e um PERFIL que, percebidos de forma intuitiva, caracterizam-se a partir de uma configuração mais abrangente em relação às designações: “o perfil (nas palavras de Susan Lindner) ‘destaca-se em baixo-relevo’ contra a base” (LANGACKER, 1987, p. 183)¹¹.

Dito de outra forma, a linguagem exhibe o perfilamento na variedade de construções gramaticais à disposição do falante. Cada uma das diferentes construções perfila aspectos distintos de uma determinada cena, fato que pode ser relacionado a fatores experienciais do indivíduo. No exemplo (i) “Dupla jornada faz mulheres trabalharem 3,1 horas a mais que homens”¹², evidencia-se como a estrutura linguística revela a habilidade distintivamente humana de considerar fatores diferenciados de uma determinada cena, refletindo uma habilidade linguística mais geral: a atenção. Estudos conduzidos pela psicologia cognitiva apontam que atenção é um processo que envolve a seletividade de informações relevantes daquilo que é observado. Essa habilidade de processar o que é prioridade em detrimento de outras informações menos importantes surge a partir de um dado estímulo sensorial

¹⁰ Texto em língua estrangeira: The easiest way to understand the point is to think of spatial perspectives showing up in linguistic expressions, and the way in which the same objective situation can be construed linguistically in different ways.

¹¹ Texto em língua estrangeira: the profile (in the words of Susa Lindner) “stands out in bas-relief” against the base.

¹² Disponível em: <https://valor.globo.com/brasil/noticia/2019/04/26/dupla-jornada-faz-mulheres-trabalharem-31-horas-a-mais-que-homens.ghtml>. Acesso em 27/03/2022.

proeminente, que se sobrepõe a outros estímulos menos salientes (FERNANDEZ-DUQUE; JOHNSON, 2002).

Assim, pode-se afirmar que aspectos distintos de uma determinada cena podem ser perfilados a partir das possibilidades de construções gramaticais disponíveis. O Quadro 2 expõe brevemente o perfilamento de cenas a partir do exemplo (i) supracitado.

Quadro 2 - Habilidade cognitiva geral de atenção: perfilamento de cenas
Dupla jornada faz mulheres trabalharem 3,1 horas a mais que homens

a. Dupla jornada de trabalho

Perfilamento da ideia de trabalho laboral e atividades domésticas, ao mesmo tempo

b. A mulher trabalha fora.

Perfilamento da ação de a mulher trabalhar em um emprego formal, fora do local de residência

c. A mulher trabalha em casa.

Perfilamento da ação de a mulher ocupar-se com as tarefas domésticas

d. A mulher trabalha mais que o homem

Perfilamento do fato de a mulher trabalhar mais que o homem

e. A mulher brasileira tem dupla jornada de trabalho

Perfilamento do exercício de atividades profissional e doméstica, ao mesmo tempo, em função do gênero.

Fonte: adaptado do exemplo de Evans e Green (2006, p. 41).

Outros processos, além da atenção, que contribuem para perspectivação defendida pela LC são a visualização, a audição, a memória, a emoção (com forte atrelamento à razão), o imaginário mental, o pensamento – sendo este necessariamente vinculado ao corpo – e a linguagem. Todos esses processos estão tangenciados uns aos outros, sendo automáticos e inconscientes na maioria das vezes, ativados desde o primeiro contato com o mundo.

A perspectivação mencionada anteriormente resulta da corporificação, uma ideia basilar no postulado da Linguística Cognitiva (LAKOFF, 1987, 1999). Contrapondo-se à noção racionalista que individualiza e separa *mente* e *corpo*, os linguistas cognitivistas adotam uma visão empirista, em que a mente humana não pode ser investigada de forma dissociada de seu corpo (ver o Capítulo 2). Os processamentos mentais são inerentemente corporificados (LAKOFF, 1999), resultando em uma experiência igualmente corporificada e uma cognição correspondente a essa experiência.

Em primeiro lugar, a experiência corporificada diz respeito à ideia de que a natureza corpórea na qual o indivíduo encarna é responsável por viabilizar uma visão específica da espécie sobre o mundo. Em outras palavras, é provável que a construção da realidade – aqui entendida como um processo, não puramente um produto – seja mediada pela natureza dos

corpos humanos. Isso quer dizer que uma determinada encarnação específica, tal como a encarnação humana, irá conduzir o olhar perspectivado do indivíduo a uma realidade também muito específica e em escala humana. Essa proposição pode ser exemplificada com a gravidade, que é experienciada de forma diferente por humanos e não humanos, caracterizando, assim, uma corporificação variável, em que cada organismo se inclina a ter experiências distintas sobre o mesmo evento, no mesmo espaço físico (cf. EVANS; GREEN, 2006).

Seguindo esse parâmetro de observação, em que a perspectivação por meio da corporificação é superestimada, deve-se pontuar que a cognição é igualmente corporificada, já que se integram as constituições corpórea e neurológica diretamente ao modo como o mundo é percebido. Se a percepção do meio emerge da experiência do corpo no mundo, então a mente humana imprime aspectos da experiência corporificada. Entre os conceitos da LC que evidenciam a corporificação se encontram os esquemas imagéticos (LAKOFF, 1987), detalhados na subseção 1.1. Esquemas imagéticos exemplificam a experiência corporificada manifesta em nível cognitivo. Esses esquemas não apenas derivam como também estão diretamente associados à experiência pré-conceptual humana, mediada e estruturada pelo corpo.

Além disso, esquemas básicos – aqui retratados como esquemas imagéticos –, tais como CONTATO, CONTÊINER e EQUILÍBRIO, advindos da experiência sensório-perceptual, podem ser estendidos de forma sistemática para conceitos¹³ e domínios conceptuais mais abstratos. A esse processo atribui-se o nome de projeção conceptual, fundamental para a estruturação de metáforas conceptuais (cf LAKOFF; JOHNSON, 1980) e outros processamentos cognitivos. Já a experiência, significativa graças à corporificação, embasa conceitos e ideias em nível mais complexo (EVANS; GREEN, 2006, p. 47).

A consequência de a experiência e a conceptualização serem corporificadas recai diretamente na forma como o indivíduo vê e vivencia a realidade que o cerca. Assim, a ideia de um realismo experiencial (LAKOFF, 1987), abordagem filosófica adotada pelas ilhas da LC, confronta análises de cunho objetivista, que preveem a linguagem como um refletor do mundo objetivamente dado, ou seja, exatamente como ele é. Para o enfoque formalista da linguagem, o significado é tomado como dicionarizado, literal e intrínseco à palavra. Diferentemente, portando, do significado enciclopédico e da visão experiencialista, os quais são

¹³ Nos termos de Croft e Cruse (2004, p. 7), conceitos são “unidades de significado”, sendo simbolizadas por palavras.

representações teóricas amplamente adotadas pela LC e que funcionam como aparato conceitual de toda e qualquer teoria do arquipélago cognitivista.

Além disso, em uma análise formal das manifestações da linguagem, faz-se uma separação rígida entre a Semântica, campo responsável pelo significado dito essencial e primário, e a Pragmática, incumbida de analisar a metáfora e outras formas de expressão figurativa, produtos do conhecimento enciclopédico. Sem fazer uma distinção estrita entre Semântica e Pragmática, os linguistas cognitivistas argumentam que a realidade é construída em virtude na natureza corpórea em que se encarna, e é a própria linguagem que medeia essas relações a partir do que se vivencia no mundo.

Sobre a linguagem, especificamente, Uribe (2007, p. 66)¹⁴ afirma que ela é “responsável pela configuração dos conceitos, pela abstração e interiorização do mundo; talvez, poderíamos afirmar que é a ponte que une o mundo à razão e a mente ao pensamento, se caso existisse uma brecha bem delineada entre esses três”. Para a LC, a linguagem permite a conceptualização do mundo circundante e é um forte instrumento para a realização de processos cognitivos (URIBE, 2007, p. 68). Isto é, o significado não se dissocia da cognição, estando relacionado diretamente aos processamentos mentais mencionados nesta seção. A conceptualização, portanto, é o fator de permissões e de restrições do significado. É o que direciona para o entendimento, mas é também o que o regula. É o que corresponde à estrutura linguística, metaforicamente, dentro e fora dela.

Em síntese, como salienta Uribe (2007, p. 69)¹⁵,

[a] palavra é o meio que usamos para conhecer, abstrair, conceituar e nomear o mundo, mas também é o instrumento através do qual regulamos nosso comportamento, pois quando somos crianças, e estamos em processo de aquisição da nossa língua materna, o comportamento é regulado por uma relação interpessoal que estabelecemos com nossa mãe ou com quem nos cerca, mas uma vez internalizada a linguagem egocêntrica, é a partir dessa linguagem interna que regulamos o comportamento; isto é, de uma relação intrapsíquica.

¹⁴ Texto em língua estrangeira: [el lenguaje]es responsable de la configuración de los conceptos, de la abstracción e interiorización del mundo; quizás, podríamos afirmar que es el puente que une el mundo con la razón y la mente con el pensamiento, si acaso existiese una brecha bien delineada entre estos tres aspectos.

¹⁵ Texto em língua estrangeira: [e]s la palabra el medio que empleamos para conocer, abstraer, conceptualizar y nombrar el mundo, pero es además el instrumento a través del cual regulamos nuestra conducta, pues cuando somos niños, y estamos en proceso de adquisición de nuestra lengua materna, la conducta es regulada a través de una relación interpersonal que establecemos con nuestra madre o quien nos rodee, pero una vez el lenguaje egocéntrico ha sido interiorizado es a partir de ese lenguaje interior que regulamos la conducta; es decir, a partir de una relación intrapsíquica. (URIBE, 2007, p. 69).

Tendo em vista os pressupostos filosóficos em que se baseiam as teorias da Linguística Cognitiva, as próximas seções destinam-se a discorrer sobre as teorias nas quais este trabalho irá se apoiar para realizar a pesquisa sobre nomeações populares de cunho metonímico-metafórico para a vulva e o pênis. Para tanto, consideram-se os postulados abarcados pela Semântica Cognitiva¹⁶, uma grande área da LC, que prevê a mente atrelada à experiência corporificada e à cultura, além de considerar a linguagem como um elemento fundamental e inevitavelmente metodológico para se desvendar aspectos relevantes da organização conceptual.

Assim, as teorias dispostas nas subseções posteriores são um forte indicativo de que, nos termos de Hawkins (2001, p. 4)¹⁷, a Linguística Cognitiva tem um “espírito incorporador”. E, assim sendo, ela busca observar e explicar os fenômenos da linguagem a partir de um arcabouço teórico integrado (e integrador). São as pequenas ilhas que formam um grande arquipélago.

1.1 Esquemas imagéticos

Uma das formas de se explicar o fenômeno da expressão da linguagem e do pensamento ocorre por meio da realidade psicológica e cognitiva que ficou conhecida por esquemas imagéticos. Esses esquemas são padrões de imagens mentais procedentes da interação corpórea do indivíduo em um espaço físico situado, da forma como esse indivíduo manipula os objetos a ele disponíveis e da sua percepção eminentemente humana (cf. JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987).

Conceitualmente, os esquemas imagéticos são “representações analógicas dinâmicas de relações espaciais e movimentos no espaço” (GIBBS; COLSTON, 2006, p. 240)¹⁸, isto é, derivam da experiência humana sensorial e perceptual a partir das movimentações corpóreas

¹⁶ Texto em língua estrangeira: Cuenca e Hilferty (2007, p. 23) definem o termo da seguinte forma: “Con el nombre de **semántica cognitiva** nos referimos a diferentes propuestas teóricas que intentan dar cuenta de la interacción entre lo que tradicionalmente se entiende como significado “de diccionario” y los conocimientos enciclopédicos [...]”. [grifos dos autores]. Evans e Green (2007, p. 153) definem os princípios da Semântica Cognitiva, sendo estes: a corporificação da estrutura conceptual; a indissociabilidade dos conceitos de estrutura semântica e estrutura conceptual; a representação do significado como enciclopédico (e não literal e dicionarizado); e a relação inseparável entre a construção de significado e conceptualização. [tradução minha].

¹⁷ Texto em língua estrangeira: The incorporative spirit of cognitive linguistics.

¹⁸ Texto em língua estrangeira: [...] dynamic analog representations of spatial relations and movements in space.

com os objetos no meio físico. Assim, a atividade sensório-motora, a manipulação de objetos e a orientação temporoespacial para onde se direciona o foco de ação e de atenção são os fatores que possibilitam o surgimento dos esquemas imagéticos.

Dessa forma, o corpo humano é não apenas o elemento interventor das experiências com o/no meio, como é também o fator medidor que pondera a relevância e o valor das experiências vividas, fazendo com que surjam representações esquemáticas simbólicas para a conceptualização do significado. É por isso que a compleição física assume um lugar preponderante nos estudos cognitivistas, pois ele dá sentido a outras formas de significação a partir de esquemas de imagens, como será visto neste estudo.

Sobre o corpo, Evans e Green (2006, p. 178)¹⁹ advertem que,

modo que os humanos andam eretos, e porque temos uma cabeça na parte superior do corpo e os pés na parte inferior, e dada a presença da gravidade que atrai objetos sem suporte, o eixo vertical do corpo humano é funcionalmente assimétrico. Isso significa que o eixo vertical é caracterizado por uma assimetria cima-baixo ou de cima para baixo: as partes superior e inferior de nossos corpos são diferentes.

A assimetria em que se constitui o corpo é fundamental para que ocorram as suas movimentações no espaço e as suas relações com os artefatos disponíveis. É o caso, por exemplo, dos efeitos da gravidade, os quais fazem objetos sem suporte caírem no chão, bem como os efeitos da flutuação que, de maneira oposta à lei da gravidade, fazem com que os artificios ascendam. Em ambos os casos, há uma movimentação corpórea específica (abaixar ou levantar o corpo) e um direcionamento do olhar igualmente específico (para cima ou para baixo). Dessas movimentações, surgem expressões como “O mundo está de cabeça para baixo. Ou a vida me virou do avesso? Sinto-me *desequilibrada* [...]”²⁰ (grifos meus), expressas por significados pré-conceptuais de ESPAÇO, de FORÇA²¹ e de EQUILÍBRIO. A estrutura corpórea é o elemento que assegura, por meios dos eixos superior e inferior, significações abstratas e complexas oriundas da interação do ser com ambiente circundante.

Gibbs e Colston (2006), entretanto, advertem que os esquemas imagéticos não são exatamente processos sensório-motores, nem receptáculos da experiência (JOHNSON, 1987).

¹⁹ Texto em língua estrangeira: For example, given that humans walk upright, and because we have a head at the top of our bodies and feet at the bottom, and given the presence of gravity which attracts unsupported objects, the vertical axis of the human body is functionally asymmetrical. This means that the vertical axis is characterised by an up-down or top-bottom asymmetry: the top and bottom parts of our bodies are different.

²⁰ Disponível em: <https://www.pensador.com/frase/MTEwMDQxMw/>. Acesso em: 20 jun. 2022.

²¹ Em “virou do avesso”, há duas possibilidades de esquematização, em que se incluem os esquemas imagéticos de ESPAÇO, dada a mudança de orientação espacial, e de FORÇA, uma vez que há, ainda que metaforicamente, a ideia de interação com alguma força, a qual posiciona a falante localização contrária àquela em que ela deseja estar.

Na verdade, os esquemas imagéticos abordados pela Semântica Cognitiva são estruturas “organizadoras da experiência no nível da percepção corporal e do movimento” (GIBBS; COLSTON, 2006, p. 241)²², além de serem, ao mesmo tempo, visuais, auditivas, cinestésicas e táteis, fato este que posiciona os esquemas imagéticos em todas as modalidades da percepção humana. Isto é, todo o aparato perceptual cognitivo de que dispõe o ser é mediado por esquemas imagéticos.

Essas estruturas esquemáticas são caracterizadas por expressarem ideias de experiências com CONTÊINER, EQUILÍBRIO, FONTE-CAMINHO-ALVO, TRAJETÓRIA, CICLO, ATRAÇÃO, CENTRO/PERIFERIA e LIGAÇÃO (GIBBS; COLSTON, 2006); além disso, “cobrem uma ampla gama de estruturas que são penetrantes na experiência, têm estrutura interna e podem ser elaborados metaforicamente para fornecer nossa compreensão de domínios mais abstratos” (GIBBS; COLSTON, 2006, p. 239)²³. Croft e Cruse (2004, p. 44)²⁴ definem os esquemas imagéticos como “versões esquemáticas das imagens”. As imagens, segundo os autores, são representações da experiência corporificada. Não à toa, a noção de esquemas imagéticos abarca em si a ideia de correlação entre representação e imagem.

Pela motivação do nome, é possível que leitores não familiarizados com a proposta cognitivista infiram que esses esquemas se referem a arranjos relativos a imagens visualmente representadas e, se relativos a imagens, são, necessariamente, processamentos mentais. Porém, a forma linguística, por si só, não é o suficiente para explicar a complexidade da organização dos esquemas imagéticos, podendo levar a uma interpretação equivocada do que se tratam as imagens e os esquemas que o termo inclui.

Isso porque, como detectaram Lakoff (1987) e Johnson (1987), as imagens referentes aos esquemas imagéticos não são, absolutamente, as imagens visuais detectadas exclusivamente pelos olhos humanos. Na verdade, essas imagens (dos esquemas imagéticos) são mais abstratas, especialmente porque correspondem a “padrões espaciais dinâmicos que fundamentam as relações espaciais e o movimento encontrados em imagens concretas reais” (GIBBS; COLSTON, 2006, p. 247)²⁵. Assim, tem-se a contradição da constituição dos

²² Texto em língua estrangeira: organizing structures of experience at the level of bodily perception and movement.

²³ Texto em língua estrangeira: [Image Schemas] cover a wide range of experiential structures that are pervasive in experience, have internal structure, and can be metaphorically elaborated to provide for our understanding of more abstract domains

²⁴ Texto em língua estrangeira: Image schemas are defined as schematic versions of images.

²⁵ Texto em língua estrangeira: Image schemas are presumably more abstract than ordinary images and consist of dynamic spatial patterns that underlie the spatial relations and movement found in actual concrete images.

esquemas imagéticos: eles são abstratos por esquematizarem a realidade experiencial humana, mas não são abstratos no sentido de serem, também, corporificados (CROFT; CRUSE, 2004).

Além disso, o termo ‘imagético’ tem relação direta com o termo ‘experiência sensorial’, a qual inclui, além dos mecanismos perceptuais do sistema visual (concernente ao campo da visão), aqueles respectivos ao sistema háptico (relativo ao toque), ao sistema auditivo (alusivo à audição) e ao sistema vestibular (referente aos movimentos). O termo é, pois, contrário à terminologia amplamente utilizada por psicólogos relacionada à “experiência introspectiva” (EVANS; GREEN, p. 179), pautada na subjetividade dos sentimentos e das emoções. O efeito de significação ocorre, então, de fora para dentro, e não de dentro para fora, como se costuma crer em uma visão formalista de análise do significado linguístico.

O Quadro 3 expõe a súmula de esquemas imagéticos elencados por Evans e Green (2006) a partir da literatura seminal sobre o tema: Cienki (1998), Gibbs and Colston (1995), Johnson (1987), Lakoff (1987) e Lakoff and Turner (1989). Nesse compilado, os esquemas imagéticos foram agrupados de acordo com a sua base experiencial, considerando a relação espacial em que se funda um esquema imagético. Além disso, como advertem os autores (EVANS; GREEN, 2006), a lista não tende a ser exaustiva, uma vez que apenas fornece uma ideia elementar da constituição dos esquemas imagéticos. Desse modo, a existência dos esquemas estará condicionada, como já descrito neste item, às relações intrínsecas entre corpo, experiência e meio físico socioculturalmente vivido.

Quadro 3 - Lista parcial de esquemas imagéticos

ESPAÇO	CIMA-ABAIXO, FRENTE-COSTAS, ESQUERDA-DIREITA, PERTO-LONGE, CENTRO-PERIFERIA, CONTATO
ESCALA	TRAJETÓRIA
CONTÊINER	CONTENÇÃO, DENTRO-FORA, SUPERFÍCIE, CHEIO- VAZIO, CONTEÚDO
FORÇA	EQUILÍBRIO, CONTRAFORÇA, COMPULSÃO, RESTRIÇÃO, HABILITAÇÃO, BLOQUEIO, DESVIO, ATRAÇÃO
UNIDADE/MULTIPLICIDADE	FUSÃO, COLEÇÃO, DIVISÃO, ITERAÇÃO, PARTE-TODO, MASSA-CONTAGEM, ELO
IDENTIDADE	CORRESPONDÊNCIA, SOBREPOSIÇÃO
EXISTÊNCIA	REMOÇÃO, ESPAÇO LIMITADO, CICLO, OBJETO, PROCESSO

Fonte: traduzido de Evans e Green (2006).

Embora os esquemas imagéticos sejam considerados fenômenos que precedem (e sucedem) os conceitos armazenados na memória, e, como tais, são estruturantes da representação conceptual humana, não é fácil perceber sua atuação na aquisição e no uso da linguagem sem uma teoria adequada aos propósitos de se evidenciar seus efeitos. Os estudos

cognitivistas tendem a dar ênfase às suas implicações, evidenciando aquilo que parece ser óbvio e explícito em termos de significação.

Nas palavras de Evans e Green (2006, p. 180)²⁶, “tomamos nossa consciência do que significa ser um ser físico em um mundo físico em grande parte porque adquirimos esse conhecimento muito cedo na vida, certamente antes do surgimento da linguagem”. Isto é, não há produção de sentidos sem as movimentações de um corpo no espaço e sem a manipulação desse corpo com os artefatos culturalmente produzidos. Não há produção de sentidos sem os esquemas imagéticos, os quais subjazem à própria significação.

1.2 *Frames*, domínios e modelos cognitivos idealizados

As estruturas estáveis do conhecimento, tais como *frames*, domínios e modelos cognitivos idealizados (MCIs)²⁷, são constructos teóricos fundamentais para a análise linguística por trazerem à tona o conhecimento enciclopédico em sua forma mais estruturada. Além de auxiliarem metodologicamente, o trabalho pautado nesses enquadres experienciais permite demonstrar como a percepção humana é mediada pelas relações estabelecidas entre indivíduo e mundo circundante a partir de uma realidade que é experienciada e reiteradamente construída.

Não se trata, portanto, de uma realidade absoluta, de modo a ser observada de forma objetiva e direta, sem interposições de qualquer natureza. Na verdade, os diferentes matizes em que se fundam as diversas formas de se ver a realidade são abstratizações socialmente vividas, sendo recorrentes e, como tais, permeiam o imaginário coletivo de uma dada comunidade linguisticamente estruturada. Assim, experiências corpóreas habituais originam orientações estruturadas e perceptivas dos eventos, podendo ser um *frame*, um domínio ou um modelo cognitivo idealizado.

Pode-se dizer que essas estruturas resgatam o que é relevante em determinada situação comunicativa ou, de maneira mais geral, o cenário mais relevante. É possível, ainda, pensar em cenas mais ou menos estabilizadas ou prototípicas de determinadas realidades

²⁶ Texto em língua estrangeira: we take our awareness of what it means to be a physical being in a physical world very much for granted because we acquire this knowledge so early in life, certainly before the emergence of language.

²⁷ Farei uso das siglas da seguinte forma: MCI para modelo cognitivo idealizado e MCIs para modelos cognitivos idealizados.

culturalmente estabelecias. Um *frame* (cf. FILLMORE, 1975, 1982, 1985), por exemplo, emoldura cenas da experiência acionadas da memória permanente. São enquadres que ocorrem em justaposição ao conhecimento de mundo acumulado ao longo da vida, o que implica dizer que dados linguísticos não podem ser analisados em distanciamento aos dados da experiência.

Fillmore e Baker (2015, p. 795)²⁸ afirmam que “essencialmente *todas* as palavras de conteúdo requerem, para sua compreensão, um apelo aos *frames* situacionais dentro dos quais o significado que eles transmitem é motivado e interpretado”. É o caso do *frame* de FEMINISMO que, situado na cultura brasileira, pode evocar enquadres recorrentes da experiência referentes (i) à militância por parte de um grupo e o que esse grupo reivindica, (ii) às noções de igualdade e ampliação de direitos constitucionais, (iii) à evidenciação da dupla jornada feminina vivenciada por mulheres brasileiras, e (iv) à ocupação de espaços antes dominados pela figura masculina, entre outras circunstâncias relacionadas ao referido *frame*.

Por outro lado, este mesmo *frame* pode ser acionado, levando-se em considerações outras experiências de falantes que consideram o conceito como movimento de mulheres (i) contrárias à configuração tradicional de família, (ii) responsáveis pela decomposição das relações entre as famílias, (iii) antagônicas à dinâmica pré-estabelecida quanto aos papéis de homens e mulheres na sociedade, e (iv) avessas à ideia de maternidade inserida no contexto doméstico e familiar (cf. COSTA; TILIO, 2020). Uma explicação plausível para a diferenciação entre os enquadres supramencionados está no conceito de modelos cognitivos idealizados e que, como o próprio nome sugere, são idealizados por natureza, isto é, são tão ‘construíveis’ quanto adaptáveis conforme se desenrola o discurso²⁹. Trata-se de uma estrutura semelhante àquela assumida por Fillmore (1982) em um significado alicerçado nos *frames*, assumindo, porém, uma composição ainda mais esquemática, ainda mais complexa e ainda mais geral, como será visto mais adiante.

De todo o modo, os *frames* permitem a visualização de um sistema conceptual cujo acionamento de um desses conceitos faz com que, instantaneamente, todos os outros sejam

²⁸ Texto em língua estrangeira: essentially *all* content words require for their understanding an appeal to the background *frames* within which the meaning they convey is motivated and interpreted.

²⁹ Embora se reconheça a complexidade de se definir o conceito de DISCURSO, esta tese irá se apoiar na ideia de que o discurso é o fator articulador entre os aspectos linguístico, cognitivo e cultural, sendo o meio circundante o espaço onde as representações sociocognitivas e a construção de sentidos irão acontecer. Entretanto, para além dos traços cognitivos e sociais atravessados pela cultura e pela experiência, os dados linguísticos evidenciam o discurso como um evento de prática de sociedade. Trata-se de um discurso, aqui classificado como sexista, enquanto “prática social”, um “modo de ação” e de “representação” social (FAIRCLOUGH, 2001, p. 91).

compreendidos (FILLMORE, 1982). Em outras palavras, a ativação de um *frame* relativo a ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO, por exemplo, faz com que o falante entenda que, dentro desse universo erógeno-obsceno, palavras como “pau”, “ferramenta”, “anaconda” e “linguiça” se refiram ao conceito de PÊNIS, não a outra significação, já que o *frame* relativo a ÓRGÃOS SEXUAIS, uma vez ativado, restringe o que os referidos vocábulos podem significar. Assim, é papel do *frame* permitir (e também restringir) o que determinado (con)texto pode ou não significar. Isso porque os *frames* podem ser acionados, entre outros fatores, por mecanismos de seleção lexical, um recurso decisivo para a perspectivação (cf. DUQUE, 2015), levando-se em conta o dispositivo da memória, recuperando instantaneamente os eventos já experienciados.

A noção de *frame* está intimamente ligada à noção de domínio, que, de acordo com Langacker (1991, p. 3)³⁰, “pode ser qualquer tipo de conceptualização: uma experiência perceptual, um conceito, um complexo conceptual, um sistema de conhecimento elaborado *etc.*”. São representações mentais que propiciam a organização do mundo de forma coerente, incluindo as mais diversas formas de abstratizações do pensamento, “desde os fatos mais indiscutíveis e empiricamente comprovados até os erros mais flagrantes, as mais loucas imaginações ou superstições” (CUENCA; HILFERTY, 2007, p. 70)³¹. Isto é, os domínios, em uma amplitude de aplicações, podem ser um conceito, um *frame* semântico e outras representações conceptuais complexas (EVANS, 2007).

Tanto a teoria de *frames* quanto a teoria dos domínios estão relacionadas à ideia de que o conhecimento é enciclopédico – isto é, ele não é dicionarizado, com fronteiras rígidas entre um significado linguístico e outro, e entre o significado linguístico e o conhecimento de mundo. Nessa perspectiva, os conhecimentos denotativos (relativos ao léxico) e conotativos (relacionados ao significado contextual) não se dissociam, fato este que aponta para uma ideia central dos estudos em LC: a semântica e a pragmática estão sobrepostas a um único parâmetro de observação. De igual modo, os conhecimentos (linguístico e não linguístico) se fundem em apenas uma entidade representativa, a qual é dependente de estruturas mais amplas de conhecimento.

Essas estruturas mais amplas são os domínios cognitivos. Eis a característica heterogênea e não modular de um domínio: ele é constituído por um espaço representacional,

³⁰ Texto em língua estrangeira: can be any sort of conceptualization: a perceptual experience, a concept, a conceptual complex, an elaborate knowledge system, etc.

³¹ Texto em língua estrangeira: desde los hechos más indiscutibles y comprobados empíricamente hasta los errores más flagrantes, las imaginaciones más peregrinas o las supersticiones

configurando-se por diferentes níveis de complexidade e de organização. É o caso, por exemplo, dos conceitos socialmente empregados na realidade brasileira sobre as respectivas condições de MÃE SOLTEIRA, MÃE SOLO, MÃE DE CRIAÇÃO, MÃE BIOLÓGICA OU GENITORA, MÃE DE CONSIDERAÇÃO, MÃE DE LEITE, MÃEZONA (termo este, inclusive, utilizado metaforicamente entre amigos) *etc.* Todos esses conceitos são compreendidos a partir do domínio de MATERNIDADE, o qual é parte constituinte de uma superestrutura que consubstancia todas as subpartes dessa estrutura maior e que provê um conhecimento estável sobre os vários modos de ser MÃE.

Já os modelos cognitivos idealizados (MCIs), inicialmente desenvolvidos por Lakoff (1987), são uma extensão teórica da proposta fillmoreana, podendo ser associada a um conjunto complexo de *frames* estruturados (FERRARI, 2011 p. 53). Porém, mais que uma estruturação complexa das vivências armazenadas na memória a partir de enquadres, os MCIs constituem-se, na Linguística Cognitiva, como um quadro teórico relacionado à razão e aos aspectos da racionalidade sobre a realidade, isto é, sobre o quanto a razão é capaz de extrair significados da realidade (GOMES, 2006).

Desse modo, epistemologicamente, a teoria dos MCIs fundamenta-se no experiencialismo³², uma abordagem cognitiva que, como salienta Gomes (2006, p. 87), “pretende mostrar que os significados nas diferentes línguas não são nem arbitrários nem previsíveis, mas sim motivados pela própria natureza da cognição humana”. Trata-se, portanto, de um novo paradigma empírico dentro da Ciência Cognitiva, assumido pela Linguística Cognitiva.

Por definição, um MCI é

proposto como uma forma de organizar o conhecimento, não como reflexo direto de um estado objetivo de coisas no mundo, mas de acordo com certos princípios de estruturação cognitiva. Os modelos são idealizados, na medida em que envolvem uma abstração, por meio de processos perceptivos e conceituais, das complexidades do mundo físico (CIENKI, 2007, p. 176)³³.

Tendo isso em vista, os MCIs são amplamente adaptáveis ao sistema neurobiológico humano, sendo originados por ações, interações, intenções e vivências humanas, enfim, provêm da experiência corporificada. Além disso, são idealizados – isto é, são construídos no

³² Conferir as obras de Lakoff e Johnson (1980, 1999), Rohrer (2007), e Johnson (2008b).

³³ Texto em língua estrangeira: proposed as a way in which we organize knowledge, not as a direct reflection of an objective state of affairs in the world, but according to certain cognitive structuring principles. The models are idealized, in that they involve an abstraction, through perceptual and conceptual processes, from the complexities of the physical world. The models are idealized, in that they involve an abstraction, through perceptual and conceptual processes, from the complexities of the physical world.

universo mental – por não existirem objetivamente no mundo. Uma vez que os desígnios subjetivos se modificam, também se transformam os modelos cognitivos.

Além disso, como enfatiza Lakoff (1987, p. 341)³⁴,

modelos cognitivos em nosso sentido não são *representações internas da realidade externa*. Não o são por dois motivos: primeiro, porque são entendidos em termos de corporificação, não em termos de conexão direta com o mundo externo; e segundo, porque incluem aspectos imaginativos da cognição, como metáfora e metonímia [grifos do autor].

O conceito relativo a FEMINISMO, por exemplo, mencionado anteriormente, vincula-se ao MCI de INSTITUIÇÕES SOCIAIS, que estrutura toda a dinâmica subjacente às discussões que circulam em âmbito social e que faz emergir os *frames* situacionais mencionados. Esses *frames* evocam, respectivamente, os domínios de LUTA FEMININA e CONSERVADORISMO, sendo ambos estruturados por uma estrutura proposicional, por esquemas imagéticos (de FORÇA e RESISTÊNCIA) e por metáforas e metonímias conceptuais.

1.3 Teoria da Metáfora Conceptual

Desde a publicação pioneira sobre metáforas conceptuais, na década de 80 (LAKOFF; JOHNSON, 1980), outras possibilidades de estudos pautados na perspectiva conceptual emergiram, sejam como formas de continuidade aos estudos iniciais, sejam como formas mais ou menos modificadas em relação ao modelo precursor. De todo modo, tanto em seu modelo inicial quanto nos estudos posteriores, a teoria da metáfora conceptual (TMC) traz à tona um aporte teórico direcionado ao impacto das metáforas na vida cotidiana, já que envolve domínios da experiência humana para a criação e conceptualização do significado.

Os desdobramentos da TMC, desde a obra seminal “Metáforas da vida cotidiana” (LAKOFF, JOHNSON, 1980), elencaram um vasto repertório de amostras metafórico-linguísticas, servindo como *corpora* essenciais para pesquisadores da linguagem que intentam observar os efeitos das metáforas no uso corrente, seja esse uso poético, literário, literal,

³⁴ Texto em língua estrangeira: cognitive models in our sense are not *internal representations of external reality*. They are not for two reasons: first, because they are understood in terms of embodiment, not in terms of direct connection to the external world; and second, because they include imaginative aspects of cognition such as metaphor and metonymy.

científico, racional ou emotivo. Isso porque, para além dos estudos pautados em uma produção puramente linguística, e tratando-se de construção e conceptualização de significado, pode-se dizer que as metáforas conceptuais permeiam todo e qualquer modo de comunicação de ideias, podendo elas serem, inclusive, visualmente representadas (FORCEVILLE, 2008, 2017). Assim, a grande repercussão dos estudos sobre linguagem metafórica permitiu que os linguistas cognitivistas pudessem dizer com propriedade que há um forte atrelamento do uso da metáfora conceptual³⁵ como dispositivo crucial para a comunicação.

A definição mais básica da TMC diz respeito às projeções, também conhecidas como mapeamentos ou correspondências, entre domínios da experiência, caracterizadas como “grupos de relações sistemáticas” (KÖVECSSES, 2022, p.23)³⁶. Tais projeções ocorrem de um domínio-fonte – geralmente de natureza concreta – para um domínio-alvo – organizado de forma mais abstrata. O domínio-fonte indica a caracterização de uma procedência metafórica; e o domínio-alvo designa o domínio de escopo, ou a própria representação conceptual. De modo sumário, o domínio-fonte se trata do domínio de origem metafórica e o domínio-alvo concerne ao que se deseja designar, também metaforicamente – por isso, é o alvo. Portanto, é desta maneira que as projeções se concretizam: “em uma série de correspondências que ligam o domínio-fonte ao domínio-alvo” (CUENCA; HILFERTY, 2007, p. 102)³⁷.

Como salientam Fernandez-Duque e Johnson (2002, p. 154)³⁸,

[a]s entidades e estruturas mapeadas do domínio-fonte dão origem a uma estrutura conceptual paralela no domínio-alvo. O mapeamento entre domínios, na verdade, constitui uma nova estrutura conceptual no domínio alvo, em vez de apenas destacar semelhanças preexistentes entre os domínios fonte e alvo.

É o caso, por exemplo, quando se diz a metáfora linguística (ii) “lugar de mulher é no tanque”, uma expressão recorrente na cultura brasileira, usada para limitar o espaço de atuação da figura feminina aos afazeres domésticos. A expressão é fruto da metáfora conceptual geral PODER É LOCALIZAÇÃO, em que o domínio-fonte LOCALIZAÇÃO é o que

³⁵ Não apenas a metáfora, como também a metonímia conceptual, como será visto na seção 1.4. Teoria da Metonímia Conceptual.

³⁶ Texto em língua estrangeira: conceptual metaphors as sets of systematic relations.

³⁷ Texto em língua estrangeira: en una serie de correspondencias que enlazan el dominio origen con el dominio destino.

³⁸ Texto em língua estrangeira: The entities and structures mapped from the source domain give rise to a parallel conceptual structure in the target domain. The cross-domain mapping actually constitutes a new conceptual structure in the target domain, rather than merely highlighting preexisting similarities between the source and target domains.

constitui o domínio-alvo PODER. Assim, o conhecimento de mundo abarcado no domínio-fonte é projetado conceptualmente para se compreender o domínio-alvo. Em suma, fala-se de PODER, dado o contexto histórico de submissão feminina, nos termos de LOCALIZAÇÃO, o qual circunscreve os espaços geográficos em que a mulher pode se situar.

Deve-se ressaltar, entretanto, que a consciência coletiva das expressões metafóricas faz emergir novos usos figurativos e, conseqüentemente, novas metáforas conceptuais instrumentalizadoras de novas formas de pensamento. O exemplo (ii) PODER É LOCALIZAÇÃO, em um texto multimodal, como na Figura 1, ganha uma acepção inusitada, fora do habitual, delimitando outros limites geográficos e uma forma diferente de se observar o poder evidenciado no domínio-alvo. A metáfora conceptual (iii) PODER FEMININO É LOCALIZAÇÃO, em nível específico, surge de uma memória compartilhada, isto é, que não é individual, ratificando o engajamento social via uso da linguagem.

Figura 1 - LUGAR DE MULHER É NO TANQUE



Fonte: KISUKI, 2014.

Os mapeamentos decorrentes da metáfora conceptual PODER FEMININO É LOCALIZAÇÃO podem ser vistos no Quadro 4, a seguir.

Quadro 4 - Mapeamentos para 'PODER FEMININO É LOCALIZAÇÃO'

Mapeamentos		
Lugar de mulher	→	Lugar de homem
Lugar de tanque de lavar roupa suja	→	Lugar social de homem em tanque de guerra

Fonte: A autora, 2023.

A quebra de expectativas observada na Figura 1 pode ser explicada por meio do que Coulson (2001) chama de Mudança de *Frames*³⁹ em que há uma reanálise dos enunciados a partir da reestruturação de enquadres experienciais. Segundo a autora (COULSON, 2001), essa nova interpretação unifica tanto a informação física (no caso da Figura 1, os tanques de guerra e de roupa suja) quanto o conhecimento geral em suas multiplicidades de representações (as funcionalidades de cada um dos tanques, bem como as práticas sociais relacionadas aos respectivos objetos). É neste nível representacional em que a metáfora conceptual se fundamenta, uma vez que as semelhanças funcionais e as identificações conceptuais entre ações e objetos são integradas para o estabelecimento da coerência – e, consequentemente, da significação.

Deve-se ressaltar que a TMC faz uma distinção rígida entre ‘metáforas linguísticas’⁴⁰ e ‘metáforas conceptuais’. O acesso às metáforas conceptuais é feito pelas expressões metafóricas que circulam em contexto social, o que permite não apenas observar como funciona o sistema conceptual humano a partir de evidências linguísticas, como também identificar como as metáforas estruturam a percepção de mundo, o pensamento e as ações do cotidiano. Em outras palavras, o que se entende por metáforas linguísticas, aquelas exteriorizadas pela linguagem, são, na verdade, o reflexo de padrões de metáforas do pensamento – por isso ditas conceptuais, porque concernem a uma realidade básica e própria da cognição. Nas palavras de Vereza e Cavalcanti (2022, p. 95),

[a] perspectiva cognitiva da metáfora, que a desloca do âmbito da linguagem para o do pensamento – entendido como sistema conceptual –, abre caminho para uma linha de pesquisa significativamente diferente da que era tradicionalmente desenvolvida anteriormente e que tinha como foco o que passou a ser concebido como “expressão linguística metafórica”. Na nova abordagem, a metáfora conceptual, subjacente a tais expressões, seria o que realmente importava, uma vez que a linguagem seria o “topo de um *iceberg* cognitivo espetacular” (FAUCONNIER, 1997), ou seja, um índice das representações que estariam na base do sentido – ou conceptualizações.

A distinção entre os tipos de metáforas (sendo uma relativa ao pensamento e a outra concernente à linguagem) evidencia não apenas entidades diferentes em um plano teórico, como também posiciona a análise cognitiva sobre metáforas em seus níveis mais gerais e específicos, de modo que, em um estudo tradicional sobre metáforas, essas nuances

³⁹ Termo em língua estrangeira: *frame-shifting* (cf. COULSON, 2001).

⁴⁰ No decorrer da tese, utilizo os conceitos ‘manifestações linguísticas’ e ‘manifestações metafóricas’ para o mesmo fim.

metafóricas não seriam desveladas. Em síntese, as metáforas, em nível conceptual, são esquemas abstratos que reúnem as metáforas linguísticas, sendo estas manifestações individuais de uma metáfora conceptual (CUENCA; HILFERTY, 2007).

Desse modo, a ideia de que as metáforas conceptuais são empregadas de modo a se pensar – não apenas falar – sobre determinados aspectos do mundo (cf. KÖVECSES, 2020) pressupõe certos efeitos nas ações humanas. Os exemplos (ii) PODER É LOCALIZAÇÃO e (iii) PODER FEMININO É LOCALIZAÇÃO evidenciam tal premissa quando demonstram a forma como a mulher é conceptualizada por falantes brasileiros e, também, ao reverberarem as preocupações sociais em torno do poder: quem pode estar em determinados lugares e executar determinadas ações em localizações específicas. A Figura 1 – LUGAR DE MULHER É NO TANQUE, por exemplo, reflete um teor pejorativo, ao se acionar um tom de escárnio no questionamento do lugar da mulher na sociedade. O fator pejorativo, entretanto, não é evidenciado nos mapeamentos entre domínios, embora, culturalmente, o tom de chacota seja conhecido entre falantes do português do Brasil.

Além disso, os mapeamentos expressos no Quadro 4 não mostram os efeitos de sentido que surgem a partir de um contexto de uso mais específico, com uma imagem ressignificada de um canhão de guerra, agora controlado por uma mulher. A leitura das formas linguísticas, sem o aporte imagético, poderia reproduzir a ideia precedente de poder, em que a mulher é submissa, e não a ideia em que ela é empoderada, como se idealiza a partir do uso da imagem.

Pensando nessa lacuna teórica, em que a informação cultural não se evidencia nos mapeamentos entre domínios, Kövecses (2022) adverte sobre a dificuldade de se estabelecer uma relação entre a cognição e o contexto cultural onde as metáforas conceptuais circulam, especialmente quando se pensa apenas em uma relação de projeções entre domínios conceptuais, tal como propõe a TMC precursora. Primeiro porque os mapeamentos mantêm uma estrutura mais ou menos estável a partir de expressões linguísticas convencionalizadas. Segundo porque a própria ideia de significado universal, quando baseada em uma corporificação universal (LAKOFF, 1987; KÖVECSES, 2005; JOHNSON, 2008a), influencia a produção do significado metafórico em suas possibilidades contextuais e culturais. Dessa forma, a junção de um enunciado metafórico-linguístico a um mapeamento torna-se evidente e inquestionável, como se tudo já estivesse previamente determinado.

É nesse sentido que a ideia de contexto tende a assumir um patamar de prestígio em análises relacionadas à cognição, ao corpo e à linguagem, principalmente quando se questiona o papel desempenhado pelos fatores contextuais no surgimento e no entendimento de

metáforas conceptuais. O fator contextual corpóreo é responsável pela origem e conceptualização de metáforas oriundas da compleição física nas quais falantes encarnam. As especificidades de cada corpo irão influenciar diretamente o uso das metáforas conceptuais, já que a experiência desse corpo no mundo é um fator importante na criação e conceptualização de metáforas conceptuais. Em concordância com Gibbs (2006, p. 15)⁴¹, “as regularidades na experiência cinestésica-tátil das pessoas não apenas constituem o núcleo de suas autoconcepções como pessoas, mas formam a base para a cognição de ordem superior”.

Dito de outra forma, o estudo sobre metaforização conceptual diz respeito, na maioria das vezes, a metáforas específicas procedentes da experiência do corpo, também específico, opondo-se a metáforas universalmente cunhadas em relação ao corpo humano em geral. O que interessa para as análises linguísticas é saber o seu uso particular em cada cultura, sinalizando, assim, o contexto sociocultural em que essas metáforas circulam.

Desse modo, reafirma-se que as projeções metafóricas, como já mencionado, não são intrínsecas à metáfora conceptual, e sim ao que falantes intentam pôr em evidência. Há uma perspectiva (ou um “perfilamento”, nos termos de Langacker [1987]) realçada por meio dos mapeamentos entre domínios, especialmente quando se projeta dados na conceptualização do domínio-alvo. É nesse mote em que se situa um dos maiores desafios dos linguistas cognitivistas: apontar tais pontos de vista, os quais são preponderantes na conceptualização linguística, verificando a natureza dos domínios (cf VEREZA; CAVALCANTI, 2022) e situando quanto ao contexto de uso metafórico.

Pelo exposto até aqui, pode-se afirmar que, independentemente da abordagem em que uma pesquisa de cunho cognitivista se fundamente, metáforas são estruturas cognitivas complexas, observadas como formas intrincadas de pensamento. São composições conceptuais que agrupam as metáforas linguísticas. Não são metáforas conceptuais afixadas na mente, nem significados metafóricos originados de algum tipo de memorização mecânica, muito menos se trata de um resgate puro e simples das abstratizações do pensamento. Antes disso, as metáforas conceptuais mantêm estreitas relações com fatores de cunhos corpóreo-cognitivo, cultural e contextual, tal como será tratado por esta pesquisa.

⁴¹ Texto em língua estrangeira: the regularities in people’s kinesthetic-tactile experience not only constitute the core of their self-conceptions as persons, but form the foundation for higher-order cognition.

1.4 Teoria da Metonímia Conceptual

Embora a metonímia seja amplamente discutida em relação – e em justaposição – à metáfora, a distinção básica entre ambas as operações mentais ocorre no tipo de relação que cada uma estabelece com seu objeto de correspondência. Enquanto na metáfora a comparação entre as entidades não é construída de forma diretamente relacionada, na metonímia, há uma relação contígua entre o que está sendo equiparado. Em uma definição resolvida de metonímia, pode-se dizer que ela é uma “figura de linguagem e de pensamento em que uma entidade é usada para se referir a, ou, nos termos da Linguística Cognitiva, ‘promover acesso a’, uma outra entidade à qual está relacionada” (LITTLEMORE, 2015, p. 3)⁴².

Croft e Cruse (2004, p. 216)⁴³ conceituam a metonímia como “o uso de uma expressão E com uma interpretação padrão A para evocar uma interpretação distinta B, em que a conexão entre B e A é inferida por princípios gerais (ou seja, não é um código privado pré-arranjado entre indivíduos)”. Diferencia-se da metáfora conceptual, na prática, quanto à forma como ocorrem os mapeamentos entre domínios. Se, na metáfora conceptual, os mapeamentos ocorrem entre domínios distintos, na metonímia, os mapeamentos ocorrem em um único domínio conceptual, estabelecendo, portanto, uma relação entre entidades contíguas.

Desse modo, é possível afirmar que, em sua essência, a metonímia é tão conceptual quanto a metáfora. Porém, o significado metonímico tem função basilar o acesso referencial, ressaltando características salientes do enunciado – em vez de falar especificamente dessas características, tal como na metáfora. Esta é mais uma diferença visível entre metáforas e metonímias conceptuais: a metáfora abarca uma relação “X é compreendido em termos de Y” (EVANS; GREEN, 2006, p. 311)⁴⁴, ao passo que a metonímia prevê a estrutura “X representa Y” (EVANS; GREEN, 2006, p. 311)⁴⁵. Isso porque as metáforas são pré-conceptuais por natureza e, por isso, as associações entre domínios de naturezas distintas são inevitáveis. Já as

⁴² Texto em língua estrangeira: Metonymy is a figure of language and thought in which one entity is used to refer to, or in cognitive linguistic terms ‘provide access to’, another entity to which it is somehow related.

⁴³ Texto em língua estrangeira: the use of an expression E with a default construal A to evoke a distinct construal B, where the connection between B and A is inferable by general principles (i.e. is not a private prearranged code between individuals).

⁴⁴ Texto em língua estrangeira: X is understood in terms of Y

⁴⁵ Texto em língua estrangeira: X stands for Y

metonímias “são motivadas por requisitos referenciais e comunicativos (EVANS, GREEN, 2006, p. 311)⁴⁶, cuja motivação recai no enfoque a determinados atributos do conceito.

No exemplo (i) “Dupla jornada faz mulheres trabalharem 3,1 horas a mais que homens”, há a metáfora conceptual TRABALHO É JORNADA, em que o domínio-alvo TRABALHO é conceptualizado nos termos do domínio-fonte JORNADA. Há de se considerar, ainda, uma metáfora conceptual específica, motivada por fatores socioculturais, sinalizando que o SERVIÇO DOMÉSTICO também é conceptualizado em termos de TRABALHO, tendo em vista a ideia de ‘conjunto de tarefas a serem cumpridas’ a que se refere o termo.

Outras parecenças na relação entre o SERVIÇO DOMÉSTICO e SERVIÇO LABORAL ocorrem em função da condição de extenuação que se origina de ações trabalhistas, além da obrigatoriedade de desempenhar determinados papéis e das responsabilidades previamente impostas nas realizações das tarefas. É justamente aí onde se manifesta a metonímia, pois a base metonímica que subjaz às referidas metáforas situa-se nas projeções estabelecidas entre SERVIÇO LABORAL e SERVIÇO DOMÉSTICO, ambos os conceitos situados no domínio de TRABALHO. Assim, fala-se em eventos do que se supõe ser o trabalho em vez de se falar das ações exercidas. A metonímia conceptual AÇÃO (trabalhar) PELO EVENTO (cumprimento de jornada) é o que fundamenta o entendimento de dupla jornada feminina, tal como se experiencia no Brasil.

O Quadro 5 expõe os mapeamentos entre os domínios de TRABALHO e JORNADA, além de evidenciar as relações de contiguidade entre trabalho laboral e trabalho doméstico por meio da metonímia conceptual AÇÃO PELO EVENTO.

Quadro 5 - mapeamentos para ‘TRABALHO É JORNADA’

Mapeamentos		
ALVO: TRABALHO		DOMÍNIO: JORNADA
Trabalho laboral	→	Percurso para o serviço
↕		
Trabalho doméstico	→	Itinerário durante o serviço
↕ mapeamento metonímico		

Fonte: A autora, 2023.

Desse modo, a escolha lexical ocorre em função de algum aspecto saliente representativo, o qual é utilizado como ponto de acesso a todo o restante do conceito. É o caso, como elucida Littlemore (2015), de quando é pedido para que se desenhe um

⁴⁶ Texto em língua estrangeira: conceptual metonymies are motivated by communicative and referential requirements.

computador, em que as pessoas normalmente desenham a tela, em vez de desenharem o disco rígido, a torre, o mouse *etc.*, ou quando é pedido para que se pense em “França” e apenas um ponto específico da França é acionado (como, por exemplo, a Torre Eiffel), dada a impossibilidade de se pensar em todo o lugar.

Presumindo-se a relação entre linguagem, meio físico e sociocultural e pensamento corporificado, pode-se dizer que, assim como em relação às metáforas, as metonímias conceptuais surgem por meio de padrões esquemáticos armazenados na memória. Isto é, falar em metonímias conceptuais (assim como falar em metáforas) requer perpassar a noção de *frames* (FILLMORE, 1982) e de modelos cognitivos idealizados (LAKOFF, 1987), para caracterizar tais associações entre domínios. Esses modelos, que são tipos representativos de situações prévias, sublinham o conhecimento estável por trás da metonímia (no caso dos *frames*) e o aspecto enciclopédico e flexível do conhecimento (no caso dos MCIs).

À guisa de exemplificação, os MCIs abrangem uma determinada perspectiva subjetiva do falante, tal como pode ser visto no modelo cognitivo idealizado de CARROS. Há diversos *frames* estruturantes: suas partes constitutivas, a licença para seu uso, a qual é conferida ao motorista, o destino, a velocidade, a trajetória *etc.* No exemplo “ele dormiu *ao volante* às 5h30”, de Littlemore (2015, p. 11)⁴⁷, tem-se, no item destacado, o encapsulamento da informação concernente a “enquanto ele dirigia”. E por conta do fragmento “ele dormiu”, tem-se a ideia tácita de que “ao volante” é, de alguma forma, uma noção menos ativa do que “enquanto ele dirigia”.

De forma semelhante, no exemplo (i) “*Dupla jornada* faz mulheres trabalharem 3,1 horas a mais que homens”, evidencia-se, ao se observar o item destacado, a compressão de duas formas de trabalhos a que normalmente os indivíduos se submetem para a sua subsistência: os trabalhos laborais e os trabalhos domésticos, ambos situados no domínio de TRABALHO. É possível perceber que a ideia de dupla jornada, por se constituir de um domínio-fonte JORNADA, há uma ideia implícita de percurso, de itinerário, de uma movimentação de um lado ao outro. De certa forma, a expressão faz com que os falantes comprimam todas essas informações em uma expressão menor (dupla jornada), dado o conhecimento que se tem sobre o acúmulo de trabalhos conferidos à mulher na sociedade brasileira.

Além disso, a noção de *domínio* parece estabelecer uma fronteira tênue, porém eficaz, nessa distinção. Os domínios se assemelham aos MCIs em sua constituição relativamente estável, diferindo-se basicamente na estrutura menos idealizada e abstrata (LITTLEMORE,

⁴⁷ Texto em língua estrangeira: He falls asleep at the wheel at 5.30.

2015). São úteis para contrastar a metáfora e a metonímia no sentido de que a metáfora lida com mapeamentos entre os domínios distintos. Já a metonímia envolve similaridade e contiguidade, isto é, os mapeamentos ocorrem dentro de um mesmo domínio conceptual. Portanto, há variedade de papéis desempenhados pela metonímia em diferentes modos de comunicação.

O que se busca considerar aqui é o fato de que a metonímia está presente em diversas formas de comunicação, atuando nas artes, na música, em filmes, em propagandas, na diversa gama de textos multimodais circulantes em âmbito social, sendo um mecanismo eficaz de representação em quadrinhos, na criação de efeitos icônicos, no humor, na arquitetura religiosa *etc.* (cf. LITTLEMORE, 2015). Enfim, uma análise de perspectiva cognitivista permite a reflexão de uma nova forma de se pensar sobre seu processamento. Ela é, tal como a metáfora, uma forma de pensamento, estando presente no sistema conceptual do falante, não apenas no sistema linguístico. A sua importância justifica-se em seu próprio uso: ela permite que os indivíduos comuniquem suas ideias de maneira sucinta. Em poucas palavras, focaliza-se, por meio da metonímia, algo que é preponderante no conceito.

Nas palavras de Littlemore (2015, p. 4)⁴⁸, “umas das razões pelas quais precisamos da metonímia é o fato de que é impossível encapsular todos os aspectos do significado pretendido na linguagem que usamos”. Ou seja, é impossível ativar todo o conhecimento que se tem sobre algo particular, mas é possível circunscrever aquilo que é mais importante comunicar por meio da metonímia conceptual.

Finda a exposição deste conglomerado de ilhas teóricas que compõe o arquipélago e eixo teórico desta pesquisa, passa-se ao capítulo que busca traçar um contraponto entre os corpos e seres.

⁴⁸ Texto em língua estrangeira: One of the reasons why we need metonymy is that it is impossible to encapsulate all aspects of our intended meaning in the language that we use.

2. ENTRE CORPOS E PESSOAS: ÓRGÃOS SEXUAIS E MULHER/HOMEM

O corpo humano é uma fonte de sensações que se manifestam de maneira tanto físicas quanto emocionais. As emoções atreladas ao corpo estão diretamente relacionadas ao funcionamento da mente. Entretanto, apesar dessa constituição dualista do ser – de um corpo e uma mente –, é comum pensar que o corpo é apenas uma matéria disponível no espaço e que, se desprovido de um pensamento que o guie (e assim assumindo uma função passiva), ele é apenas uma compleição física sem significação. Embora seja coerente pensar que um corpo sem uma cognição é um corpo mais propenso a ser limitado em suas funções cinestésicas, é preciso repensar a ideia de uma autossuficiência da mente, a qual é comumente vista como a entidade que norteia o corpo, dando-lhes todas as orientações necessárias para que suas ações no espaço ocorram.

Seguindo outro viés de observação, advoga-se que a cognição sem um corpo também tende a ser potencialmente restrita em suas manifestações, embora seja comum crer que a mente se sobrepõe ao corpo. A máxima ‘a mente guia o corpo’, por exemplo, circulante em meio social, pode ser observada em uma variedade de expressões cotidianas que circulam de modo a descaracterizar o corpo como uma compleição dotada de significação, e sim um organismo guiado, instruído e domado pela mente humana.

Com isso, é possível perceber que, desde os textos aprovados pelo crivo científico a livros religiosos, perpassando os guias de autoajuda e as histórias de ficção científica, parece haver consenso entre os gêneros discursivos de que só ‘o poder da mente’ é capaz de mudar o caos e as mazelas vivenciadas pelo corpo no espaço. Dois exemplos cotidianos clássicos evidenciam essa ideia de que a mente é a entidade preceptora do corpo. São as ideias de que ‘sua mente é seu guia’, atribuindo à mente o ofício da instrução do corpo; e de que ‘mente vazia é oficina do diabo’, imputando ao corpo a culpa das ações que não foram guiadas pela mente, mas pelo corpo, responsável pelas ações não consentidas pela mente, mas por ele mesmo.

O próprio ‘eu’ é comumente figurado a partir do pensamento. A herança do *cogito* cartesiano – ‘Penso, logo existo’ (DESCARTES, s/d) – faz com que apenas o pensamento dê existência à vida. É como se a constituição física não desse sentido à materialização do ‘eu’, de modo que o corpo só passa a ter vida se tiver uma mente pensante, dirigente e paradigmática.

Dito isso, é possível ressaltar que a materialidade do corpo se atrela à sua essência, que é não é material, mas internalizada, introspectiva e relativa ao eu, dita imutável. A constância e inalterabilidade da mente humana, onde se funda esse ‘eu’, pode ser observada quando se experencia – ou se vê – situações de vulnerabilidade corpórea. Um acidente que desfigura corpo, ou que limita as suas articulações, uma doença que acomete o corpo, até mesmo o cansaço físico a partir de atividades físicas exaustivas, são alguns dos exemplos de que, embora o corpo se transforme, a mente conserva-se inabalável: ‘eu continuo a mesma pessoa!’.

A ideia de um corpo vinculado (e passivo) a uma cognição que o conduza é tão forte culturalmente que, quando o conceito de CORPO é evidenciado, sem ênfase ou menção ao ‘eu cognitivo condutor’, significa que se anuncia a existência de um corpo já sem vida. O preceito ‘o corpo foi encontrado’ é uma amostra linguística e cultural da forma como brasileiros conceptualizam a compleição física de que todos os indivíduos são constituídos. O que se pretende com esta tese, entretanto, é evidenciar essa materialização física – no caso, uma parte mais específica dessa compleição, que são os órgãos sexuais – de modo a se estabelecer uma vinculação mais ou menos igualitária, na constituição do ‘eu’, entre as funcionalidades da mente e do corpo. Ou, sem fazer uma hierarquização dessas entidades, do corpo e da mente.

Essa preocupação se deve ao fato de que tais axiomas permeiam as formas de conceptualização compartilhada socialmente, perpetuando a ideia de que há uma separação rígida e bem delimitada entre os processamentos cognitivos e os movimentos corpóreos, quando, na verdade, não há uma mente separada de um corpo, nem um corpo separado de uma mente. O que existe é uma cognição que se consubstancia a partir da materialidade de um corpo (e vice-versa), isto é, há uma “mente inerentemente corporificada” (LAKOFF; JOHNSON, 1987, p.3)⁴⁹, e um corpo inerentemente mental, tornando-se inevitável a assunção de um encontro de entidades igualmente etéreas na constituição do sujeito abordado pela LC. Desvelar o corpo perdido na dispersão do tempo e do espaço é admitir que “não há um eu sem um corpo” (GIBBS, 2005, p. 16)⁵⁰. O que existe é não apenas uma cognição corporificada, mas um corpo cognitivo, simultaneamente.

Desse modo, problematiza-se, na Linguística Cognitiva, que as experiências do corpo, tanto sinestésicas (relativo a sensações) quanto cinestésicas (relativo a movimentos), em suas potencialidades para significações, constituem o cerne das percepções do ‘eu’ sobre o Outro,

49 Texto em língua estrangeira: The mind is inherently embodied.

50 Texto em língua estrangeira: There is no self without a body.

sobre o próprio ‘eu’ e sobre o mundo. Os aspectos cognitivos estão diretamente relacionados às regularidades corpóreas, propulsoras de “uma cognição de ordem maior” (LAKOFF, 1987, p. 15). Isto é, uma constituição não existe sem a outra.

A assunção da ideia de uma omissão do corpo – ou, nos termos de GIBBS (2005, p. 14)⁵¹, o “desaparecimento do corpo” – tende a tornar a compleição física um objeto da cognição, minimizando os efeitos de uma íntima e recíproca relação entre ambas as partes. O ‘eu’ adotado por esta análise é composto por sinestesias e cinestesias, isto é, por percepções e por movimentações que o compõem, como os dois lados de uma moeda, pois corpo e mente não são a mesma constituição. Cada qual tem suas especificidades e seus engajamentos para o exercício humano, e cada parte tem suas funcionalidades para o todo: o ser sujeito experiencialista, que encontra compatibilidades conceituais para a construção e conceptualização do significado por meio das movimentações no espaço físico e sociocultural, tão corpóreas quanto cognitivas.

A tomada de consciência sobre o corpo é necessária e produtiva para este estudo porque o que se acha sobre o corpo é, ao mesmo tempo, o que se acha sobre o ‘eu’ e sobre o ‘outro’. Trata-se de uma consciência sobre o corpo em nível conceptual, uma vez que a justaposição de duas compleições, uma física e outra abstrata, torna-se imprescindível para a compreensão do que é ser um sujeito experiencialista. Seguindo esse parâmetro conceitual, pode-se dizer que a autopercepção sobre o corpo, não somente sobre a mente, ocorre quando há sensações físicas e mentais de diversas naturezas: a sensação de ver o corpo mudando em decorrência de mudanças de hábitos, a percepção de alívio em uma terapia, do estresse e de sua manifestação em uma variedade de sintomas corpóreos, a sensação de atividades físicas que propiciam a liberação de adrenalina. Enfim, há inúmeras outras formas de conexão do corpo com a mente, sem qualquer resquício de dissociabilidade.

Gibbs (2005), com base em estudos de Pollio, Henlley e Thompson (1997), elenca situações em que sujeitos são conscientes do próprio corpo, de modo que ele esteja em propósito de evidência: (i) o uso do próprio corpo, quando há engajamento em alguma atividade ou projeto; (ii) o momento de consciência sinestésica, quando se sente dores, fadigas e prazeres; (iii) a apresentação do corpo, quando há exposição a outras pessoas, incluindo-se modos de vestimenta, posturas *etc.*; (iv) os efeitos da gravidez e intimidades da sexualidade, (v) os efeitos da passagem do tempo em relação ao corpo (como era antes e como é hoje); (vi) os fatores identitários que consideram o corpo como fator essencial da existência, tal como o

⁵¹ Termo em língua estrangeira: corporeal disappearance.

corpo cristão; (vii) a consciência sobre a ausência ou a presença de outros corpos; e (viii) a consciência afetiva, quando fortes emoções tornam-se o aspecto preponderante de dada situação (o coração acelerado pela emoção, por exemplo).

Dessa forma, a reconhecimento do corpo ocorrerá a partir das movimentações no meio sociocultural. Essa ideia de movimentações do corpo em um espaço físico e socioculturalmente moldado, assim como as sensações sentidas por esse corpo ativo, é o aspecto crucial para o arcabouço teórico da LC no tratamento das subjetividades. A concepção de sujeito, então, fundamenta-se, em grande parte, nas experiências cinestésicas que ocorrem desde a infância, quando se inicia o processo de consciência sobre as funcionalidades das partes do corpo humano, seja através dos dedos e toques, ou por meio das mobilidades e flexibilizações físicas.

É por isso que, conforme as experiências sensoriais e motoras vão ocorrendo ao longo do desenvolvimento, outras estruturas mentais mais complexas vão surgindo progressivamente, tornando possível a consciência dos padrões esquemáticos de “contêiner, balança, peso, esforço físico” (GIBBS, 2005, p. 28) *etc.* Tais atividades primárias dos movimentos são consideradas o princípio de toda a cognição humana e de toda e qualquer experiência relacionada à subjetividade. Este é o contraponto com esta tese, pois essa sequência (i) de movimentos, (ii) de consciência do/sobre o corpo, e (iii) de criações de padrões esquemáticos é o que torna possível o estabelecimento de analogias entre os seres e os objetos/entidades/sentimentos e, de maneira mais específica para este propósito de tese, entre partes do corpo humano dos seres e os próprios seres.

Assim, assumindo que sujeitos experientialistas criam padrões esquemáticos a partir da consciência corpórea, é possível afirmar que partes do corpo humano podem ser conceptualizadas a partir de objetos e entidades materiais e imateriais de diversas naturezas. A esquematicidade de VERTICALIDADE, por exemplo, é o que estrutura uma gama de possibilidades figurativas em nomes do órgão sexual masculino, ao passo que FORMATO CURVO orienta a percepção de modo a caracterizar metaforicidades nas designações para a vulva.

Outros exemplos que cunham os seres a partir da nomeação de seus órgãos podem ser observados a partir das metáforas conceptuais VULVA É CONDUTO e PÊNIS É AÇOITE, em que se observam os papéis de mulher e de homem na sociedade. A mulher em uma condição passiva em relação ao homem, e o homem em situação ativa em relação à mulher. Metonimicamente, é possível observar as regularidades em que esses padrões esquemáticos surgem, comprimindo uma PARTE do corpo em TODO o corpo, o qual configura o ‘eu’ ou o ‘outro’. A

metonímia PARTE PELO TODO é o que fundamenta as relações entre parte do corpo humano e pessoa, tal como será evidenciado neste estudo.

É nesse sentido que o panorama cartesiano, e sua consequente tradição até os dias atuais, provê um impedimento de vinculação simultânea entre corpo, mente e contexto socioexperencial, separando as entidades ao mesmo tempo em que escondendo, minimizando e inviabilizando o corpo para efeitos de significação. Na tentativa de mostrar suas potencialidades para o significado, a questão que deve ser levantada é “como alguém pode considerar a mente e o corpo como integrados se não há o corpo? Onde está o corpo? De quem é o corpo” (SHOLNICK; MILLER, 2008, p. 248)⁵².

Conscientes de que é preciso redefinir as atribuições dos conceitos de MENTE e CORPO, busco respostas para estas perguntas ao trazer à tona partes específicas do corpo humano que parecem definir papéis sociais. Por meio dos dispositivos cognitivos para o uso da linguagem, é possível, metonimicamente, relacionar os órgãos sexuais aos seres, aos que sujeitos representam socialmente, como são construídos por meio das relações de analogia, e como são conceptualizados (e perpetuados) coletivamente.

E, ratificando a necessidade de se posicionar mente e corpo ao mesmo escopo de observação, corrobora-se que é preciso visibilizar, e não esconder, a matéria concreta que constitui os indivíduos como seres humanos, matéria esta que dispõe de uma constituição visual muito particular, capaz de encontrar compatibilidade entre objetos e órgãos sexuais, e entre órgãos sexuais e pessoas. Essa matéria também tende a ter movimentações muito próprias ao seu espécime, assumindo papel fundamental na conceptualização de mundo.

Assim, as partes dos corpos que busco evidenciar nesta tese por meio de suas metáforas e metonímias conceptuais constituintes concernem, em consonância com Sholnick e Miller (2008, p. 249), “um tipo particular de corpo vivido, o corpo que os outros veem, que é a fonte das nossas emoções e agência, e serve como base para nos colocar nas categorias sociais que contribuem para nossa autoidentidade” (SHOLNICK; MILLER, 2008, p. 249)⁵³. São partes erógenas de corpos humanos que (res)significam e que evidenciam uma ponte entre o corpo e os aspectos cognitivos, a ideologia, a linguagem sexista e o riso.

Dito isso, no capítulo posterior, discorre-se sobre os conceitos relacionados à ideologia, à linguagem sexista e ao riso inseridos ao aparato teórico da Linguística Cognitiva.

⁵² Texto em língua estrangeira: How can one consider the mind and body as integrated if there is no body? Where is the body? Whose body is it?

⁵³ Texto em língua estrangeira: the particular lived body, the body that others see, that which is the source of our emotions and agency, and serves as the basis for placing us into the social categories that contribute to our self-identity.

3. IDEOLOGIA, LINGUAGEM SEXISTA E RISO

O riso é um caso muito sério para ser deixado para os comicos (MINOIS, 2003, s/p).

Hawkins (2001, p. 1)⁵⁴, para estabelecer relações possíveis entre a Ideologia e a LC, tece as seguintes considerações:

A tensão é um fato inevitável da vida humana. As tensões surgem repetidamente em nossas vidas profissionais à medida que nos deparamos com circunstâncias pragmáticas que interferem na realização de nossos planos, ambições e sonhos. As tensões aumentam em nossas vidas sociais também, quando conhecidos, amigos e até mesmo entes queridos ficam aquém de nossas expectativas para eles. E em nossos momentos mais íntimos, as tensões podem se tornar quase avassaladoras à medida que refletimos sobre as diferenças entre quem somos e quem queremos ser. Não importa para onde vamos ou o que fazemos, temos a garantia de encontrar tensão porque a vida humana é cheia de tensão.

No fragmento, o autor, antes mesmo de tecer qualquer consideração sobre o conceito de ideologia, antecipa os efeitos de se estudar um sistema de convicções socialmente estabelecidas: há tensão nisso. Desde a origem dos estudos sobre ideologia, a tensão se fez presente, quer seja nas profusões (e dispersões) teóricas sobre o conceito, quer seja nas práticas languageiras em que a ideologia se manifesta, ainda que seja de maneira tácita. De todo modo, falar sobre aspectos ideológicos de uma cultura é, necessariamente, perpassar a tensão dos conflitos inerentes à própria ideologia.

A tensão nem sempre é observada quando os indivíduos compartilham da mesma ideologia. Não há conflitos onde as ideias se encontram. Há conflitos quando as ideias divergem. E é aí que a tensão passa a configurar o cenário de tomada de consciência e de observação da ideologia, tanto por parte dos envolvidos nas interações ideológicas, quanto por

⁵⁴ Texto em língua estrangeira: Tension is an inevitable fact of human life. Tensions arise repeatedly in our professional lives as we encounter pragmatic circumstances which interfere with the realisation of our plans, ambitions and dreams. Tensions mount in our social lives as well, when acquaintances, friends and even loved ones fall short of our expectations for them. And in our most private moments, tensions may become almost overwhelming as we reflect on the differences between who we are and who we want to be. No matter where we go or what we do, we are guaranteed to encounter tension because human life is full of tension.

parte dos estudiosos da linguagem que se dedicam a pesquisar as tensões intrínsecas a determinado campo das ideias.

Para a Linguística Cognitiva, de maneira geral, o conceito de ideologia está intimamente ligado aos modelos cognitivos ocasionados pelas experiências do corpo no meio sociocultural. Para Dirven, Frank e Pütz (2003, p.1)⁵⁵, trata-se de “sistema de crenças e valores baseado em um conjunto de modelos cognitivos, ou seja, representações mentais – em parte linguísticas, em parte não linguísticas – de fenômenos recorrentes e suas interpretações na cultura e na sociedade”. A cognição é, pois, o recurso necessário para a intermediação entre os fatores ideológicos e a linguagem figurativa amplamente pleiteada pelo arcabouço teórico da LC. Isto é, considera-se que há um forte atrelamento entre a ideologia e as representações cognitivas estáveis para a conceptualização.

Além disso, há a assunção quanto à inserção do corpo, atrelado a uma cognição – e uma cognição atrelada ao corpo –, como parte integrante do repertório teórico da LC. Assim, pode-se dizer que as experiências oriundas das movimentações corpóreas, das suas manipulações com objetos disponíveis e das inter-relações sociais viabilizam o surgimento, o entendimento e a reprodução de significados. É especialmente nessa reprodução de significações que a ideologia irá se inclinar. Em consonância com Hawkins (2001, p. 8)⁵⁶, “podemos começar, então, com a caracterização da ideologia como um sistema de ideias que moldam experiências e/ou expectativas de experiências”.

Considerando a sua função crucial para a comunicação, pode-se dizer que o fator social é inerente a toda e qualquer instanciação cognitiva em suas formas verbais, não verbais e gestuais. Isso porque todo o aparato conceptual funciona de modo a atuar socialmente, uma vez que os agentes sociais se comunicam de forma interpessoal no meio em que vivem. Nas palavras de Lakoff, em entrevista a Oliveira (2001, p. 37)⁵⁷, “como a linguagem reflete nossos sistemas conceptuais, ela refletirá os aspectos sociais de nossos sistemas conceptuais. Assim, ver a linguagem de uma perspectiva cognitiva implica ver a linguagem de uma perspectiva social”.

⁵⁵ Texto em língua estrangeira: ideology is a system of beliefs and values based on a set of cognitive models, i.e. mental representations – partly linguistic, partly non-linguistic - of recurrent phenomena and their interpretations in culture and society.

⁵⁶ Texto em língua estrangeira: We can begin, then, with the characterisation of ideology as a system of ideas that shape experiences and/or expectations for experiences.

⁵⁷ Since language reflects our conceptual systems, it will reflect the social aspects of our conceptual systems. Thus, seeing language from a cognitive perspective entails seeing language from a social perspective.

O conceito de ‘linguagem’ defendido pela LC impõe uma inter-relação entre os meios fonológicos (e, no caso das línguas de sinais, os gestos), os seus respectivos significados e os conceitos, que estão na mente (cf. OLIVEIRA, 2001, p. 37; LAKOFF, 1987). Há uma relação de interdependência entre a formatação semântico-fonológica (e semântico-gestual) e a conceptualização, manifesta a partir de operações estritamente cognitivas. Assim sendo, é preciso que se discorra sobre o sistema conceptual do qual os seres dispõem de modo a se evidenciar, via linguagem, o seu reflexo em meio social, caracterizando, assim, as crenças, os valores, os hábitos e as ideologias que permeiam a coletividade.

Atrelando o conceito de linguagem ao conceito de ideologia, deve-se considerar os aspectos conscientes e inconscientes que se vinculam aos fatores ideológicos. Entretanto, é nos aspectos inconscientes que esta pesquisa irá se inclinar, especialmente quando o discurso se realiza, permitindo identificar os modelos cognitivos estáveis que não são aparentes, ou amplamente conscientes, e sim internalizados, inconscientes e, conseqüentemente, naturalizados socialmente. Em concordância com Lakoff (OLIVEIRA, 2001, p. 37), em entrevista, “para mim, esta é a parte interessante das ideologias – a parte escondida, inconsciente, das ideologias. É aí que os linguistas cognitivistas têm uma contribuição a fazer”. É aqui onde me debruço.

Pode-se dizer que o papel da Linguística Cognitiva é observar, definir e interpretar a cognição em suas formas visíveis (o linguístico) e invisíveis (o sentido, o inconsciente) dos processos de conceptualização, especialmente no que tange ao pensamento coletivo expresso via “linguagem baseada em sistemas sociais” (DIRVEN; FRANK; PÜTZ, 2003, p. 1)⁵⁸. Essa preocupação não é em vão. Todo o arcabouço das teorias cognitivistas direciona para os processamentos que ocorrem por trás das cenas da cognição, descrevendo as formas de significação do pensamento corporificado, as quais ultrapassam os limites estabelecidos pelas formas linguísticas e que expõem as intencionalidades e os efeitos da comunicação.

Tendo a cognição corporificada (LAKOFF; JOHNSON, 1980, 1999, LAKOFF, 1987) como base, a LC ‘desata os nós’ e desempacota o discurso que aparenta vir pronto. E desvelar o inconsciente cognitivo é, necessariamente, perpassar as questões ideológicas que permeiam as atitudes linguísticas circulantes em meio social, incluindo-se como esses sistemas de valores constituem-se, alicerçam-se e difundem-se em realidades sociais. Assim,

⁵⁸ Termo em língua estrangeira: language based societal systems.

acredita-se que os modelos cognitivos, implícitos às representações situacionais da experiência, se estabelecem por meio da ação de uma ideologia.

As metáforas conceptuais, por exemplo, instituem significações ideológicas ao indicar determinados pontos de vista que são compartilhados socialmente. Isso porque as “instanciações metafóricas” (DIRVEN; FRANK; PÜTZ, 2003, p. 7)⁵⁹ vinculam-se diretamente às metáforas conceptuais subjacentes, as quais evidenciam, em sua estrutura, os domínios nos quais as metáforas linguísticas irão se apoiar. É nesse sentido que Dirven, Frank e Pütz (2003, p. 7)⁶⁰ argumentam que “cada metáfora conceitual age para impor sua perspectiva particular”, embora não seja apenas ela, unicamente, o fator preponderante para sinalizar os aspectos ideológicos, e sim todas as expressões linguísticas relacionadas aos domínios fonte e alvo das metáforas conceptuais.

Assim, considerando que as operações cognitivas ocorrem, na maioria das vezes, de forma inconsciente (ou, em certo nível, de forma consciente), advoga-se em favor da ideia de que quanto mais as metáforas conceptuais se arraigam no uso ordinário, menos conscientes dos padrões de pensamento as pessoas serão, dada a automaticidade em que a linguagem figurativa se institui. É o caso, por exemplo, das metáforas conceptuais implícitas ao discurso sexista, o qual, até poucos anos atrás, circulava sem uma adesão forte, como é hoje, de pessoas que questionassem a linguagem e as ações concernentes ao sexismo. É aí que entra a tensão.

Isso porque a forma como a figura feminina é culturalmente representada, seja nos discursos corriqueiros, seja nos discursos midiáticos (e entre outros meios de comunicação), sempre esteve na agenda de discussões acadêmicas, políticas e feministas – às vezes assumindo as três formas de uma só vez –, especificamente no que concerne aos estudos do uso de linguagem discriminatória. A preocupação com a mudança de perspectiva em relação à mulher, que desde os primórdios permeia o debate sobre a condição feminina, é também uma das diretrizes deste estudo. Desse modo, assume-se que

[e]m vez de descrever a linguagem como um veículo neutro que representa a realidade, eu vou preferir descrever a linguagem como uma ferramenta que é esboçada estrategicamente tanto por sexistas como por defensores do feminismo, e como um lugar de luta sobre a palavra-significado, que é também muitas vezes uma luta sobre quem tem o direito de estar em certos ambientes, falar de certas maneiras e conseguir determinados empregos. (MILLS, 2008, p. 2).

⁵⁹ Termo em língua estrangeira: metaphorical instantiations.

⁶⁰ Texto em língua estrangeira: Each conceptual metaphor acts to impose its particular perspective.

O discurso é sexista quando ele (i) se apoia em crenças estereotipadas em referência a uma mulher em particular (ideia de que as mulheres são emotivas); (ii) quando as experiências masculinas são consideradas experiências humanas (a predominância do homem na literatura); e quando as atividades femininas são colocadas como triviais frente às atividades exercidas pelos homens (dispersão discursiva de que o futebol feminino é chato). É nesse sentido que Mills (2008) descreve dois tipos de sexismo: um modelo mais social e outro mais localizado.

A abrangência do primeiro tipo marca o sexismo em seu sentido macro, balizando as atitudes discriminatórias que permeiam contextos já institucionalizados. Já o segundo, circunscrito em um contexto mais específico, demanda a observação das palavras/expressões sexistas que são de um domínio particular com leitores/ouvintes particulares. É neste último em que esta pesquisa se baseia, na maioria das vezes: em expressões metafóricas circunscritas a um contexto específico de nomes que designam órgãos sexuais, nomeações essas publicizadas em *sites* relacionados a humor e que, como tal, suscitam (ou espera-se que suscitem) o riso.

Sem fazer uma distinção rígida entre os dois níveis – até porque o nível particular está inserido no nível geral –, busca-se traçar os pontos de generalização e de particularização da linguagem sexista empregada para se referir à figura feminina por meio da forma como seu órgão sexual é nomeado. Eis o mote da pesquisa: saber como as representações de mulher/homem são concebidas por meio da linguagem, e como as metáforas conceituais podem estar a serviço dessa nomenclatura, quer seja para minorar, quer seja para maximizar seu referente, e quer seja para despertar comicidade.

O ponto de generalização do sexismo é a assunção da atenuação da figura da mulher em uma sociedade de caráter patriarcal e, como o próprio nome preconiza, marca uma disposição geral e mais abrangente sobre o assunto, assumindo que a linguagem esboça uma perspectiva depreciativa, e como essa linguagem desestimada sublinha as representações sociais em um contexto particular, situando-se em um nível mais localizado. Assim, o objetivo desta análise é elucidar como essa particularidade no uso da linguagem, sendo visível por meio de regularidades nos modelos cognitivos, permite-nos fazer generalizações sobre representações sociais.

Além disso, focar algo particular abre as possibilidades de afirmações acerca da forma como a mulher é retratada em um contexto particular, sabendo que esse contexto estará,

de alguma forma, atrelado a instancias maiores de discriminação. Como salienta Mills (2008, p. 8)⁶¹,

a linguagem não é simplesmente um reflexo ou veículo para valores sociais, nem um catalisador para mudança social, mas em função do seu papel na construção de papéis e identidades para tanto os individuais quanto os grupos dentro da sociedade, ela deveria ser vista como um recurso que informa como aquelas pessoas pensam sobre suas posições na sociedade.

A forma linguística é o ponto de acesso para os conceitos, que estão na mente humana, e não nas coisas, nas entidades. Do ponto de vista cognitivo, focalizar as palavras, as seleções lexicais e os usos cotidianos é enfatizar o que as formas de pensamento expressam em coletividade, por meio de grupos e por meio do foco que cada grupo atribui a determinadas filiações discursivas. É por isso que este estudo sobre ideologia e linguagem sexista tende a sair do sexismo manifesto e explícito – aquele que diz “Lugar de mulher é no fogão”⁶², circunscrevendo atitudes tipificadas como estritamente femininas –, inserindo-se em contextos de análises de práticas languageiras em que o sexismo é implícito, incorrido de forma mais sutil.

Desse modo, pleiteando uma leitura da nomenclatura popular para órgãos sexuais como um tipo de linguagem sexista (daí o elo entre os pontos de generalização e de particularização), deve-se levar em conta o efeito que o sexismo implícito produz em âmbito sociodiscursivo. É o caso, por exemplo, da nomenclatura popular e metafórica para órgãos sexuais femininos que, ao serem lidos ou proferidos, despertam o riso de forma preliminar à reflexão, que só vem posteriormente (e quando vem).

Bergson (1978) adverte quanto ao fenômeno da risibilidade: a insensibilidade está atrelada ao riso. Segundo o autor, é possível rir de quem se sente piedade, da mesma forma que é possível rir de quem se tem afeição. Basta, momentaneamente, esquecer-se da afetividade ou silenciar a piedade sentida. Para Minous (2003, s/p), o riso é

[a]lternadamente agressivo, sarcástico, escarnecedor, amigável, sardônico, angélico, tomando as formas da ironia, do humor, do burlesco, do grotesco, ele é multiforme, ambivalente, ambíguo. Pode expressar tanto a alegria pura quanto o triunfo maldoso, o orgulho ou a simpatia.

⁶¹ Texto em língua estrangeira: Thus, language is neither simply a reflection of or vehicle for social values, nor solely a catalyst for social change, but because of its role in the construction of identity and roles for both individuals and groups within society, it should be seen as a resource which informs the way that people think about their positions in society.

⁶² Disponível em: <https://blogdochicopereira.com/web/lugar-de-mulher-e-no-fogao/>. Acesso em: 11 set. 2022.

Considerando que o riso se manifesta por meio de um efeito da comicidade, Nélo (2011, p. 14) afirma que “o humor pode ser visto, também, na interação social pela alegria/tristeza, bondade/maldade, inteligência/tolice, ironia/sinceridade, riso/choro”. Essas possibilidades dicotômicas evidenciam a complexidade de se demarcar os limites do humor. Ele transita por diferentes matizes psicológicas, estando o próprio conceito inserido em diferentes contextos teóricos, históricos e sociais (cf. MINOUS, 2003).

Não há consenso sobre o conceito exato de riso, o que o desencadeia e o que o permite sua manifestação, a não ser quando se trata das reações orgânicas que o riso impulsiona, tal como determina Silva (2010, p. 211): é um “estímulo desencadeador do reflexo motor, fruto da contração coordenada de 15 músculos faciais”. A fisiologia do riso, em caráter integrador aos efeitos psicológicos de sua exterioridade, é o que faz dele uma característica inata aos seres, manifestando expressões faciais típicas desde a tenra idade.

O riso é, portanto, um fenômeno dissemelhantemente universal. Universal porque pode ser observado em toda e qualquer cultura, e dissemelhante porque cada cultura irá variar quanto às filiações humorísticas às quais ele se vincula. Eis o contraponto que se deve fazer entre o riso, a ideologia e a linguagem sexista: a ideologia é o cerne das preocupações relacionadas ao riso. Dessa forma, tanto para o bem quanto para o mal, o riso tem forte atrelamento à discursividade que se produz, estando ele relacionado ao bom e inofensivo humor ou estando ele relacionado ao escárnio.

Uma das ponderações mais salientes nos estudos linguísticos sobre jociedade recai no famigerado ‘duplo sentido’, conhecido vulgarmente como uma forma de se veicular trocadilhos e suscitar o humor, a quebra de expectativa, o riso. Do ponto de vista cognitivista, considera-se que os enunciados que suscitam o riso são flexíveis em termos de interpretação, podendo ser estudados a partir da observação de uma gama de possibilidades de recursos cognitivos disponíveis. Uma dessas possibilidades para a manifestação do riso é a perspectiva de mudança de *frame*, proposta por Coulson (1998, 2001), e Coulson e Kutas, (2001), em que há um rearranjo de *frames* para a conceptualização do significado.

Coulson e Kutas (2001), em pesquisa com análises interpretativas de piadas, observaram que a compreensão dos textos humorísticos se realiza, entre outros processamentos cognitivos, por meio de duas etapas primordiais: o estabelecimento de uma surpresa por parte dos leitores/ouvintes, seguindo do reestabelecimento da coerência. Para tanto, o processamento de *frames* torna-se crucial na conceptualização de narrativas jocosas,

uma vez que há “informações causais e relacionais” (COULSON; 2001, p. 34)⁶³ intrínsecas aos *frames*, que são organizados de maneira hierárquica e recursiva na representação do conhecimento.

Embora o escopo desta tese não seja o gênero piada, especificamente, as listas com nomes para órgãos sexuais situam-se em *sites* de humor, evidenciando que os dados foram veiculados para serem objetos de jocosidade. Desse modo, o *corpus* desta pesquisa insere-se no quadro teórico e metodológico de análises de dados humorísticos, os quais suscitam, de maneira simultânea, a risibilidade e a reflexão, ainda que esse momento reflexivo venha circunscrito no tempo e no espaço por parte de pessoas interessadas em uma mudança na linguagem. É aí onde se situa a tensão, pois uma reforma linguística requer que, antes, seja feita uma reforma conceptual, estabelecendo novas organizações de pensamento e de estruturas estáveis do conhecimento.

Dito isso, pode-se dizer que as operacionalidades da cognição estabelecem uma estreita relação entre a ideologia, a linguagem sexista e o riso no que tange à nomenclatura popular para órgãos sexuais. Entre outros recursos cognitivos, tem-se a metáfora conceptual, que é estanciada por ideologia, evidenciando pistas de uma cognição corporificada coletiva. Quanto mais arraigados forem os padrões metafóricos de pensamento, mais naturalizados em âmbito social eles serão além de serem mais difíceis de se identificar, sem uma análise em nível da consciência, os efeitos discursivos das expressões linguísticas com preconceito arraigado.

A naturalização discursiva e a sua dispersão social despertam o riso pelo acionamento de um *frame* que não é habitual e que ocasiona quebra de expectativa da conceptualização. O incomum suscita o riso, e o riso traz em si os aspectos ideológicos de uma linguagem sexista naturalizada em uma cultura que maximiza os valores relacionados ao homem. Reformulando a epígrafe desta seção, de Minois (2003), o riso é não apenas para os cômicos, como também é para os linguistas cognitivistas. Ele é um caso muito sério para que não seja deixado ao encargo dos estudos da cognição humana. Uma reanálise de metáforas conceptuais para órgãos sexuais torna-se, portanto, essencial!

⁶³ Termo em língua estrangeira: causal and relational information.

4. QUADRO TEÓRICO-METODOLÓGICO

As subseções posteriores são uma extensão do arcabouço teórico desta pesquisa, uma vez que buscam descrever os aspectos teórico-metodológicos da análise dos dados. Para tanto, interpelo as considerações teóricas da metodologia e da análise de *corpus* (seção 4.1); e abordo as considerações práticas de seleção, organização e constituição do *corpus* de análise, além de justificar as categorizações, gerais e específicas, realizadas para a composição do *corpus* de análise desta tese (seção 4.2).

Dito isso, passa-se às considerações teóricas do método adotado nesta pesquisa.

4.1 Considerações teóricas sobre o método

Uma das preocupações mais proeminentes dos pesquisadores cognitivistas diz respeito às diretrizes metodológicas que norteiam os estudos em Linguística Cognitiva. A diligência em uma metodologia que seja bem-articulada em suas assunções é não apenas relevante, como também é capaz de promover uma forma de investigação de dados linguísticos que reflitam o uso, a experiência e os fatos cotidianos da vida de falantes. Desse modo, a formação de um *corpus* deve refletir a linguagem em seus diferentes “formatos e tamanhos” (MITTELBERG; FARMER; WAUGH, 2007, p. 19), cabendo aos procedimentos metodológicos a função de organização, de adaptação e de disposição das muitas configurações em que se manifestam a linguagem.

Dito isso, é preciso descrever o *corpus* inicial desta pesquisa, o qual é composto por 4.672 dados linguísticos, contabilizando, aproximadamente, 3.740 nomes para a vulva e 930 nomes para o pênis. Esses dados foram extraídos do *site Desciclopédia*⁶⁴, de conteúdo livre e humorístico, que disponibiliza artigos em uma coletânea de hiperlinks cuja característica comum e predominante é o uso do prefixo ‘des-’ em seus títulos (Descionário, Deslistas – sendo este último o suporte digital⁶⁵ que agrupa os dados linguísticos desta tese –, Desnotícias, Desentrevistas, Despoesias, Deslivros *etc.*). O uso desse prefixo sinaliza uma

⁶⁴ https://desciclopedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal.

⁶⁵ O conceito de “Suporte Digital” adotado nesta pesquisa está em consonância com o conceito cunhado por LEITE (2017), o qual prevê uma estrutura física (*hardware*) atrelada à composição virtual (*software*).

reversão (cf. BONA; RIBEIRO, 2018), de forma satírica, à proposta enciclopédica da página Wikipédia (ver seção 4.2).

Pensando em um *corpus* inicial de 4.672 nomes, o ‘tamanho’ tende a ser um fator preponderante quando se considera a sua extensão. É um *corpus* grande – eu diria que ele é não apenas grande, é também profundo, e de uma força penosa sobre o que ele orienta, como veremos na análise dos dados. E, quanto ao formato, o *corpus* apresenta-se como desigual em seus moldes e em sua estrutura distributiva, já apontando para um dado factual de análise: há uma preocupação quatro vezes maior em se nomear a vulva.

A primeira consideração a se fazer sobre um rol extenso de nomes, tal como se caracteriza o *corpus* de análise desta pesquisa, é que os dados nele inscritos se referem a dados, *a priori*, *off-line*. Isto é, aludem a representações linguísticas estáveis, baseando-se em domínios, *frames*, MCIs, esquemas imagéticos e metáforas e metonímias conceptuais igualmente estáveis, não estando, portanto, relacionadas a um evento discursivo espontâneo. No entanto, os nomes estão vinculados a uma forma de linguagem sexista, relacionada a discursos sexistas predecessores em uma comunidade linguística patriarcal, como é o caso da cultura brasileira. O discurso, como salienta Vereza (2013, p. 4) é “organizador e estruturador da experiência do ponto de vista sociocognitivo” (VEREZA, 2013, p. 4), e é ele que fundamenta o surgimento de uma nomenclatura discriminatória baseada na diferenciação de gêneros.

Deve-se ressaltar que o termo ‘gênero’, em consonância com Francisco *et al.* (2020, p. 49), mantém relação com o sexo biológico, “nomeando-se de gênero feminino e gênero masculino. Adiciona-se ainda ao termo ‘gênero’ o sentido de que esse é o que diferencia socialmente o ser humano, construído de acordo com suas relações e sofrendo influência de aspectos histórico-culturais”. É nesse viés que o estudo metafórico sobre nomes populares para órgãos sexuais pode ser útil para demonstrar como se desenrolam essas relações culturalmente estabelecidas e subjacentes à comicidade proveniente de designações ditas engraçadas.

Além disso, o *corpus* concerne a listas de nomes para órgãos sexuais, disponibilizadas na internet, sendo acessíveis a qualquer momento. Há registros on-line, escritos e orais, da nomenclatura popular para órgãos sexuais, e muitos dos nomes ali elencados são utilizados por falantes reais em eventos discursivos desde a tenra idade, como é o caso de nomeações como “pinto” e “perereca”, as quais são, culturalmente, utilizadas de forma eufemística com crianças. Há, inclusive, produção de sentidos e motivações socioculturais para o catálogo de

nomes, embora o alto quantitativo de designações cause a impressão de estranheza e o possível questionamento da gênese desse repertório linguístico.

De fato, não se sabe a origem das listas, não há autoria explícita, uma vez que o *site* que veicula tais nomes é constituído por colaboração coletiva (ver item 4.2). O que se sabe é que elas existem! E circulam em âmbito social! Além disso, os nomes abarcados nessa nomenclatura são utilizados em diversos *sites* de diferentes naturezas que se prestam a indicar outras formas de se nomear partes erógenas do corpo humano. Há fortes indicativos de regularidade e de replicação, fato este que legitima uma análise de dados, ainda que apresentados em formato de listas. Assim, por existirem e por serem propagadas, as listas passam a figurar um evento de uso linguístico de base interativa e social (EVANS, 2019), em que a continuidade e a reprodução apontam para uma filiação a cenas estáveis da experiência. De acordo com Langacker (2001, p. 143)⁶⁶,

[a]s unidades linguísticas são abstraídas de eventos de uso, retendo como parte de seu valor qualquer faceta recorrente do contexto interativo e discursivo. As estruturas linguísticas, portanto, incorporam as expectativas do discurso e são interpretáveis como instruções para modificar o estado atual do discurso.

O discurso, portanto, se constitui em estreita relação com os processamentos cognitivos e com a estrutura conceitual do falante. Situa-se em eventos de uso, a partir dos quais as unidades linguísticas passam a ter sentido. Embora se considere, nesta análise, que as listas de nomes para órgãos sexuais não estejam situadas em âmbito discursivo e espontâneo, advoga-se que os variados discursos, enquanto práticas sociais de cunho patriarcal – circulantes em sociedades que assumem padrões sexistas, como é o caso da cultura brasileira – precedem as designações populares para órgãos sexuais, servindo-lhes de alicerce para a produção, a conceptualização e a reprodução das designações populares para a vulva e o pênis.

Com base nesses discursos predecessores, há uma expectativa expressa nos dados linguísticos. O riso é uma delas, especialmente quando se faz a leitura de nomes para o órgão sexual feminino. Por conta disso, é imprescindível pontuar a linguagem sexista expressa na nomenclatura popular para órgãos sexuais, ao se identificar os modelos cognitivos estáveis – tais como *frames*, metáforas conceptuais, MCIs e domínios –, que subjazem a essa

⁶⁶ Texto em língua estrangeira: Linguistic units are abstracted from usage events, retaining as part of their value any recurring facet of the interactive and discourse context. Linguistic structures thus incorporate discourse expectations and are interpretable as instructions to modify the current discourse state.

nomenclatura popular e figurativa para a vulva e o pênis e que evidenciam a percepção corpórea e experienciada sobre mulheres e homens a partir da nomeação de seus órgãos sexuais.

O que se pretende definir aqui é que, embora seja um *corpus* constituído em formato de lista, os dados não se referem a invenções, a intuições, a exemplos criados ou a dados não sistemáticos. Trata-se de usos, de profusões e de dados da experiência, já que há um forte atrelamento ao riso – embora seja algo posteriormente questionado. Em suma, há evidências de caráter empírico nas replicações dos dados em uma gama diversa de sítios da internet, com manifestações tanto escritas quanto orais. Isto é, os dados existem, circulam e incitam experiências pelo que representam socialmente.

Assim, o ‘tamanho’ e o ‘formato’ do *corpus*, já mencionados, demandam uma metodologia que torne viável a explicação dessa versatilidade dos dados linguísticos, em que seja possível desvendar o contexto discursivo e sociocultural em que as metáforas (linguísticas e conceituais) se inserem. Eis o grande trunfo desta análise: (i) apontar as regularidades metafóricas em um vasto repertório linguístico de nomes para órgãos sexuais; e (ii) relacionar as metáforas de cunho sexista para órgãos sexuais à cultura, às práticas e representações sociais de gênero e ao riso, os quais permeiam o inconsciente coletivo da população brasileira.

Para que isso seja possível, esta análise baseia-se no paradigma interpretativista, segundo o qual não há dissociação possível entre as práticas da sociedade e significados oriundos dessas práticas (BORTONI-RICARDO, 2008). Além disso, como salienta Oliveira (2018, s/p), “o paradigma interpretativista busca entender o mundo pelo ponto de vista dos atores, em um nível de experiência subjetiva”. Isto é, considera-se a capacidade avaliativa dos pesquisadores envolvidos, ponderando que a leitura dos dados vem do conhecimento próprio dos cientistas interpretativistas, bem como de suas experiências e expertise teórico-metodológicas com a manipulação dos dados. Não se trata, porém, de uma interpretação livre, e sim uma compreensão baseada em pressupostos conceituais, hipotéticos e metodológicos bem-articulados.

Os paradigmas são, segundo Saccol (2009), visões de mundo, não são objetivamente os métodos em si. Além disso, segundo a autora, “a ontologia interpretativista é de interação sujeito-objeto” (SACCOL, 2009, p. 262), ratificando uma interação intersubjetiva previamente assumida entre o objeto de análise e o entendimento dos seres humanos sobre esse objeto estudado. Isso implica dizer que pesquisas fundamentadas no paradigma interpretativista não assumem uma pretensa neutralidade nas posições assumidas. Pelo

contrário! Há crenças, inclinações e preceitos envolvidos no processo investigativo, os quais incidem na observação dos dados.

Tais premissas do paradigma interpretativo permitem afirmar que há uma relação intrínseca entre esta “instância filosófica” (SACCOL, 2009, p. 253) com as pesquisas qualitativas. Entretanto, não há impedimento quanto ao uso da abordagem quantitativa de modo a auxiliar um estudo eminentemente qualitativo. O estudo quali-quantitativo (KNECHTEL, 2014), como é o caso desta análise, admite os dois modos de se empreender pesquisas científicas, unificando o caráter semântico da abordagem qualitativa e o aspecto quantificável legitimado pelo enfoque quantitativo. Nos termos de Creswell (2007, p. 2011), os “procedimentos de métodos mistos”, respondem às necessidades de integração de dados quantitativos e qualitativos em uma única análise.

Assim, paralelamente à pesquisa interpretativista (SACCOL, 2009) e de cunho quali-quantitativo (KNECHTEL, 2014), esta análise caracteriza-se como uma pesquisa explicativa, uma vez que visa à explicação desse universo de nomenclatura popular para órgãos sexuais “por meio do registro, da análise, da classificação e da interpretação dos fenômenos observados” (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 53). Além disso, objetiva-se aprofundar o conhecimento daquilo que se observa, fato este que, segundo Gil (1987, p. 46), “explica a razão, o porquê das coisas”.

Quanto ao método, proponho uma pesquisa baseada em *corpus* (cf. MITTELBERG; FARMER; WAUGH, 2007), cuja premissa básica é identificar, por meio de dados compilados, as principais características evidenciadas em uma dada amostra. A definição de *corpus*, nesse sentido, diz respeito a “um banco de dados de enunciados linguísticos concretos, sejam eles falados, escritos, gesticulados ou sinalizados” (MITTELBERG; FARMER; WAUGH, 2007, p. 20)⁶⁷. Considera-se, ainda, para fins de análise, que um *corpus* se configura como “uma composição de discursos” (MITTELBERG; FARMER; WAUGH, 2007, p. 20)⁶⁸, aceção que atende à proposta deste estudo, uma vez que o interesse basilar desta pesquisa é discutir os efeitos de sentido subjacentes às metáforas para órgãos sexuais a partir de evidências constituídas de um *corpus* de análise específico.

Além da pesquisa baseada em *corpus* (MITTELBERG; FARMER; WAUGH, 2007), esta análise se apoia na Abordagem Lexical, proposta por Kövecses (2019), segundo a qual cientistas da linguagem “pesquisam vários itens lexicais ou outros tipos de informação que

⁶⁷ Texto em língua estrangeira: a database of concrete linguistic utterances, be they spoken, written, gestured, or signed.

⁶⁸ Texto em língua estrangeira: *corpus* is simply a composition of discourses.

são relacionados a um tópico geral, ou um conceito, sob investigação” (KÖVECSES, 2019, p. 3)⁶⁹, utilizando-se, para tanto, de dicionários, preferencialmente aqueles que disponibilizem o uso das expressões linguísticas e cotidianas das palavras, como fontes de informação. O uso de dicionários, segundo Kövecses (2019), é essencial para pesquisas que visem à identificação de metáforas, tal como se propõe no “Procedimento de Identificação de Metáfora”⁷⁰, trabalhado pelo grupo Pragglejaz (cf. STEEN *et al.* 2007).

Desse modo, os dicionários selecionados para esta pesquisa deveriam estar em consonância com um dos princípios centrais dos estudos cognitivistas, o qual prediz que o significado das palavras é enciclopédico (cf. GEERAERTS, 2006; EVANS; GREEN, 2006; CROFT; CRUSE, 2004). Isto é, o conhecimento de mundo – que abrange qualquer tipo de conhecimento – é componente do processo de significação. Nas palavras de Geeraerts (2006, p. 270)⁷¹, “tudo o que você sabe sobre o conceito é parte do seu significado”, incluindo-se o conhecimento do senso comum e o conhecimento contextual (GEERAERTS, 2006).

Ressalta-se que embora a LC faça uma distinção entre o significado dicionarizado e o significado enciclopédico, o uso de dicionários, nesta pesquisa, serviu como um direcionamento para a identificação de metáforas, uma vez que o objetivo de sua utilização se pautou na observação dessa rede dinâmica de conhecimentos em que um conceito se fundamenta, a saber, na multiplicidade de significações possíveis para um determinado item lexical. Tal recurso, portanto, não exerceu a função de delimitar significados. Em caminho reverso, os dicionários on-line favoreceram o estudo minucioso das potencialidades dos usos linguísticos de uma nomenclatura popular para órgãos sexuais.

Desse modo, os dicionários utilizados foram o ‘Dicionário Informal’⁷², o ‘Dicio’⁷³ e o ‘Dicionário Priberam’⁷⁴. Embora os dicionários selecionados tenham perfis diferentes quanto à difusão dos significados das palavras, todos evidenciam os usos mais frequentes dos itens lexicais como formas de exemplificação da língua em uso. O ‘Dicionário Informal’, por exemplo, expõe os significados das palavras a partir da contribuição coletiva por parte de seus usuários, incluindo-se palavrões e expressões consideradas socialmente de baixo calão. O

⁶⁹ Texto em língua estrangeira: searches for various lexical items or other types of information that are related to the general topic, or concept, under investigation [...].

⁷⁰ Texto em língua estrangeira: Metaphor Identification Procedure (MIP), cf. STEEN *et al.*, 2007.

⁷¹ Texto em língua estrangeira: [...] everything you know about the concept is part of its meaning.

⁷² Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>. Acesso em 17/04/2023.

⁷³ Disponível em: <https://www.dicio.com.br/> Acesso em 17/04/2023.

⁷⁴ Disponível em: Dicionário Priberam Online de Português Contemporâneo/ Acesso em 17/04/2023.

dicionário contemporâneo ‘Dicio’ disponibiliza amostras linguísticas escritas e autênticas publicizadas no meio jornalístico, em que se incluem as palavras restritas socialmente por meio do tabu. Já o dicionário ‘Priberam’, com uma proposta de apresentação do português europeu e o português do Brasil, conta com a participação de linguistas especializados e com a colaboração de seus usuários para a veiculação de significados circulantes em meio social, assegurando a confiabilidade dos dados ali contidos.

Em síntese, o uso de dicionário para auxiliar na identificação de metáforas possibilitou a organização e a categorização das informações a partir de grupos temáticos, baseando-se nos domínios-fonte. Isto é, ao se identificar a regularidade de domínio-fonte, os nomes passaram a figurar categorias (ver item 4.2), de modo a conceber dois *corpora* para análise linguística: categorias por domínio-fonte de nomes para pênis e categorias por domínio-fonte de nomes para a vulva (ver Apêndices A e B). Essa disposição dos nomes, organizados por categorias viabilizou a composição do compilado de dados para a análise deste estudo.

No caso desta pesquisa, como já mencionado no início desta seção, o *corpus* de análise se significa, isto é, ele se constitui de significação, por seu “formato” e por seu “tamanho”, tal como Mittelberg, Farmer e Waugh (2007, p. 19) caracterizaram a linguagem, sinalizando a necessidade de instituir uma metodologia que consiga se adequar a essa versatilidade linguística. E por refletir a linguagem e os seus efeitos a partir da conceptualização, o *corpus* também reverbera dados linguísticos autênticos, empíricos, culturalmente situados e baseados no uso e na experiência.

Em consonância com o que foi dito até aqui, na seção posterior, exponho a seleção e a organização do *corpus* que, em virtude de seu tamanho extenso, de seu formato distributivo desigual e de seus impactos de significação, originou este trabalho em escopo de tese.

4.2 Considerações práticas do método

Em função da profusão de *sites* que veiculam títulos com informações concernentes a nomes para órgão sexuais, tanto para a vulva quanto para o pênis, foram definidas, para a composição do *corpus* inicial deste estudo⁷⁵, as listas do *site* Desciclopedia. À guisa de

⁷⁵ O *corpus* inicial não é o *corpus* de análise dos dados, pois nem todos os nomes foram analisados. O *corpus* de análise dos dados sucedeu das listas do *site* Desciclopédia, após a seleção e categorização dos nomes para vulva

explicação, *Desciclopedia* é um *website* de conteúdo humorístico que satiriza, em forma de paródia, a enciclopédia livre e on-line do *website Wikipédia*. O compilado de edições satíricas sobre diversos temas da sociedade é redigido por meio de cooperação coletiva, em que qualquer pessoa pode escrever e editar as informações inseridas. Embora a proveniência de seu material aparente ser duvidosa, em virtude do caráter chistoso e colaborativo que o constitui, há regras para que a publicação circule virtualmente, conforme é veiculado em sua página de abertura:

Todas as nossas regras e políticas convergem para um só princípio: ser engraçado e não apenas idiota. É um princípio amoral, mas que implica numa ética subjacente. Significa que, no âmbito da Desciclopédia, só podem ter procedência as críticas que se refiram à qualidade divertida de um artigo (DESCICLOPÉDIA, s/d).

Duas motivações foram cruciais na escolha do referido portal eletrônico para a composição do *corpus* inicial deste estudo. A primeira delas concerne ao contexto do referido sítio eletrônico, uma vez que a página, por si só, já indica aos leitores que todo o seu conteúdo é veiculado de forma burlesca. Isto é, o *frame* de HUMOR é acionado antes mesmo da leitura dos dados ali contidos, pois os leitores já antevêm que o seu conteúdo é relacionado a um tipo de humor sarcástico.

A segunda razão para a escolha dessa página da internet, em detrimento de outros sítios eletrônicos, deu-se em função do seu quantitativo superior a maioria dos *sites* que se dispunham a qualificar e quantificar os nomes para os órgãos sexuais. São aproximadamente 4.672 nomes⁷⁶ divididos da seguinte forma: 3.742 nomes para a vulva e 930 nomes para o pênis. Outros sítios da internet costumam divulgar aproximadamente 100 nomes por cada órgão. Além disso, todos os nomes catalogados, em ambas as listas, organizam-se em ordem alfabética, como é possível observar nas Figuras 3 e 4, a seguir:

e pênis. Os dados do *corpus* inicial são organizados por ordem alfabética. Já o *corpus* de análise organiza-se por categoria conceptual.

⁷⁶ Disponível em: (i) https://desciclopedia.org/wiki/Deslistas:Nomes_populares_para_a_vagina.

(2) https://desciclopedia.org/wiki/Lista_de_nomes_populares_para_p%C3%AAnis. Acesso em: 03/02/2022.

Figura 2- nomes populares para a vulva

A

- A Alegria
- A Ana Maria
- A Casa de Todos os Pênis
- A Casa de Todos os Pintos
- A Dois Dedos do Cu
- A Mais Pedida
- A Própria
- Abacurel
- Aba-de-Estrelas
- Abafador de Microfone
- Abalo Sísmico
- Abará
- Abaxeira
- ABCeta
- Abençoada
- Abenzadeus
- Abigail
- Abocanha-Caralho
- Abracadabra
- Abraçadeira
- Abraçando Meu Picachu
- Abre caricas

Fonte: *Site Desciclopedia*, 2022.

Figura 3- nomes populares para o pênis

A [editar]

- Anão
- Anaconda 2 (Maior, mais forte, dura 1h e 37 minutos)
- albuquerquezinha
- atrasabosta
- abre-alas
- abre latas
- abridor de montanha
- arnaldo
- aderaldo
- afrouxa-pregas
- alavanca-de-arquimedes
- Aniquilador estelar
- alegria-das-meninas
- alexandre, o grande
- alferes (ver soldado)
- alisa-que-cresce
- alto
- alberto
- amigo
- amigão
- amiguinho
- apito

Fonte: *Site Desciclopedia*, 2022.

Em função desse tamanho extenso, foi preciso organizar o rol de nomes, de modo a sistematizar os dados conforme as características que estes tinham em comum. Esse ponto de semelhança entre os dados ocorreu a partir da identificação de domínios-fonte compartilhados entre as nomeações, as quais delineavam uma categoria específica. Assim, as categorizações sucederam do reconhecimento de estruturantes metafóricos do domínio-fonte.

O Quadro 6 exemplifica a formação das categorias por meio da observação de domínios-fonte e, conseqüentemente, a identificação da metáfora conceptual subjacente.

Quadro 6- identificação de domínios-fonte e de metáforas conceptuais

NOME DO ÓRGÃO	METÁFORA LINGÜÍSTICA	DOMÍNIO-FONTE	METÁFORA CONCEPTUAL
VULVA	Aranha Barata Cadela Besouro	ANIMAL	VULVA É ANIMAL
PÊNIS	Chibata Chicote-de-barriga Peia Relho	AÇOITE	PÊNIS É AÇOITE

Fonte: A autora, 2023.

A identificação preliminar dos domínios-fonte e, conseqüentemente, das metáforas conceptuais a partir das categorizações das expressões linguísticas viabilizou a observação sistemática do quantitativo aproximado de 4.672 nomes, distribuídos da seguinte forma na Tabela 1:

Tabela 1- distribuição dos dados linguísticos

NOME DO ÓRGÃO SEXUAL	QUANTITATIVO DE EXPRESSÕES LINGÜÍSTICAS	QUANTITATIVO DE CATEGORIAS ORIGINÁRIAS DE MET. CONCEPTUAIS	QUANTITATIVO DE CATEGORIAS FORA DO ESCOPO ANALÍTICO DA TESE
VULVA	3742	183*	23
PÊNIS	930	113*	9
* Não foram contabilizadas as categorias intituladas como 'Sem definição'.			

Fonte: A autora, 2023.

Algumas exclusões de dados do escopo de análise ocorreram após as categorizações das metáforas conceptuais, isto é, mesmo tendo sido categorizadas por meio da identificação dos domínios-fonte, alguns dados foram excluídos por caracterizarem (i) nomes próprios de pessoas, incluindo-se nomes de batismo, sobrenomes e nomes de figuras públicas; (ii) palavras desconhecidas, sem definição ou não dicionarizadas, compreendendo termos de

difusa exatidão em seus sentidos e usos linguísticos; (iii) termos em outras línguas, por fugirem do propósito desta tese, que é analisar a nomenclatura popular metonímico e metafórica de palavras da Língua Portuguesa; (iv) onomatopeias, por não figurarem relação semântica com o rol de nomes para órgãos sexuais; (v) designações anatômicas ou convencionalizadas, configurando-se em terminologias técnicas, não caracterizadas por metáforas; e (vi) nomes formados por mesclas conceptuais (FAUCONNIER; TURNER, 2002) em sua forma linguística, por demandarem outro arcabouço teórico para análise de dados⁷⁷.

Convém ressaltar que a exclusão da nomenclatura técnica e das nomeações adotadas por convenção se justifica pelo propósito deste estudo, que é analisar os nomes populares, metonímicos e metafóricos, para órgãos sexuais, não incluindo, portanto, o vocabulário específico das referidas partes erógenas do corpo humano. Assim, nomes como “vulva”, “vagina”, “pênis”, “falo” *etc.*, caracterizados como nomes convencionalizados anatômicos, e “pepeca”, “chavasca”, “bilau”, “jeba” *etc.*, tipificados como uma nomenclatura convencionalizada não terminológica, foram excluídos do *corpus* para análise de dados.

A Tabela 2 sintetiza o quantitativo de metáforas conceptuais definidas por meio das categorizações via identificação de domínio-fonte, além de apresentar o total de amostras linguísticas abarcado pelos padrões conceptuais metafóricos. Dessa forma, foi possível observar a regularidade das manifestações linguísticas para nomeação de órgãos sexuais, as quais são abrangidas pelas metáforas conceptuais subjacentes.

Tabela 2- quantitativo geral de amostras

METÁFORAS CONCEPTUAIS VULVA		AMOSTRAS LING.	METÁFORAS CONCEPTUAIS PÊNIS		AMOSTRAS LING.
1.	VULVA É ALIMENTO	232	1.	PÊNIS É AÇOITE	4
2.	VULVA É ALMEJO	11	2.	PÊNIS É ALIMENTO	40
3.	VULVA É ALVO	3	3.	PÊNIS É ANIMAL	50
4.	VULVA É AMORTICE	2	4.	PÊNIS É ANJO	1
5.	VULVA É ANIMAL	117	5.	PÊNIS É APARÊNCIA FÍSICA	2
6.	VULVA É APARÊNCIA FÍSICA	20	6.	PÊNIS É ARTEFATO MILITAR	5
7.	VULVA É AQUOSIDADE	24	7.	PÊNIS É ATO SEXUAL ATIVO	55
8.	VULVA É ÁREA DA BOCA	90	8.	PÊNIS É ATO SEXUAL PASSIVO	4
9.	VULVA É ARMADILHA	5	9.	PÊNIS É ATOR CÔMICO	1
10.	VULVA É AROMA	14	10.	PÊNIS É BEBÊ	1
11.	VULVA É ARTEFATO REDONDO/CURVO	91	11.	PÊNIS É BEBIDA	9

⁷⁷ São exemplos de expressões de mesclas formais: “afroxasseta”, “chupica”, “Jacinto cabeção” (nomes para pênis) e “ABCeta”, “Cugina” e “Jacinto Leite Aquino Rego” (nomes para a vulva). Os dados podem ser explicados a partir da Teoria da Integração Conceptual, engendrada por Fauconnier e Turner (2002). Por uma questão de delimitação teórica e em função do alto quantitativo de dados, optou-se por não abordar tal teoria nesta tese, embora se reconheça o papel da mesclagem em metáforas conceptuais.

12. VULVA É ASSEMBLEIA	1	12. PÊNIS É BEIJO	1
13. VULVA É ATIVIDADE ECONÔMICA/COMERCIAL	11	13. PÊNIS É BRINCADEIRA	2
14. VULVA É ATO SEXUAL ATIVO	283	14. PÊNIS É BRINQUEDO	5
15. VULVA É ATO SEXUAL PASSIVO	54	15. PÊNIS É CALVÍCIE	3
16. VULVA É ATRIZ CÔMICA	2	16. PÊNIS É CANNABIS	1
17. VULVA É AUSÊNCIA DE PELOS	1	17. PÊNIS É CHAMARIZ	1
18. VULVA É AUTOMÓVEL	7	18. PÊNIS É COGUMELO	2
19. VULVA É AUTORIDADE	1	19. PÊNIS É COISA	6
20. VULVA É BACTÉRIA	1	20. PÊNIS É COISA/ARTEFATO GRANDE	2
21. VULVA É BAGUNÇA	1	21. PÊNIS É COISA/ARTEFATO PEQUENO	3
22. VULVA É BANDA MUSICAL*	1	22. PÊNIS É COISA/ARTEFATO RIJO	6
23. VULVA É BANDIDA	1	23. PÊNIS É COISA/ARTEFATO SEM VALOR	3
24. VULVA É BEBIDA	16	24. PÊNIS É COISA SUJA	2
25. VULVA É BRINDE	3	25. PÊNIS É COMEMORAÇÃO	1
26. VULVA É BRINQUEDO	14	26. PÊNIS É COMISSÃO INTERNA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES*	1
27. VULVA É CARDÁPIO	1	27. PÊNIS É COMPRIMENTO	2
28. VULVA É CARTA GEOGRÁFICA	3	28. PÊNIS É CONSISTÊNCIA	2
29. VULVA É CASTIDADE	5	29. PÊNIS É CONSOLO	2
30. VULVA É CAVIDADE	90	30. PÊNIS É CORPO	1
31. VULVA É CIRCUNSTÂNCIA	1	31. PÊNIS É CRIANÇA	1
32. VULVA É COISA	16	32. PÊNIS É CRIATURA SIMBÓLICA	2
33. VULVA É COISA SUJA	6	33. PÊNIS É DOENÇA	2
34. VULVA É COISA/ARTEFATO GRANDE	11	34. PÊNIS É ELEMENTO QUÍMICO	1
35. VULVA É COISA/ARTEFATO PEQUENO	6	35. PÊNIS É ESCOADOR DE LÍQUIDO	3
36. VULVA É COISA/ARTEFATO RÍGIDO	1	36. PÊNIS É ESTADO DE ESPÍRITO	25
37. VULVA É COISA/ARTEFATO SEM VALOR	8	37. PÊNIS É ESTANDARTE	2
38. VULVA É COLETIVIDADE	1	38. PÊNIS É EUFEMISMO	2
39. VULVA É COMBOIO	6	39. PÊNIS É EXCREMENTO	2
40. VULVA É COMPONENTE ELETRÔNICO	1	40. PÊNIS É EXPLORADOR	1
41. VULVA É COMPROVATIVO DE COMPRAS	1	41. PÊNIS É EXPRESSÃO DE DUPLO SENTIDO	22
42. VULVA É CONDUTO	25	42. PÊNIS É EXPRESSÃO DE NEGAÇÃO	1
43. VULVA É CONHECIDA	1	43. PÊNIS É EXTREMIDADE PONTIAGUDA	1
44. VULVA É CONJUNTO DE BENS	1	44. PÊNIS É FAGULHA	1
45. VULVA É CONSISTÊNCIA	5	45. PÊNIS É FATIA	1
46. VULVA É COR	4	46. PÊNIS É FERRAMENTA	23
47. VULVA É COTAÇÃO	1	47. PÊNIS É FIGURA MASCULINA*	39
48. VULVA É CRIATURA SIMBÓLICA	5	48. PÊNIS É FLATULÊNCIA	1
49. VULVA É DEGUSTAÇÃO	1	49. PÊNIS É FORMATO REDONDO	6
50. VULVA É DELEITE	5	50. PÊNIS É FRASE*	11
51. VULVA É DEPÓSITO	8	51. PÊNIS É FURÚNCULO	1
52. VULVA É DIVINDADE	1	52. PÊNIS É GRUPO ÉTNICO	1
53. VULVA É DOENÇA	2	53. PÊNIS É HERESIA	1
54. VULVA É DÚVIDA*	1	54. PÊNIS É PÊNIS É HISTERISMO	1
55. VULVA É ELEMENTO FÍSICO	2	55. PÊNIS É IMIGRANTE	1
56. VULVA É ELEMENTO QUÍMICO	8	56. PÊNIS É IMPOTÊNCIA	1
57. VULVA É EMBARCAÇÃO	5	57. PÊNIS É INCENTIVO	1
58. VULVA É ENTORPECENTE	1	58. PÊNIS É INCLINAÇÃO	1
59. VULVA É ENTRETENIMENTO	1	59. PÊNIS É INSTRUMENTO	4
60. VULVA É ESBOÇO	1	60. PÊNIS É INSTRUMENTO MUSICAL	1
61. VULVA É ESTAÇÃO DO ANO	1	61. PÊNIS É INSTRUMENTO OFENSIVO/DEFENSIVO	17
62. VULVA É ESTADO DE ESPÍRITO	106	62. PÊNIS É INSTRUMENTO PARA ABRIR/FECHAR	2
63. VULVA É ESTILO MUSICAL	4	63. PÊNIS É INVERTEBRADO	1
64. VULVA É EUFEMISMO	7	64. PÊNIS É LAGOA	1
65. VULVA É ACONTECIMENTO EVITÁVEL	4	65. PÊNIS É LOCALIZAÇÃO	7

66. VULVA É EXCRESCÊNCIA CARNOSA	13	66. PÊNIS É MADEIRA	22
67. VULVA É EXISTÊNCIA	6	67. PÊNIS É MÁQUINA	2
68. VULVA É EXPRESSÃO DE DUPLO SENTIDO*	71	68. PÊNIS É MARCA COMERCIAL	1
69. VULVA É FENÔMENO	2	69. PÊNIS É MASTURBAÇÃO	3
70. VULVA É FERIMENTO	8	70. PÊNIS É MATERIAL	1
71. VULVA É FESTA	4	71. PÊNIS É MOVIMENTO DO ATO SEXUAL	2
72. VULVA É FIGURA FEMININA*	9	72. PÊNIS É NATURALIDADE/NACIONALIDADE	2
73. VULVA É FIGURA MASCULINA*	18	73. PÊNIS É NERVURA	1
74. VULVA É FOGO	8	74. PÊNIS É NOME CONVENCIONALIZADO (ANATÔMICO)*	1
75. VULVA É FORMATO ABERTO	12	75. PÊNIS É NOME CONVENCIONALIZADO (NÃO ANATÔMICO)*	77
76. FORMATO TRIANGULAR	8	76. PÊNIS É NOME FEMININO*	6
77. VULVA É VULVA É FRASE*	81	77. PÊNIS É NOME MASCULINO*	65
78. VULVA É FREQUÊNCIA TEMPORAL	2	78. PÊNIS É OBJETO CILÍNDRICO	56
79.		79. PÊNIS É OBJETO DE METAL	6
80. VULVA É GÊNESE	8	80. PÊNIS É OBJETO PARA SUCÇÃO	2
81. VULVA É GOLPE COM INSTRUMENTO	6	81. PÊNIS É OBJETO PENDURADO	1
82. VULVA É GRAU DE INSTRUÇÃO	1	82. PÊNIS É OBJETO RETILÍNEO	14
83. VULVA É HABITANTE	1	83. PÊNIS É OBRA CINEMATOGRAFICA	1
84. VULVA É HERANÇA	1	84. PÊNIS É OLHO/VISÃO (ORIFÍCIO DO PÊNIS)	8
85. VULVA É HOMEM GAY	6	85. PÊNIS É ONOMATOPEIA*	2
86. VULVA É HORMÔNIO	1	86. PÊNIS É ÓRGÃO SEXUAL DE ANIMAL	1
87. VULVA É INCISÃO	2	87. PÊNIS É ORIENTAÇÃO ESPACIAL	1
88. VULVA É INDIVÍDUO/ ENTE	2	88. PÊNIS É OUTRA PARTE DO CORPO	14
89. VULVA É INDÚSTRIA	1	89. PÊNIS É OUTRA LÍNGUA	8
90. VULVA É INSPIRAÇÃO	1	90. PÊNIS É PARENTESCO	1
91. VULVA É INSTRUMENTO	4	91. PÊNIS É PARTE DESCOBERTA	1
92.		92. PÊNIS É PATENTE MILITAR	14
93. VULVA É INSTRUMENTO MUSICAL	3	93. PÊNIS É PENTEADO	1
94. VULVA É INSTRUMENTO OFENSIVO/DEFENSIVO	2	94. PÊNIS É PESSOA DO SEXO FEMININO	7
95. VULVA É INVÓLUCRO	31	95. PÊNIS É PESSOA DO SEXO MASCULINO	4
96. VULVA É LARGURA	5	96. PÊNIS É PESSOA ORIENTADORA	2
97. VULVA É LÁSTIMA	1	97. PÊNIS É PESSOA QUE URINA COM FREQUÊNCIA	2
98. VULVA É LIBIDO	1	98. PÊNIS É PESSOA REVOLUCIONÁRIA	1
99. VULVA É LINK	1	99. PÊNIS É PÊNIS É PLANTA(ÇÃO)	12
100. VULVA É LIVRE PERMISSÃO	1	100. POTÊNCIA	3
101. VULVA É LIVRETO	2	101. PÊNIS É PROEMINÊNCIA [NA ÁREA PENIANA]	5
102. VULVA É LOCALIZAÇÃO	313	102. PÊNIS É REALEZA	1
103. VULVA É MASTURBAÇÃO	5	103. PÊNIS É RELAÇÃO ENTRE PESSOAS	4
104. VULVA É MATERIAL	3	104. PÊNIS É SABOR	1
105. VULVA É MEDICAMENTO	2	105. PÊNIS É SER DESPREZÍVEL	1
106. VULVA É MENSTRUACÃO	1	106. PÊNIS É SER ESPIRITUAL	1
107. VULVA É MONOTEÍSMO	1	107. PÊNIS É SOBRENOME*	2
108. VULVA É MOVIMENTO DA TERRA	3	108. PÊNIS É TAMPA	3
109. VULVA É MOVIMENTO DO ATO SEXUAL	5	109. PÊNIS É TRIPEÇA	2
110. VULVA É NOME CONVENCIONALIZADO ANATÔMICO*	5	110. PÊNIS É UTENSÍLIO PARA FAZER LUME	1
111. VULVA É NOME CONVENCIONALIZADO NÃO ANATÔMICO*	49	111. PÊNIS É VASO SANGUÍNEO	1
112. VULVA É NOME FEMININO*	167	112. PÊNIS É VÍNCULO EMPREGATÍCIO	1
113. VULVA É NOMES MASCULINOS*	10	113. PÊNIS É VISTO	1
114. VULVA É NOVICIADO	1	114. SEM DEFINIÇÃO*	155

115. VULVA É NUDEZ	2	-----	-----
116. VULVA É OBJETIVO	2	-----	-----
117. VULVA É OBJETO PESADO	1	-----	-----
118. VULVA É OBJETO QUE PODE SER DADO	5	-----	-----
119. VULVA É OCULTAÇÃO	1	-----	-----
120. VULVA É ONOMATOPEIA/INTERJEIÇÃO*	29	-----	-----
121. VULVA É ORGASMO	2	-----	-----
122. VULVA É ORIENTAÇÃO ESPACIAL	19	-----	-----
123. VULVA É OUTRA LÍNGUA*	70	-----	-----
124. VULVA É OUTRA PARTE DO CORPO	62	-----	-----
125. VULVA É PARASITA	1	-----	-----
126. VULVA É PARENTESCO	25	-----	-----
127. VULVA É PÊNIS	12	-----	-----
128. VULVA É PENUGEM	45	-----	-----
129. VULVA É PERCEPÇÃO VISUAL	2	-----	-----
130. VULVA É PERDA	1	-----	-----
131. VULVA É PERSONAGEM DE DESENHO	5	-----	-----
132. VULVA É PESSOA DO SEXO FEMININO	17	-----	-----
133. VULVA É PESSOA JOVEM	3	-----	-----
134. VULVA É PESSOA QUE VOMITA	1	-----	-----
135. VULVA É PESSOA VIAJANTE	2	-----	-----
136. VULVA É PLANTA(ÇÃO)	49	-----	-----
137. VULVA É PLASTICIDADE	1	-----	-----
138. VULVA É PORÇÃO	1	-----	-----
139. VULVA É POSSE	13	-----	-----
140. VULVA É PRÁTICA RELIGIOSA	1	-----	-----
141. VULVA É PROLONGAMENTO FILIFORME	18	-----	-----
142. VULVA É PUBLICAÇÃO EM REDE SOCIAL*	1	-----	-----
143. VULVA É PUTA	14	-----	-----
144. VULVA É RACHADURA	17	-----	-----
145. VULVA É REALEZA	6	-----	-----
146. VULVA É RECEPTÁCULO	134	-----	-----
147. VULVA É RECREAÇÃO	1	-----	-----
148. VULVA É RELAÇÃO ENTRE PESSOAS	8	-----	-----
149. VULVA É RELAÇÃO SEXUAL	9	-----	-----
150. VULVA É REPRESENTAÇÃO	4	-----	-----
151. VULVA É SABOR	14	-----	-----
152. VULVA É SENTIMENTO	3	-----	-----
153. VULVA É SIGILO	4	-----	-----
154. VULVA É SINGULARIDADE	5	-----	-----
155. VULVA É SISTEMA MONETÁRIO	4	-----	-----
156. VULVA É TAMPA	1	-----	-----
157. VULVA É TECIDO	3	-----	-----
158. VULVA É TEMPERATURA	5	-----	-----
159. VULVA É TENTACÃO	4	-----	-----
160. VULVA É TERRORISMO	3	-----	-----
161. VULVA É TESTAGEM	5	-----	-----
162. VULVA É TIME ESPORTIVO*	1	-----	-----
163. VULVA É TRAJETÓRIA	15	-----	-----
164. VULVA É TRANSFORMAÇÃO	1	-----	-----
165. VULVA É TRANSGRESSÃO	2	-----	-----
166. VULVA É TUMULTO	2	-----	-----
167. VULVA É UNIDADE DE MEDIDA	2	-----	-----
168. VULVA É VALOR	11	-----	-----
169. VARIAÇÕES DE BUCETA*	73	-----	-----
170. VARIAÇÕES DE CONA*	7	-----	-----
171. VARIAÇÕES DE GRELO*	7	-----	-----

172. VARIAÇÕES DE GRETA*	5	-----	-----
173. VARIAÇÕES DE MC*	3	-----	-----
174. VARIAÇÕES DE PERIQUITA*	11	-----	-----
175. VARIAÇÕES DE VAGINA*	18	-----	-----
176. VARIAÇÕES DE XANA*	18	-----	-----
177. VARIAÇÕES DE XAVASCA*	7	-----	-----
178. VARIAÇÕES DE XERECA*	24	-----	-----
179. VARIAÇÕES DE XOTA*	7	-----	-----
180. VARIAÇÕES DE XOXOTA*	6	-----	-----
181. VULVA É VIA DE ACESSO	33	-----	-----
182. VULVA É VÍNCULO EMPREGATÍCIO	10	-----	-----
183. VULVA É XINGAMENTO / OFENSA	51	-----	-----
184. SEM DEFINIÇÃO*	520	-----	-----
TOTAL	3.742	TOTAL	930
TOTAL DE DADOS			4.672
*Categorias excluídas do escopo analítico por não atenderem à proposta deste estudo.			

Fonte: A autora, 2023.

Pelo exposto na Tabela 2, a organização de categorias, aqui delimitadas como metáforas conceptuais, sucedeu de um *corpus* inicial. Essa organização ocorreu a partir da delimitação metodológica de se observar nomes populares, de natureza metonímica e metafórica, para a vulva e o pênis. A exclusão de alguns dados tornou-se necessária, primeiro para que pudesse ser possível atrelar as teorias propostas aos dados linguísticos. Segundo porque há designações que não aparentam ter relação de compatibilidade com órgãos sexuais. Sem uma compatibilidade conceptual que permita o uso metafórico desse catálogo de nomes não anatômicos para a vulva e o pênis, a exclusão dos termos torna-se imprescindível.

Quanto à categorização (cf. ROSCH, 1978), ressalta-se que esta é habilidade humana para identificar convergências e divergências entre entidades, agrupando-as (ao mesmo tempo em que as excluindo) de uma determinada categoria. Trata-se de um mecanismo de organização mental em que todos os organismos, objetos e ações, captados pelos sentidos, são identificados e classificados, sendo nomeados conforme a sua composição física e/ou psíquica.

Ao assumir um compromisso de generalização, advoga-se em favor da ideia de que a habilidade de categorização, expressa na estrutura linguística, é uma função geral da cognição, estando ligada a outros operadores cognitivos elementares. Por meio da categorização, é possível simplificar a grande quantidade de informações providas da experiência. O fluxo de dados é organizado, e a apreensão da realidade, embora pareça ser direta e imediata, procede a partir de processamentos complexos da mente humana, considerando-se um nível mais geral a níveis (ou subníveis) mais específicos (e vice-versa).

Nas palavras de Cuenca e Hilferty (2007, p. 32)⁷⁸,

[s]e não generalizássemos, não poderíamos ir além do nível das entidades individuais e a realidade seria caótica e constantemente nova, de modo que não poderíamos chegar a uma estruturação conceitual. Se não discriminarmos, tudo seria um e também não haveria pensamento.

Embora pareça ser uma explicação simples, Lakoff (1987, p. 5)⁷⁹ adverte que “a categorização não é um assunto a ser levado de uma maneira leve”. Ela é o que há de mais básico na mente, no pensamento e nas ações (*ibidem*). ‘Básico’ não no sentido de ‘simples’, algo sem sofisticação. Na verdade, uma categoria envolve movimentações complexas por trás da cognição, mesmo que sua automaticidade cause a impressão de ser algo muito natural. Portanto, ‘básico’, aqui, assume um sentido de “substancial”, indispensável para o pensamento. Não há conceptualização sem categorização (entre outros processamentos mentais). É importante destacar, como salienta Lakoff (1987, p. 39), que

[f]oi Eleanor Rosch quem primeiro forneceu uma perspectiva geral sobre todos esses problemas relativos ao fenômeno de categorização. Ela desenvolveu o que veio a ser chamado de a teoria dos protótipos e categorias de nível básico, ou teoria prototípica. Ao fazer isso, ela estabeleceu uma total oposição à teoria clássica e, mais do que ninguém, firmou a categorização como um subcampo da psicologia cognitiva (LAKOFF, 1987, p. 39)⁸⁰.

Seguindo esse arcabouço conceitual, as entidades abstratas, em suas multiplicidades de níveis, também são movidas por categorizações: tipos de amor, de relacionamentos, de emoções, de percepções espaciais, de governos, de diferentes áreas do conhecimento. Enfim, tudo o que pode se constatar como diferente de outra entidade, apresentando, ao mesmo tempo, características de aparência com outra entidade, é uma categoria.

É preciso atentar-se à advertência de Lakoff (1987), já que a ideia de categorização pode levar à conceptualização de uma categoria como algo que particulariza, separa e agrupa ações e organismos, sejam eles concretos ou abstratos, como se fossem naturalmente

⁷⁸ Texto em língua estrangeira: Si no generalizáramos, no podríamos sobrepasar el nivel de las entidades individuales y la realidad sería caótica y constantemente nueva, de forma que no podríamos llegar a una estructuración conceptual. Si no discrimináramos, todo sería uno y tampoco habría pensamiento.

⁷⁹ Texto em língua estrangeira: Categorization is not a matter to be taken lightly.

⁸⁰ Texto em língua estrangeira: It was Eleanor Rosch who first provided a general perspective on all these problems. She developed what has since come to be called “the theory of prototypes and basic-level categories”, or “prototype theory.” In doing so, she provided a full-scale challenge to the classical theory and did more than anyone else to establish categorization as a subfield of cognitive psychology (LAKOFF, 1987, p. 39).

encaixáveis em determinado grupo. A própria ideia de encaixar, nesse viés, parece abarcar a ideia de CONTÊINER (cf. JOHNSON, 1987; LAKOFF, 1987; LAKOFF; JOHNSON, 1987): as propriedades semelhantes incluem o item em uma categoria e as propriedades díspares o excluem, como se as propriedades fossem inerentes ao conceito e, conseqüentemente, passíveis de um enquadramento a membros de uma mesma natureza.

Essa é uma visão herdada da teoria clássica de categorização, que estabelece limites muito rígidos às categorias alvitradas, em que é preciso que uma determinada entidade preencha todos os requisitos, para que se enquadre em uma dada categoria. Em caminho reverso, o que se discute nos estudos cognitivistas é, primeiramente, que a categorização, enquanto uma operacionalidade da cognição, não se trata de um simples grupamento de entidades com características em comum, mas sim uma categoria conceptual, ou categoria cognitiva (cf. CUENCA; HILFERTY, 2007), uma vez que envolve a instanciação das experiências particulares de falantes e do pensamento abstrato no processo de categorização. As associações (e dissociações) para a formação de uma dada categoria se darão, necessariamente, pela rede de significados linguísticos que as compõem.

Considerando que as categorias são formadas por diferentes níveis de estruturação e de especificidade, sendo baseadas não apenas por meio da experiência, como também pelos aspectos imaginativos da mente humana, defende-se que a conceptualização humana, as atividades motoras e a cultura estariam posicionadas em par de igualdades com as metáforas, as metonímias e todo o imaginário mental para compor as categorias cognitivas aqui defendidas (LAKOFF, 1987).

A noção de rigor e precisão na composição das categorias, portanto, é reanalisada na visão cognitivista, uma vez que o processo mental para a classificação do mundo perpassa um dado *continuum*, de difusa exatidão de onde se inicia e de onde se finda dado conjunto de características em comum. Assim, as categorias linguísticas estão atreladas às categorias do sistema conceptual humano (LAKOFF, 1987). Acredita-se que os níveis mais básicos de uma dada categoria são identificados de maneira mais imediata, ao passo que os níveis específicos estão ligados a uma sequência ininterrupta de significados linguísticos, os quais não são arbitrários, mas motivados por fatores inerentes à experiência, ao corpo em suas ações no mundo, à cultura e aos aspectos imaginativos da mente humana.

Desse modo, a assunção de as categorias mais flexíveis e fundadas em um *continuum* de significação é pertinente para este estudo, uma vez que os dados linguísticos que compõem o *corpus* de análise foram organizados de modo a se considerar a natureza enciclopédica da linguagem (cf. GEERAERTS, 2006), observando-se os aspectos culturais envolvidos na

delimitação das categorias linguísticas. A dinamicidade constitutiva das categorias foi instituída a partir da construção social do significado linguístico, com pontos de vista socialmente compartilhados, sendo ele perspectivado, fundamentalmente metonímico e metafórico, baseado no uso das palavras e nas experiências em escala humana.

Seguindo esse parâmetro teórico, cada categoria de análise foi organizada conforme as características mais salientes desse *continuum*, sabendo-se que outros modos de observação também são possíveis – afinal, é um *continuum*, o qual tende a ser enciclopédico e perspectivado. Além disso, em muitos casos, os dados foram categorizados conforme os discursos prévios circulantes em âmbito social e por características de parença que pudessem justificar as compatibilidades. É o caso, por exemplo, de amostras linguísticas do domínio de ALIMENTO, que foram categorizadas a partir do que, culturalmente, se conceptualizou como “aquilo que se come ou pode ser comido” (PRIBERAM, 2008, s/p).

Convém pontuar que o resgate aos discursos não significa, necessariamente, uma correspondência direta à perspectiva da pesquisadora. Na verdade, eles serão evidenciados como forma de evidenciação dos aspectos ideológicos subjacentes às metáforas linguísticas e conceptuais e como forma de tornar possível o debate em torno do inconsciente cognitivo.

Por se tratar de um *continuum*, há casos em que as categorias se fundem, abarcando (e permitindo) perspectivas distintas sobre um único dado. É o caso, por exemplo, da metáfora linguística ‘xicória’⁸¹ para a caracterização da vulva. Considerando as experiências e a manipulação dos artefatos em âmbito social, como categorizar uma planta que se come? Deve-se caracterizá-la sob o domínio de PLANTA ou de ALIMENTO? Como se verá mais adiante, essa e outras decisões para a categorização de dados requerem uma atenção maior quanto ao contexto de uso da palavra, devendo sempre considerar que as categorias – que podem ser consideradas, para fins didáticos, como domínios – referem-se a categorias conceptuais (CUENCA; HILFERTY, 2007), e não a categorias objetivamente construídas.

Por serem dinâmicas e situadas em constante continuidade, algumas categorias mostraram-se presentes tanto em nomes para a vulva quanto em nomes para pênis, como pode ser observado Quadro 7.

Quadro 7- Categorias em comum para VULVA / PÊNIS

1. ALIMENTO	2. ELEMENTO QUÍMICO
3. ANIMAL	4. ESTADO DE ESPÍRITO
5. APARÊNCIA FÍSICA	6. EUFEMISMO

⁸¹ Os dados de análise serão evidenciados conforme a escrita original do *corpus*, mesmo que configure erro do ponto de vista da norma padrão.

7. ATO SEXUAL ATIVO	8. FERRAMENTA
9. ATO SEXUAL PASSIVO	10. INSTRUMENTO
11. ATUAÇÃO CÔMICA	12. INSTRUMENTO MUSICAL
13. BEBIDA	14. LOCALIZAÇÃO
15. BRINQUEDO	16. MASTURBAÇÃO
17. COISA	18. MATERIAL
19. COISA SUJA	20. MOVIMENTO DO ATO SEXUAL
21. COISA/ARTEFATO GRANDE	22. ORIENTAÇÃO ESPACIAL
23. COISA/ARTEFATO PEQUENO	24. OUTRA PARTE DO CORPO
25. COISA/ARTEFATO RÍGIDO	26. PARENTESCO
27. COISA/ARTEFATO SEM VALOR	28. PLANTA
29. COISA SUJA	30. REALEZA
31. CONSISTÊNCIA	32. RELAÇÃO ENTRE PESSOAS
33. CRIATURA SIMBÓLICA	34. SABOR
35. DOENÇA	36. TAMPA

Fonte: A autora, 2023.

Salienta-se ainda que se pretende descrever, no Capítulo 5, algumas das categorizações realizadas neste estudo, de modo a cumprir um dos objetivos propostos, que é sublinhar como as metáforas linguísticas apontam para posições de gênero na sociedade brasileira a partir da nomeação de seus órgãos sexuais. Apesar da importância de se descrever minuciosamente todas as categorias, há limitações que impedem a descrição de todos os dados, em função do elevado número de metaforizações, tanto linguísticas quanto conceptuais. Desse modo, nem todas as categorias de nomes para a VULVA e o PÊNIS irão para a parte descritiva da análise. Para tal seção, foram selecionadas doze categorias que mantivessem os critérios de delimitação adotados em um dos objetivos específicos desta pesquisa, o qual prevê a circunscrição das relações existentes entre os aspectos ideológicos, culturais e conceptuais das designações para órgãos sexuais, atrelando-os à linguagem sexista e ao riso (vide Quadro 8).

Além disso, convém pontuar a necessidade de se demonstrar categorias conceptuais isoladas, em que não houve manifestação compartilhada entre os conceitos de VULVA e PÊNIS. É o caso da categoria que origina a metáfora conceptual VULVA É RECEPTÁCULO, por exemplo, que não aparece nas categorizações para o pênis. Da mesma forma em que a metaforicidade em PÊNIS É ARTEFATO MILITAR não aparece nas categorias conceptuais para a vulva. Ambas as categorizações carregam traços ideológicos marcantes na cultura brasileira em referência a papéis e valores de homens e mulheres na sociedade. A identificação de tais metáforas conceptuais, por si só, já evidencia preceitos que delineiam traços culturais distintivos na separação de papéis sociais. Daí a importância de um estudo com o objetivo de ‘desempacotar’ um bloco enunciativo de questões concernentes aos padrões sociais do Brasil, desvelando o inconsciente cognitivo e viabilizando a discussão em torno representações sociais no Brasil.

Outro fator de importante ponderação diz respeito às projeções futuras, imprescindíveis para a continuidade desta análise, que não se limita, nem deve se limitar, à escrita desta tese. Deixo aqui o pontapé inicial para as muitas possibilidades de análises linguísticas de um *corpus* extenso, profundo e, como se defende nesta tese, desigual em sua distribuição.

O Quadro 8 apresenta as categorias selecionadas para a análise descritiva.

Quadro 8- categorias para a seção de análise

CATEGORIAS COMPARTILHADAS	CATEGORIAS PARA A VULVA	CATEGORIAS PARA O PÊNIS
VULVA/PÊNIS É ALIMENTO VULVA/PÊNIS É ANIMAL VULVA/PÊNIS É FERRAMENTA VULVA/PÊNIS É LOCALIZAÇÃO	VULVA É CAVIDADE VULVA É CONDUTO VULVA É DEPÓSITO VULVA É RECEPTÁCULO	PÊNIS É PATENTE MILITAR PÊNIS É ARTEFATO MILITAR PÊNIS É OBJETO DE METAL PÊNIS É MÁQUINA

Fonte: A autora, 2023.

Deve-se ratificar que a nomenclatura popular para órgãos sexuais, que inicialmente se manifesta de forma chistosa, na verdade, traz à superfície o pensamento tácito sobre como os conceitos de HOMEM e MULHER são conceptualizados na sociedade a partir da nomeação de seus órgãos sexuais. Desse modo, esta composição de *corpus*, que funde duas listas on-line de nomes em uma só, é apenas a materialização daquilo que se renunciou no início desta seção: a linguagem e seu uso sendo refletidos por meio de um *corpus*, o qual se distingue por seu “formato” e por seu “tamanho” (MITTELBERG; FARMER; WAUGH, 2007, p. 19), aqui assinalados com um formato desigual e um tamanho extenso, cabendo à metodologia aqui descrita a incumbência de organizar, adaptar, dispor as manifestações da linguagem e os efeitos de sentido em âmbito social.

Definida a composição do *corpus*, desde a sua origem até a sua definição para análise, o capítulo seguinte expõe o estudo das metáforas conceptuais elencadas após a categorização dos dados.

5 METÁFORAS COTIDIANAS PARA ÓRGÃOS SEXUAIS

Nesta seção, analisam-se 12 metáforas conceptuais, previamente selecionadas das categorizações de nomes para a VULVA e o PÊNIS, de modo a sublinhar os efeitos de sentido subjacentes às metáforas linguísticas para os referidos órgãos sexuais. Essa descrição aponta para dados factuais sobre a conceptualização e o comportamento de homens e mulheres em meio físico e sociocultural, viabilizando a discussão da nomenclatura popular para partes erógenas do corpo humano, situando quanto aos papéis desempenhados por homens e mulheres na sociedade, e perpassando as relações existentes entre a linguagem sexista e os fatores ideológicos na metaforização e no despertar do riso.

Desse modo, esta seção de análise das metáforas cotidianas para órgãos sexuais distribui-se da seguinte forma: a seção 5.1 explora as categorias conceptuais compartilhadas entre as designações tanto para a vulva quanto para o pênis a partir da descrição das metáforas conceptuais VULVA/PÊNIS É ALIMENTO, VULVA/PÊNIS É ANIMAL, VULVA/PÊNIS É FERRAMENTA e VULVA/PÊNIS É LOCALIZAÇÃO. Já a seção 5.2 aborda as metaforizações para o conceito de vulva, com a descrição de quatro metáforas conceptuais: VULVA É CAVIDADE, VULVA É CONDUTO, VULVA É DEPÓSITO e VULVA É RECEPTÁCULO. Após a análise de nomes circunscritos apenas ao domínio de ÓRGÃO SEXUAL FEMININO, a seção 5.3 analisa quatro metáforas conceptuais subjacentes às designações para o pênis: PÊNIS É PATENTE MILITAR, PÊNIS É ARTEFATO MILITAR, PÊNIS É OBJETO DE METAL e PÊNIS É MÁQUINA.

Definida a estrutura do capítulo de análise dos dados, a próxima seção evidencia o estudo de metáforas cotidianas para a vulva e o pênis.

5.1 Metáforas cotidianas para VULVA e PÊNIS: categorias conceptuais compartilhadas

Embora as metáforas conceptuais compartilhadas entre as designações para a VULVA e o PÊNIS tenham aparecido em 36 categorias em comum, apenas quatro metaforizações foram selecionadas para a análise. Por motivos de delimitação, optou-se por categorias que expusessem marcas ideológicas subjacentes às metáforas conceptuais, em cujas manifestações linguísticas estivessem presentes os traços culturais das representações de gênero na organização social do Brasil. Tanto a seleção das categorias quanto a análise dos dados

basearam-se no paradigma interpretativista (cf. BORTONI-RICARDO, 2008; OLIVEIRA, 2018), o qual se fundamenta nas experiências subjetivas da pesquisadora, neste caso, com dados linguísticos sobre diferenciação de gêneros. Desse modo, buscou-se inter-relacionar os aspectos culturais e ideológicos de uma linguagem sexista às metáforas conceptuais e linguísticas para nomeações de órgãos sexuais, as quais fazem emergir o riso.

Por meio da análise, foi possível observar de que forma os efeitos de sentido da nomenclatura para a vulva mostram-se diferentes dos efeitos da nomenclatura para o pênis. Apesar de ambas as categorias terem o mesmo domínio-fonte em sua constituição conceptual, as estruturas estáveis do conhecimento acionadas para a significação evidenciam uma discrepância no tratamento de gênero adotado por falantes do português do Brasil. Essa divergência ocorre por meio das representações esquemáticas e estáveis do conhecimento, que são recrutadas da memória de longo prazo de formas diferenciadas para homens e mulheres.

Dito isso, as subseções posteriores expõem a análise de cada uma das metáforas conceptuais elencadas no Quadro 8, visibilizando alguns dos modelos cognitivos idealizados, os *frames*, os esquemas imagéticos e as metonímias envolvidos nas designações dos domínios VULVA e PÊNIS. Ressalta-se que, por uma questão de delimitação, nem todos os nomes serão abordados na descrição de dados, apenas aqueles que se inclinam a fatores ideologicamente marcados por enquadres de sexismo velado e que são expressos por uma cognição corporificada coletiva da cultura brasileira. Para situar o leitor quanto aos dados, a Tabela 2, expoente do quantitativo geral de amostras de metáforas conceptuais de nomes populares para a vulva e o pênis, e os apêndices A e B poderão ser úteis para a visualização geral dos dados e para o uso documental em outras pesquisas. Acrescenta-se que os apêndices A e B, ao fim desta escrita de tese, evidenciam as categorizações de todos os dados do *corpus* inicial, em consonância com o respaldo teórico exposto na seção 4.2⁸² deste estudo.

5.1.1 VULVA/PÊNIS É ALIMENTO

O primeiro dado de relevância na amostragem de nomes para a vulva e para o pênis a partir do domínio-fonte compartilhado de ALIMENTO é o quantitativo expresso por cada uma das categorias conceptuais. Foram 232 designações para o órgão sexual feminino com a

⁸² Seção 4.2 *Considerações práticas do método*.

contrapartida de 40 nomeações para o órgão sexual masculino. Esse indicativo numérico expõe uma preocupação quase seis vezes maior em se nomear a vulva, em uma correspondência mais branda ao se nomear o pênis. A atenção destinada ao órgão sexual feminino não é em vão e tem suas bases fincadas nos fatores culturais e ideológicos subjacentes às relações sociais. Nas palavras de Johanson (2020, p. 2),

[t]anto na vida como na filosofia, foram (têm sido) hegemonicamente os homens que têm dito e ainda dizem o que a humanidade, as coisas, o conhecimento, a vida e, portanto, as mulheres também, são. Eles não precisam definir nem dizer o que o indivíduo do sexo masculino é, dado que ser homem costuma ser também sinônimo de ser humanidade e que, por conseguinte, os homens definem o ser do seu sexo definindo o próprio ser da humanidade (JOHANSON, 2020, p. 2)

Sabe-se que o comportamento da mulher, historicamente, esteve – e, em determinados casos, ainda está – em evidência, desde a configuração de sujeição a que figuras femininas foram condicionadas, até o controle das ações, posses, direitos e delegação impositiva de deveres a que porventura tiveram acesso. Ainda que, nos últimos anos, a luta por igualdade no tratamento de gêneros seja uma realidade na cultura brasileira, ainda há resquícios dessa tão recente historicidade de dominação e subjugação que narra os trajetos da/sobre a mulher (cf. PINTO, 2010; MARTIN, 2011; PRECIADO, 2014; PORDEUS; VIANA, 2021). Assim, a atenção excessiva conferida à nomeação da vulva, como se verá em outras categorias conceituais, é considerada uma forma de ação histórica e culturalmente estabelecida em uma sociedade que assume, em grande escala, padrões patriarcais nas experiências relacionais entre os seres e as coisas.

Outro dado importante sobre as manifestações linguísticas da nomenclatura para vulva e para o pênis diz respeito às metáforas conceituais específicas identificadas (ver Quadro 9), as quais são motivadas por fatores culturalmente situados. Como delimitação teórica, é possível estabelecer que “as experiências de ordem corpórea fundamentam as metáforas universais, e as experiências de ordem sociocultural motivam a variação no entendimento e na produção de metáforas” (FREITAS; BERNARDO; CAVALCANTI, 2017, p. 107). Isto é, as experiências corporificadas permitem a discussão em torno daquilo que é universal (e mais geral) e daquilo que é variável (e mais específico) na conceptualização de metáforas.

Novamente, há uma expressividade no quantitativo de metaforizações para a vulva, que é, especificamente, 5 vezes maior do que as metaforizações para o pênis. É evidente que, se um número de expressões linguísticas é maior que o outro, as metáforas conceituais específicas tendem a seguir o mesmo padrão numérico de ocorrências. Entretanto, o que

tenciono expor, por meio dos dados linguísticos, é justamente a regularidade em que a mulher, muito mais do que o homem, é projetada para que seja ‘lida’ de forma burlesca. Os nomes ditos engraçados são, na verdade, uma leitura que se faz, metonimicamente, das figuras feminina e masculina, cabendo ao estudo dos acionamentos de estruturas cognitivas estáveis o papel de evidenciar os fatores ideologicamente marcados subjacentes às formas linguísticas e ao riso.

Dito isso, o Quadro 9 expõe a súmula das metáforas conceptuais específicas identificadas, as quais ocorrem por motivações socioculturais ou por adoções coletivas por parte dos conceptualizadores. Desse modo, reafirma-se a ideia de que as regularidades nas manifestações e nas interpretações dos nomes em âmbito social posicionam essa nomenclatura como um tipo de linguagem discriminatória, evidenciada por meio de *frames* sexistas, mesmo que as amostras ocorram de forma listada.

Quadro 9- metáforas conceptuais específicas para VULVA/PÊNIS É ALIMENTO

VULVA		PÊNIS	
METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. VULVA É ALIMENTO COM APARÊNCIA RUGOSA <i>abará, acarajé de pelo, cocadinha, goma de laranja, gomo de mexerica [...]</i>	METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. PÊNIS É ALIMENTO DE FORMATO CILÍNDRICO <i>calabresa, choriço, enrolado de salsicha, pepino, salame [...]</i>
	2. VULVA É ALIMENTO COM CHEIRO RUIM <i>nugget de peixe</i>		2. PÊNIS É ALIMENTO DE FORMATO DISTENSO <i>cachorro quente</i>
	3. VULVA É ALIMENTO COM FRESTA <i>bolacha recheada, mamão rachado, pão de cachorro-quente</i>		3. PÊNIS É ALIMENTO DE SUCÇÃO <i>sorvete de carne</i>
	4. VULVA É ALIMENTO COM PÊLO <i>almôndega cabeluda, cuscuz de cabelo, hamburquer de pêlo, muqueca de pelo, pizza de cabelo [...]</i>		4. PÊNIS É ALIMENTO DE TAMANHO GRANDE <i>morangão, palmitão, salsichão</i>
	5. VULVA É ALIMENTO DE COR ROSADA <i>manga-rosa, mortadela, vagem rosada [...]</i>		5. PÊNIS É ALIMENTO EM TAMANHO PEQUENO <i>bananada (pequeno e murcho)</i>
	6. VULVA É ALIMENTO DE SUCÇÃO <i>kibe-de-chupar, sopa de rola, sopinha, sorvete quente, uva de chupar [...]</i>		6. PÊNIS É ALIMENTO EM FORMATO RETILÍNEO <i>picolé de alcatra, picolé de nervos</i>
	7. VULVA É ALIMENTO DE TAMANHO GRANDE / GRANDE QUANTIDADE <i>burgão, hamburgão, cabação, canjão, pastelão [...]</i>		
	8. VULVA É ALIMENTO DE TAMANHO PEQUENO /		

	PEQUENA QUANTIDADE <i>pãozinho, melzinho, moranguinho, caldinho</i> 9. VULVA É ALIMENTO LÍQUIDO <i>agridoce, canjão, caldão, caldinho, melzinho</i> 10. VULVA É ALIMENTO REDONDO/CURVO <i>biscoito, empadinha, jujuba, kibe, moela, moela de pau, panqueca, rocombole [...]</i> 11. VULVA É BOLO <i>bolo</i> 12. VULVA É CARNOSIDADE <i>bife, bife a rolê, bife de prega, carne crua, bisteca, rosbife [...]</i> 13. VULVA É COMIDA DE ANIMAIS <i>ração</i> 14. VULVA É DOCE <i>doce de dendê, docinho, docinho da vovó</i> 15. VULVA É FRUTA <i>fruta, goiaba, tangerina, tangerina do nordeste, uva passa, uva de chupar</i> 16. VULVA É FRUTO <i>cabaço, berinjela, fruto do meu esparro, fruto especial, fruto proibido</i> 17. VULVA É LANCHE RÁPIDO <i>MC lanche feliz, merenda</i> 18. VULVA É MANJAR* <i>manjar dos deuses</i> 19. VULVA É MASSA <i>abará, acarajé de pelo, lasanha, nuggets, pão, pão cilíndrico, torta [...]</i> 20. VULVA É PEIXE <i>bacalhau, bacalhau assado, bacalhau com natas, manjuba, manjubinha, sushi [...]</i> 21. VULVA É QUEIJO <i>qualhada, queijo, queijo molhado, queijo cheiroso, queijo parmesão [...]</i> 22. VULVA É RECHEIO <i>recheio de sonho</i> 23. VULVA É PLANTA/VEGETAL <i>chucrute, couve-flor, hortelã, repolho, chicória</i>		
--	---	--	--

Fonte: A autora, 2023.

Kövecses (2006a) afirma que a forma como se fala sobre os conceitos de MULHER e HOMEM revela o pensamento ideológico que se tem sobre tais categorias. Segundo o autor, as

metáforas conceptuais, e eu acrescento as metonímias, “são cruciais para o entendimento de ideologias, o tipo de discurso que empregamos quando lidamos com assuntos sobre mulheres e homens” (KÔVECSSES, 2006, p. 152)⁸³, tornando possível trazer à tona aspectos socioculturais particulares sobre os papéis desempenhados a partir de gêneros.

Esse discurso dominante a que se referem as ideologias pode ser visto nas metáforas conceptuais específicas que nomeiam os órgãos sexuais a partir do formato em que estes se apresentam. O formato curvo/redondo da vulva e o formato distendido/cilíndrico do pênis, presentes em uma gama de designações às áreas erógenas do corpo humano, evidenciam tal premissa ao caracterizarem, de forma crucial, como os falantes conceptualizam os órgãos sexuais feminino e masculino e, conseqüentemente, como os falantes veem e posicionam homens e mulheres na sociedade.

Da mesma forma, é possível observar práticas languageiras de cunho pejorativo, em metáforas conceptuais que subjazem às expressões linguísticas cotidianas desse universo de etimologia popular. A relação estabelecida entre o conceito de VULVA e os conceitos de PEIXE, QUEIJO e ALIMENTO COM CHEIRO RUIM, por exemplo, expõe como a mulher é conceptualizada em âmbito social, especialmente quando se observam as metaforizações implícitas aos dados linguísticos para o pênis. Enquanto as designações para a vulva revelam o tratamento depreciativo à figura feminina, as designações para o pênis ratificam marcações ideológicas positivas direcionados à efígie masculina, tais como nomeações que expõem os formatos grandes, retilíneos e distensos do pênis.

Isso porque há uma cultura de valoração ao pênis no Ocidente, a qual atribui ao órgão a responsabilidade de superestima das subjetividades masculinas. Especificamente na cultura brasileira, essa configuração peniana perpassa a sua condição ereta e rija, ratificando e representando, assim, a figura do homem em sua potência e masculinidade. De acordo com Melo (2022, p. 32), “o órgão genital (e não o rosto) passa a ser o referencial imagético do indivíduo”. Dessa forma, quando os homens se identificam como a figura do “machão”, acrescenta o autor (MELLO, 2022, p. 32), “esta representação do ‘homem-avantajado-ativo’ é idealizada baseada em informações que envolvem a figura do pênis: tamanho, espessura, cor, grossura, comparações com objetos *etc*”.

Como é possível observar no Quadro 9, há apenas um dado considerado negativo, para os parâmetros da cultura brasileira, no direcionamento ao órgão sexual masculino. A metáfora

⁸³ Texto em língua estrangeira: [metaphors] are crucial in understanding the ideologies, the kinds of discourses we employ when we deal with the subject matter of women and men.

conceptual específica PÊNIS É TAMANHO PEQUENO só aparece em uma ocorrência na lista de nomes para o referido órgão. A designação ‘bananada (pequeno e murcho)’ é a única aparição expoente de padrões culturais concernentes ao que se espera do homem e de seu órgão sexual. Essa expectativa em relação ao órgão sexual masculino ser grande é ratificada nos próprios dados do *corpus*, que expõem um elevado número de nomeações que exaltam o tamanho grande, retilíneo e distenso do pênis.

Culturalmente, essa ideia pode ser observada por meio da máxima ‘tamanho é documento’, circulante entre falantes do português do Brasil, sendo demonstrativa quanto à preocupação de brasileiros com o tamanho de seu órgão sexual. É nesse sentido que Goldemberg (2005), com base em estudos de Badinter (1993), ratifica a idealização do viril para homens, cujos esforços são aplicados na supervalorização do tamanho do pênis, mesmo que isso lhes traga o peso das frustrações de não se obter o que é esperado socialmente. É nessa cultura falocêntrica que normalmente a nomenclatura para o órgão sexual masculino se constitui, estabelecendo firmemente a ideia de dominância e potencialidade do homem por meio de seu órgão genital.

Quanto às metonímias conceptuais identificadas nas nomeações para a vulva, destacam-se aquelas originadas dos MCIs⁸⁴ (i) de CONSTITUIÇÃO, em que a vulva é constituída por FILAMENTO /AQUOSIDADE /CURVALIDADE /CARNOSIDADE /RUGOSIDADE / COR ROSADA e TAMANHOS, com forte atrelamento entre o órgão sexual feminino e os formatos e características salientes que o compõem; (ii) de CAUSAÇÃO, em que o efeito é evidenciado por meio de sua causa, como é o caso da metonímia conceptual COR ESBRANQUIÇADA DO ALIMENTO PELA SECREÇÃO ESBRANQUIÇADA PRODUZIDA PELA VULVA, em nomeações como ‘bacalhau com natas’, ‘gorgonzola’ e ‘qualhada’, cujos nomes abarcam, implicitamente, a causa da nomeação; (iii) de EVENTO, em que subeventos são retratados em termos do evento como um todo, como é o caso da metonímia SUCÇÃO DO ALIMENTO PELA SUCÇÃO DO ATO SEXUAL, subjacente à metáfora conceptual VULVA É ALIMENTO DE SUCÇÃO; e, por fim, (iv) de PERCEPÇÃO, em que as habilidades olfativas e visuais são acionadas para designar o órgão sexual a partir de uma característica mais saliente, como é o caso da cor rosada captada pelo sistema visual e do cheiro de peixe ser atribuído à vulva.

Neste último caso, cabe ressaltar que há uma ideia coletiva de que órgão sexual feminino tem por característica o mau cheiro, sendo, por vezes, retratado como “peixe” ou

⁸⁴ Todos os MCIs da análise de dados linguísticos baseiam-se nos MCIs elencados por Littlemore (2015).

“cheiro de peixe”. Essa ideia baseia-se na metáfora conceptual específica CHEIRO RUIM DO PEIXE MORTO É CHEIRO RUIM DA VULVA. Mesmo sendo de conhecimento geral que o corpo humano, e cada uma de suas partes constituintes, tende a ter odor ruim em caso de má higienização, somente a vulva é culturalmente simbolizada como uma parte cuja propriedade de aroma ruim é ressaltada, independentemente das condições em que o corpo feminino esteja.

O que se expõe aqui, entretanto, é uma cognição compartilhada socioculturalmente e que não reflete a minha inclinação pessoal. Em caminho reverso, busco registrar a necessidade de se desvendar e de se desdobrar o inconsciente cognitivo para que, então, seja possível identificar e modificar as metáforas conceptuais que carregam traços ideológicos de uma comunidade linguística. É possível perceber, nos dados, o posicionamento social historicizado e perpetuado por desigualdade no tratamento de gêneros (cf. MARTIN, 2011; PRECIADO, 2014; PORDEUS; VIANA, 2021). É nessa luta em que me engajo, pois é preciso ‘desempacotar’ os discursos errôneos que nos vêm prontos, especialmente aqueles que posicionam papéis sociais de homens e mulheres, a partir na nomeação de seus órgãos sexuais, de forma não simétrica.

Quanto aos padrões esquemáticos relacionados à experiência pré-linguística, foram identificadas as seguintes representações na estruturação das metáforas conceptuais para a vulva: os esquemas imagéticos (i) de UNIDADE/MULTIPLICIDADE em relação aos pelos, à condição de aspecto aquoso, à carnosidade e à rugosidade a que se referem as metáforas linguísticas para o referido órgão; (ii) de ODOR, cuja base pré-conceptual é o sistema olfativo (cf. EVAN, GREEN, 2006, p. 234); (iii) de FORÇA, dada a habilidade para sucção, a qual é empregada de modo a designar a vulva; e (iv) de IDENTIDADE, quando se relacionada a vulva aos formatos curvos/redondos de objetos e a tamanhos de outros artefatos culturais.

Já para os nomes que designam órgãos sexuais masculinos, ressaltam-se as metonímias conceptuais originadas de MCIs (i) de CONSTITUIÇÃO, em que o pênis é constituído por TAMANHOS e FORMATO DISTENDIDO/ CILÍNDRICO; (ii) de EVENTO, em que o subevento do ato de sucção é evidenciado em detrimento de todo o evento sexual, originando a metonímia conceptual SUCÇÃO DO ALIMENTO PELA SUCÇÃO DO ATO SEXUAL, estruturante da metáfora conceptual PÊNIS É ALIMENTO DE SUCÇÃO; e (iii) de CAUSAÇÃO, baseada no pensamento metonímico de efeito e causa, como é o caso da nomeação ‘bananada (pequeno e murcho)’.

Quanto aos esquemas imagéticos, elencam-se a representação esquemática de VERTICALIDADE, que estrutura uma gama de possibilidades designativas para a distensão, a

retidão e o formato cilíndrico do pênis; (ii) de FORÇA, que, assim como nas metaforizações para a vulva, expressam a habilidade pré-linguística para sucção; e (iii) de IDENTIDADE conceituais que interligam tamanhos objetos e artefatos ao órgão sexual masculino.

Deve-se ressaltar que, embora as duas categorias refiram-se ao domínio de ALIMENTO, o qual demanda o conhecimento sensitivo do palato, o MCI PERCEPÇÃO abarca o que é experimentado – e evidenciado na forma linguística, como em ‘manga-rosa’ – pelos sentidos. No caso da nomenclatura para o pênis, as identidades mantêm relação com os tamanhos e os formatos dos objetos mapeados conceitualmente de modo a serem observados como o órgão sexual masculino. Já nos nomes para a vulva, a percepção ocorre, em muitos casos, em termos olfativos e visuais – este último item, no caso dos dados de análise, refere-se ao domínio básico de CORES (EVANS; GREEN, 2006, p. 234).

No quadro 10, é possível observar as representações dos MCIs e dos Esquemas Imagéticos envolvidos nas manifestações linguísticas das metáforas conceituais VULVA É ALIMENTO e PÊNIS É ALIMENTO.

Quadro 10- representações esquemáticas para VULVA/PÊNIS É ALIMENTO

VULVA		PÊNIS	
MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
CONSTITUIÇÃO CAUSAÇÃO EVENTO PERCEPÇÃO	UNIDADE/MULTIPLICIDADE ODOR FORÇA IDENTIDADE	CONSTITUIÇÃO EVENTO CAUSAÇÃO	VERTICALIDADE FORÇA IDENTIDADE

Fonte: A autora, 2023.

Conforme a exposição do Quadro 10, os MCIs de CONSTITUIÇÃO e de EVENTO, assim como os esquemas imagéticos de FORÇA e de IDENTIDADE, são compartilhados entre as metaforizações para a vulva e para o pênis. Entretanto, os *frames* que são acionados nessas estruturas esquemáticas demandam experiências diferenciadas por mulheres e homens nas relações socioculturais e, ao mesmo tempo, em relação às nomeações de seus órgãos sexuais. Na verdade, são essas designações que apontam para os posicionamentos distintos quanto aos gêneros na sociedade brasileira, uma vez que há uma discrepância no tratamento designativo para a vulva e o pênis.

Cabe ressaltar que, para fins de delimitação teórica, os MCIs abarcam uma complexidade de *frames* estruturados (FERRARI, 2011) e é essa organização interna que muda de um MCI para outro no que se refere às relações entre seres sociais, aqui delimitados

quanto aos gêneros feminino e masculino. É o caso, por exemplo, do MCI de CONSTITUIÇÃO, compartilhado entre as metaforizações para a vulva e o pênis.

Nas designações ‘burgão’ e ‘cabação’, um dos enquadres da experiência é acionado para delimitar o tamanho grande do órgão sexual feminino. O funcionamento desses *frames* difere-se daqueles acionados para estruturar o MCI de CONSTITUIÇÃO, que estrutura as metáforas linguísticas para órgãos sexuais masculinos a partir das identidades conceptuais em relação a TAMANHOS. Em ‘palmitão’ e ‘morangão’, sendo ambas designações para o pênis, o tamanho grande não é observado de modo depreciativo, uma vez que, na cultura brasileira, há uma expectativa de superestima do órgão sexual masculino distenso, em contraposição à atribuição de valor pejorativo ao tamanho grande do órgão sexual feminino. Essa premissa pode ser observada a partir das cirurgias estéticas amplamente conhecidas socialmente e direcionadas aos referidos órgãos sexuais. Enquanto há demanda para diminuir o tamanho da vulva, em caminho reverso, há diversas promessas propagandistas relacionadas ao aumento de tamanho do pênis. Essa investidura em corpos masculinos e femininos ratifica, nos termos de Preciado (2014, p. 28), “a coerência do sistema sexo/gênero até o ponto de submetê-los a processos cirúrgicos de ‘cosmética sexual’ (diminuição do tamanho do clitóris, aumento do tamanho do pênis, fabricação de seios de silicone, refeminilização hormonal do rosto *etc.*)”.

De acordo com Pastor (2021a), há mecanismos sociais no direcionamento do corpo, que são considerados patologizantes, isto é, são tratados como doenças. Um desses olhares da sociedade direciona-se à constituição física do órgão sexual feminino. Segundo a autora, “menciona-se como a falta de informação sobre as configurações dos lábios da vulva tem como consequência social a patologização de outras realidades, levando desnecessariamente a cirurgias” (PASTOR, 2021a, p. 17)⁸⁵. Para Pastor (2021a), uma das formas de despatologizar a vulva é visibilizar as suas funções e seus processos fisiológicos, suprimindo a ideia de que há alguma anormalidade em sua estrutura anatômica.

Paralelamente à ideia social que define o formato/tamanho ideal para a vulva, há conceptualização coletiva de estigmatização do pênis, que, segundo Lewis (2020), afeta a masculinidade e influencia em como as pessoas idealizam os desejos e as relações sexuais. Nas palavras da autora, “indivíduos com pênis pequeno [...] são vistos como ‘menos homens’, ‘menos viris’ e ‘menos capazes’ de dar prazer, o que pode resultar em problemas de

⁸⁵ Texto em língua estrangeira: También en el apartado diversificar, se menciona cómo la falta de información sobre las configuraciones de los labios de la vulva tiene una consecuencia social de patologizar otras realidades, conduciendo innecesariamente a cirugías.

autoestima, ódio ao corpo *etc*” (LEWIS, 2020, s/p), fato este que normativiza uma única forma de prazer, a saber, a partir do órgão sexual masculino em tamanho grande. Desse modo, a metáfora conceptual primária IMPORTANTE É GRANDE (LAKOFF; JOHNSON, 1987, p. 50) aplica-se apenas às designações para o órgão sexual masculino, restando, para as nomeações da vulva, a metáfora conceptual geral MENOR É MELHOR.

De todo modo, o riso que emerge das expressões metafóricas fundamenta-se, principalmente, na quebra de expectativas no momento da conceptualização. Considerando-se que a mente opera por padrões de conhecimento, a manipulação de *frames* passa a ser o fator preponderante na emergência do aspecto risível, relacionando-o às designações para órgãos sexuais. Há uma integração entre os dados de entrada sobre os objetos físicos – armazenados na memória de trabalho e acionados por meio de *frames* –, a informação nova e o conhecimento em sua multiplicidade de representações mentais (COULSON, 2001).

Além disso, o significado é estruturado por “semelhanças na interpretação da linguagem e processos gerais envolvidos na compreensão de objetos, ações e eventos no mundo ao nosso redor” (COULSON, 2001, p. 33)⁸⁶. É nesse sentido que a manipulação dos *frames* possibilita uma violação dos padrões esperados pela mente, suscitando o riso. Nomear a vulva como ‘burgão’, ‘cabação’, ‘qualhada’ ou ‘nugget de peixe’, por exemplo, aponta para um plano de fundo de vexação da condição feminina, aqui, metonimicamente, representada por meio de seu órgão sexual. É algo que não ocorre quando o aumentativo é usado em os nomes para o pênis, cujas bases para a superestima recaem na cultura de se potencializar: quanto maior o tamanho do pênis, mais superestimado é o homem.

Deve-se ressaltar, porém, que em situações de uso da nomenclatura para vulva e pênis, essas circunstâncias de valoração e de baixa estima podem mudar de papel. As metáforas conceptuais em nível de espaços mentais dão acesso ao nível de comunicação (cf, KÖVECSES, 2022), sendo acionadas pela informação da memória de trabalho, e situando quanto à informação processada.

O que se defende aqui, e que será visto em outras análises no decorrer deste estudo, é que o riso de metáforas para órgãos sexuais emerge de uma seleção vocabular cujas formas linguísticas são diferentes daquelas padronizadas para determinado conceito. No caso dos domínios de VULVA e PÊNIS, espera-se a proferição de nomes convencionalizados, sejam eles

⁸⁶ Texto em língua estrangeira: Moreover, the approach the cognitive semanticist adopts toward meaning in natural language suggests commonalities in the interpretation of language and general processes involved in the comprehension of objects, actions, and events in the world around us.

terminológicos ou não. E o acionamento de um léxico diferente do que se espera, regatando enquadres experienciais diferentes daqueles previstos no sistema conceptual, diz respeito à capacidade distintivamente humana de trazer à tona o humor, originando um produto criativo por meio da manipulação de *frames* dissemelhantes (o relativo a órgãos sexuais e aquele relativo a outro domínio experiencial para designar órgãos sexuais), ao mesmo tempo em que gera compatibilidades por meio de mapeamentos entre os domínios.

Além disso, para o tratamento dos dados, recorro ao termo de Minois (2003, s/p) para falar de um “riso social”, que é o riso da coletividade, podendo, assim, atrelar o conceito aos aspectos ideológicos subjacentes a essas metáforas do pensamento – que, como é postulado pela LC, constituem-se por meio de estruturas estáveis do conhecimento. A análise do uso dessas estruturas, ou melhor, da habilidade para a manipulação dessas estruturas por meio do riso, que surge a partir de uma violação de expectativas (COULSON, 2006), é o que permite a visualização de aspectos relacionados à ideologia quanto às posições assumidas por mulheres e homens na sociedade por meio das designações de seus órgãos sexuais.

Dito isso, a subseção posterior analisa as metaforizações para VULVA e PÊNIS em termos do domínio-fonte ANIMAL.

5.1.2 VULVA/PÊNIS É ANIMAL

As nomeações metafóricas para a vulva e o pênis a partir do domínio-fonte ANIMAL manifestam-se de forma peculiar no que se refere às estruturas estáveis do conhecimento acionadas para a conceptualização. Há, como em outras categorias conceptuais, repetições de metáforas específicas. Porém, o funcionamento interno dos domínios, *frames* e MCIs ocorre de forma diferenciada entre os conceitos de VULVA e PÊNIS.

Coulson e Kutas (1998, p. 3)⁸⁷ afirmam que os “*frames* contêm informações causais e relacionais, são organizados hierarquicamente de modo a permitir a incorporação recursiva de *frames* dentro de *frames*, e podem ser usados para representar o conhecimento sobre uma ampla variedade de objetos, ações e eventos”. É nessa amplitude e dinamicidade em que se

⁸⁷ Texto em língua estrangeira: *Frames* contain causal and relational information, are organized hierarchically so as to allow recursive embedding of *frames* within *frames*, and can be used to represent knowledge about a wide variety of objects, actions, and events.

baseiam os dados das metáforas conceptuais VULVA É ANIMAL e PÊNIS É ANIMAL. Isso porque, assim como em outras categorizações, há uma discrepância no que tange ao quantitativo de designações para os referidos órgãos sexuais. Enquanto, para nomeações da vulva, foram identificadas 117 manifestações linguísticas a partir de metaforização VULVA É ANIMAL, para o pênis, foram apenas 50 designações componentes da metáfora conceptual PÊNIS É ANIMAL.

O quadro 11 expõe a súmula das metáforas conceptuais em nível específico, constatadas a partir do domínio-fonte ANIMAL.

Quadro 11- metáforas conceptuais específicas para VULVA/PÊNIS É ANIMAL

VULVA		PÊNIS	
METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. VULVA É ANIMAL COM FORTE ODOR <i>faneca, gambá, prejereba</i>	METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. PÊNIS É ANIMAL DE APARÊNCIA RUGOSA <i>sharpei, sardão</i>
	2. VULVA É ANIMAL COM PENUGEM <i>bicho peludo, cadela, gambá, lontra peluda, macaca, macaca banguela, ursa, ursa maior</i>		2. PÊNIS É ANIMAL CILÍNDRICO/DISTENDIDO <i>anaconda, cobra, cobra albina caolha, cobra cuspeira, cobra de calça, minhoca, cobra zarolha, cobra zoiuda</i>
	3. VULVA É ANIMAL DE FORMATO ABERTO <i>aranha, aranha babosa, borboleta, borboleta molhada, borboletinha, mariposa, tarântula, tarântula negra</i>		3. PÊNIS É ANIMAL COM FRESTA <i>cobra da cabeça furada</i>
	4. VULVA É ANIMAL DE FORMATO CURVO/REDONDO <i>barata, baratinha de laboratório, franga, rola, rolinha, sapo</i>		4. PÊNIS É ANIMAL COM FRESTA (OLHO) <i>cobra albina caolha, cobra de um olho só, cobra zarolha, cobra zoiuda</i>
	5. VULVA É ANIMAL DE TAMANHO GRANDE <i>cavala, cavalona, pombão, ratona, sapão</i>		5. PÊNIS É ANIMAL DE FORMADO CURVO/REDONDO <i>canguru, cavalo, golfinho, lontra do Dede, pássaro, peru, pomba, pinto, rola, tubarão</i>
	6. VULVA É ANIMAL DE TAMANHO PEQUENO <i>baratinho, canarina, passarinha, rolinha, sapinha encantada, tatuzinha</i>		6. PÊNIS É ANIMAL DE TAMANHO GRANDE <i>cavalo, cavalo power, tatuzão, bagre, besugo, brejerba, jamanta, pirarucu, robalo</i>
	7. VULVA É ANIMAL INCUBADOR <i>galinha (choca o pinto)</i>		7. PÊNIS É ANIMAL DE TAMANHO PEQUENO <i>curió, manjuba, minhoca, pássaro</i>
	8. VULVA É ANIMAL QUE MAMA <i>bezerro, bezerro (adora um leitinho)</i>		8. PÊNIS É ANIMAL QUE COSPE <i>camelo cuspidor, cobra cuspeira</i>
	9. VULVA É ANIMAL QUE SALTITA <i>perereca, perereca saltitante</i>		9. PÊNIS É ANIMAL QUE ABRE BURACO <i>sabiá-buraqueiro</i>
	10. VULVA É ANIMAL QUE SUGA <i>sanguessuga</i>		
	11. VULVA É ANIMAL RASTEJANTE <i>jibóinha, lacraia, naja, sanguessuga</i>		
	12. VULVA É ANIMAL SANGRENTO <i>animal sangrento (menstruada)</i>		

Fonte: A autora, 2023.

Quanto às expressões linguísticas agrupadas pelas metáforas conceptuais VULVA/PÊNIS É ANIMAL, observou-se uma gama de possibilidades quanto aos tipos de animais referentes a cada órgão. Algumas metáforas conceptuais específicas são compartilhadas entre as categorizações conceptuais, tais como aquelas relacionadas aos formatos curvo e redondo, e aos tamanhos grande e pequeno. Outras se diferem quanto às identidades conceptuais, como é o caso das características direcionadas ao órgão sexual feminino relacionadas ao prolongamento filiforme, ao formato aberto, à condição de sangramento, aos eventos de mamar e saltitar, e ao odor de animais que são equiparados à vulva. No caso dos nomes para o pênis, a aparência rugosa e os formatos cilíndrico e distendido, conferidos exclusivamente ao referido órgão, não se manifestam nas designações para a vulva.

Deve-se chamar a atenção para a linguagem sexista no que diz respeito à circunscrição de nomes elencados para a nomeação da vulva. Mills (2008) aponta para o fato de que não há dúvidas quanto ao sexismo explícito. Ele é inequívoco e claro quanto à sua manifestação na linguagem. Difere-se do sexismo indireto, que é aquele que só pode ser entendido por meio de uma contextualização para a interpretação de seus enunciados. O aspecto burlesco no rol de nomes para a vulva pode dar a falsa impressão de naturalidade e de ausência de ideologia incorrida nos dados linguísticos. Uma breve comparação entre os nomes para a vulva e o pênis evidencia, não apenas a discrepância no quantitativo de designações entre uma categoria e outra, como também uma divergência no tratamento aos referidos órgãos sexuais por meio do chamamento metafórico, o qual relaciona, metonimicamente, a designação linguística à representação social das figuras de homem e mulher na sociedade.

Os nomes para a vulva, nesse contexto de domínio-fonte ANIMAL, são majoritariamente retratados a partir de animais considerados repugnantes na cultura brasileira. Até mesmo quando há manifestações compartilhadas, quanto ao tipo de animal, entre as categorizações de VULVA e PÊNIS, as manifestações metonímicas e de outras estruturas estáveis do conhecimento evidenciam a forma pejorativa como a vulva – e a mulher – é conceptualizada a partir de uma cognição coletiva.

É o caso, por exemplo, de metáforas linguísticas do domínio de ANIMAIS VERTEBRADOS, tais como os peixes, que aparecem na nomenclatura tanto para a vulva quanto para o pênis. A metáfora linguística ‘brejereba/prejereba’⁸⁸ manifesta-se em ambas as categorias, assumindo, porém, incorporações sociais distintas em termos conceptuais. Para o

⁸⁸ As grafias de ‘brejereba’ e ‘prejereba’ foram consideradas para designar, respectivamente o pênis e a vulva. Ambas as grafias estão previstas em dicionários da web.

pênis, a analogia se faz em função dos formatos curvo e distendido e dos tamanhos grande e pequeno, associando o animal ao órgão sexual masculino por meio de compatibilidades conceptuais em relação à imagem visual e a fatores sociais de superestima. Os tipos de peixes elencados para a nomeação do pênis aludem, em sua maioria, a peixes de tamanho grande: ‘bagre’, ‘besugo’, ‘brejereba’, ‘jamanta’, ‘pirarucu’ e ‘robalo’.

Já para a vulva, a compatibilidade conceptual é atribuída apenas ao formato curvo e a fatores culturais de baixa estima a que a vulva é vinculada socialmente em relação ao odor. Como já se abordou na subseção anterior, há uma historicidade e culturalidade na associação da vulva ao odor de um peixe. Os termos, aqui travestidos em formato de humor, manifestam-se a partir de *frames* complexos cuja recursividade permite o preenchimento de informações que mascaram a condição de rebaixamento a que a mulher comumente é condicionada. Se, por um lado, há uma preocupação em associar o pênis a formatos e tamanhos de animais, por outro, há uma preocupação excessiva em nomear a vulva a partir animais considerados repulsivos e avessos à uma comparação de valorização pessoal.

Essa complexidade de *frames*, formando-se a robustez e a dinamicidade dos modelos cognitivos idealizados, aponta para as seguintes postulações: as designações para a vulva baseiam-se em MCIs (i) de CONSTITUIÇÃO, uma vez que sua compleição é observada a partir de elementos como os filamentos que são associados à PENUGEM, aos FORMATOS CURVOS e ABERTOS e aos TAMANHOS GRANDE e PEQUENO; (ii) de EVENTOS, os quais abarcam a incubação de outros animais, a ação de deslocamento para cima e para baixo relacionada ao ato sexual, o ato de sucção e o evento da menstruação; e (iii) de CAUSAÇÃO, como é o caso de metáforas linguísticas como ‘bezerro (adora um leitinho)’, ‘animal sangrento (menstruada)’ e ‘galinha (choca o pinto)’, que já apontam a causa da designação ao órgão sexual em sua própria estrutura.

As metonímias conceptuais identificadas remetem à referência indireta da vulva à outra entidade, como é o caso de (i) SUCÇÃO DO ANIMAL PELA SUCÇÃO À VULVA; (ii) ATO DE SALTAR DO ANIMAL PELO ATO DE SALTAR DA VULVA; (iii) FILAMENTO DO ANIMAL PELO FILAMENTO DA VULVA. Essas metonímias estabelecem metáforas conceptuais específicas relacionadas a ações, especialmente sexuais, e a animais constituídos de penugem em sua estrutura corpórea. Algumas das metáforas estruturadas por tais metonímias são (i) VULVA É ANIMAL QUE MAMA/SUGA; (ii) VULVA É ANIMAL QUE SALTITA; e (iii) VULVA É ANIMAL COM PELOS.

Os esquemas imagéticos subjacentes às nomeações para a vulva, tal como no domínio-fonte ALIMENTO, foram os seguintes: (i) de UNIDADE/MULTIPLICIDADE relacionado aos pelos

animais e humanos característicos de cada conceito (ANIMAL e VULVA); (ii) de ODOR, quando se associam os cheiros de cada entidade; (iii) de FORÇA, em alusão ao ato de sucção; (iv) de IDENTIDADES, relacionando formatos curvos/redondos de animais, e tamanhos de outros artefatos culturais à vulva. Além desses, outros dois esquemas imagéticos foram identificados: (i) de CICLO, quando se relaciona o período menstrual da mulher à condição sangrenta do animal – em ‘animal sangrento (menstruada)’ – e (ii) de FORÇA a partir da esquematização de BLOQUEIO, no ato de incubação do pinto – em ‘galinha (choca o pinto)’.

Já nas designações para o pênis, foram identificados os seguintes MCIs: (i) de CONSTITUIÇÃO, caracterizando aspectos constitutivos de cada entidade, tais como os TAMANHOS GRANDE e PEQUENO e FORMATOS DISTENDIDO/ CILÍNDRICO/ RUGOSO/ COM FRESTA; e (ii) de EVENTOS, já que o órgão sexual masculino é relacionado acontecimentos envolvendo ações de animais mapeadas a ações do pênis, como é o caso de ‘camelo cuspidor’ e ‘cobra cuspideira’, metáforas linguísticas agrupadas pela metáfora conceptual PÊNIS É ANIMAL QUE COSPE, em alusão ao ato de expelir o esperma do pênis. Já em PÊNIS É ANIMAL QUE ABRE BURACO, por exemplo, há o indicativo de que ‘sabiá-buraqueiro’ é uma referência implícita ao ato sexual.

Considera-se, ainda, a conceptualização da fresta constituinte do órgão sexual masculino em termos do olho do animal, como é o caso das metáforas linguísticas ‘cobra de um olho só’, ‘cobra zarolha’ e ‘cobra zuiuda’. Essa compatibilização entre as entidades é instituída por meio da metonímia conceptual OLHO DO ANIMAL PELA FRESTA DO PÊNIS, estruturante da metáfora conceptual PÊNIS É ANIMAL COM FRESTA. Além disso, há a correspondência conceptual entre a característica de rugosidade do pênis e a rugosidade da pele de animal, como é o caso da metáfora linguística ‘sharpei’⁸⁹, motivada pela metonímia conceptual RUGOSIDADE DA PELE ANIMAL PELA RUGOSIDADE DO PÊNIS, viabilizando a metáfora conceptual PÊNIS É ANIMAL DE APARÊNCIA RUGOSA.

Os esquemas imagéticos que estruturam as metaforizações para PÊNIS É ANIMAL concernem às representações (i) de VERTICALIDADE, uma vez que há uma gama de possibilidades de manifestações linguísticas relacionadas ao formato distenso, retilíneo e cilíndrico do pênis; (ii) de FORÇA, ao lançar para fora o cuspe/esperma em metáforas linguísticas que se referem a animais cuspidores com uma alusão implícita do ato de ejacular;

⁸⁹ A forma escrita dicionarizada é ‘shar-pei’, uma raça canina de origem chinesa.

e (iii) de IDENTIDADE, em que as estruturas conceptuais de TAMANHOS e FORMATOS dos animais são conferidas às nomeações ao pênis.

O quadro 12 apresenta as representações esquemáticas para VULVA/PÊNIS É ANIMAL.

Quadro 12- representações esquemáticas para VULVA/PÊNIS É ANIMAL

VULVA		PÊNIS	
MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
CONSTITUIÇÃO EVENTO CAUSAÇÃO	UNIDADE/MULTIPLIC. ODOR IDENTIDADE CICLO FORÇA/BLOQUEIO	CONSTITUIÇÃO EVENTOS	VERTICALIDADE FORÇA IDENTIDADE

Fonte: A autora, 2023.

Reitera-se a ideia defendida nesta pesquisa de que há uma espécie de ‘manobra de *frames*’ no uso de propriedades salientes de enquadres da experiência para se estabelecer novas configurações linguísticas. Há uma interação entre os *frames* para a configuração do significado linguístico. O novo cenário emerge, entre outros fatores possíveis, de modo a mascarar o tabu socialmente estabelecido sobre os órgãos sexuais. A jocosidade é o fator preponderante nesse mascaramento, uma vez que o aspecto risível atenua as restrições morais sobre o corpo e, conseqüentemente, sobre a forma como se nomeia esse corpo. Porém, como se observa nos dados desta tese, há risibilidades que operam de formas distintas, uma vez que o riso discriminatório em nomes populares para a vulva difere-se do riso potencializador em designações figurativas para o pênis.

Acrescenta-se que as metáforas conceptuais estão diretamente relacionadas ao conhecimento enciclopédico, viabilizando designações para órgãos sexuais que suscitam o humor a partir da interconexão de dados experienciais da memória de longo prazo. Por trás dessas metaforizações e relações de *frames* complexos, há fatores ideológicos imbuídos de jocosidade e constitutivos de modelos cognitivos idealizados. E se são idealizados, é porque são passíveis de modificações.

Na subseção posterior, discorre-se sobre metáforas, linguísticas e conceptuais, que carecem de uma mudança linguística, dados os aspectos ideológicos intrínsecos aos conceitos de VULVA e PÊNIS nos termos de FERRAMENTA.

5.1.3 VULVA/PÊNIS É FERRAMENTA

Nas nomeações para a vulva e o pênis a partir do domínio-fonte FERRAMENTA, foi possível identificar o caráter instrumentalizador dos órgãos sexuais para a execução de determinadas ações. Em geral, essas ações dizem respeito ao ato sexual, o que posiciona os dados a uma base metonímica de INSTRUMENTO PELA AÇÃO.

Embora esta categoria tenha apresentado poucas ocorrências linguísticas, tanto no que diz respeito às nomeações do órgão sexual feminino quanto ao que concerne às designações do órgão sexual masculino, os dados mostram-se importantes para evidenciar as relações que se estabelecem entre linguagem sexista e riso a partir de fatores ideológicos subjacentes a metáforas conceptuais. No caso da nomenclatura para a vulva, foram 17 metáforas linguísticas identificadas, paralelamente a 23 expressões designativas ao pênis.

O maior quantitativo para os nomes conferidos ao pênis baseia-se em fatores socioculturais a que o termo ‘ferramenta’ se direciona: é um conceito comumente circunscrito a práticas sociais de homens. E embora tenham surgido nomes de ferramentas no rol de nomes para a vulva, é comum, na cultura brasileira, associar a terminologia à parte erógena masculina. O dicionário on-line Priberam, por exemplo, define a palavra ‘ferramenta’, entre outras acepções, como “os órgãos sexuais masculinos” (PRIBERAM, 2008, s/p), não havendo qualquer menção, na lista de significações, da terminologia à vulva. Além disso, das 17 manifestações de uso denominador para a vulva, 5 foram excluídas da análise por terem semelhança conceptual com o pênis, como é o caso de ‘broca’, ‘cabeçote’, ‘furquilha’ e ‘moto-serra’; e 3 itens lexicais foram analisados de forma muito específica, sem considerar as semelhanças conceptuais imagéticas dos conceitos mapeados.

Nesse último caso, estão as palavras ‘parafuseta’, ‘rebimboca’ e ‘rebimboca da parafuseta’. São nomes que, segundo o Dicionário Informal⁹⁰, não têm uma significação particular de uso social. A palavra ‘rebimboca’, por exemplo, é uma “peça de carro que não existe ou cujo nome ninguém conhece” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2006, s/p); e ‘parafuseta’ diz respeito a “defeito inexistente no motor, ardil utilizado por maus mecânicos para enganar leigos” (DICIONÁRIO INFORMAL, 2006, s/p). Assim, a identificação de compatibilidades conceptuais emerge não das projeções de características análogas de objetos concernentes aos conceitos de VULVA e FERRAMENTA, e sim de compatibilidades entre a vulva, ferramentas instrumentalizadoras e práticas sociais de insignificância e de enganação, respectivamente. Tais nomes, nesse contexto, podem ser conceptualizados como a vulva – que

⁹⁰ Dicionário on-line cujas palavras são definidas por seus usuários com base no uso de falantes reais da Língua Portuguesa. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/>.

representa a efigie da mulher – sendo o instrumento sem importância ou o instrumento por meio do qual é possível ludibriar pessoas, ratificando a ideia de sexismo implícito ao remontar a imagem feminina de forma negativa nos parâmetros da cultura brasileira.

Nesse sentido, deve-se chamar a atenção para a nomeação ‘ferramenta de puta’, presente no rol de nomes para a vulva. A expressão é respaldada pela metáfora conceptual específica VULVA É MEIO PARA CONSEGUIR OBJETIVO, ratificando a ideia de que as projeções refletem práticas sociais, mais do que a objetos/ferramentas físicas em si. Como se verá mais adiante, todos os nomes para o pênis reproduzem semelhanças conceptuais entre o órgão sexual masculino e objetos, deixando as práticas sociais implícitas aos conceitos.

Outros nomes que devem ser ressaltados nesta análise são ‘bigorna de moldar pau’, ‘bisegre (por sua função, como ferramenta de sapateiro, de somente ser eficiente quando bem esfregado)’, ‘bodoque de caralho’, ‘esmeril de rola’ e ‘porca do parafuso’, nomes que designam o órgão sexual feminino com um atrelamento ao órgão sexual masculino, direta ou indiretamente. Em termos funcionais, a ferramenta ‘bigorna’ tem por função forjar materiais de metal, os quais são distensos e rígidos. O ‘bisegre’ é o instrumento que dá polimento a calçados por meio de fricção. O bodoque é uma ferramenta que se assemelha ao estilingue, com tamanho maior e com formato curvo quando está sendo manuseado. O esmeril também um instrumento para moldar materiais. Já a ‘porca do parafuso’, em formato redondo, serve como receptáculo para o parafuso.

É preciso considerar que nenhuma ocorrência dos nomes para o pênis mantém relação imediata com a vulva, embora o caráter instrumentalizador (INSTRUMENTO/PÊNIS PELA AÇÃO SEXUAL) esteja implícito a muitas das designações para o referido órgão sexual. De todo modo, apenas em nomeações para a vulva esse caráter relacional está presente na forma linguística. A bigorna, por exemplo, molda o pênis (‘bigorna de moldar pau’). O bodoque (vulva), em formato curvo, é pertencente ao pênis (‘bodoque do caralho’). E a porca (vulva) do parafuso (pênis) também evidencia uma condição de sujeição expressa por designações para o órgão sexual feminino (‘porca do parafuso’).

Dito isso, o Quadro 13 expõe as metáforas conceptuais específicas identificadas para cada umas categorias conceptuais.

Quadro 13- metáforas conceptuais específicas para VULVA/PÊNIS É FERRAMENTA

VULVA		PÊNIS	
METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. VULVA É FERRAMENTA DE FORMATO CURVO <i>bodoque do caralho</i>	METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. PÊNIS É FERRAMENTA DE FORMATO CILÍNDRICO <i>cambão, chibanca, gonzo, mandril, martelo, martelo power, marreta, macete,</i>
	2. VULVA É FERRAMENTA DE FORMATO EM RECEPTÁCULO <i>porca do parafuso</i>		2. PÊNIS É FERRAMENTA DE FORMATO RETILÍNEO <i>acunhador, berbequim do amor, bigorna, chibanca, estrovenga, furadeira, manjolo, morsa, trolha, verruma</i>
	3. VULVA É FERRAMENTA DE FORMATO REDONDO <i>porca do parafuso</i>		3. PÊNIS É FERRAMENTA DE FORMATO RÍGIDO <i>Todos os nomes da lista</i>
	4. VULVA É FERRAMENTA DE FRICÇÃO <i>bisegre (por sua função, como ferramenta de sapateiro, de somente ser eficiente quando bem esfregado)</i>		4. PÊNIS É FERRAMENTA PARA EXECUTAR FUNÇÃO <i>ferramenta</i>
	5. VULVA É FERRAMENTA PARA ENGANAR LEIGOS <i>parafuseta, rebimboca, rebimboca da parafuseta</i>		5. PÊNIS É INSTRUMENTO DE TRABALHO <i>aparelho, equipamento</i>
	6. VULVA É FERRAMENTA QUE SE ABRE E SE FECHA <i>dobradiça</i>		
	7. VULVA É MEIO PARA CONSEGUIR OBJETIVO <i>ferramenta de puta</i>		

Fonte: A autora, 2023.

Quanto aos MCIs identificados nas designações para a vulva, destacam-se: (i) a estrutura representacional de CONSTITUIÇÃO, dados os acessos mentais ao conceito de FORMATO, no caso de ‘porca do parafuso’ (formato redondo); (ii) de EVENTO, em que acontecimentos secundários são recrutados em detrimento do acontecimento principal, como é o caso ‘dobradiça’, uma ferramenta que abre e fecha, evidenciando uma conotação do ato sexual a partir da metonímia SUBEVENTO PELO EVENTO TODO; (iii) de AÇÃO, em que ações sexuais subjazem às formas lexicais utilizadas para designar a vulva, como é o caso de ‘bigorna de moldar pau’, por exemplo, cuja base está na metonímia INSTRUMENTO PELA AÇÃO; (iv) de causação, subjacente à designação ‘bisegre (por sua função, como ferramenta de sapateiro, de somente ser eficiente quando bem esfregado)’, em que a causa é apontada para o seu efeito de sentido; (v) de POSSE, quando se associa os nomes para a vulva à ideia de receptáculo do pênis, como é o caso de ‘bodoque do caralho’ e ‘porca do parafuso’; e (vi) de REFERÊNCIA, a partir do uso metonímico de PALAVRA PELO CONCEITO QUE ELA EXPRESSA, tal como pode ser visto em ‘ferramenta de puta’, sendo ‘ferramenta’ o ‘meio’ e não exatamente o artefato em si.

Os esquemas imagéticos que fundamentam as nomeações da categoria FERRAMENTA para a vulva são (i) de FORÇA, considerando-se a moldagem do pênis por meio de uma ferramenta, que, no caso, é a vulva; e (ii) de FRICÇÃO, ao se considerar a eficiência da ferramenta (vulva) ao ato de ser bem esfregada em ‘bisegre (por sua função, como ferramenta de sapateiro, de somente ser eficiente quando bem esfregado)’.

Nas manifestações linguísticas designativas ao pênis, é preciso considerar um fator cultural implícito a essas nomeações, o qual situa o homem, por meio da nomeação de seu órgão sexual, a uma posição de dominância nas relações sociais de gênero de uma cultura de cunho patriarcal, tal como é a cultura do Brasil. Como dito anteriormente, é comum associar o pênis a uma ferramenta, dadas as condições históricas e socioculturais a que o termo se refere. E é essa circunscrição do termo ao âmbito masculino que faz com que um conjunto complexo de *frames* relacionados interajam para a composição de MCI de EVENTO.

O evento é o ato sexual, embora não haja, em nenhuma nomeação para o pênis, alguma menção direta ao órgão sexual feminino. É possível apenas inferir o contexto, em função da conceptualização coletiva que se tem do homem e seu respectivo órgão sexual. Se, para a vulva, ‘bigorna’ tem a função de moldar o órgão sexual masculino, informação essa explicitada na própria forma linguística, para o pênis, não há função opositiva à vulva. É apenas ‘bigorna’, com acionamento de enquadres experienciais diferenciados em relação à vulva. O *frame* FORMATO RÍGIDO, por exemplo, não é acionado para o órgão sexual feminino, mas encontra identificação conceptual com o órgão sexual masculino.

Outra consideração relevante a se fazer diz respeito à forma polida de se retratar a ferramenta (pênis) como um meio de trabalho, na nomeação ‘ferramenta de trabalho’, diferentemente da designação ‘ferramenta de puta’, que visa conferir nome, em tom pejorativo, ao órgão sexual feminino. Esta é uma das formas de sexismo implícito na linguagem que, por meio do acionamento de *frames* não habituais – isto é, de *frames* não diretamente relacionados ao conceito de ÓRGÃOS SEXUAIS (mas que, com as projeções entre domínios, acabam mantendo relações conceptuais) –, faz emergir o riso a partir de uma informação não esperada.

O MCI de CONSTITUIÇÃO também é acionado para a compreensão dessa nomenclatura. O entendimento metonímico sobre a CARACTERÍSTICA PELO OBJETO é o que fundamenta metáforas conceptuais relacionadas ao conceito de FORMATOS, que, no caso, são sempre cilíndricos, distensos e rígidos. Tal configuração a que se referem os nomes para o pênis, a partir do domínio-fonte FERRAMENTA, evidencia esquemas imagéticos relacionados à VERTICALIDADE, CONSISTÊNCIA (SÓLIDA) e FORÇA. Nesse último caso, a nomeação ‘furadeira’,

relacionada à conceptualização de ‘furar’ como o ato de penetrar, é fundamentada pelo conceito de IMPULSÃO das ações mencionadas (de furar e de penetrar).

No Quadro 14, é possível observar a síntese das informações de representações esquemáticas para a nomenclatura de órgãos sexuais a partir do domínio-fonte FERRAMENTA. Deve-se observar que os MCIs, embora se repitam em ambas as categorias, pleiteiam *frames* distintos na organização interna da idealização de modelos cognitivos culturais. O esquema imagético de FORÇA, por exemplo, é retratado nas designações para a vulva como forma de relacionar sexualmente com o pênis. Já a FORÇA conferida ao pênis diz respeito à sua potencialidade, virilidade e masculinidade, sem qualquer menção direta à vulva.

Quadro 14- representações esquemáticas para VULVA/PÊNIS É FERRAMENTA

VULVA		PÊNIS	
MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
CONSTITUIÇÃO EVENTO AÇÃO CAUSAÇÃO POSSE REFERÊNCIA	FORÇA FRICÇÃO	CONSTITUIÇÃO EVENTO	VERTICALIDADE CONSISTÊNCIA FORÇA

Fonte: A autora, 2023.

Deve-se chamar a atenção para o fato de que, das seis metáforas conceptuais específicas para a vulva, apenas duas concernem aos aspectos constitutivos de um órgão sexual feminino em termos de formatos (curvo e/ou redondo). As outras quatro metaforizações admitem a conceptualização do órgão sexual feminino em relação direta ou indireta com o órgão sexual masculino. O domínio RECEPÁCULO, por exemplo, dá indícios do ato sexual com o pênis. Da mesma forma em que a FERRAMENTA QUE SE ABRE E SE FECHA também pode incluir o entendimento do domínio de COITO ENTRE MULHER E HOMEM.

Já nas metáforas conceptuais específicas para designações do órgão sexual masculino, das seis metaforizações, apenas duas podem incluir, indiretamente, a vulva no acionamento de *frames* para a conceptualização das manifestações linguísticas para o órgão sexual masculino, que são as metáforas PÊNIS É FERRAMENTA PARA EXECUTAR FUNÇÃO e PÊNIS É INSTRUMENTO DE TRABALHO. De todo modo, ambas as metáforas do pensamento – e, consequentemente, as metáforas linguísticas – tendem à valorização do falo, muito mais do que à relação com a vulva. É esse “sexismo hostil” (FISKE; GLICK, 1995) que descaracteriza a figura feminina, colocando-a em subserviência à dominação da efigie masculina, um fato que esta tese busca evidenciar por meio de uma nomenclatura metafórica dita engraçada, e que até mesmo faz emergir o riso, mas que também carrega traços ideológicos marcadores de uma cultura que se

utiliza de linguagem sexista no direcionamento à mulher por meio da nomeação de seu órgão sexual.

Na subseção posterior, apresentam-se tais aspectos ideológicos marcadores de uma linguagem sexista na metáfora conceptual VULVA/PÊNIS É LOCALIZAÇÃO, em que nomes de locais são utilizados para a nomeação da vulva e do pênis.

5.1.4 VULVA/PÊNIS É LOCALIZAÇÃO

Os órgãos sexuais podem ser nomeados a partir do conceito de LOCALIZAÇÃO, fato este que sinaliza uma cognição coletiva de se nomear partes erógenas do corpo humano a partir do pensamento metonímico NOMES DE LOCAIS PELOS NOMES DE ÓRGÃOS SEXUAIS. Entretanto, assim como em outras categorias conceptuais, há uma discrepância quanto ao quantitativo de designações para a vulva e o pênis e, conseqüentemente, uma disparidade no olhar que se tem, culturalmente, para mulheres e homens na sociedade brasileira.

No total, foram identificados 313 nomes populares para a vulva em oposição a 7 designações metonímicas e metafóricas para o pênis, o que implica dizer que há uma atenção e interesse direcionados à mulher, por meio da nomeação de seu órgão sexual, significativamente maior que a diligência concentrada no homem, via nomeação de suas partes erógenas. Esse monitoramento tem suas bases fincadas na cultura patriarcal (cf. MARTIN, 2011) em que a conceptualização compartilhada está inserida, cujos esforços, historicamente, convergem para a vigilância das ações e vivências femininas, seja com o interesse de dominação, seja por empenho para discriminação e diminuição da figura da mulher na sociedade.

Nesse sentido, se os dados estão inseridos em contexto humorístico, o qual é reconhecido por sua função social de despertamento do riso, e há muito mais dados linguísticos relacionados à vulva (e, metonimicamente, à mulher), advoga-se em favor da ideia de que há um direcionamento para o escárnio à efígie feminina muito mais expressivo do que a ocorrência de chacota focalizada na figura masculina. Essa automatização da risibilidade sobre a mulher em um imaginário popular faz com que as proferições soem naturalizadas em contexto social, sinalizando fatores ideológicos adotados pela comunidade linguística, aqui descrita como o grupo social brasileiro.

A identificação de metáforas conceptuais (e específicas), as quais reverberam o pensamento coletivo, torna-se crucial para posicionar o riso e o humor como abstratizações potencializadoras de significação daquilo que elas visam abarcar, isto é, da nomenclatura popular para órgãos sexuais. No caso das metáforas específicas, inerentes a contextos particulares de uso, observou-se que, nas designações para a vulva, a recorrência a *frames* relacionados a ideia de receptáculo e de ato sexual faz com que o olhar para o referido órgão estabeleça um forte atrelamento entre a vulva e o pênis. Eis uma forma de sexismo tácito por meio de dados despertadores do riso, uma vez que o mesmo fato não ocorre com as metáforas específicas para nomes do órgão sexual masculino, manifestas sem qualquer menção à vulva. Deve-se pensar que, onde há discrepância no tratamento de gêneros, há discriminação baseada em critérios de gêneros.

Desse modo, a importância de se identificar tais especificidades das metáforas conceptuais gerais concerne à possibilidade de se verificar aspectos ocultos da ideologia, os quais são propiciadores da articulação discursiva e do encapsulamento de pressupostos ideológicos (WHITE; HERRERA, 2003), além disponibilizarem informações motivadas por fatores socioculturais dos falantes. No Quadro 15, é possível visualizar as 28 metáforas conceptuais específicas para designações do órgão sexual feminino, em detrimento das 2 metáforas conceptuais específicas motivadoras de nomeações para o órgão sexual masculino.

Quadro 15- metáforas conceptuais específicas para VULVA/PÊNIS É LOCALIZAÇÃO

VULVA		PÊNIS	
METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. VULVA É LOCAL DE AMOR <i>catedral do amor, caverna do amor, caverninha do amor, fábrica do amor, gruta do amor, ninho do amor</i>	METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. PÊNIS É PARQUE DE DIVERSÃO <i>parque de diversão</i>
	2. VULVA É LOCAL DE TRABALHO <i>ateliê de ginecologista, albergue do filho, biosca</i>		2. PÊNIS É REGIÃO PELÁGICA <i>região pelágica</i>
	3. VULVA É LOCAL DE ANIMAIS <i>a casa de todos os pintos, aeroporto de rolinha, cantinho da manjuba, casa de rôla, casa do periquito menor galinheiro do mundo (só cabe um pinto, empurrado), morada da rôla, ninho de cobra, ninho de pomba, ninho de rola, pintódromo, pintolândia, tabernáculo das rolas, toca da coruja, toca de cobra, toca de serpente, toca do coelho, toca do coiote, toca dos gatos, toca dos pintos</i>		
	4. VULVA É LOCAL DE DIVERSÃO <i>ali onde eu me acabo, aonde eu me acabo, área de lazer, casa de festas, centro noturno de lazer, parque,</i>		

	<i>parque de diversões, playcenter peludo, playground, playground de esperma, playground de tarado, seção lazer</i> 5. VULVA É LOCAL DE ESPERMATOZOIDE/ESPERMA <i>asilo da porra louca, casa da porra louca, cemitério de espermatozoides, gruta da porra louca, mina de porra, playground de esperma</i> 6. VULVA É LOCAL DE PRAZER <i>cantinho do prazer, escritório do prazer, fábrica dos prazeres, gruta do prazer, lugarzinho do prazer</i> 7. VULVA É LOCAL ONDE O PÊNIS PODE ESTAR/RESIDIR <i>cabana, cafofo do Osama, cafofo particular, casa de caralho, casa de pau, casa de recepção de vara, caverna leiteada, caverna melada, caverna profunda, condomínio privado, esconderijo, toca, toca da bengala, toca de cobra, toca de serpente, trincheira de pau</i> 8. VULVA É LOCAL PARA ESTACIONAR <i>estacionamento de caralho, estacionamento free</i> 9. VULVA É LOCALIZAÇÃO AFRICANA <i>África, África (mata-fechada ou alusão ao negrume do cabelo pixaim)</i> 10. VULVA É LOCALIZAÇÃO AMAZÔNICA <i>Amazonas, Amazônia, Amazônia Genérica</i> 11. VULVA É LOCALIZAÇÃO DA FRENTE <i>garagem da Frente</i> 12. VULVA É LOCALIZAÇÃO DE EMBARQUE <i>setor de embarque</i> 13. VULVA É LOCALIZAÇÃO DE HOMEM CARECA <i>assentamento de sem-peruca, casa do careca, clube dos carecas, escolinha do careca, esconderijo dos carecas, point dos carecas</i> 14. VULVA É LOCALIZAÇÃO DE LIBERTINAGEM <i>centro noturno de lazer</i> 15. VULVA É LOCALIZAÇÃO DE MAU ODOR <i>peixaria</i> 16. VULVA É LOCAL DE MINERAÇÃO <i>mina, mina de gozo, mina de ouro, mina de porra</i>		
--	---	--	--

	17. VULVA É LOCAL DE POUSO <i>aeroporto, aeroporto clandestino, aeroporto de quibe, aeroporto de rolinha, aeroporto do caralho, aeroporto do meu bilau, aeroporto peludo arraial-da-grota, hangar do meu jatinho</i> 18. VULVA É LOCAL ESCORREGADIO <i>gruta escorregadia</i> 19. VULVA É LOCAL ESCURO <i>caverna escura</i> 20. VULVA É LOCAL MELADO <i>caverna leiteada, caverna melada, gruta ensaboada, gruta de mel, gruta melosa</i> 21. VULVA É LOCAL PARADISIACO <i>paraíso</i> 22. VULVA É LOCAL PRIVADO <i>condomínio privado</i> 23. VULVA É LOCAL PROFUNDO <i>caverna profunda, viela funda</i> 24. VULVA É LOCAL SECRETO <i>câmara secreta</i> 25. VULVA É LOCAL SOCIETAL <i>a casa de todos os pênis, a casa de todos os pintos, campinho onde a galera bate a bola, casa dos sócios, cidade dos homens</i> 26. VULVA É LOCAL SUJO <i>elevador sujo</i> 27. VULVA É LOCAL ÚMIDO <i>beco úmido, secção umectada, casinha do xixi, gruta molhada, gruta úmida, vale da aguinha, zona do agrião</i> 28. VULVA É LOCALIZAÇÃO VIP <i>área vip</i>		
--	--	--	--

Fonte: A autora, 2023.

Os MCIs identificados nas designações para a vulva foram os seguintes: (i) de CONSTITUIÇÃO, instituidora da relação à compleição de pelos que caracterizam a vulva, observado em nomes como ‘Amazônia’, ‘Amazônia genérica’, ‘África’, ‘Mata Atlântica’⁹¹, e

⁹¹ As metáforas linguísticas ‘África (mata-fechada ou alusão ao negrume do cabelo pixaim)’, ‘Amazônia’, ‘Amazônia genérica’, ‘Mato Grosso do Sul’ e ‘Mata Atlântica’ são inscrições que podem ser conceptualizadas em termos de MATAGAL. Conforme sinalizado na seção 4.2 *Considerações práticas do método*, esta tese baseia-se na ideia de categorias conceptuais (CUENCA; HILFERTY, 2007), e não categorias rígidas, objetivamente instituídas.

‘Mato Grosso do Sul’; (ii) de CAUSAÇÃO, presente em designações que já apontam uma causa para o nome a que se refere, como é o caso de ‘babilônia (conhece várias línguas)’, ‘bagdá (toda hora entra um missil)’, ‘casa do caralho (literalmente)’, e ‘menor galinheiro do mundo (só cabe um pinto, empurrado)’; (iii) de CONTENÇÃO, tendo em vista as proferições institucionalizadoras da vulva como o local onde o pênis pode adentrar e/ou residir, tal como se expressa em ‘a casa de todos os pintos’, ‘casa do pau’, ‘caverna da rola quente’, ‘estacionamento de caralho’ *etc.*; (iv) de EVENTO, apontando, metaforicamente, para o ato sexual a partir de eventos alusivos ao pênis dentro da vulva, vistos em ‘casa dos sócios’, ‘garagem de trator’, e ‘morada do pênis’; e (v) de LOCALIZAÇÃO, um modelo cognitivo que idealiza espaços de forma genérica para se referir à vulva, desde que esses espaços cumpram o propósito de evidenciar as ações de ficar, entrar e sair de determinado local. Desse modo, todas as designações da metaforização em VULVA É LOCALIZAÇÃO estão vinculadas ao MCI de LOCALIZAÇÃO.

Ressalta-se que nomeações como ‘a casa de todos os pênis’, ‘a casa de todos os pintos’, ‘aeroporto de rolinha’, ‘aeroporto do caralho’, ‘casa de caralho’, ‘casa de pau’, ‘casa de recepção de vara’, entre muitas outras nomeações agrupadas pela metáfora conceptual VULVA É LOCALIZAÇÃO e respaldadas pelo MCI de CONTENÇÃO, mostram a ideia tácita de que a vulva é um receptáculo do/para o pênis. Essa concepção é ratificada por metaforizações como VULVA É CAVIDADE, VULVA É CONDUTO, VULVA É DEPÓSITO, VULVA É INVÓLUCRO e VULVA É RECEPTÁCULO (ver Apêndices), em que as designações evidenciam que o órgão sexual feminino é o lugar/objeto/entidade em que o pênis pode adentrar/permanecer.

Desse modo, os esquemas imagéticos para a conceptualização de nomes populares para a vulva envolvem o domínio (i) de CONTÊINER, em função da ideia contumaz de que a vulva é o receptáculo para o pênis; (ii) de ESPAÇO, incluindo-se os conceitos de DENTRO/FORA, FRENTE/TRÁS e CENTRO/PERIFERIA presentes nos dados linguísticos para se referir ao espaço conferido ao pênis para entrar/estar; (iii) de FORÇA, que inclui a ideia sugestiva de estaticidade do pênis dentro da vulva; e (iv) de unidade/multiplicidade a que se referem os nomes remitentes à constituição de pelos e de aquosidade associados à vulva.

Na nomenclatura popular para o órgão sexual masculino, foram identificados dois MCIs estruturantes das metaforizações de nomes populares para o pênis: são os modelos cognitivos que idealizam o pênis em termos (i) de LOCAL e (ii) de REFERÊNCIA. O primeiro MCI, tal como nos dados designativos à vulva, institui o pensamento metonímico de se utilizar nomes de locais para designar o falo. A metonímia conceptual NOMES DE LOCAIS

PELOS NOMES DE ÓRGÃOS SEXUAIS é, portanto, a base para a construção do pensamento metafórico nas proferições nominais populares para o pênis.

Já o segundo MCI, de REFERÊNCIA, tangencia, metonimicamente, a PALAVRA PELO CONCEITO QUE ELE EXPRESSA de modo a fornecer sustentação à metáfora conceptual específica ‘PÊNIS É REGIÃO PELÁGICA’. De acordo com o dicionário on-line Priberam (2008, s/p), o termo “pelágico”, pode ser definido da seguinte forma:

1. Relativo ao pélogo ou ao mar alto (ex.: pequeno peixe pelágico). = MARÍTIMO, OCEÂNICO.
2. [Ecologia] Que é relativo ao volume de água desde a superfície de mar, rio ou lago, acima dos sedimentos do fundo (ex.: espécies pelágicas; peixes pelágicos).
3. [Geologia] Que é relativo à massa de água dos oceanos (ex.: região pelágica).

Em vista das definições acima, é possível afirmar que não há relação entre o órgão sexual masculino e a região pelágica a que se refere o termo, a não ser aquela relação que se estabelece entre o conceito sonoro de ‘pelágico’ e a sonoridade do termo relacionado a ‘pelos’, indicando uma relação entre os termos a partir do prolongamento filiforme crescente no órgão sexual masculino. O MCI de REFERÊNCIA estabelecido por Littlemore (2015), ao mesmo tempo em que se mostra um conceito muito geral no estabelecimento de analogias, é também o que permite a explicação da metáfora linguística ‘região pelágica’ constante nos dados linguísticos de nomes populares para o pênis. Este fato aponta para uma das hipóteses defendidas nesta tese de que as analogias que se estabelecem a partir de mapeamentos conceptuais não ocorrem apenas por meio de identidades conceptuais entre objetos físicos e os órgãos sexuais, mas também por meio de projeções entre domínios que envolvem as partes erógenas e abstratizações de ações sociais que sucedem das movimentações corpóreas dos conceptualizadores.

Dito isso, o Quadro 16 expõe as representações de esquemas oriundos das estruturas estáveis do conhecimento que sustentam as metáforas conceptuais VULVA É LOCALIZAÇÃO e PÊNIS É LOCALIZAÇÃO.

Quadro 16- representações esquemáticas para VULVA/PÊNIS É LOCALIZAÇÃO

VULVA		PÊNIS	
MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
CONSTITUIÇÃO CAUSAÇÃO CONTENÇÃO EVENTO LOCALIZAÇÃO	CONTÊINER ESPAÇO FORÇA UNIDADE/MULTIPLICIDADE	LOCALIZAÇÃO REFERÊNCIA	ESPAÇO

Fonte: A autora, 2023.

Concluída a seção 5.1, a qual expõe considerações comparativas de categorias conceptuais compartilhadas entre designações para a vulva e o pênis, passa-se à seção 5.2, que descreve quatro metaforizações para o conceito de VULVA a partir das nomeações do referido órgão sexual. Como se verá adiante, os dados mostram que tais referências reverberam o pensamento compartilhado de que a vulva é não apenas um receptáculo do pênis, um lugar onde ele pode entrar/residir/estar, como também é sua extensão, estando a vulva, em muitas ocorrências designativas, ligada ao órgão genital masculino.

5.2 Metáforas cotidianas para VULVA

Nesta seção, objetiva-se apontar a sistematização de práticas linguageiras subjacentes a aspectos culturais que distinguem atuações sociais para mulheres e homens na sociedade brasileira. No caso das descrições nesta seção, ratificam-se valores arraigados em padrões sociais e em uma cognição coletiva quanto a representações sociais de gênero. É o caso, por exemplo, das metáforas conceptuais VULVA É CAVIDADE (subseção 5.2.1), VULVA É CONDUTO (subseção 5.1.2), VULVA É DEPÓSITO (subseção 5.1.3), e VULVA É RECEPTÁCULO (subseção 5.1.4), que indiciam informações ideológicas quanto à conceptualização da mulher, por meio da nomeação de seu órgão sexual, a partir de dados linguísticos travestidos de jocosidade.

Deve-se ratificar que as metáforas elencadas para a descrição neste item não foram identificadas nas nomeações para o pênis, isto é, não há metaforizações como PÊNIS É CAVIDADE / RECEPTÁCULO / DEPÓSITO. De igual modo, como se verá na seção 5.3, há metáforas conceptuais específicas circunscritas ao domínio de ÓRGÃO SEXUAL MASCULINO, dados os modelos cognitivos idealizados e, conseqüentemente, o acionamento de outros tipos de *frames* armazenados na memória de longo prazo. Há separações e diferenciações conceptuais entre esses domínios que fazem com que encargos distintos sejam atribuídos de forma diferenciada a mulheres e homens na sociedade.

Dito isso, a subseção posterior discorre sobre a metáfora conceptual VULVA É CAVIDADE.

5.2.1 VULVA É CAVIDADE

O vocábulo “cavidade”, segundo o dicionário on-line Priberam, significa “parte côncava de um corpo sólido” (PRIBERAM, 2008, s/p). Essa região côncava, ainda segundo o referido léxico, diz respeito a uma região que é cavada, funda, e que é diferente de um corpo que é convexo e saliente (características mais aproximadas para o órgão sexual masculino). Desse modo, a metáfora conceptual VULVA É CAVIDADE já indica uma característica básica do domínio de FORMATO DE ÓRGÃO SEXUAL FEMININO, em que o *frame* de CONCAVIDADE é acionado para a conceptualização geral das manifestações linguísticas.

Quanto às expressões metafóricas, foram identificadas 90 ocorrências abarcadas pela metáfora conceptual VULVA É CAVIDADE, um quantitativo expressivo de designações que simbolizam representações sociais da figura feminina a partir da nomeação de seu órgão sexual, aqui determinado como o atributo recôncavo que o compõe. Essa característica, embora não pareça estranha, dada a propriedade própria da vulva de se constituir por meio de um canal tubular, perpassa a linguagem sexista quando se utiliza de uma seleção vocabular depreciativa no direcionamento às propriedades do órgão sexual feminino; e, também, quando reduz tais propriedades a uma extensão do órgão sexual masculino – ou ao sêmen que ele produz –, como se a cavidade a que se refere a metáfora do pensamento fosse algo intrínseco, ou pelo menos diretamente relacionado, unicamente ao conceito de PÊNIS.

Algumas das expressões linguísticas que ilustram o sexismo velado nas designações para a vulva podem ser observadas em ‘bueiro’, ‘buraco feio’, ‘cacimba’, ‘cova do bilau’, ‘poço de gozo’, ‘poço de pica’, ‘poço do fedor eterno, entre outras formas vocabulares ditas humorísticas, mas que, na verdade, carregam tacitamente a minimização da figura da feminina por meio de nomeações desfavoráveis à imagem da mulher na sociedade. A forma como as palavras dispõem-se, suscitando o riso, está relacionada ao tipo de estruturas de dados⁹² a que o conceptualizador recorre para representar situações estereotipadas (COULSON, 2006). Em uma cultura familiarizada com a linguagem – e as ações – sexistas, essas designações tendem a passar despercebidas, em primeiro momento, dado o contexto de humor e risibilidade em que se inserem os termos. Como se tem defendido nesta tese, a habilidade distintivamente humana de mudar *frames* dissemelhantes para o uso de novos sentidos é o fator preponderante para que a reinterpretação de enunciados preconceituosos passe a vigorar como fragmentos comunicativos e úteis para o consumo do humor.

⁹² Termo cunhado por Minsky (1975) para se referir a *frames*.

Coulson (2006) afirma que esse processo de mudança de *frames* ocorre quando o leitor ou ouvinte busca uma reinterpretação dos enunciados por meio das informações acionadas da memória de trabalho. Há a necessidade de uma mudança de cenários para essa reinterpretação, saindo de uma cena que expõe a linguagem sexista explícita e suscitando outra cena em que a informação já vem reanalisada, dada a troca de *frames*, a qual é viabilizadora do riso.

Desse modo, designar a vulva como ‘cratera oculta’, por exemplo, e não como ‘vulva oculta’ ao se acionar o *frame* CAVIDADE, desvia as restrições morais (FREITAS, 2017) inculcadas na terminologia anatômica, ocasionando a estranheza que outorga o aspecto risível. Ainda que, ideologicamente falando, o teor pejorativo de se conceptualizar o órgão sexual feminino como uma cratera esteja implícito à metáforização envolvida no processo de interpretativo, a mudança de enquadres da experiência permite uma “violação das restrições de preenchimento de *slot*” (os espaços informacionais dos *frames* semânticos), nos termos de Coulson (2006, p. 58)⁹³, que é o que permite que o sentido se ressignifique e prossiga sem ser questionado.

Uma das formas de se demonstrar os aspectos ideológicos subjacentes à nomenclatura popular para órgão sexual feminino é visibilização das metáforas conceptuais específicas, legitimadas por envolvimento socioculturais de conceptualizadores do português do Brasil. No uso corrente das expressões, a informação específica vem do preenchimento de “papéis genéricos com valores particulares” (KÖVECSSES, 2022, p. 29)⁹⁴, sendo imprescindível a informação contextual.

Nesse sentido, qualquer objeto que apresente uma característica côncava em sua estrutura pode vir a ser uma nomeação para o órgão sexual feminino em função das semelhanças conceptuais envolvidas no processo de significação. Entretanto, há especificações que diferenciam esses objetos – e, mais especificamente, essas designações – a partir de valores particulares que são justapostos aos papéis gerais. É o caso por exemplo de VULVA É CAVIDADE COM ESPERMA e VULVA É CAVIDADE COM MAU ODOR. Ambas as metáforas conceptuais se referem à vulva como um objeto dotado de concavidade. Porém, até a mesmo essa característica em comum é preenchida com atributos particulares.

Deve ressaltar, entretanto, que é necessário reconhecer a característica tubular da vagina, tal como Pastor (2021b) a define, de forma técnica e anatômica, como “um *conduto*

⁹³ Texto em língua estrangeira: a violation of slot-filling constraints.

⁹⁴ Texto em língua estrangeira: They contain [the mental spaces – grifo meu] the most specific information that derives from filling out generic roles with particular values

[grifo meu] fibromuscular elástico que faz parte dos órgãos pélvicos internos da mulher. Ele se estende da vulva até um pouco além do colo do útero e forma espaços fechados chamados fórnice vaginal que circundam o cérvix do útero” (PASTOR, 2021b, p. 12)⁹⁵. Em outras palavras, o ‘cérvix’ a que a autora se refere é o “colo do útero que se abre na vagina. Nesta última parte está o colo do útero, que é o *canal* que conecta o interior do útero com a vagina” [grifo meu] (PASTOR, 2021b, p. 11)⁹⁶. A associação desse ‘conduto’ ou ‘canal’ torna-se pejorativa quando o teor destinado à vulva se inclina a comparações esdrúxulas, travestidas de riso, e que tendem à depreciação do órgão sexual feminino – consequentemente à diminuição de quem o porta – ou à extensão da vulva ao pênis, como se essa formatação tubular servisse apenas para o fim sexual heteronormativo. É o caso das expressões ‘buraco de cobra’, ‘buraco de mandioca’, ‘buraco de minhoca’, ‘poço de esperma’, ‘poço de gozo’, ‘poço de porra’, ‘poço do meu elevador’, ‘rombo’ *etc.*

No quadro 17, é possível observar algumas dessas informações de cunho pejorativo na designação popular para vulva em uma cognição compartilhada na sociedade brasileira.

Quadro 17- metáforas conceituais específicas para VULVA É CAVIDADE

METÁFORAS CONCEITUAIS ESPECÍFICAS	1. VULVA É CAVIDADE AQUOSA/ÚMIDA <i>buraco babado, buraco molhado, fenda melada, orifício úmido</i> 2. VULVA É CAVIDADE ARDENTE <i>buraco ardente, buraquinho inflamado</i> 3. VULVA É CAVIDADE COM ESPERMA <i>buraco ardente, buraco do leite quente, buraquinho inflamado, poço de esperma, poço de gozo, poço de porra</i> 4. VULVA É CAVIDADE COM MAU ODOR <i>poço do Fedor Eterno</i> 5. VULVA É CAVIDADE COM PELOS <i>buraco cabeludo, fenda de pelo, poço felpudo</i> 6. VULVA É CAVIDADE DE ALIMENTO (PÊNIS) <i>buraco de mandioca, buraco do leite quente, buraquinho de donut, buraquinho doce, cova de quiabo</i> 7. VULVA É CAVIDADE DE ANIMAL (PÊNIS) <i>buraco da serpente, buraco de avestruz, buraco de avestruz (esconde a cabeça), buraco de cobra, buraco da coruja, buraco de minhoca, buraco do siri, buraquinho doce</i> 8. VULVA É CAVIDADE DE ENTRADA <i>entrada usb, USB frontal</i>
---	--

⁹⁵ Texto em língua estrangeira: Vagina: Es un conducto fibromuscular elástico que forma parte de los órganos pélvicos internos de la mujer. Se extiende desde la vulva hasta un poco más allá del cuello uterino y forma espacios cerrados llamados fondos del saco vaginal que rodean el cérvix.

⁹⁶ Texto em língua estrangeira: Cérvix: o cuello de la útera que se abre en la vagina. En este último tramo se encuentra la oz del cervix que es el canal que conecta el interior de la útera con la vagina.

	9. VULVA É CAVIDADE DE FECHADURA <i>buraco da fechadura, fechadura</i> 10. VULVA É CAVIDADE DE TEMPERATURA QUENTE <i>buraco do leite quente, buraco quente, buraquinho flamejante</i> 11. VULVA É CAVIDADE DO INFERNO <i>buraco do inferno</i> 12. VULVA É CAVIDADE ESCORREGADIA <i>cavidade escorregal</i> 13. VULVA É CAVIDADE ESCURA <i>buraco escuro, buraco negro</i> 14. VULVA É CAVIDADE FUNDA <i>buraco fundo, fundo do poço,</i> 15. VULVA É CAVIDADE GRANDE <i>buraco do ozônio, buraco turbinhado, cavidade cavernosa, cratera oculta, orifício schmalteriano, rombo</i> 16. VULVA É CAVIDADE MACIA <i>buraco macio</i> 17. VULVA É CAVIDADE NA FLORESTA <i>buraco no meio da floresta</i> 18. VULVA É CAVIDADE RASA <i>poço raso, poço sem fundo</i>
--	--

Fonte: A autora, 2023.

Os MCIs em que se inserem as metaforizações para a VULVA, interpretada em termos de CAVIDADE, são os de (i) CONSTITUIÇÃO, em função dos atributos próprios do órgão sexual feminino, sendo eles metonimicamente acionados, tais como o FORMATO CÔNCAVO, as DIMENSÕES PROFUNDAS ou RASAS, e os TAMANHOS GRANDE e PEQUENO; (ii) de PERCEPÇÃO, em função daquilo que os sentidos conseguem perceber, como é o caso de SABORES, TEMPERATURAS, VISUALIDADE DE CORES, UMIDADE, ODORES; (iii) de CONTENÇÃO, em virtude do entendimento da vulva como um receptáculo; (iv) de CAUSAÇÃO, em que a causa da designação é evidenciada já na forma linguística, como é o caso de ‘buraco de avestruz (esconde a cabeça)’; e (v) de EVENTO, em que subeventos relacionados ao ato sexual (tais como a ejaculação e o esperma expelido e inserido na vulva) são apresentados em lugar do ato sexual em si, como é o caso de ‘poço da alegria’, ‘poço de esperma’, ‘poço de gozo’ e ‘poço de porra’.

Os esquemas imagéticos que dão base às metaforizações para a VULVA, retratada como uma CAVIDADE, são: (i) de CONTÊINER, em função da característica recipiente em que se fundamenta uma cavidade; (ii) de ODOR, na identificação do cheiro da entidade côncava; e (iii) de IDENTIDADE, em que características gerais de objetos se fundam às características do

órgão sexual feminino por meio de mapeamentos conceptuais, como é o caso, por exemplo, da identificação de cores do nicho cavo, observado em ‘buraco escuro’.

No Quadro 18, é possível ver a base representacional e estruturante da metáfora conceptual VULVA É CAVIDADE.

Quadro 18- representações esquemáticas para VULVA É CAVIDADE

VULVA	
MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
CONSTITUIÇÃO PERCEPÇÃO CONTENÇÃO CAUSAÇÃO EVENTO	CONTÊINER ODOR IDENTIDADE

Fonte: A autora, 2023.

Pelo exposto, é possível relacionar os dados da metáfora conceptual VULVA É CAVIDADE ao que Costa *et al.* dizem sobre o que é o sexismo, definido como “uma forma de preconceito que se baseia em uma atitude inflexível contra mulheres” (2015, p. 126). Esse sexismo pode ser explícito, como é o caso de metáforas conceptuais específicas como VULVA É CAVIDADE COM ESPERMA e VULVA É CAVIDADE COM MAU ODOR, e pode ser implícito também, quando reverbera certa naturalidade nas expressões cotidianas arraigadas por sujeição, como é o caso de VULVA É CAVIDADE DE ENTRADA e VULVA É CAVIDADE MACIA. É nesse tipo de conceptualização em que o sexismo reside: na dissemelhança no tratamento de gêneros. Se não há metaforizações que expressem força moral para a vulva quando ela é relacionada ao pênis, se não há pujança, potência social e poderio, tal como ocorre em nomeações para o órgão sexual masculino, é porque há sexismo remodelado de jocosidade, a partir da reestruturação de *frames*.

Nas palavras de Alves *et al.* (2021), “a violência contra as mulheres está velada no mascaramento e na subordinação da linguagem cotidiana, no uso de expressões e de diversos jogos de linguagem e nas palavras de duplo sentido”. O sexismo linguístico expresso na nomenclatura para o órgão sexual feminino a partir do domínio-fonte CAVIDADE é, portanto, uma forma agressiva de direcionamento à figura feminina, mesmo que o discurso jocoso enraizado em um imaginário social torne mais difícil a aceção dos termos como forma de violência.

A subseção posterior ratifica a análise deste item ao trazer à tona dados sobre as 134 designações para a vulva nos termos de um receptáculo (do pênis).

5.2.2 VULVA É RECEPTÁCULO

Assim como na metáfora conceptual VULVA É CAVIDADE, a metaforização em VULVA É RECEPTÁCULO é sugestiva quanto aos aspectos ideológicos subjacentes a um domínio-fonte indicativo da ideia de recipiente. Isto é, para além da técnica de uma abordagem lexical (KÖVECSSES, 2019), em que a checagem nos dicionários torna-se uma ferramenta importante para se caracterizar os usos; e de uma concepção baseada em *corpus* (MITTELBERG; FARMER; WAUGH, 2007), em que dados linguísticos previamente compilados servem como amostragem para determinada evidência, não é preciso que haja grandes esforços para a compreensão de que o domínio RECEPTÁCULO já sinaliza a entidade da qual a vulva é receptora. Em outras palavras, a experiência com os discursos sexistas precedentes circulantes, atrelada a fatores socioculturais e cognitivos, já aponta que a analogia que se estabelece entre os domínios VULVA e RECEPTÁCULO concerne à relação instituída entre vulva e pênis no ato sexual.

Esse fato é corroborado por meio dos dados linguísticos do *corpus*, que contabilizam 134 expressões metafóricas agrupadas pela metáfora conceptual VULVA É RECEPTÁCULO. Em todas as amostras lexicais, há uma relação direta ou indireta com órgão sexual masculino. As manifestações diretas expõem o nome do pênis de forma convencionalizada ou não, isto é, a partir de terminologias técnicas, cristalizadas ou metafóricas. Neste último caso, utilizam-se outros domínios-fonte para a conceptualização de designação popular. É o caso, por exemplo, de ‘churrasqueira de croquete’, em que o vocábulo ‘croquete’ está relacionado ao domínio de ALIMENTO, sendo mapeado para que possa compreendido como o pênis.

Já as nomeações com relação indireta ao pênis não apresentam qualquer menção ao órgão sexual masculino na forma linguística. O processamento inferencial por meio do acionamento de *frames* relacionados à genitália masculina viabiliza a conceptualização da vulva como receptáculo do pênis. É caso, por exemplo, de ‘caneco’, ‘canequinha’, ‘estojinho’, ‘estufa’, ‘leiteira’, ‘taça’, ‘urna’, ‘vaso’ *etc.*, que são artefatos culturais físicos utilizados como recipientes, isto é, como objetos feitos para abarcarem outros objetos.

Deve-se ressaltar que o domínio-fonte RECEPTÁCULO é produtivo em sua abrangência conceptual para designar o órgão sexual feminino. Qualquer nome de objeto receptáculo, isto é, cujo sentido esteja inserido no contexto de “recipiente usado para fins diversos” (PRIBERAM, 2008, s/p), poderá ser uma nomeação para a vulva, desde que acionado o *frame* de órgão sexual feminino.

Essa relação conceptual entre ÓRGÃO SEXUAL FEMININO e OBJETO RECEPTÁCULO posiciona a mulher – metonimicamente, por meio do chamamento de seu órgão sexual – a uma condição de sujeição à figura masculina, como se a vulva estivesse condicionada a ser vinculada ao pênis. Mills e Mullany (2011) afirmam que o sexismo posiciona mulheres em uma categoria avaliada de forma negativa, de modo que não há reconhecimento, por parte das mulheres, dessa posição em que foram colocadas. Ou seja, há uma definição tácita da representação da efígie feminina em âmbito social, mas nem sempre existirá uma autovalidação dessa caracterização a que as mulheres foram condicionadas social e coletivamente. Especialmente no que tange às discussões atuais sobre questões de gênero, cabe ressaltar que haverá um grupo forte que não irá se reconhecer, defender e posicionar sua genitália unicamente como parte receptora do órgão sexual masculino⁹⁷. E é nesta ideia em que esta tese se apoia.

Em consonância com Pastor (2021a, s/p)⁹⁸,

a ideologia do essencialismo reprodutivo está profundamente enraizada na sociedade. Essa perspectiva naturaliza que o destino de toda mulher é a reprodução. Faz com que o sexual seja interpretado como sinônimo do reprodutivo, invisibilizando uma infinidade de informações, situações e circunstâncias que tornam o fato de habitar uma corporeidade sexual mesmo que não se reproduza.

No Quadro 19, é possível observar as metáforas conceptuais específicas identificadas a partir da metáfora conceptual VULVA É RECEPTÁCULO.

Quadro 19- metáforas conceptuais específicas para VULVA É RECEPTÁCULO

METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. VULVA É RECEPTÁCULO DE ALIMENTO <i>açucareira, azeiteira, balaio de milho, bolsa de tacos, caixão de salsichas, churrasqueira de croquete, cofrinho de salsicha, farinha, geladeira (deixa a carne dentro e os ovos na porta), latinha-de-pica, porta-salsicha</i>
---	---

⁹⁷ Esta tese se fundamenta na ideia de que há desigualdades no tratamento de gêneros na sociedade brasileira, delimitando-se, aqui, ao direcionamento do olhar social diferenciado para mulheres e homens por meio do chamamento de seus respectivos órgãos sexuais. Entretanto, deve-se reconhecer as possibilidades discursivas sobre questões relacionadas à mulher e ao seu corpo, especialmente no que tange ao reconhecimento da vulva enquanto entidade puramente sexual e reprodutora. Essa é uma filiação ao discurso religioso e conservador que tem ganhado força sociopolítica no Brasil nos últimos anos. Não é nessa ideia em que me debruço nesta pesquisa, mas cito a sua existência para sugerir leituras complementares sobre o tema, que, por motivos de delimitação teórica e metodológica, não entram na discussão de dados desta tese. Desse modo, para complementar a leitura, conferir Coutinho; Garrido; Evangelista (2023); e Delajustine; Rodrigues (2019).

⁹⁸ Texto em língua estrangeira: la ideología del esencialismo reproductivo se encuentra muy arraigada en la sociedad. Esta perspectiva naturaliza que el destino de toda femina es la reproducción. La misma hace que se interprete lo sexual como sinónimo de reproductivo, invisibilizando infinidad de información, situaciones y circunstancias que hacen al hecho habitar una corporalidad sexuada aunque no se reproduzca.

	2. VULVA É RECEPTÁCULO DE ANIMAIS <i>balaio de rola, guarda-rolas, pantufa de elefante</i> 3. VULVA É RECEPTÁCULO DE CARNE <i>cálice de carne, geladeira (deixa a carne dentro e os ovos na porta)</i> 4. VULVA É RECEPTÁCULO DE ESPERMA <i>copinho de esperma, copo de leite, garrafinha de leite, guarda-leitinho, jarra de porra, porta-esperma, porta-porra, receptáculo de esperma, sisterna de porra</i> 5. VULVA É RECEPTÁCULO DE LÍQUIDO <i>copo de leite, garrafinha de leite, guarda-leitinho</i> 6. VULVA É RECEPTÁCULO DE OBJETO CILÍNDRICOS (PÊNIS) <i>balaio de milho, bolsa de tacos, bota-charuto, caixão de salsichas, carrinho de cachorro-quente, cofrinho de salsicha, porta-lápis de itu, orta-pau, porta-salsicha, porta-taco, porta-tromba</i> 7. VULVA É RECEPTÁCULO COM CABELO <i>cachote peludo, caixinha cabeluda, envelope peludo</i> 8. VULVA É RECEPTÁCULO DE OBJETO DISTENSOS (PÊNIS) <i>caixa de fósforo, cofre do meu pau, guarda-pau, porta-bambu, porta-bandeira, porta-incenso, porta-lápis de itu, porta-pau, porta-picolé</i> 9. VULVA É RECEPTÁCULO DE OBJETO SURPRESA <i>caixinha de segredos, caixinha de surpresas</i> 10. VULVA É RECEPTÁCULO DE OBJETO VALIOSO <i>caixinha de ouro</i> 11. VULVA É RECEPTÁCULO DE OBJETO VERMELHADO <i>cálice de carne</i> 12. VULVA É RECEPTÁCULO PARA MOVIMENTAÇÃO FINANCEIRA <i>caixa eletrônico, caixa registradora</i> 13. VULVA É RECEPTÁCULO DE TAMANHO GRANDE <i>pantufa de elefante</i> 14. VULVA É RECEPTÁCULO DE URINA <i>mictório</i> 15. VULVA É RECEPTÁCULO DO PÊNIS <i>balaio de rola, berço de pica, guarda-pica, latinha-de-pica, porta-caralho, porta-jeba</i> 16. VULVA É RECEPTÁCULO COM MAU ODOR <i>potinho fedido</i>
--	--

Fonte: A autora, 2023.

A produtividade do domínio-fonte RECEPTÁCULO em nomeações populares para a vulva perpassa, inevitavelmente, o MCI de CONTENÇÃO, em que, metonimicamente, o conceito de recipiente é ressaltado em vez do conteúdo abarcado por esse receptor. Paralelamente a esse modelo cognitivo, as designações populares para a vulva abarcadas pela metáfora conceptual VULVA É RECEPTÁCULO são instituídas a partir da idealização da CONSTITUIÇÃO FÍSICA da genitália feminina, a qual é formada por um canal tubular. Além disso, a designação ‘geladeira (deixa a carne dentro e os ovos na porta)’ demanda o acionamento de um modelo cognitivo de CAUSAÇÃO, estruturado pelo pensamento

metonímico de CAUSA PELO EFEITO. Tal estância do pênis na vulva, evidenciada metaforicamente pela ideia de um receptáculo, é instituída a partir do modelo cognitivo de EVENTO, no qual os *frames* de ATO SEXUAL, COITO, CÓPULA *etc.* se amparam.

Toda essa metaforização envolvendo o conceito RECIPIENTE é respaldada pelo esquema imagético de CONTÊINER, especificamente, por meio da base experiencial DENTRO/FORA, na conceptualização da vulva como objeto recipiente.

O Quadro 20 sumariza as representações esquemáticas para VULVA É RECEPTÁCULO.

Quadro 20- representações esquemáticas para VULVA É RECEPTÁCULO

VULVA	
MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
CONTENÇÃO CONSTITUIÇÃO CAUSAÇÃO EVENTO	CONTÊINER

Fonte: A autora, 2023.

A análise dos dados desta categoria mostra que a risibilidade é possível, dado o aspecto incomum e não previsto que a nomenclatura expõe. Porém, em todas as manifestações metafóricas para a VULVA em termos de RECEPTÁCULO há mapeamentos subsidiados por fatores ideológicos que diminuem a condição feminina, posicionando-a a um papel de receptora do pênis. Essa relação não ocorre em metáforas para nomes de órgãos sexuais masculinos (ver seção 5.3), não de forma direta como em metaforizações cujo domínio-alvo seja VULVA. A conceptualização é propiciadora de inferências em que o pênis pode ou não estar relacionado ao órgão sexual feminino. Não há par de igualdades. Há uma relação de subjugação e dominância. E é justamente nessa estância em que o sexismo se manifesta: nas pressuposições enraizadas e, conseqüentemente, nas metáforas conceptuais arraigadas.

Nesse sentido, como salientam Mills e Mullany (2011, p. 145)⁹⁹, “esse aspecto institucionalizado do sexismo que torna mais difícil desafiá-lo efetivamente”, especialmente quando envolve a geração do humor e o despertar do riso, propiciadores do mascaramento da condição de preconceito e de hierarquização de gêneros por meio da designação metafórica ao órgão sexual. O acionamento de *frames*, domínios e metáforas ideologicamente marcadas por sexismo é passível de gerar ações igualmente sexistas,

⁹⁹ Texto em língua estrangeira: It is the institutionalised aspect of sexism which makes it most difficult to challenge it effectively.

especialmente porque o seu uso é inconsciente, não monitorado e naturalizado em âmbito sociocultural.

Porém, assim como é possível manipular enquadres da experiência para mascarar restrições morais e esconder a linguagem sexista, de modo que ela passe despercebida por meio do artifício da risibilidade manifesta, também é possível mudar os *frames* para que novas metaforizações constituam as mulheres por meio do chamamento de seu órgão sexual, e que essa constituição esteja, no mínimo, em situação de igualdade com os homens. Para isso, urge a necessidade de se mudar as metaforizações para nomes de órgãos sexuais masculinos também.

Finda a análise das metaforizações em VULVA É RECEPTÁCULO, a subseção seguinte aponta metaforizações que ratificam o aspecto ideológico relacionado ao riso e à linguagem sexista presentes em designações populares para a vulva a partir da metáfora conceptual VULVA É DEPÓSITO. Assim como nas duas metáforas anteriores, ratifica-se a ideia de subjugação inerente às nomeações que se prestam para designar a vulva a partir do domínio-fonte DEPÓSITO.

5.2.3 VULVA É DEPÓSITO

Assim como na nomenclatura para a VULVA em termos de RECEPTÁCULO, o domínio-fonte DEPÓSITO sinaliza, em sua estrutura conceptual, o tipo de armazenamento que é depositado no órgão sexual feminino: o sêmen. Entretanto, diferentemente das inferências operadas na metáfora VULVA É RECEPTÁCULO, em que há produtividade na ideia de que qualquer receptáculo de diferentes objetos pode ser uma designação para a vulva, em VULVA É DEPÓSITO, há uma propensão maior de se inferir, em primeiro momento, que o esperma é o elemento a ser depositado na vulva.

Corroborando a ideia supracitada, a categoria conceptual VULVA É DEPÓSITO agrupou 8 nomeações para a vulva, dentre as quais 7 designações apresentaram-se nos termos aqui descritos, isto é, relacionados ao esperma. São as manifestações linguísticas ‘banco de esperma’, ‘depósito’, ‘depósito de esperma’, ‘depósito de porra’, ‘repositório de porra’, ‘reservatório’ e ‘reservatório de esperma’. Apenas uma nomeação mencionou o pênis como a substância a ser depositada na vulva (‘repositório de meu pau’), ratificando a ideia aventada

inicialmente de que há uma inclinação maior a se pensar no esperma como o item depositado no órgão sexual feminino.

Esse processamento inferencial fundamenta-se na própria definição e nos usos correntes dos conceitos de RECEPTÁCULO e DEPÓSITO. Embora seja possível usar um termo em lugar de outro, há especificações que não podem ser desconsideradas quando se almeja categorizar dados linguísticos a partir das estruturas estáveis do conhecimento que compõem determinada categoria. Seguindo a abordagem lexical (KOVECSES, 2019), em que o uso de dicionários é imprescindível para as possibilidades de significação, observou-se que a definição encontrada nos dicionários para ‘receptáculo’ abarca uma gama de possibilidades da procedência dos itens a serem introduzidos no recipiente. Um receptáculo é um “lugar onde se reúnem coisas provenientes de diferentes origens” (PRIBERAM, 2008, s/p), incluindo-se objetos, animais e alimentos (ver 5.2.2), sem menção direta a líquidos.

Já a acepção para o conceito de DEPÓSITO inclui a definição de um “reservatório destinado a um líquido (ex.: depósito de água; depósito de gasolina)”, cujo item de consistência fluida não aparece, de forma específica, nas inscrições dicionarizadas de ‘receptáculo’. Essa particularização diz muito quanto às escolhas lexicais em usos cotidianos. É possível falar em ‘receptáculo de água’. Porém, há certa preferência pelo emprego de ‘depósito de água’, dado o atrelamento do conceito ao *frame* RESERVATÓRIO (DE ÁGUA), paralelamente à vinculação conceptual do conceito de RECEPTÁCULO ao *frame* RECIPIENTE (DE COISAS).

De todo modo, as 8 expressões metafóricas, embora apresentem baixo quantitativo de manifestações, cumprem o propósito analítico desta tese ao refletirem a distribuição de papéis desempenhados por atores sociais na sociedade brasileira, configurando uma relação entre mulher e homem, de subjugação e domínio, respectivamente. As designações delineiam traços ideológicos de uma cognição compartilhada quanto à forma que a mulher, por meio de seu órgão sexual, é conceptualizada socialmente. Compreender que a vulva é um dispositivo de armazenamento de sêmen e/ou do pênis é enquadrar o papel social da mulher aos desejos sexuais masculinos, ratificando a proeminência da figura do homem a partir de seu falo.

Cabe ressaltar que, em todo o *corpus* de nomes para o órgão sexual masculino, há apenas uma categoria relacionada à produção de líquido das glândulas reprodutoras masculinas (PÊNIS É ESCOADOR LÍQUIDO). No entanto, não há qualquer menção à vulva ou ao estágio de excitação fisiológica alcançado por mulheres no ato sexual, nem nessa categoria conceptual nem em qualquer outra dos dados para o órgão sexual masculino.

Nas designações para o pênis, como se verá na seção 5.3, parece haver um apagamento da figura feminina, ao mesmo tempo em que há um grande esforço em potencializar o falo ao colocá-lo como autossuficiente. Importa falar sobre formatos, tamanhos e superestima social, e é aí que entram fatores ideológicos intrínsecos às metáforas linguísticas e conceptuais que nomeiam órgãos sexuais: nas designações para o pênis, observa-se autossuficiência, superestima e dominação; nas designações para a vulva, há uma relação direta ou indireta com o pênis, além da configuração de baixa estima e subjugação.

No Quadro 21, é possível visualizar as especificações em duas metáforas conceptuais identificadas nos dados agrupados pela metáfora conceptual VULVA É DEPÓSITO.

Quadro 21- Metáforas conceptuais específicas para VULVA É DEPÓSITO

METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. VULVA É DEPÓSITO DE ESPERMA <i>banco de esperma, depósito, depósito de esperma, depósito de porra, repositório de porra, reservatório de esperma</i> 2. VULVA É DEPÓSITO DO PÊNIS* <i>repositório de meu pau</i>
*Apenas uma manifestação linguística encontrada.	

Fonte: A autora, 2023.

A associação entre os domínios VULVA e DEPÓSITO não é em vão. As relações experienciais do sistema háptico (relativo ao toque) com artefatos de contenção são o aparato concreto para a abstratização do conceito de ÓRGÃO SEXUAL FEMININO nos termos do domínio DEPÓSITO. Pode-se dizer que o MCI de CONTENÇÃO é a estrutura estável do conhecimento que subsidia esse entendimento a partir de *frames* situados relacionados a RESERVATÓRIO, REPOSITÓRIO, ESTOCAGEM, ARMAZENAMENTO, entre outros enquadres da experiência que remontam à ideia de conter algo.

Além disso, o MCI EVENTO incorpora enquadres da experiência relacionados a ATOS SEXUAIS na configuração das designações para a vulva nos termos do domínio de DEPÓSITO. A metonímia conceptual subjacente a essa relação conceptual é SUBEVENTOS (ato sexual, ejaculação e produção de esperma) PELO EVENTO TODO (a vulva como depósito de pênis/sêmen). Nesse sentido, o esquema imagético de CONTÊINER, inerente às atividades sensorio-motoras de DENTRO/FORA, é a estrutura experiencial que fornece a compreensão, em nível metafórico e abstrato, dos nomes para a VULVA nos termos do domínio-fonte DEPÓSITO.

O Quadro 22 expõe a súmula das estruturas estáveis do conhecimento intrínsecas à conceptualização da metáfora VULVA É DEPÓSITO.

Quadro 22- Representações esquemáticas para VULVA É DEPÓSITO

VULVA	
MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
CONTENÇÃO EVENTO	CONTÊINER

Fonte: A autora, 2023.

Pelo exposto, advoga-se em favor da ideia de que, no caso da nomenclatura abarcada pela metáfora VULVA É DEPÓSITO, há um sexismo manifesto e claro, embora o risco preliminar, que vem antes da reflexão, faça parecer que não se trata de uma ação discriminatória. Pensando, inclusive, nas condições físicas e organizacionais de um depósito, em que há o pensamento analógico de desarranjo e de acúmulo dos itens componentes, tal sexismo linguístico tende a se confirmar, uma vez que a vulva é descrita nos termos de um DEPÓSITO.

Essas características apontam para a metáfora conceptual em nível específico VULVA É DEPÓSITO/RESERVATÓRIO PARA ABARCAR O LÍQUIDO PRODUZIDO PELAS GLÂNDULAS MASCULINAS, ao se ativar discursos precedentes que vinculam os domínios ÓRGÃO SEXUAL FEMININO e DEPÓSITO/RESERVATÓRIO. Essa ideia é ratificada por preleções como a seguinte: “Uma mulher se torna em um depósito de esperma quando ela permite que vários homens (ou um só) a usem só para aliviar sua necessidade sexual” (autoria desconhecida)¹⁰⁰, em que, por meio de uma linguagem sexista, há o atrelamento do órgão sexual feminino a um depósito, atribuindo à mulher o encargo da culpa. É por isso que, como se defende nesta tese, há uma relação metonímica de PARTE PELO TODO nas designações populares para órgãos sexuais, a qual posiciona a figura da mulher em um tipo de categorial social (cf. SHOLNICK; MILLER, 2007), por meio do chamamento de sua genitália.

Como se afirmou anteriormente, a própria ideia de ‘depósito’, por si só, reforça ideologias contra a mulher em termos de diminuição e subjugação feminina. Esses mapeamentos entre os domínios de VULVA e DEPÓSITO refletem, ao mesmo tempo em que promovem, desigualdade no tratamento de gêneros. Em consonância com Mills e Mullany (2011, p. 149)¹⁰¹,

¹⁰⁰ Disponível em: <https://www.sobrerelacionamento.com/2015/12/mulher-nao-seja-um-deposito-de-esperma.html>. Acesso em 03/12/2022.

¹⁰¹ Texto em língua estrangeira: A sexist statement may well contain a number of linguistic elements which we will be able to recognise as foregrounding ‘gender when it is not the most salient feature’; but it will also be sexist at the level of the proposition or at the level of the presupposition, and in order to ‘unpick’ sexism, we have to analyse this inferential work which the reader needs to do in order to make sense of the statement.

[u]ma declaração sexista pode muito bem conter vários elementos linguísticos que seremos capazes de reconhecer como o primeiro plano do “gênero quando não é a característica mais saliente”; mas também será sexista no nível da proposição ou no nível da pressuposição e, para ‘desfazer’ o sexismo, temos que analisar esse trabalho inferencial que o leitor precisa fazer para dar sentido à afirmação.

Desse modo, trazer à tona os discursos circulantes que carregam ideologias de cunho sexista, sejam eles implícitos ou claramente manifestos, é fundamental para promover reflexão sobre os estereótipos de gêneros arraigados, e que reverberam sexismo e padrões de pensamento e comportamento opressivos. Desvincular a vulva (e a mulher) da ideia de submissão ao pênis (e ao homem) é fundamental para a promoção de respeito e valorização aos gêneros sociais. Mudar as metáforas do pensamento é preciso!

Dito isso, a subseção posterior discorre sobre as designações abarcadas pela metáfora conceptual VULVA É INVÓLUCRO, que também engloba manifestações linguísticas de cunho pejorativo no direcionamento à mulher, por meio do chamamento de sua genitália.

5.2.4 VULVA É INVÓLUCRO

Assim como nas nomeações para a vulva por meio do léxico disponibilizado pelos domínios-fonte CAVIDADE, RECEPTÁCULO e DEPÓSITO, as referências ao órgão genital feminino, nos termos de INVÓLUCRO, também mantêm relação com a genitália masculina, conservando-se as mesmas especificações sociocognitivas da ideia de que esse papel envoltório da vulva concerne, principalmente, ao envolvimento do pênis. Nas 31 designações da referida categoria conceptual, a vinculação entre os órgãos genitais ocorre por vias diretas, em que a menção à terminologia anatômica do pênis vem explicitamente marcada por meio de nomes técnicos e/ou convencionalizados (por exemplo, em ‘capacete de pau’), ou por meio do uso metafórico, a partir de domínios que envolvam o conceito de OBJETO ENVOLTÓRIO (como em ‘agasalho de rola’).

Os domínios acionados para estruturar, metafórica e metonimicamente, as referências ao pênis, nas designações para a vulva, estão em consonância com alguns dos domínios-fonte identificados nas metáforas conceptuais desta pesquisa, tais como os domínios de ANIMAL, ALIMENTO, OBJETO DISTENDIDO/CILÍNDRICO e OBJETO RÍGIDO. Essas representações estáveis do conhecimento podem ser observadas em designações como ‘agasalho de rola’, ‘saco de pão’, ‘abafador de microfone’ e ‘capa do facão’.

Nesse contexto, as metáforas conceptuais específicas, legitimadas pelos aspectos socioculturais situados do contexto em que se inserem, mostram os tipos de domínios-fontes acionados na conceptualização da nomenclatura popular abarcada pela metáfora geral VULVA É INVÓLUCRO. O Quadro 23 expõe tais especificações, evidenciando que apenas uma metaforização (VULVA É ESCONDERIJO DE FETO) não se vincula, em uma leitura superficial, à genitália masculina.

Quadro 23- metáforas conceptuais específicas para VULVA É INVÓLUCRO

METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. VULVA É ABAFADOR (PARA O PÊNIS) <i>abafador de microfone</i> 2. VULVA É AGASALHO (PARA O PÊNIS) <i>agasalho de pica, agasalho de rola, agasalho de xonga, agasalho do joystick, agasalho do pica-pau, agasalho pra pipi</i> 3. VULVA É CAPA (PARA O PÊNIS) <i>capa, capa do batman, capa do facão, capa do meu celular, capão, kapadepica</i> 4. VULVA É CAPACETE (PARA O PÊNIS) <i>capacete de pau</i> 5. VULVA É CARAPUÇA (PARA O PÊNIS) <i>carapuça</i> 6. VULVA É CASACO (PARA O PÊNIS) <i>casaco</i> 7. VULVA É COBERTA (PARA O PÊNIS) <i>coberta do menino</i> 8. VULVA É EMBALAGEM <i>embalagem de cabaço, embrulho</i> 9. VULVA É ESCONDERIJO DE FETO <i>, esconde o feto</i> 10. VULVA É LUVA (PARA O PÊNIS) <i>luva de pica, luvinha</i> 11. VULVA É MANTA (PARA O PÊNIS) <i>manta de pau</i> 12. VULVA É PACOTE (PARA O PÊNIS) <i>pacotão, pacote, pacote de sorte, pacotinho</i> 13. VULVA É SACO (PARA O PÊNIS) <i>saco de dormir, saco de pão</i> 14. VULVA É TOALHA (PARA O PÊNIS) <i>toalhinha de pau</i>
---	---

Fonte: A autora, 2023.

Das 31 designações abarcadas pela metáfora VULVA É INVÓLUCRO, apenas uma não alude ao pênis (‘esconde o feto’) de forma específica, referindo-se a uma situação, em

primeira análise, contrafactual, em que a genitália feminina encobre o ser em desenvolvimento uterino. O entendimento dessa expressão metafórica é possível quando ‘feto’ é compreendido como o sêmen, estabelecendo uma relação intrínseca entre o espermatozoide produzido por glândulas reprodutoras masculinas e o feto.

Essa compreensão envolve aspectos relacionados ao MCI de EVENTO, engendrado pela metonímia conceptual SUBEVENTOS PELO EVENTO TODO. Os subeventos constituem-se pelos *frames* de EJACULAÇÃO, ARMAZENAMENTO DE ESPERMA e FASE EMBRIONÁRIA. O evento como um todo funda-se na metáfora linguística de ‘envolver o feto/esperma’. Desse modo, assim como em uma gama de manifestações linguísticas vinculadas às metáforas VULVA É CAVIDADE, VULVA É RECEPTÁCULO e VULVA É DEPÓSITO, a constituição de um artefato invólucro como domínio-fonte para designações da vulva também demanda estruturas cognitivas e estáveis de CONTENÇÃO, além de serem – nas mesmas especificações de base experiencial – viabilizadas pela experiência pré-conceptual humana de CONTÊINER (DENTRO/FORA).

O Quadro 24 esquematiza as estruturas estáveis do conhecimento subjacentes às expressões linguísticas em VULVA É INVÓLUCRO.

Quadro 24- representações esquemáticas para VULVA É INVÓLUCRO

VULVA	
MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
EVENTO CONTENÇÃO	CONTÊINER (DENTRO/FORA)

Fonte: A autora, 2023.

Pelo exposto até aqui, reafirma-se a ideia de que a fuga ao convencional é um dos fatores preponderantes no despertar do riso. Essa escápula de padrões esperados pela mente humana é possível, entre outros processamentos da cognição, devido à habilidade humana de manipular os enquadres experienciais disponíveis (cf. COULSON, 1998, 2001; COULSON; KUTAS, 2001; FILLMORE, 1975, 1982, 1985), gerando compatibilidades conceptuais entre *frames* dissemelhantes (neste caso, um relativo a órgãos sexuais e outro baseado em domínio distinto para designar órgãos sexuais), ocasionando o humor e a risibilidade.

Sabe-se que o riso é produto do aspecto cômico. Porém, rir também é uma forma de exteriorizar ideologias. No mínimo, o “riso social” (Minois, 2003, s/p) torna-se um indicativo das crenças e das adoções de estereótipos exercidas em uma comunidade. As metáforas

conceptuais, amplamente vinculadas a estruturas estáveis do conhecimento, também expõem dados consideráveis quanto às práticas linguageiras expoentes de sexismo implícito.

No caso das designações abarcadas pelas metáforas conceptuais VULVA É CAVIDADE / RECEPTÁCULO / DEPÓSITO / INVÓLUCRO, a relação com o pênis e o esperma fornece indícios de subjugação feminina, por meio do chamamento de seu órgão sexual. Como se verá posteriormente (vide seção 5.3), as metaforizações na nomenclatura para o pênis não se estabelecem de modo a vinculá-lo à vulva. Pelo contrário! Há o uso de *frames* relacionados à dominância, à virilidade, à potencialidade, à masculinidade e ao falocentrismo.

Segundo Minois (2003, s/p), “o riso esconde seu mistério”. Porém, a Linguística Cognitiva, por meio de um arcabouço teórico “semantocêntrico e integrador” (MEDEIROS, 2019, p. 17), visa trazer à tona os aspectos inconscientes da cognição humana a partir do acionamento de estruturas estáveis do conhecimento para compreensão dos efeitos de sentido, nesse caso, gerados a partir de uma nomenclatura sexista para órgãos sexuais. Assim, demonstrar os fatores culturalmente estabelecidos por meio de marcações ideológicas subjacentes ao riso é fundamental para a promoção da reflexão acerca daquilo que o riso expõe: uma cultura fundamentada no patriarcado. De fato, o riso, desde os primórdios da humanidade, ainda esconde seus mistérios. A Linguística Cognitiva expõe os seus efeitos.

Finda a análise de metáforas conceptuais de designações para a vulva, passa-se à seção posterior, que descreve quatro metaforizações para o pênis, evidenciando a relação que se estabelece entre o órgão sexual masculino e a superestima social a que a genitália está vinculada.

5.3 Metáforas cotidianas para PÊNIS

Nesta seção, são analisadas quatro metáforas conceptuais que apontam para a superestima da figura masculina por meio da nomeação de seu órgão sexual. Como se verá na descrição dos dados linguísticos, as quatro metaforizações apontam a valorização de aspectos relacionados ao militarismo, expressos nas metáforas conceptuais PÊNIS É PATENTE MILITAR (subseção 5.3.1) e PÊNIS É ARTEFATO MILITAR (subseção 5.3.2), e ao enaltecimento do falo como instrumento para o ato sexual, sendo comparado a utensílios da metalurgia e a máquinas executoras de ações trabalhosas, por meio das metáforas conceptuais PÊNIS É OBJETO DE METAL (subseção 5.3.3) e PÊNIS É MÁQUINA (subseção 5.3.4).

Diferentemente do que se observa nos dados de nomeações populares para a vulva, as designações para o pênis, por meio das metáforas supramencionadas, expõem marcas ideológicas do que, culturalmente, a população do Brasil valoriza em termos de práticas de sociedade, tais como o militarismo e seus artefatos, e os instrumentos e maquinários que aludem à potência em sua execução. Não é uma vinculação conceptual restrita a objetos e a parencas de propriedades entre o pênis e o artefato cultural. A associação do órgão sexual masculino, metonimicamente, à figura do homem ocorre também por meio de projeções entre identidades conceptuais entre o pênis e determinados conjuntos de ações no espaço físico e socioculturalmente situado, como é o caso do militarismo.

A jocosidade, vinda de uma modificação no acionamento de *frames*, suscita um humor mais brando, não ofensivo, de valoração e reconhecimento social dos atributos ora militares ora instrumentalizadores do ato sexual. Em consonância com Monteiro (2020, p. 125), esse simbolismo de valoração atribuída ao pênis, desde o início dos tempos, propulsiona o entendimento da relação humana com o falo, sendo este órgão um “objeto de adoração e de ostentação” (MONTEIRO, 2020, p. 125) entre os másculos. A autora acrescenta que “a sua representação, a estética do pênis, juntamente com a forma de uso do mesmo na prática sexual, serve como um arcabouço e referencial para masculinidade através da afirmação da virilidade do homem” (MONTEIRO, 2020, p. 125), como se verá nas próximas análises.

É nessa premissa de valoração da simbologia fálica, atrelada à conceptualização compartilhada socialmente de masculinidade, em que as análises para o pênis se baseiam. É na representação peniana de virilidade e potencialidade para o ato sexual que a maioria dos dados linguísticos se apresentam, embora o quantitativo de designações seja esmagadoramente menor que o quantitativo de nomeações para a vulva. Não há muito o que dizer quanto ao contexto das designações para o órgão sexual masculino, a não ser quanto aos formatos e as práticas sociais de superestima a que essas nomeações estão vinculadas. São ínfimas as ocorrências de diminuição do falo e, conseqüentemente, da imagem masculina. Em outras palavras, as assunções ideológicas socialmente estabelecidas de valoração às masculinidades sobrepõem-se às condições de práticas languageiras mais propensas à jocosidade e à provocação do riso. O riso é, pois, potencializador da virilidade, da dominação e da valoração masculina.

A subseção a seguir sinaliza um desses tipos de reconhecimento social direcionada a homens por meio da nomeação de seu órgão sexual.

5.3.1 PÊNIS É PATENTE MILITAR

Nas Forças Armadas, a classificação de patentes está prevista na Lei n. 6.880, de 9 de dezembro de 1980 (BRASIL, 1980), que dispõe sobre o Estatuto dos Militares, seguindo critérios pré-estabelecidos de hierarquia e ordenação de autoridades. Esse grau hierárquico das posições militares subjaz a designações populares para o pênis a partir do domínio-fonte PATENTE MILITAR, o qual, por meio do acionamento de *frames* relacionados à HIERARQUIZAÇÕES e MÉRITOS, evidencia como conceptualizadores compreendem a figura masculina a partir da nomeação popular conferida a seu órgão sexual.

No total, são 14 designações abarcadas pela metáfora conceptual PÊNIS É PATENTE MILITAR. Dentre essas nomeações, 6 estão relacionadas às expressões linguísticas ‘soldado (em sentido)’ e ‘soldado (a patente aumenta por merecimento)’. São as metáforas ‘alferes (ver soldado)’, ‘capitão (ver soldado)’, ‘general (ver soldado)’, ‘major (ver soldado)’, ‘sargento (ver soldado)’ e ‘tenente (ver soldado)’, totalizando 8 nomes para o órgão sexual masculino que sinalizam, na forma linguística, a ideia de comando de sentido militar – em que o militar se coloca em posição rígida – e de progresso de patente por mérito¹⁰².

A relação que se estabelece entre o órgão sexual masculino, de um lado, e as ações de sentido militar e de progressão de patentes por mérito, de outro, fundamentam-se em experiências do corpo com formatos rígidos e verticalizados e em abstratizações relacionadas a ações e méritos em meio social. Essas associações conceptuais são respaldadas em metáforas conceptuais específicas, propulsoras de um entendimento mais localizado quanto manifestações linguísticas e metafóricas. O Quadro 25 expõe as metáforas conceptuais específicas inseridas na metaforização PÊNIS É PATENTE MILITAR.

Quadro 25- metáforas conceptuais específicas para PÊNIS É PATENTE MILITAR

METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. PÊNIS É MILITAR EM SENTIDO <i>soldado (em sentido), alferes (ver soldado), capitão (ver soldado), general (ver soldado), major (ver soldado), soldado (em sentido), sargento (ver soldado), tenente (ver soldado)</i> 2. PÊNIS É MILITAR DA CABEÇA ROXA/CAPACETE ROXO <i>guerreiro de cabeça roxa</i> 3. PÊNIS É MILITAR DE PATENTE POR MERECEMENTO <i>soldado (a patente aumenta por merecimento)</i>
---	---

Fonte: A autora, 2023.

¹⁰² As metáforas linguísticas e os efeitos de sentido expostos nesta subseção podem ser lidos no Apêndice B – Nomes para o órgão sexual masculino.

O MCI de REFERÊNCIA é estruturante de nomeações para o pênis, uma vez que, metonimicamente, há uma seleção de palavras em detrimento do conceito que essas palavras expressam. Isto é, aciona-se a classificação de patentes militares para se referir ao pênis em função da estima culturalmente estabelecida a que ambas as entidades estão relacionadas na sociedade. Desse modo, referir-se ao falo a partir do domínio de PATENTES MILITARES é atribuir apreço ao órgão sexual masculino da mesma forma em que as posições militares são institucionalizadas como de suma importância para a cultura brasileira.

Além disso, identificaram-se os MCI de (i) ESCALA, em função da evidência de hierarquias por mérito em ‘soldado (a patente aumenta por merecimento)’; (ii) de CAUSAÇÃO, em nomeações que expressam a CAUSA PELO EFEITO que elas expressam, como é possível observar em ‘alferes (ver soldado), ‘capitão (ver soldado)’, ‘general (ver soldado)’, ‘major (ver soldado)’, ‘sargento (ver soldado)’ e ‘tenente (ver soldado)’, e, também, na designação ‘guerreiro de cabeça roxa’, em que o pensamento metonímico de EFEITO (pênis roxo) PELA CAUSA embasa a metáfora conceptual específica PÊNIS É CABEÇA ROXA; (iii) de CATEGORIA E MEMBRO, em que, em todas as 14 nomeações, fala-se, metonimicamente, da categoria militar em vez de falar do integrante dessa categoria; e (iv) de MODIFICAÇÃO, modelo cognitivo embasado pela metonímia conceptual FORMA MODIFICADA PELA FORMA ORIGINAL, na designação ‘sargentex’, utilizada, de forma jocosa, na cultura brasileira.

Em consonância com os MCIs supracitados, estão os esquemas imagéticos (i) de VERTICALIDADE, expresso metaforicamente na posição de sentido, alusivo à posição vertical e ereta do pênis; e de (ii) IDENTIDADE, constituído a partir do domínio básico SISTEMA VISUAL, o qual está diretamente associado à base pré-conceptual humana (cf. LANGACKER, 1987; EVANS; GREEN, 2007) ao relacionar o termo metafórico ‘cabeça roxa’ à glândula peniana em condição específica para aquela cor.

No Quadro 26, expõe-se a súmula das representações esquemáticas do conhecimento sobre o domínio PÊNIS em termos de PATENTE MILITAR.

Quadro 26- representações esquemáticas para PÊNIS É PATENTE MILITAR

PÊNIS	
MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
REFERÊNCIA ESCALA CAUSAÇÃO CATEGORIA E MEMBRO MODIFICAÇÃO	VERTICALIDADE IDENTIDADE

Fonte: A autora, 2023.

Além do domínio-fonte PATENTE MILITAR na conceptualização do conceito de PÊNIS, identificou-se a categoria conceptual ARTEFATO MILITAR, ambas situadas como reflexo da valorização ao militarismo e ao que o conceito de FORÇAS ARMADAS representa na cultura brasileira, a saber: defesa da pátria, garantia de poderes constituídos, e o estabelecimento da lei e da ordem (BRASIL, 1980). Essa reconhecimento, entretanto, tem uma antiga historicidade, marcada desde a passagem do matriarcado ao patriarcado.

Por volta de 2000 aC, inicia-se o reconhecimento das masculinidades, do papel do homem na procriação e da valoração ao pênis. Nas palavras de Varaschin (2020, p. 156), “o pênis passa a ser valorizado e cultuado, numa relação de poder, domínio e controle” e é nessa relação histórica, ideológica e cultural de autoridade, de dominação e de vigilância a que o pênis se vincula que conceptualizadores encontram o respaldo para projetar, conceptualmente, aspectos identitários entre o órgão sexual masculino e questões relacionadas ao militarismo. É nessa relação que surgem metáforas linguísticas e conceptuais para o órgão sexual masculino em termos de PATENTES e ARTEFATOS MILITARES.

Na subseção posterior, é possível observar as metaforizações em PÊNIS É ARTEFATO MILITAR, em que a valorização do falo é conceptualizada a partir do domínio ARTEFATO MILITAR.

5.3.2 PÊNIS É ARTEFATO MILITAR

A metáfora conceptual PÊNIS É ARTEFATO MILITAR abarcou apenas 5 expressões linguísticas para o órgão sexual masculino. São elas: ‘bibico’, ‘cabeço’, ‘mangotão’, ‘mangote’ e ‘petardo’. Apesar do baixo quantitativo de manifestações metafóricas, os dados mostram-se pertinentes aos propósitos de estudo desta tese ao reverberarem circunscrições ideológicas da cultura brasileira sobre o papel de estima e de dominação que é atribuído ao homem em suas relações sociais.

A própria delimitação da metáfora conceptual PÊNIS É ARTEFATO MILITAR já é um indicativo de preceitos compartilhados por falantes do Português do Brasil, uma vez que compara o órgão sexual masculino a objetos integrantes do militarismo. Essa associação é conceptual, não apenas linguística ou visualmente estabelecida. Isto é, as entidades são

identificadas por características, físicas ou abstratas, estabelecidas por analogias entre um elemento e outro.

E, embora refiram-se a artefatos, há valores sociais imbuídos no mapeamento entre domínios. É o caso do artefato ‘bibico’¹⁰³, que, em primeiro momento, não há correspondências conceptuais visuais, perceptíveis aos olhos no ato comparativo, uma vez que o seu formato curvo estaria mais propenso à analogia com a vulva, e não ao pênis. Entretanto, há equivalências a partir das relações que se firmam entre pessoas e órgão sexual masculino; e pessoas e artefato militar. Daí a metaforização, que ocorre entre os conceitos de pênis e de aspectos sociais atrelados ao objeto.

No caso da designação ‘bibico’, há mais de uma perspectiva a se considerar quanto à vinculação conceptual entre o objeto e o órgão sexual, fato este já evidenciado pelo aparato teórico desta análise. O carácter experiencial da linguagem é o que garante que diferentes vivências e olhares para determinado fato levem a formas diferenciadas de conceptualização. O significado é posto em *continuum*, como se tem defendido aqui, considerando-se sua natureza enciclopédica, a construção social, o uso e a experiência atrelada aos conceitos (GEERAERTS, 2006).

Seguindo tais premissas, uma possibilidade sobre a associação do objeto ao órgão diz respeito à hierarquização de patentes presente no meio militarizado, dentre as quais o soldado está posicionado em nível inferior às demais hierarquias. O termo ‘bibico’, então, pode ser considerado um chamamento depreciativo, evocando a ideia de menosprezo ao posto a partir do pensamento metonímico de se considerar a posição hierárquica de soldado (a CATEGORIA) e não o integrante desse posto (PELO MEMBRO DA CATEGORIA). Nesse sentido, a metonímia conceptual OBJETO SEM VALOR SOCIAL PELO PÊNIS é o que fundamenta a conceptualização do pênis como um artefato militar.

Por outro lado, não se deve desconsiderar a situação de ascensão de jovens quando ingressam no serviço militar. Nesse caso, ‘bibico’ já não é mais um elemento de depreciação, mas de exaltação no âmbito não profissional em que se insere. O chapéu torna-se instrumento de orgulho, e não de inferiorização. Essa perspectiva demanda o acionamento de outros *frames*, relacionados a ENALTECIMENTO e VALORIZAÇÃO, fundamentando-se no pensamento metonímico de OBJETO DE POSSE PELO POSSUIDOR, quando se refere ao gorro propriamente, e de OBJETO DE VALOR SOCIAL PELO PÊNIS, ao concernir ao bibico como órgão sexual masculino.

¹⁰³ Definição de ‘bibico’: “gorro de soldado, de costura única e reta em cima fazendo dois bicos” (DICIO, 2009, s/p).

As demais designações (‘cabeço’, ‘mangotão’, ‘mangote’ e ‘petardo’) não restam dúvidas quanto ao entendimento analógico entre artefato militar e pênis, pois todos estão vinculados a *frames* de FORMATOS RÍGIDO e DISTENSO e, em um caso (‘mangotão’), a TAMANHO GRANDE. No Quadro 27, é possível visualizar as metáforas conceptuais específicas para a metaforização de PÊNIS É ARTEFATO MILITAR.

Quadro 27- metáforas conceptuais específicas para PÊNIS É ARTEFATO MILITAR

METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. PÊNIS É ARTEFATO MILITAR DE FORMATO CILÍNDRICO <i>cabeço, mangotão, mangote, petardo</i>
	2. PÊNIS É ARTEFATO MILITAR DE FORMATO DISTENDIDO <i>cabeço, mangotão, mangote, petardo</i>
	3. PÊNIS É ARTEFATO MILITAR DE FORMATO TORTO <i>mangotão, mangote</i>
	4. PÊNIS É ARTEFATO MILITAR DE TAMANHO GRANDE <i>mangotão</i>
	5. PÊNIS É ARTEFATO MILITAR DE VALOR <i>bibico</i>
	6. PÊNIS É ARTEFATO MILITAR SEM VALOR <i>bibico</i>

Fonte: A autora, 2023.

Nas designações para o pênis a partir do domínio-fonte ARTEFATO MILITAR, foram identificados os MCIs (i) de CONSTITUIÇÃO, uma vez que os atributos preponderantes na vinculação conceptual se referem aos conceitos de FORMATO RÍGIDO, DISTENSO e INCLINADO e de TAMANHO GRANDE; e (ii) de REFERÊNCIA, concernente à designação ‘bibico’ a partir dos conceitos sociais sugeridos a que a nomeação se refere, a depender do contexto.

Nesse sentido, os esquemas imagéticos subjacentes às nomeações do pênis nos termos de artefatos militares são os seguintes: (i) de VERTICALIDADE, dada a característica de rigidez e distensão dos objetos, e que são atribuídas ao órgão sexual masculino; (ii) de INCLINAÇÃO, em vista do aspecto enviesado para um lado do artefato ‘mangote’; e (iii) de IRRUPÇÃO, considerando a peculiaridade do petardo, um explosivo portátil de formato cilíndrico.

O Quadro 28 expõe a súmula das representações esquemáticas subjacentes à metáfora conceptual PÊNIS É ARTEFATO MILITAR.

Quadro 28- representações esquemáticas para PÊNIS É ARTEFATO MILITAR

PÊNIS	
MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
CONSTITUIÇÃO REFERÊNCIA	VERTICALIDADE INCLINAÇÃO

	IRRUPÇÃO
--	----------

Fonte: A autora, 2023.

Tendo em vista a descrição dos dados referentes aos domínio-fonte PATENTE MILITAR e ARTEFATO MILITAR nas designações populares para o órgão sexual masculino, corrobora-se a ideia ventada inicialmente de que as análises de metáforas conceptuais – e de outros dispositivos da cognição, tais como metonímias, *frames*, MCIs e esquemas imagéticos – viabiliza o entendimento e a visualização de questões ideológicas relacionadas a posições sociais de gênero. No caso das nomeações abarcadas pelos referidos domínios-fonte, o intento preponderante é a valorização falo a partir de categorias sociais igualmente valoradas na sociedade brasileira.

Quanto ao despertamento do riso, ratifica-se a ideia de que a jocosidade expressa nos dados tem cunho potencializador da valorização masculina por meio da designação de seu órgão sexual a partir de enquadres da experiência relacionados a ENALTECIMENTO, VALORIZAÇÃO, VIRILIDADE, MASCULINIDADE, PODER *etc.*

Na seção posterior, aborda-se a conceptualização do pênis nos termos da OBJETO DE METAL, corroborando a ideia até aqui aventada de dar préstimo à figura masculina por meio do chamamento de seu órgão sexual.

5.3.4 PÊNIS É OBJETO DE METAL

A metáfora conceptual PÊNIS É OBJETO DE METAL agrupou seis manifestações linguísticas em sua estrutura conceptual: ‘aço’, ‘arame’, ‘ferragem’, ‘ferrão’, ‘ferro’ e ‘vergalhão’. Em todas as expressões, a especificação conceptual de PÊNIS É FORMATO DISTENDIDO e PÊNIS É FORMATO RÍGIDO estiveram presentes, marcando, assim como em outras metáforas conceptuais, um atributo do órgão sexual masculino.

Como se observou nos dados para a metáfora PÊNIS É FERRAMENTA (subseção 5.1.3), o termo ‘metalurgia’ esteve, por muito tempo, circunscrito a um espaço masculinizado, sendo ocupado, manuseado e dominado por homens. A força de trabalho das mulheres no campo metalúrgico, embora crescente nos últimos anos, ainda é desigual, se comparada às ocupações masculinas em ambientes industriais.

Essa ideia respalda-se no pensamento tradicional de que “a natureza dos corpos justificaria os ‘trabalhos femininos’ e ‘trabalhos masculinos’, fundamentados na crença de que, assim como existem o sexo masculino e o feminino, também existiriam habilidades masculinas e femininas” (DANIEL, 2011, p. 324), excluindo as mulheres, por muito tempo na história, das atividades relacionadas à ciência de extrair, manipular e comercializar metais extraídos de seus minérios. Não à toa, o domínio-fonte OBJETO DE METAL, abarcando *frames* relacionados a artefatos específicos da área da metalurgia, mapeia identidades conceituais específicas ao domínio-alvo PÊNIS, aqui representando, metonimicamente, a conceptualização social de HOMEM, mas não projeta conceptualmente os objetos da área ao domínio-alvo VULVA.

No Quadro 29, é possível observar as metáforas conceituais específicas identificadas nas designações para o pênis a partir do domínio-fonte OBJETO DE METAL.

Quadro 29- metáforas conceituais específicas para PÊNIS É OBJETO DE METAL

METÁFORAS CONCEITUAIS ESPECÍFICAS	1. PÊNIS É UTENSÍLIO DE METAL/FERRO <i>Aço, arame, ferragem, ferrão, ferro, vergalhão</i> 2. PÊNIS É METAL DISTENDIDO DE TAMANHO GRANDE <i>Aço, arame, ferragem, ferrão, ferro, vergalhão</i> 3. PÊNIS É FORMATO DISTENDIDO <i>Aço, arame, ferragem, ferrão, ferro, vergalhão</i> 4. PÊNIS É FORMATO RÍGIDO <i>Aço, ferragem, ferrão, ferro, vergalhão</i>
---	---

Fonte: A autora, 2023.

Para designações do PÊNIS nos termos da OBJETO DE METAL, o MCI de CONSTITUIÇÃO é o que estrutura o acionamento de *frames* relacionados a TAMANHOS e FORMATOS, no caso, o TAMANHO GRANDE e o FORMATO DISTENSO. Subjacente a essa conceptualização de estruturas físicas está o pensamento metonímico de CARACTERÍSTICA DO OBJETO PELO OBJETO, em que os atributos são sobrepostos para o entendimento metafórico.

É importante ressaltar o MCI de CAUSAÇÃO, estruturante das metaforizações dos nomes aqui descritos para o pênis, em que o efeito é priorizado em detrimento de sua causa. Esse reflexo do pensamento metonímico pode ser observado quando se pensa no órgão sexual masculino em condição de ereção. O ‘pênis ereto’, fruto do estado de excitação sexual, não tem essa condição erguida a todo o momento. Há condições específicas para que ele permaneça estritamente consistente, embora metáforas como as do domínio-fonte OBJETO DE METAL projetem apenas essa característica de endurecimento. O MCI de CAUSAÇÃO, portanto,

entremeia-se ao MCI de CONSTITUIÇÃO, fundamentando-se na metonímia conceptual EFEITO PELA CAUSA.

Paralelamente a essas representações estáveis, legitimando os dados linguísticos aqui descritos, estão os esquemas imagéticos que embasam o processamento metafórico do domínio PÊNIS em termos metalúrgicos. São as representações imagéticas (i) de VERTICALIDADE, e (ii) de CONSISTÊNCIA SÓLIDA, dadas as condições aqui mencionadas da circunstância ereta, distensa e rígida do pênis.

No Quadro 30, evidenciam-se as representações esquemáticas para a metáfora PÊNIS É OBJETO DE METAL.

Quadro 30- representações esquemáticas para PÊNIS É OBJETO DE METAL

PÊNIS	
MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
CONSTITUIÇÃO CAUSAÇÃO	VERTICALIDADE CONSISTÊNCIA SÓLIDA

Fonte: A autora, 2023.

A análise da subseção posterior perpassa condições semelhantes às circunstâncias aqui descritas. O domínio-fonte MÁQUINA, embora apresente apenas duas designações para o pênis, delineia condições semelhantes às aquelas relacionadas aos domínios-fonte FERRAMENTA e OBJETO DE METAL, sinalizando uma regularidade nas estruturas estáveis do conhecimento humano na nomeação popular de órgãos sexuais a partir de domínios relacionados a INSTRUMENTOS e MAQUINÁRIOS.

5.3.5 PÊNIS É MÁQUINA

A conceptualização do pênis a partir do domínio-fonte MÁQUINA é observada em duas metáforas linguísticas em todo o *corpus* de análise desta pesquisa: ‘britadeira’ e ‘trator (empurra barro)’. Embora sejam poucas manifestações lexicais, os dados são considerados importantes na evidenciação do inconsciente cognitivo quanto às representações de gênero na sociedade. Primeiro porque não foi identificado o domínio-fonte MÁQUINA nas designações para a vulva. Segundo porque, tendo posicionado esta categoria como um tipo de linguagem sexista, deve-se ponderar que tais ocorrências podem gerar regularidade, tornando possível

que, fora desse *corpus*, qualquer máquina possa se tornar um nome em potencial para o órgão sexual masculino.

Essa designação é fruto de discursos relacionados à valorização fálica. É o caso, por exemplo, da manchete “Dicas para eles sobre gozo rápido, *transa britadeira* e uso de vibrador (DA HISTERIA, 2019, s/p) [grifo meu], sinalizadora de um padrão sexual estimado culturalmente. Mais uma vez, o nome é conceptualizado a partir de práticas sociais, não exatamente de compatibilidades de identidades físicas de artefatos culturais igualmente físicos. Sobre essa questão, deve-se levar em consideração que cognição e discurso são instâncias inseparáveis (VEREZA, 2010) e que, como salienta Vereza (2010, p. 208),

[a] metáfora é de natureza tanto linguística quanto (sócio) cognitiva, e o discurso promove e possibilita essa articulação e, ao mesmo tempo, dela depende. Dessa forma, o lócus da metáfora passa ser o discurso, se entendermos esse conceito como o espaço em que aspectos sociocognitivos e linguísticos (se é que se pode fazer essa separação) se encontram para tecer a figuratividade, entre outras formas de criação de sentidos.

Portanto, a quantidade de dados encontrados não influencia o fato de que o pênis é considerado um equipamento utilizado para produzir movimentos em determinado corpo no espaço. Esses movimentos, originários do domínio MAQUINÁRIO, dizem respeito ao ato sexual, que é a ideia implícita a tais nomeações originada do processamento metonímico de AÇÃO PELO OBJETO DA AÇÃO.

O vocábulo *britadeira* é uma “ferramenta usada para perfurar, demolir ou compactar, que funciona geralmente por ação de ar comprimido” (PRIBERAM, 2008, s/p). O termo normalmente é usado para se referir ao movimento rápido do órgão sexual, fato este que corrobora uma das hipóteses aventadas inicialmente de que as designações populares para órgãos sexuais mantêm compatibilidades conceptuais a partir de ações que ocorrem no espaço experienciado por falantes, não apenas por meio de projeções de identidades com objetos. Os artefatos culturais são amplos e envolvem abstrações, não apenas concretudes.

Já o significado de ‘trator’, como o próprio nome sugere, é um meio que produz tração a partir de um “veículo automóvel pesado que possui um motor potente cujas rodas aderem fortemente ao terreno e serve para arrastar charruas, reboques, *etc.*” (PRIBERAM, 2008, s/p). Seu uso metaforizado para se referir ao pênis é relacionado à força e à potência de uma máquina, aludindo à uma suposta pujança e energia do órgão genital.

O Quadro 31 apresenta as metáforas conceptuais específicas identificadas nas designações para o pênis a partir do domínio-fonte MÁQUINA.

Quadro 31- metáforas conceptuais específicas para PÊNIS É MÁQUINA

METÁFORAS CONCEPTUAIS ESPECÍFICAS	1. PÊNIS É FORMATO DISTENSO <i>britadeira</i>
	2. PÊNIS É FORMATO RETILÍNEO <i>britadeira</i>
	3. PÊNIS É FORMATO RÍGIDO <i>britadeira, trator (empurra o barro)</i>
	4. PÊNIS É MÁQUINA DE PERFURAÇÃO <i>britadeira</i>
	5. PÊNIS É MÁQUINA TRATORA (PARA SEXO ANAL) <i>trator (empurra o barro)</i>

Fonte: A autora, 2023.

Tanto ‘britadeira’ quanto ‘trator (empurra barro)’ são designações para o pênis abarcadas pelo MCI (i) de EVENTO e (ii) de REFERÊNCIA. O EVENTO concerne ao ato sexual envolvendo o órgão sexual masculino. De igual modo, a REFERÊNCIA também perpassa o enquadre experiencial de COITO, sinalizando, metonimicamente, a PALAVRA PELO CONCEITO QUE ELA EXPRESSA, isto é, as designações pelas ações que elas visam indicar: o sexo a partir máquinas (pênis) potentes. O MCI (iii) de CONSTITUIÇÃO concerne à expressão britadeira, em função da conceptualização do FORMATO DISTENSO, RETILÍNEO e RÍGIDO do qual o artefato se dispõe. Já o modelo cognitivo (iv) de CAUSAÇÃO fundamenta a designação ‘trator (empurra barro)’ em função da relação de causa e efeito expressa na própria forma linguística e do acionamento do *frame* relacionado a SEXO ANAL.

Assim como na categoria conceptual relacionada à OBJETO DE METAL, os esquemas imagéticos de VERTICALIDADE e de CONSISTÊNCIA SÓLIDA mostram-se de suma importância para a conceptualização das designações de domínio-fonte MÁQUINA. Além dessas esquematizações pré-linguísticas, observou-se o esquema imagético FORÇA, uma vez que, em ambas as nomeações, há entendimento implícito de uma capacidade para operar, executar e mover o determinado corpo no espaço.

O Quadro 32 apresenta, de forma sumária, as representações esquemáticas para a metáfora conceptual PÊNIS É MÁQUINA.

Quadro 32- representações esquemáticas para PÊNIS É MÁQUINA

VULVA	
MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
REFERÊNCIA CONSTITUIÇÃO CAUSAÇÃO EVENTO	VERTICALIDADE CONSISTÊNCIA SÓLIDA FORÇA

Fonte: A autora, 2023.

Pelo exposto, a análise de nomes populares designativos a órgãos sexuais evidenciou apenas a ponta do iceberg do que é a manifestação da linguagem sexista no português do Brasil. Como foi possível observar na descrição dos dados, a linguagem, que é fatalmente velada por intermediação do riso, tende a ser tão discriminatória em relação à genitália feminina quanto potencializadora de uma dominância masculina a partir da designação de seu órgão sexual. O dito cômico, que desperta o aspecto risível, é suscitado por meio de dispositivos da cognição, os quais mudam enquadres da experiência (COULSON, 1998, 2001; COULSON; KUTAS, 2001), manipulando-os e violando os padrões esperados pela mente humana em termos de nomenclatura técnica ou convencionalizada de partes genitais humanas.

Todo esse proceder cognitivo reflete aspectos ideológicos adotados por grupos sociais. Porém, nem sempre a linguagem sexista estará explícita, muito menos as metaforizações que dessa linguagem procedem. Entre ideologia, linguagem sexista e riso, apenas a risibilidade é passível de se manifestar, em qualquer momento, de forma escancarada, dando o ar de espontaneidade e de automaticidade das manifestações linguísticas, sem considerar todo o processamento subjacente à mente humana. É por isso que linguistas cognitivas se empenham em desvelar esse inconsciente cognitivo por meio de grupos metafóricos e de estruturas estáveis e esquemáticas do conhecimento, tal como se procedeu nesta seção.

Desse modo, ao finalizar a análise do Capítulo 5, passa-se à seção de discussão geral dos dados a partir do Capítulo 6, cujo intento é o de perpassar os dados expressos neste capítulo de análise.

6 METÁFORAS COTIDIANAS PARA ÓRGÃOS SEXUAIS E LINGUAGEM SEXISTA

Para confrontar o preconceito, é fundamental que um potencial confrontador primeiro reconheça uma ação como discriminatória (DRURY; KAISER, 2014, p. 638)¹⁰⁴.

Como dito na Introdução desta tese, o estudo sobre a nomenclatura popular para órgãos sexuais teve seu prólogo em pesquisa de mestrado (FREITAS, 2017), cujas análises restringiram-se a piadas que contivessem, em sua estrutura, nomes não terminológicos para órgãos sexuais. Embora o objetivo dessa dissertação tenha perpassado a análise de narrativas jocosas, todo o rol de nomes populares, reverberado pelo pensamento metonímico e metafórico, fez-se presente no processo de pesquisa, desde o delineamento da investigação.

Isso porque essa nomenclatura de aproximadamente 4.672 nomes foi o pontapé inicial da coleta dos dados de análise, pois era necessário saber quais nomes, naquele momento, circulavam entre falantes do português do Brasil para, então, fazer a busca das narrativas que abarcassem as designações mais selecionadas pelos informantes da pesquisa. Por meio da ferramenta *Google Forms* (cf. FREITAS, 2017), foi possível reunir dados que ensejariam, desde a coleta inicial para a dissertação, a necessidade de um estudo posterior, em finalidade de tese, para se ampliar o escopo analítico de metáforas conceptuais de órgãos sexuais, como foi feito nesta análise.

Em muitas apresentações da pesquisa de mestrado – acadêmicas ou familiares – ao mostrar as listas de nomes para órgãos sexuais, observei que o riso, incluindo-se o riso escancarado, aberto e espalhafatoso, ocorria em maior intensidade quando os dados expostos retratavam os nomes para o órgão sexual feminino. Curiosamente, a reflexão quanto ao teor dessa nomenclatura só costumava surgir quando os nomes e o quantitativo de designações para o pênis eram revelados, dando lugar à tomada de consciência, que normalmente ocorria apenas em um momento comparativo entre ‘nomes para vulva’ *versus* ‘nome para o pênis’.

Essas práticas sociais envolvendo nomes para órgãos sexuais e riso levaram-me a crer que aquelas designações desconexas umas com as outras, manifestas de forma listada e

¹⁰⁴ Texto em língua estrangeira: In order to confront prejudice, it is critical that a potential confronter first recognize an action as discriminatory.

agrupadas em ordem alfabética, talvez estivessem revelando efeitos de sentido negativos em relação à figura feminina, ao mesmo tempo em que estariam ratificando crenças e formas de pensamento positivas no que tange à imagem masculina. Daí a necessidade de se atrelar tal nomenclatura a uma linguagem sexista, a qual é fruto de discursos precedentes, em decorrência de ações culturais patriarcais em que ainda se constitui a sociedade brasileira, diferenciando o tratamento direcionado a mulheres e homens com base em discriminação de gêneros. O que se pretendeu mostrar aqui, a partir do acionamento de estruturas estáveis do conhecimento, é que os nomes para os órgãos sexuais femininos não estão em par de igualdades em relação aos nomes para os órgãos sexuais masculinos. E, estando essa nomenclatura em condições diferentes, buscou-se evidenciar de que maneira esse riso se manifesta ao relacioná-lo a aspectos culturais moldados por marcações ideológicas sexistas.

Bergson (1978) chama atenção para o fato de que o aspecto cômico não existe fora daquilo que é propriamente humano. E acrescenta que

[u]ma paisagem poderá ser bela, graciosa, sublime, insignificante ou feia, porém jamais risível. Riremos de um animal, mas porque teremos surpreendido nele uma atitude de homem ou certa expressão humana. Riremos de um chapéu, mas no caso o cômico não será um pedaço de feltro ou palha, senão a forma que alguém lhe deu, o molde da fantasia humana que ele assumiu.

No caso da nomenclatura popular para órgãos sexuais, o riso surge dessa figuratividade estabelecida entre genitália e artefatos culturais (concretos ou abstratos). E não foge do fator humano, como salienta Bergson (1978). Envolve experiências humanas, objetos manuseados por humanos e a própria conceptualização humana na configuração do humor e do despertar do riso. Não é um riso emergente da metaforização pura e simples, e sim da metaforização que é relacionada a seres sociais em suas práticas de sociedade. E é por isso que o riso se associa aos aspectos ideológicos de uma linguagem sexista, pois envolve relações humanas.

Além disso, as designações são metafóricas porque compreendem mapeamentos entre domínios a partir das parecenças dos conceitos, mas também são, *a priori*, metonímicas, uma vez que o item lexical metaforizado – no caso, a nomenclatura para órgãos sexuais – pode representar todo o indivíduo a partir do valor que lhe é conferido socialmente. A representação instituída entre genitália e artefatos culturais sublinha posicionamentos de atores socioculturais brasileiros, reverberando mecanismos ora de poder ora subjugação, a depender do gênero imanente.

A metáfora conceptual, enquanto “portadora de ideologia” (WHITE; HERRERA, 2003, p. 278)¹⁰⁵, é um dos mecanismos a partir dos quais torna-se possível visualizar esses encadeamentos analógicos para a jocosidade, além de demarcarem aspectos de uma cognição coletiva. Isto é, pela relação social entre sexo biológico e gênero, os nomes metafóricos de órgãos sexuais também estarão relacionados a fatores sociais, culturais e ideológicos.

No caso dos dados desta tese, muitas metáforas conceptuais identificadas já indicam, ou pelo menos permitem inferir, os aspectos ideológicos imbuídos em seus domínios. Com base em dados informacionais da nossa cultura, nós já sabemos que o domínio-fonte VIA DE ACESSO, por exemplo, para se falar da vulva, trata sobre o acesso conferido ao pênis. O domínio-fonte ARMADILHA retrata a vulva, metaforicamente, como armadilha para o pênis. Na metáfora conceptual VULVA É ASSEMBLEIA, a assembleia descrita também remonta ao pênis (e em coletividade). Em VULVA É CONDUITO, o conduto é para o acesso do pênis. Enfim, não há exposição de nenhuma manifestação linguística aqui, mas o próprio domínio-fonte, por meio do acionamento de enquadres experienciais, delimita o teor ideológico do conteúdo abarcado pela metáfora conceptual, circunscrevendo, inclusive, o cunho pejorativo (ou positivo, em alguns casos) intrínsecos ao domínio.

Nesse sentido, outras metaforizações, relativas ao MCI CONSTITUIÇÃO, sinalizam aspectos concernentes aos formatos e características físicas que constituem os órgãos sexuais. É o caso das metáforas conceptuais para o órgão genital feminino VULVA É ARTEFATO REDONDO/CURVO, VULVA É PLANTA e VULVA É RACHADURA; e PÊNIS É OBJETO CILÍNDRICO, PÊNIS É OBJETO RETILÍNEO e PÊNIS É COISA/ARTEFATO RIJO, para o órgão genital masculino. Essas metáforas são sugestivas de como a sociedade conceptualiza órgãos sexuais por meio de suas configurações físicas, que também passam a vigorar como configurações sociais, dadas as demandas e imposições exigidas de como deve ser o órgão sexual ideal.

As práticas sociais, não apenas os objetos, também configuram domínios-fontes na organização conceptual da metáfora. É o caso das metaforizações em VULVA/PÊNIS É VÍNCULO EMPREGATÍCIO, VULVA/PÊNIS É RELAÇÃO ENTRE PESSOAS, VULVA É COMPROVATIVO DE COMPRAS, VULVA É CONJUNTO DE BENS, PÊNIS É PATENTE MILITAR, PÊNIS É EXPLORADOR *etc.* A vinculação conceptual entre órgãos sexuais e práticas de sociedade mantém-se em estreita ligação com o que Bergson (1978, s/p) advoga, ao dizer que “não há comicidade fora do que é propriamente humano”. Mesmo a suposta contradição numa relação entre genitália e práticas culturais (concretas ou abstratas), o sentido surge a partir das disponibilidades esquemáticas

¹⁰⁵ Termo em língua estrangeira: bearer of ideology.

processadas pela cognição, as quais outorgam um sentido plausível para o que aparenta não ser factual. Um tipo de pensamento que só pode ser atribuído a seres humanos.

Acrescenta-se que, em análises fundamentadas em Linguística Cognitiva, há um grande esforço em se investigar de que maneira o discurso articula-se por intermédio das metáforas conceptuais, e como as metaforizações exercem influência no pensamento ideológico (cf. WHITE; HERRERA, 2003), e na construção de sentidos relacionados ao mundo circundante. No caso do escopo de análise desta tese, tratando-se de uma linguagem sexista, buscou-se elencar as metáforas conceptuais de cunho sexista arraigadas socialmente, considerando-se que, quanto mais naturalizadas elas forem, mais difícil será a identificação dos padrões sexistas inerentes a elas. Uma análise metafórica e de identificação de padrões esquemáticos subjacentes à nomenclatura popular para órgãos sexuais torna-se fundamental para desvelar o inconsciente cognitivo, de modo a evidenciar fatores ideológicos implícitos que podem não ser observados quando há o despertar do riso.

Dito isso, no Quadro 33, é possível visualizar as estruturas estáveis do conhecimento humano motivadoras das metáforas compartilhadas entre as categorias conceptuais de nomes para a vulva e pênis. Essa informação visualmente representada permite a identificação das regularidades das esquematizações elencadas neste estudo.

Quadro 33- estruturas esquemáticas de categorias compartilhadas

METÁFORA	VULVA		PÊNIS	
	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
VULVA/PÊNIS É ALIMENTO	CONSTITUIÇÃO CAUSAÇÃO EVENTO PERCEPÇÃO	UNIDADE/MULTIPLIC. ODOR FORÇA IDENTIDADE	CONSTITUIÇÃO EVENTO CAUSAÇÃO	VERTICALIDADE FORÇA IDENTIDADE
VULVA/PÊNIS É ANIMAL	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
	CONSTITUIÇÃO EVENTO CAUSAÇÃO	UNIDADE/MULTIPLIC. ODOR IDENTIDADE CICLO FORÇA/BLOQUEIO	CONSTITUIÇÃO EVENTO	VERTICALIDADE FORÇA IDENTIDADE
VULVA/PÊNIS É FERRAMENTA	AMCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
	CONSTITUIÇÃO EVENTO AÇÃO CAUSAÇÃO POSSE REFERÊNCIA	FORÇA FRICÇÃO	CONSTITUIÇÃO EVENTO	VERTICALIDADE CONSISTÊNCIA FORÇA
	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS

VULVA/PÊNIS É LOCALIZAÇÃO	CONSTITUIÇÃO CAUSAÇÃO CONTENÇÃO EVENTO LOCALIZAÇÃO	CONTÊINER ESPAÇO FORÇA UNIDADE/ MULTIPLIC.	LOCALIZAÇÃO REFERÊNCIA	ESPAÇO
---------------------------	--	---	---------------------------	--------

Fonte: A autora, 2023.

Pelo exposto no Quadro 33, é possível perceber que, em metáforas para a vulva, os MCIs de CONSTITUIÇÃO, EVENTO, CAUSAÇÃO e UNIDADE/MULTIPLICIDADE mostraram-se mais produtivos na referenciação ao órgão sexual feminino por meio de chamamentos não anatômicos. Os *frames* relacionados ao MCI de CONSTITUIÇÃO viabilizam informações concernentes a tamanhos e formatos, vinculando as características constituintes do órgão sexual feminino a um artefato cultural. Nesse sentido, a vulva é conceptualizada a partir dos aspectos físicos abarcados por domínios e *frames* de FILAMENTOS, CURVALIDADE, FORMATO ABERTO, FORMATO FECHADO (sendo este último em menos aparições), TAMANHO GRANDE e TAMANHO PEQUENO (este último, em menor quantidade de manifestações).

Por outro lado, quanto ao acionamento de *frames* ligados ao MCI de EVENTO, observou-se a relação de ações concernentes ao ato sexual, a partir dos enquadres da experiência relacionados a SEXO ORAL e a MOVIMENTO DO ATO SEXUAL. A metonímia conceptual ligada a este MCI é SUBEVENTO PELO EVENTO TODO.

O MCI de CAUSAÇÃO é amplo, viabiliza o entendimento das relações de causa e efeito dos nomes para a vulva, na forma linguística. É, portanto, uma contextualização da designação, constituindo-se como uma particularização do domínio ou do *frame*. Estando em nível de contextualização, pode-se dizer que há informações relevantes para o seu entendimento.

Os MCIs de PERCEPÇÃO, AÇÃO, POSSE, REFERÊNCIA e LOCALIZAÇÃO mostraram-se menos gerais. Incluem, respectivamente, (i) as habilidades olfativas e visuais acionadas para a conceptualização do órgão sexual; (ii) as ações implícitas à designação para a vulva, com forte atrelamento à metonímia INSTRUMENTO (vulva) PELA AÇÃO (ato sexual); (iii) a ideia de que a vulva é uma posse do pênis, como em ‘bodoque do caralho’ e ‘porca do parafuso’; (iv) a referenciação geral da vulva a práticas sociais, cuja metonímia exprime determinada PALAVRA PELO CONCEITO QUE ELA EXPRESSA; e (v) a localização como forma de designar a vulva a partir do local onde alguém (no caso, algo, o pênis) pode estar situado.

Os esquemas imagéticos de FORÇA e de UNIDADE/MULTIPLICIDADE apresentaram-se forma mais recorrente nas referenciações à vulva por meio de um chamamento metafórico. O esquema imagético de UNIDADE/MULTIPLICIDADE, está ligado, de forma mais específica, à

CONTAGEM-MASSA (EVANS; GREEN, 2006, p. 190), expressa a partir dos domínios e *frames* de AQUOSIDADE, CARNOSIDADE, RUGOSIDADE e FILAMENTOS. A conceptualização da vulva, nesses termos, leva em conta as propriedades de um corpo enquanto unidade orgânica (nesse caso, o órgão sexual feminino), partir de uma referência que pode ser observada em unicidade (aspecto aquoso/carnoso/rugoso da vulva) ou multiplicidade (prolongamentos filiformes de órgãos sexuais).

A representação de base pré-conceptual de FORÇA diz respeito ao ato sexual relativo a *frames* de SEXO ORAL, ATO SUCÇÃO, INCUBAÇÃO e ESTATICIDADE (do pênis na vulva). As designações baseadas neste esquema mantêm, em todas as ocorrências, uma em relação ao pênis, especialmente no que tange ao domínio de ATO SEXUAL. Como se observou neste estudo, nem sempre o esquema imagético de FORÇA, nas nomeações para o pênis, está atrelado à vulva. Na maioria das vezes, e estará imbricado na ideia socialmente aceita de que a força é uma potencialidade da virilidade.

Já os esquemas imagéticos de ODOR, IDENTIDADES, CICLO, FRICÇÃO, ESPAÇO e CONTÊINER manifestam-se, respectivamente a partir (i) da associação de artefatos/animais com mau odor à vulva; (ii) do acionamento de *frames* relativos a FORMATOS (curvos/redondos) de objetos, e de TAMANHOS (grande ou pequeno, sendo este último em menos ocorrências); (iii) de períodos em que fatos acontecem, como na manifestação metafórica ‘animal sangrento (menstruada)’, em referência ao ciclo menstrual; (iv) da relação de atrito entre a vulva e o pênis, em ‘bisegre (por sua função, como ferramenta de sapateiro, de somente ser eficiente quando bem esfregado)’; (v) da noção de ESPAÇO sobre conceitos de DENTRO/FORA, FRENTE/TRÁS e CENTRO/PERIFERIA, na referência ao espaço conferido ao pênis, para entrar/estar; e (vi) da associação entre vulva e objeto receptáculo, a partir de menções diretas ou indiretas ao pênis, como se o órgão sexual fosse a entidade que pode adentrar/permanecer na vulva.

Nas designações para o pênis, os MCIs de CONSTITUIÇÃO e EVENTO mostraram mais recorrentes que os modelos cognitivos de CAUSAÇÃO, LOCALIZAÇÃO e REFERÊNCIA. Os *frames* estruturantes para CONSTITUIÇÃO referem-se a TAMANHOS (grande e pequeno, sendo este último menos recorrente), FORMATOS (distendido, cilíndrico e rijo) e APARÊNCIA FÍSICA (rugoso e com fresta no meio). Já os EVENTOS são alusivos ao ato sexual, sendo estruturados por *frames* relacionados a EJACULAÇÃO e PRODUÇÃO DE ESPERMA.

Observou-se, também, que os MCIs de CAUSAÇÃO, LOCALIZAÇÃO e REFERÊNCIA, sendo mais situados, evocam, respectivamente, (i) a relação de causa e efeito na forma linguística, de modo a situar a motivação do nome; (ii) o indicativo de um local como forma

de se nomear o pênis, por meio do pensamento metonímico NOME DO LOCAL PELO NOME DO ÓRGÃO SEXUAL; e (iii) a referência a um léxico pelo conceito que esse léxico expressa. Trata-se de um modelo cognitivo muito geral, mas que permite a explicação da metáfora específica a que a designação se refere (como, por exemplo, em PÊNIS É REGIÃO PELÁGICA).

Tais modelos idealizados pela cognição convergem para os seguintes esquemas imagéticos subjacentes: (i) VERTICALIDADE, (ii) FORÇA, (iii) IDENTIDADE, (iv) CONSISTÊNCIA e (v) ESPAÇO. Tais representações esquemáticas subsidiam a conceptualização de nomes para o órgão sexual masculino: (i) por meio do aparato perceptual cognitivo de relacionar o pênis a objetos distensos, cilíndricos e rijos; (ii) pelo acionamento de *frames* relativos a ATO SEXUAL, incluindo-se aqueles relacionados à habilidade para sucção e penetração; (iii) pela identificação de artefatos culturais que mantenham relação de identidade com o pênis por meio de tamanhos (grande e pequeno, sendo este último menos produtivo); (iv) por meio da projeção entre domínios relacionados à consistência sólida da genitália masculina; e (v) pela experiência pré-conceptual com o espaço físico e sociocultural, delimitando-se à noção de ACIMA/ABAIXO para a localização espacial.

As estruturas estáveis supramencionadas apontam para o conhecimento armazenado na memória de longo prazo, permitindo a identificação dos acionamentos cognitivos para a conceptualização de nomes para órgãos sexuais. Elas trazem à tona o conhecimento enciclopédico em uma formatação mais estruturada, indicando as relações estabelecidas entre experiências reiteradas e armazenadas na memória e o significado linguístico. Além disso, a exposição de estruturas cognitivas auxilia na reconhecimento da percepção humana, a qual é, na maioria das vezes, automática e inconsciente.

Em síntese, observa-se que há uma preocupação maior em se nomear a vulva por meio da associação entre artefatos culturais e formatos de diversas naturezas. Essas vinculações conceptuais referem-se, em muitos casos, ao contorno curvo do órgão sexual feminino, cuja comparação manifesta-se em diversas designações para a genitália feminina. Além disso, há o mapeamento conceptual com objetos de tamanhos grande e pequeno, em cujas manifestações linguísticas observou-se a preferência em se observar a vulva como um artefato grande.

Paralelamente à primazia em se comparar o órgão sexual feminino a um artefato grande, os dados evidenciaram analogias entre genitália feminina e artefatos com formatos aberto e fechado, sendo este último em menos manifestações linguísticas, o que implica afirmar que há uma propensão maior em se nomear a vulva como um dispositivo passível de livre acesso. Este fato aponta para a noção de receptáculo a que a vulva é comparada. As muitas relações estabelecidas com o pênis mostram que há uma concepção geral de que o

órgão sexual feminino é o objeto/espço de acesso do pênis, onde ele pode entrar e estar. A ideia associativa da vulva ao ato sexual também se fez muito presente, tanto em relação ao coito entre casal quanto no que se refere ao sexo oral e à habilidade para sucção intrínseca a este ato.

Tanto nas nomeações para a vulva quanto nas referências para o pênis, os MCIs de CAUSAÇÃO e REFERÊNCIA circunscrevem-se a um contexto mais situado das nomeações para os órgãos sexuais, isto é, há um encadeamento de ideias e de práticas sociais expresso nas formas linguísticas. É preciso inferir um contexto de uso a partir do acesso fornecido pelo item lexical, além de serem específicos no sentido de terem potencial para expressar diferentes conjunturas de utilização dos nomes. Diferem-se dos MCIs de CONSTITUIÇÃO e de EVENTOS que marcam, de forma mais universal, os formatos, os tamanhos (em CONSTITUIÇÃO) e os atos sexuais (EVENTOS) inerentes às nomeações para as partes genitais humanas.

Especialmente no que concerne ao MCI de REFERÊNCIA, é preciso inferir a situação de potencial uso a partir do acesso mental conferido pela forma linguística. Tanto em ‘ferramenta de puta’ (subseção 5.1.3), como forma de designar a vulva, quanto em ‘região pelágica’ (subseção 5.1.4), para a nomeação do pênis, o ponto de acesso entre uma associação e outra é feito por meio do acionamento de práticas sociais recrutadas da memória de trabalho para a conceptualização do significado. Esses dados apontam para uma das hipóteses defendidas nesta tese de que as analogias ocorrem, não apenas em relação a objetos, alimentos e bebidas, mas também a abstratizações de diversas naturezas, incluindo-se as práticas sociais experimentadas por conceptualizadores da linguagem.

Tais estruturas esquemáticas mostraram-se regulares na compreensão de nomes das categorias conceptuais para a VULVA e o PÊNIS, separadamente. Reiterando-se o que foi apontado até aqui, há uma relação fortemente estabelecida entre a vulva e o pênis nas designações para o órgão sexual feminino, ao passo que, nos nomes para a genitália masculina, essa relação não se mostra de forma direta e explícita, mas por possibilidades inferenciais por parte de conceptualizadores.

É nessa diferenciação de tratamento de gêneros em que me baseio para afirmar que a nomenclatura popular para a vulva apresenta-se de forma discriminatória, assumindo uma faceta mais sutil, viabilizada por meio da manifestação do aspecto risível. A diminuição da figura feminina expressa nos dados linguísticos desponta-se por meio da jocosidade oriunda de uma comparação esdrúxula, dada a reinterpretação de *frames* dissemelhantes (ao menos um relativo a órgãos sexuais e outro relacionado a artefatos culturais, concretos ou abstratos).

Além disso, os nomes populares para órgãos sexuais apontam, por meio do pensamento metonímico de PARTE-TODO, para posições desiguais entre mulheres e homens na sociedade, evidenciando um sexismo baseado, na maioria das vezes, em uma subjugação feminina e, simultaneamente, em uma dominância masculina.

Feita a síntese das estruturas esquemáticas observadas nas categorias compartilhadas de nomes para a vulva e o pênis, evidencia-se, no Quadro 34, a súmula das representações esquemáticas para as categorias de designações para a vulva.

Quadro 34= estruturas esquemáticas de categorias para a vulva

METÁFORA	VULVA	
	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
VULVA É CAVIDADE	CONSTITUIÇÃO PERCEPÇÃO CONTENÇÃO CAUSAÇÃO EVENTO	CONTÊINER ODOR IDENTIDADE
VULVA É RECEPTÁCULO	CONSTITUIÇÃO CONTENÇÃO CAUSAÇÃO EVENTO	CONTÊINER
VULVA É DEPÓSITO	CONTENÇÃO EVENTO	CONTÊINER
VULVA É INVÓLUCRO	EVENO CONTENÇÃO	CONTÊINER

Fonte: A autora, 2023.

Com base no Quadro 34, é possível perceber o MCI de CONTENÇÃO esteve presente em todas as categorias conceptuais de designações para a vulva. Como dito anteriormente, essa associação ocorre do processamento análogo entre o canal tubular da vagina a artefatos culturais cuja experiência pré-conceptual com CONTÊINER seja proeminente. O MCI de CONSTITUIÇÃO, de certa forma, é uma assunção dessa característica côncava da genitália feminina, uma vez que evoca os *frames* de CONCAVIDADE, PROFUNDIDADE, CANAL TUBULAR *etc.* Porém, as designações mostraram-se discriminatórias na medida em que as menções à vulva estão atreladas, direta ou indiretamente, ao pênis, sendo este a entidade outorgada a entrar/permanecer no órgão sexual feminino.

Assim, considerando que não houve referências diretas à vulva nas designações para o pênis, pode-se afirmar que há uma atitude discriminatória em relação ao gênero feminino ao colocar o seu órgão sexual – e, conseqüentemente, a mulher – com uma função pré-

determinada de estar à disposição sexual do órgão sexual masculino – e, por conseguinte, do homem. Essa visão acerca da condição feminina está em consonância com o conceito adotado por ‘sexismo’, ao se analisar ações preconceituosas em função do gênero. O sexismo é, pois, um conjunto de estereótipos oriundos de uma “avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal” (FORMIGA, 2007, p. 383) que posiciona os papéis sociais a partir do seu gênero. No escopo de análise desta pesquisa, o gênero feminino é visto, por meio dos nomes conferidos à genitália da mulher, de forma depreciativa e subjugada em relação ao gênero masculino.

Acrescido a isso, os modelos cognitivos de CAUSAÇÃO e de EVENTO manifestam-se de modo a corroborar com os demais MCIs já mencionados. A nomeação ‘geladeira (deixa a carne dentro e os ovos na porta)’, por exemplo, de uma só vez, traz à tona as relações de causa/efeito expressas na forma linguística e o ato sexual implícito à designação. De igual modo, a referenciação para a vulva ‘buraco de avestruz (esconde a cabeça)’ também evidencia essa premissa de CAUSAÇÃO e EVENTO já no item lexical. Outras acepções da nomenclatura para o órgão sexual feminino, inseridas no MCI de EVENTO (SEXUAL), incluem a ideia da vulva como um recipiente de esperma. Isto é, para além das nomeações abarcadas pela metáfora VULVA É DEPÓSITO, que expressam, no domínio-fonte, a ideia do sêmen inserido/armazenado no órgão sexual feminino, há uma gama de designações para a vulva, que envolvem o acionamento do *frame* de EJACULAÇÃO MASCULINA, e que são abarcadas por outras metáforas conceptuais, tais como VULVA É CAVIDADE, VULVA É CONDUTO E VULVA É INVÓLUCRO.

Outro fator discriminatório diz respeito ao MCI de PERCEPÇÃO, o qual abarca *frames* relacionados à captura dos sentidos por meio de domínios básicos relacionados à experiência pré-conceptual. O sistema olfativo, por exemplo, é o que propicia o esquema imagético de ODOR (cf. LANGACKER, 1987) na conceptualização da vulva como um artefato que tem determinado cheiro. Na maioria das designações que apontam para o aroma da vulva, há o vislumbre de um mau odor, ao passo que, no universo de 930 designações para o pênis, apenas uma manifestação linguística apontou para a ideia de cheiro ruim: na categoria OUTRAS PARTES DO CORPO HUMANO, o nome ‘fedegoso’ evidenciou, metaforicamente, a referenciação a um aroma ruim para o pênis.

Cabe ressaltar que, de acordo com o Dicionário Informal, o vocábulo ‘fedegoso’, além de indicar o mau cheiro em seu significado mais imediato, também preconiza que o referido item é sinônimo de ânus (DICIONÁRIO INFORMAL, 2006), não havendo menção direta ao pênis nas definições dicionarizadas. Assim, considera-se que, mesmo que tenha ocorrido uma manifestação metafórica para se nomear o pênis, evidenciando o seu mau cheiro em sua forma

linguística, ainda assim não há como colocar as designações para a vulva em par de igualdades com as designações para o pênis, até porque não há sequer uma metáfora conceptual que nomeie o pênis em termos de aroma. Não há preocupação em posicionar o homem em uma condição de avaliação em função de seu cheiro, nem na nomenclatura aqui descrita nem nas discussões correntes sobre representações sociais.

A diferenciação no tratamento dos gêneros pode ser vista a partir dos dados obtidos das metáforas conceptuais que agrupam designações para o pênis. O Quadro 35 expõe, resumidamente, as estruturas esquemáticas identificadas na análise dos dados.

Quadro 35- Estruturas esquemáticas de categorias para o pênis

METÁFORA	PÊNIS	
	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
PÊNIS É PATENTE MILITAR	REFERÊNCIA ESCALA CAUSAÇÃO CATEGORIA E MEMBRO MODIFICAÇÃO	VERTICALIDADE IDENTIDADE
PÊNIS É ARTEFATO MILITAR	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
	CONSTITUIÇÃO REFERÊNCIA	VERTICALIDADE INCLINAÇÃO IRRUPÇÃO
PÊNIS É OBJETO METÁLICO	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
	CONSTITUIÇÃO CAUSAÇÃO	VERTICALIDADE CONSISTÊNCIA SÓLIDA
PÊNIS É MÁQUINA	MCIS	ESQUEMAS IMAGÉTICOS
	REFERÊNCIA CONSTITUIÇÃO CAUSAÇÃO EVENTO	VERTICALIDADE CONSISTÊNCIA SÓLIDA FORÇA

Fonte: A autora, 2023.

Com base nas metáforas conceptuais expressas no Quadro 35, é possível perceber que o pênis pode ser nomeado em termos de PATENTE MILITAR, ARTEFATO MILITAR, OBJETO METÁLICO e MÁQUINA. Esses domínios de origem metafórica sinalizam valores associados à masculinidade, os quais são adotados de forma positiva na cultura brasileira e reverberados nas nomeações para a genitália masculina. Consequentemente, as projeções conceptuais subjacentes à nomenclatura popular para o pênis refletem a forma como se conceptualiza a figura do homem na sociedade.

Dito isso, ratifica-se o MCI de CONSTITUIÇÃO como provedor de dados experienciais relativos a (i) TAMANHOS, grande e pequeno, com maior propensão a se nomear o pênis como um artefato mais avantajado; e (ii) a FORMATOS, no caso, distensos, cilíndricos, retilíneos e rijos. O MCI de EVENTO – assim como em outras designações para o pênis, abarcadas por

outras categorias conceptuais – evoca *frames* relativos a ATO SEXUAL, incluindo-se, na metaforização em PÊNIS É MÁQUINA, o enquadre de ATO SEXUAL ANAL.

Além disso, os MCIs de CAUSAÇÃO e REFERÊNCIA suscitam, respectivamente, as relações de causa e efeito das designações e as correspondências experienciais travadas entre o órgão sexual masculino e práticas de sociedade de naturezas diversas. Em ‘trator (empurra barro)’, por exemplo, as relações de CAUSAÇÃO são evocadas pelo acesso fornecido pela forma linguística, a qual também perpassa o *frame* de ATO SEXUAL (ANAL), indicando, também, um modelo cognitivo de REFERÊNCIA a partir do pensamento metonímico de PALAVRA PELO CONCEITO QUE ELA EXPRESSA.

Já os MCIs de ESCALA, CATEGORIA E MEMBRO e MODIFICAÇÃO estão circunscritas à metáfora conceptual PÊNIS É PATENTE MILITAR. Das 14 designações desta categoria conceptual, 12 delas estão relacionadas às metáforas linguísticas ‘soldado (em sentido)’ e ‘soldado (a patente aumenta por merecimento)’, fato este que vincula tais nomeações para o pênis aos MCIs (i) de CATEGORIA E MEMBRO, expondo as categorias militares a que se referem os termos, não os membros dessa categoria; e (ii) de ESCALA, referindo-se à gradação hierárquica a que se referem as nomeações para o pênis. O modelo cognitivo de MODIFICAÇÃO está atrelado ao nome ‘sargentex’, em que o pensamento metonímico FORMA MODIFICADA PELA FORMA ORIGINAL é evocado para fins de significação.

Os esquemas imagéticos não fogem ao que já foi mencionado anteriormente: a VERTICALIDADE e a CONSISTÊNCIA SÓLIDA para indicar os formatos distensos, cilíndricos, retilíneos e rijos nas designações para o pênis; a FORÇA para sinalizar dados da experiência relativos a ATO SEXUAL; a INCLINAÇÃO para suscitar a ideia de aspecto enviesado para um lado, dada a projeção de identidades conceptuais entre o pênis e o objeto mangote; a IRRUPÇÃO mapeada a partir da peculiaridade do artefato ‘petardo’ (explosivo portátil, em formato cilíndrico); e, por fim, a IDENTIDADE, esquema imagético entremeado pelo domínio básico de SISTEMA VISUAL, para a nomeação ‘guerreiro de cabeça roxa’, associando o termo metaforizado ‘cabeça roxa’ à glândula peniana, quando em condição específica para a referida cor.

Como é possível perceber nos dados linguísticos para o pênis, não há menção direta ao órgão sexual feminino, assim como não há uma coletânea de nomes que minimizam a sua condição masculina por meio da forma como se nomeia a sua genitália. Há um quantitativo ínfimo que tende a minorar as características e as experiências masculinas. Na maioria das vezes, os nomes são potencializadores de masculinidades e suscitam o riso, perpetuando, ao mesmo tempo em que refletindo, as marcações ideológicas de valoração à efígie do homem.

Em caminho reverso, a maioria das designações para a vulva evidenciam o direcionamento sexista à imagem feminina, intensificando, ao mesmo tempo em que reproduzindo, o sistema de crenças sociais quanto aos papéis atribuídos às mulheres na sociedade, e que, em um passado muito recente da história, associou a imagem da mulher à subjugação, à diminuição e à baixa estima frente às condições de poder da figura masculina. O riso aqui, diferentemente do que acontece na nomenclatura para o pênis, é um riso de escárnio, o qual é fomentado pelas experiências discriminatórias arraigadas, inclusive via linguagem, sendo ‘arquivadas’ na memória por meio de estruturas estáveis do conhecimento e utilizadas com instrumento para a emergência de efeitos de sentidos discriminatórios em função do gênero social.

Considerando que essas estruturas são passíveis de modificação, é possível que novas metaforizações não sexistas surjam no discurso em uso em função do constante trabalho de conscientização das práticas languageiras (e das ações com potencial de transformar) que carregam traços ideológicos de discriminação e preconceito contra a mulher. Os *frames*, em toda a sua complexidade de organização, podem originar MCIs potencializadores da igualdade no tratamento de gêneros na sociedade, e as metáforas conceptuais podem evidenciar domínios-fonte de PODER e EMPODERAMENTO. Os esquemas imagéticos podem ser a base de experiência pré-conceptual para subsidiar a constituição tubular da vulva, não o seu papel de ser receptáculo do pênis e do sêmen por ele produzido.

Para que isso se torne mais palpável, é preciso que se cumpra o que se evidenciou na epígrafe deste capítulo: “para confrontar o preconceito, é fundamental que um potencial confrontador primeiro reconheça uma ação como discriminatória” (DRURY; KAISER, 2014, p. 638)¹⁰⁶. Esta tese, portanto, deixa um registro formal de um tipo de linguagem sexista direcionada a mulheres por meio do chamamento de seu órgão sexual, o qual é disfarçado pelo desencadeamento do riso, do clima de descontração a que pertence a jocosidade, sem ofensas explícitas, mas que são mascaradas pela mudança de *frames* e pela consequente reinterpretação da informação discriminatória. Ao mesmo tempo, este registro demonstra as adoções ideológicas de uma sociedade de cunho patriarcalista, tal como é a sociedade brasileira, que pode e deve ser confrontado.

¹⁰⁶ Texto em língua estrangeira: In order to confront prejudice, it is critical that a potential confronter first recognize an action as discriminatory.

Desse modo, reconhecer as metáforas do pensamento que agrupam manifestações linguísticas de uma linguagem sexista é tão necessário quanto a reflexão linguística que esta pesquisa pleiteia!

Concluída a discussão geral da análise, passo às considerações finais desta tese.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa em escopo de tese, embora tenha resquícios de uma continuidade de pesquisa mestrado (FREITAS, 2017), é também uma pesquisa inicial sobre a nomenclatura popular, metonímica e metafórica para órgãos sexuais. Pode-se dizer que ela tem seu prólogo nas inquietações discursivas e sociais da pesquisadora no desenvolvimento do trabalho de dissertação. Porém, no decorrer do processo de doutoramento, ela segue outros rumos, outras vertentes teóricas e metodológicas, fazendo prosseguir o fluxo pesquisador fincado na metáfora conceptual VIDA ACADÊMICA É JORNADA.

Nesse fluxo constante em que pesquisa se institui, esta tese, como forma de preencher uma das lacunas surgidas da dissertação (FREITAS, 2017), teve como foco principal elencar quais metáforas conceptuais, agrupadoras de manifestações da linguagem, permeiam o ideário coletivo de uma comunidade linguística, aqui delimitada como comunidade linguística brasileira. Para se cumprir esse desígnio de pesquisa, esta tese de cunho qualiquantitativo e interpretativista (cf. BORTONI-RICARDO, 2008; SACCOL, 2009) fundamentou-se em uma pesquisa baseada em *corpus* (cf. MITTELBERG; FARMER; WAUGH, 2007), discutindo os efeitos de sentido de metáforas conceptuais e linguísticas para órgãos sexuais; além de se apoiar em uma abordagem lexical, (KOVECSES, 2019), utilizando-se dicionários como fonte de informação na identificação de metáforas desse universo de nomenclatura popular para partes erógenas do corpo humano.

Assim, sabendo-se que a cultura brasileira assume padrões de pensamento e de comportamento de cunho patriarcal, esta tese traça um *link*, ancorado pela ideologia e pelo riso, entre as metáforas conceptuais/linguísticas para órgãos sexuais e a linguagem sexista expressa por essas metaforizações. Esse objetivo geral convergiu para objetivos mais específicos de análise, os quais foram guiados por três questões de pesquisa que serviram como a direção do estudo.

Em relação à primeira questão de pesquisa, “Quais metáforas conceptuais permeiam o ideário de uma comunidade linguística, tal como a brasileira, de modo a representar, metonimicamente, pessoas a partir da nomeação de seus órgãos sexuais?”, em um total de 4.672 designações, sendo 3.742 nomes para o órgão sexual feminino e 930 nomeações para o órgão sexual masculino, foi possível elencar 183 metáforas conceptuais para nomes direcionados à vulva, em contrapartida a 113 metáforas conceptuais para voltadas à nomeação do pênis. Nesse universo de metáforas do pensamento inseridas em contexto de etimologia

popular, refletiu-se sobre as compatibilidades conceptuais instauradas por meio de instanciações cognitivas entre órgãos sexuais e artefatos culturalmente consumidos por brasileiros, sejam eles concretos ou abstratos. Isto é, como essas metaforizações surgem de modo a relacionar, metonimicamente, genitálias e pessoas.

Desse modo, os dados linguísticos demonstraram metáforas originadas de correspondências conceptuais entre órgãos sexuais e (i) formatos de objetos semelhantes às partes erógenas, expressas em metaforizações como VULVA É FORMATO CURVO, VULVA É FORMATO REDONDO, PÊNIS É ARTEFATO RIJO, PÊNIS É OBJETO CILÍNDRICO *etc.*; (ii) alimentos e bebidas, em metaforizações como VULVA/PÊNIS É ALIMENTO e VULVA/PÊNIS É BEBIDA; (iii) pessoas ou aparência física das pessoas, tal como em VULVA É PERSONAGEM DE DESENHO, VULVA É PESSOA DO SEXO FEMININO, VULVA É PESSOA JOVEM, PÊNIS É PESSOA DO SEXO FEMININO, PÊNIS É PESSOA DO SEXO MASCULINO, PÊNIS É PESSOA ORIENTADORA *etc.*; e (iv) práticas sociais de diversas naturezas, reveladas em metáforas como VULVA É CASTIDADE, VULVA É DELEITE, VULVA É ESTADO DE ESPÍRITO, PÊNIS É COMEMORAÇÃO, PÊNIS É HERESIA, PÊNIS É PATENTE MILITAR *etc.*

Deve-se ressaltar que as metáforas conceptuais, em suas propriedades inerentes, carregam “posições ideológicas” (WHITE; HERRERA, 2003, p. 278)¹⁰⁷ que permitem a identificação de valores socioculturais inseridos nas relações e nas práticas de sociedade de determinado grupo. Elas mostram não só o pensamento corporificado e compartilhado a partir de dados linguísticos e conceptuais, como também ajudam a construir, ou pelo menos delimitar, determinado ponto de vista engendrado em meio social. No caso das metáforas elencadas, as relações analógicas entre órgão sexual e artefatos culturais, sejam eles concretos e abstratos, traçam uma relação subjacente – e metonímica – entre portadores desses órgãos sexuais e artefatos culturalmente produzidos em sociedade. Isto é, falar que a vulva pode ser nomeada, por exemplo, como ‘cheiro de bacalhau’, ‘cheiro de queijo’, ‘fedorenta’, ‘mal cheirosa’, ‘nhaca’, entre outras designações de baixa estima (em sua maioria) evidenciadas por este estudo, implica dizer que a pessoa que porta esse órgão é quem carrega todos esses atributos encapsulados nas metáforas linguísticas.

Assim, em resposta ao primeiro questionamento que norteou este estudo sobre quais metáforas estariam presentes no ideário de conceptualizadores do português do Brasil, de modo a representar pessoas a partir do chamamento de seu órgão sexual, ratifica-se a ideia

¹⁰⁷ Termo em língua estrangeira: ideological stances.

aventada nas hipóteses deste estudo de que as relações conceptuais estabelecidas entre órgãos sexuais ocorrem por meio das relações entre órgão sexual e objetos, pessoas ou aparência física das pessoas, alimentos e bebidas, e práticas de sociedade de diversas naturezas. Essas associações são possíveis graças às experiências vividas no espaço socioculturalmente situado, as quais viabilizam a habilidade para armazenamento, na memória de longo prazo, de estruturas estáveis do conhecimento, tais como domínios, *frames* e MCIs, para a produção e conceptualização do conhecimento.

Desse modo, é possível afirmar que sujeitos experientialistas criam padrões esquemáticos a partir da consciência do próprio corpo, de seus formatos, de seus usos próprios e de outras vivências que permitem a conceptualização entre entidades materiais e imateriais. Essa percepção da própria compleição física, incluindo-se suas movimentações e funções corpóreas socioespaciais, reverbera não apenas o discernimento sobre si, sobre a própria condição humana a partir de seu corpo, como também reflete a compreensão sobre o Outro. Isto é, pensar sobre o ‘eu’ é também pensar sobre a condição do ‘Outro’, dado o nível de universalidade dos padrões esquemáticos armazenados por meio das experiências sensório-motoras. Esses esquemas são cruciais no estabelecimento das subjetividades inerentes aos seres, uma vez que as regularidades de estruturas esquemáticas viabilizam, entre outros fatores, a consciência de uma parte do corpo, a qual representa toda a estrutura corpórea. Este é um dos princípios fundamentais desta tese: (i) a aparição do corpo e suas movimentações, (ii) a consciência do/sobre o corpo, de si e do outro, e (iii) as criações de padrões esquemáticos que fundamentam analogias, tais como partes do corpo humano dos seres (e os próprios seres) a partir de artefatos culturais concretos e abstratos manuseados em âmbito social.

Esse fato aponta para a segunda questão de pergunta que conduziu as análises desta tese: “Como as metáforas linguísticas de uma nomenclatura popular para a vulva e o pênis evidenciam a conceptualização de homens e mulheres nas relações socioculturais?”. Assumindo-se que as metáforas conceptuais, vinculadas a outras estruturas estáveis do conhecimento – tais como domínios, *frames* e MCIs – evidenciam formas de pensamento compartilhado, e que falantes da cultura brasileira assumem padrões linguísticos e comportamentais de cunho sexista, defendeu-se, nesta tese, que a nomenclatura popular para órgãos sexuais reflete esse dado sociocultural de preconceito arraigado em que conceptualizadores brasileiros estão inseridos. As metáforas linguísticas, por refletirem – e serem refletidas por – discursos e ações discriminatórias contra as mulheres, mostraram-se sexistas no sentido de se apoiarem em crenças estereotipadas sobre a condição feminina

(como, por exemplo, associar a vulva a mau cheiro de animais), além de exporem uma ideia de dominância masculina, perpetuada socialmente e manifesta nos dados linguísticos, em paralelo à ideia de subjugação feminina (tal como expõem os dados que colocam a vulva – e a mulher – em relação direta ao pênis, mas não colocam o pênis – e o homem – em relação direta à vulva).

Ambas as circunstâncias de sexismo apontam para uma ação discriminatória em nível mais geral, sendo este nível institucionalizado socialmente (cf. MILLS, 2008). Esta tese, porém, evidencia um tipo de sexismo que é mais situado, camuflado pelo contexto de jocosidade, e potencializado pelo despertar do riso, sendo, na maioria das vezes, uma manifestação inconsciente. Trata-se de um sexismo expresso em nomes não anatômicos para órgãos sexuais, circunscritos a um contexto de humor, e que sublinha representações sociais de gênero na cultura brasileira.

Seguindo essa premissa, o estudo das regularidades nas estruturas cognitivas permitiu a visualização desse tipo de linguagem sexista de forma sistemática, tornando possível tecer generalizações sobre representações sociais de mulher e homem na sociedade brasileira. Nas metáforas conceptuais cujo domínio-fonte era compartilhado entre as categorias conceptuais de nomes para a vulva e o pênis (VULVA/PÊNIS É ALIMENTO, VULVA/PÊNIS É ANIMAL, VULVA/PÊNIS É FERRAMENTA, VULVA/PÊNIS É LOCALIZAÇÃO), foi possível traçar um comparativo mais direto entre a conceptualização de órgãos sexuais. Em muitos casos, as metáforas específicas fizeram-se presentes em ambas as categorias (VULVA e PÊNIS), diferenciando-se, entretanto, na organização estrutural interna, nos enquadres experienciais ativados e, conseqüentemente, na forma como órgãos sexuais são conceptualizados culturalmente.

Em síntese, há uma preocupação maior em se nomear a vulva quanto ao seu formato curvo, ao seu tamanho – em geral, enfatizando-se a sua dimensão grande –, e à estância e permanência do pênis em sua estrutura, conferindo-lhe o atributo de receptáculo. Já nas designações para o pênis, há uma diligência específica quanto ao seu formato distenso, rijo, ereto e grande, fato este que aponta para uma relação de dominância do falo, ressaltando-se a masculinidade e a virilidade nas designações para o pênis.

Em outros casos, algumas metáforas conceptuais já evidenciam o cunho pejorativo ou valorativo a partir do próprio domínio-fonte. Nas metáforas analisadas em categorias conceptuais de nomes para a vulva, a saber, VULVA É VULVA É CAVIDADE, VULVA É CONDUTO, VULVA É DEPÓSITO e VULVA É RECEPTÁCULO, todos os domínios que dão origem à abstração da metáfora já prenunciam o teor depreciativo em relação ao órgão sexual feminino e,

consequentemente, à mulher. Em todas as metáforas, a relação com o órgão sexual masculino se fez presente, tornando possível inferir que a sociedade ainda mantém a figura feminina, aqui caracterizada por meio do chamamento de seu órgão sexual, vinculada à figura masculina, também expressa metonimicamente por meio da designação à sua genitália. O tratamento é discriminatório quando não se observa essa relação nos nomes para o órgão sexual masculino. Ao contrário disso, tal nomenclatura se apresenta, na maioria dos casos, em forma analogizante a objetos e práticas sociais de instituição de poder.

Observou-se que as categorias conceituais de nomes para o pênis, em PÊNIS É PATENTE MILITAR, PÊNIS É ARTEFATO MILITAR, PÊNIS É OBJETO DE METAL e PÊNIS É MÁQUINA, evidenciaram a forma como a cultura brasileira perpetua-se em um sistema de crenças de valoração e dominação de práticas sociais envolvendo o falo. Os dados relativos a nomes para órgão sexual feminino não estão em par de igualdades com os nomes para o órgão sexual masculino, uma vez que, de um lado, há nomes potencializadores de subjugação, e do outro, há nomes que repercutem uma condição dominância. Em suma, os dados demonstraram que, enquanto a vulva é conceptualizada a partir da ideia de passividade ao pênis, em função dos atributos côncavo e tubular que a constituem, o pênis é conceptualizado enquanto artefato de potência, com a ratificação das características de distensão e rigidez em sua constituição. Essa compleição ereta e rija é considerada socialmente como o trunfo social de uma virilidade máscula.

A organização dos dados e a análise permitiram a observação das assunções compartilhadas socialmente quanto aos posicionamentos assumidos por parte de atores socioculturais brasileiros em relação às figuras feminina e masculina na sociedade, via nomeação de seus órgãos sexuais. As estruturas estáveis do conhecimento para a criação e a conceptualização do significado linguístico mostraram-se relevantes para este estudo, uma vez que foi possível evidenciar as marcas ideológicas inerentes ao pensamento coletivizado na conceptualização de nomes não anatômicos para órgãos sexuais. Este fato aponta para a terceira e última questão de pesquisa norteadora desta tese: “Como a nomenclatura aponta para a relação que se estabelece entre a cultura, as metáforas conceituais/linguísticas, a linguagem sexista e o riso?”.

Em primeiro lugar, reitera-se o que White e Herrera (2003, p. 282) dizem sobre o papel da linguagem na representação da realidade circundante. Segundo os autores, “deve-se reconhecer que nossa sinopse dos eventos contextuais é em si um lembrete da onipresença da

ideologia” (WHITE; HERRERA, 2003, p. 282)¹⁰⁸. Isto é, não há neutralidade do uso das palavras e no acionamento de estruturas cognitivas ativado por elas. As metáforas conceptuais, como uma operação básica do pensamento e sendo expressas via linguagem, são marcadas por ideologia e refletem uma cognição coletiva adotada em âmbito social. Por serem uma forma cognitiva de representação do conhecimento compartilhado, as metáforas conceptuais arraigam-se socialmente, de modo que a identificação de uma linguagem sexista implícita ao discurso, em uma linguagem dita engraçada, como é o caso dos dados desta pesquisa, torna-se uma tarefa difícil de se empreender, pois é preciso que se discorra sobre os aspectos culturais envolvidos para o despertamento da risibilidade.

O riso, embora pareça livre de convicções e preceitos sociais, também é marcado por ideologia. Ele manifesta-se como uma exteriorização fisiológica, a qual surge, na maioria das vezes, a partir de práticas languageiras de sujeitos. O riso é, pois, conduzido por formações ideológicas subjetivas, sendo, inclusive, o reflexo de um recorte linguístico temporal e sociocultural (GOMES, 2007): sobre o que se ri hoje pode não ser engraçado daqui a alguns anos, a depender de como a sociedade se manifesta em relação aos discursos que circulam em um corpo social. Considerando essa premissa sobre o riso, é possível afirmar que a comicidade reproduz marcas de uma linguagem sublinhada por preconceito com base em critérios de gêneros, ainda que o teor sexista esteja ancorado ao inconsciente cognitivo, sendo mascarado pelo aspecto risível.

Isso porque uma das formas de se invisibilizar o sexismo em uma nomenclatura para órgãos sexuais, por meio da risibilidade, diz respeito, como se hipotetizou nesta tese, ao acionamento de *frames* não habituais, isto é, *frames* não relacionados diretamente às genitálias humanas para a designação chistosa dessas áreas do corpo – embora os mapeamentos conceptuais estabeleçam relações de semelhanças entre o *frame* inesperado e o *frame* relativo a órgãos sexuais. O riso emerge de uma seleção vocabular inusitada, em cujas formas linguísticas não há a alusão imediata aos conceitos de VULVA e PÊNIS. A manipulação de *frames* dissemelhantes decorre de uma violação de expectativas (COULSON, 2006), configurando uma capacidade distintivamente humana para a geração do humor, originária de um produto linguístico criativo e jocoso.

Apesar dessa habilidade inventiva subjacente à criação e reprodução linguística de nomes populares para órgãos sexuais (cf. FREITAS, 2017), o riso, por sua característica mais

¹⁰⁸ Texto em língua estrangeira: In reference to the role of language in any representation of reality, it should be recognised that our synopsis of the contextual events is itself a reminder of the pervasiveness of ideology.

acentuada de exteriorização de alegria e divertimento, encobre a linguagem discriminatória, ocultando comportamentos sociais de subjugação feminina e de dominação masculina de sujeitos experientialistas da sociedade brasileira. A cultura de cunho patriarcal em que brasileiros estão inseridos tem papel fundamental na proferição de nomes populares sexistas para órgãos sexuais, uma vez que os discursos circulantes de preconceito arraigado contra a mulher e de superestima das ações masculinas, os quais precedem tal nomenclatura, servem como base para a conceptualização dos órgãos sexuais de forma diferenciada para homens e mulheres.

Os dados de análise desta tese, por exemplo, originam-se por meio de colaboração coletiva, constituindo-se a partir da contribuição de pessoas reais. As experiências socioculturais dessas pessoas com artefatos culturais materiais e imateriais são refletidas nos nomes populares para órgãos sexuais. As experiências prévias com formatos curvos, redondos distensos e rijos; os tamanhos grande e pequeno; as características rugosas e filiformes, enfim, todos esses padrões criados a partir da manipulação de/com objetos – e, em alguns casos, a partir de práticas sociais – precedem às nomeações de partes erógenas do corpo com um fim específico: designar, distinguindo-se conforme o gênero, para a emergência do riso.

É por isso que as metaforizações, tanto linguísticas quanto conceptuais não são passíveis de abarcarem neutralidade em seus domínios. As metáforas instituem-se por meio de significação e, por isso, são ideologicamente marcadas, pois os domínios integrantes de uma metáfora conceptual surgem da experiência humana e dos dados de subjetividades. De igual forma, o riso emerge de um enunciado significativo, do acionamento de *frames* significativos, de uma estrutura maior de modelos cognitivos idealizados igualmente significativa, e é isso o que o atrela a aspectos ideológicos de uma linguagem sexista, tal como se demonstrou neste estudo. Em consonância com Kövecses (2006b), o *significado* [grifo meu] é o aspecto fundamental da mente, da linguagem e da cultura. E é ele o que liga todos esses eixos: a cultura, as metáforas conceptuais/linguísticas, a linguagem de cunho sexista e a risibilidade.

Desse modo, quanto às contribuições teóricas desta pesquisa, destaca-se, em primeiro lugar, a manipulação dos *frames* na propulsão do aspecto risível em designações para órgãos sexuais. Os *frames* são ressignificados e reanalisados de formas distintas, a depender da zona erógena a que se refere (se à vulva ou ao pênis), evidenciando uma assimetria no direcionamento das relações entre os seres. Isto é, o riso que emerge das designações para o órgão sexual masculino é um riso potencializador de sua masculinidade e virilidade construída socialmente, e o riso que insurge do órgão sexual feminino é um riso discriminatório, dotado de preconceito e subjugação da figura feminina à efígie masculina.

Além disso, os dados refletem que as metáforas são acompanhadas por metonímia, fato este que revela um sistema metonímico poderoso para a representação do significado linguístico. Em linhas gerais, a metonímia assume um papel referencial, notabilizando os aspectos mais salientes de nomes sexistas expressos nos dados desta tese. É por isso que falar sobre metonímias é, necessariamente, perpassar questões relacionadas a *frames* (FILLMORE, 1982) e MCIs (LAKOFF, 1987). E abordar as metonímias expressas em uma nomenclatura popular para órgãos sexuais requer abordar as cenas prévias da experiência (*frames*) e o conhecimento enciclopédico (MCIs), os quais viabilizam a construção do significado.

O papel do riso, nesse sentido, aponta para nomes metafóricos e metonímicos de órgãos sexuais, cujas designações marcam ideologicamente a cultura do patriarcado brasileiro. Como se viu na análise dos dados, há a manifestação burlesca em nomeações que têm como marca subjacente o preconceito, sendo o riso o fator que mascara o tratamento desigual entre homens e mulheres na cultura do Brasil. Isto é, a interação entre os *frames* e o surgimento do riso permitem que falantes e ouvintes não percebam a hierarquização entre os gêneros.

Assim, os nomes populares para a vulva e o pênis, em contexto de práticas languageiras e de representações sociais, requerem um novo questionamento em relação ao uso e mudança linguística: *como é possível mudar as metáforas conceptuais que evocam frames e MCIs com preconceito arraigado?* Ainda não há uma resposta científica para esta pergunta, mas há um caminho, que é conhecer o plano de fundo da nossa cognição. Como se introduziu esta tese, em epígrafe, “só a partir do conhecimento que temos do nosso inconsciente cognitivo é que temos capacidade de nos conhecermos, de entender nossas ações, nossas crenças e nossos valores” (URIBE, 2007, p. 67).

E, embora esta tese tenha sublinhado as posições sociais adotadas pelos gêneros feminino e masculino a partir de referenciações às suas partes sexuais, ainda há muito o que se estudar sobre a nomenclatura popular metonímica e metafórica para partes genitais humanas, incluindo-se a ampliação do escopo de análise de metáforas conceptuais para outras partes erógenas do corpo humano, tais como os seios, o ânus e os testículos; o estudo metafórico de órgãos sexuais nos variados gêneros existentes na sociedade; a análise do uso dessa nomenclatura em contextos reais de comunicação; o processo de mudança de metáforas conceptuais para órgãos sexuais, especialmente em metaforizações de nomes para a vulva; o enfoque na mesclagem conceptual subjacente às designações populares para órgãos sexuais; a identificação dos níveis das metáforas conceptuais; as especificações das estruturas estáveis

do conhecimento inseridas a uma teoria do riso, entre outras possibilidades de pesquisas que visem a mudanças de uso linguístico e de práticas de sociedade.

Enfim, são lacunas que a tese deixa para que a pesquisa possa continuar existindo, reconhecendo-se, assim, que a escrita não é capaz de preencher todos os espaços teórico-metodológicos propostos. Porém, ela suscitou perguntas e permitiu que o fluxo pesquisador pudesse continuar caminhando. A pesquisa sobre a nomenclatura popular metonímica e metafórica de órgãos sexuais é, portanto, uma jornada longa, um *continuum* de difusa exatidão, mas também é um lugar de luta sobre a palavra-significado (MILLS, 2008). É um espaço onde cabem muitas metáforas.

REFERÊNCIAS

ALIMENTO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/alimento>. Acesso em: 29 ago. 2022.

ALVES, Natalia Fernandes Teixeira *et. al.* A mulher no Facebook: uma análise a partir do Sexismo Ambivalente. *Intercom*, São Paulo. Online, v. 44, p. 131-147, 2021.

ARPPE Antti; GILQUIN, Gaëtanelle; GLYNN, Dylan; HILPERT, Martin; ZESCHEL, Arne. 2010. *Cognitive Corpus Linguistics: five points of debate on current theory and methodology*. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/228653295_Cognitive_Corpus_Linguistics_Five_points_of_debate_on_current_theory_and_methodology/link/0c9605166766388d8b000000/download. Acesso em: 31 jul. 2022.

BADINTER, Elisabeth. *XY sobre a identidade masculina*. Rio de Janeiro: Ed. Nova Fronteira, 1993.

BIBICO. In: DICIO. Dicionário Online de Português [em linha], 2009-2022. Disponível em: <https://www.dicio.com.br/bibico/#:~:text=Significado%20de%20Bibico,desse%20chap%C3%A9u%20ou%20desse%20gorro>. Acesso em: 20 nov. 2022.

BONA, Camila de; RIBEIRO, Pablo Nunes. Sobre a produtividade e a semântica do prefixo des- no português brasileiro atual. *DELTA. Documentação de Estudos em Linguística Teórica e Aplicada*, v. 34, p. 611-634, 2018.

BORODITSKY, L.; RAMSCAR, M. The roles of body and mind in abstract thought. *Psychological Science*, v. 13, n. 2, p. 185–189, 2002.

BORTONI-RICARDO, Stella Maris. *O professor pesquisador: introdução à pesquisa qualitativa*. São Paulo: Parábola, 2008.

BRASIL. Lei n. 6.880, de 9 de dezembro de 1980. *Dispõe sobre o Estatuto dos Militares*. Brasília-DF, 9 dez. 1980. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l6880.htm. Acesso em: 19 nov. 2022.

BRITADEIRA. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/britadeira>. Acesso em: 16 nov. 2022.

CAVIDADE. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/cavidade>. Acesso em: 11 nov. 2022.

CIENKI, Alan. *Frames, Idealized Cognitive Models, and Domains*. In: GEERAERTS, Dirk; CUYCKENS, Hubert. *The Oxford Handbook of Cognitive Linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 2007.

CÔNCAVA. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em <https://dicionario.priberam.org/c%C3%B4ncava>. Acesso em: 11 nov. 2022.

COSTA, Lacilaura Bomtempo Lamounier; TILIO, Rafael de. Representações Sociais de Família para Não Feministas. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 3, 2020.

CRESWELL, John W. *Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução de Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

COSTA, Pedro *et al.* Adaptação dos inventários de sexismo moderno para Portugal: o inventário de sexismo ambivalente e o inventário de ambivalência em relação aos homens. *Psicologia: Reflexão e crítica*, v. 28, n. 1, 2015.

COULSON, Seana. *Semantic leaps: frame-shifting and conceptual blending in meaning construction*. New York: Cambridge University Press, 2001.

COULSON, Seana; KUTAS, Marta. *Frame-shifting and sentential integration*. University of California, San Diego: Cognitive Science Department Technical Report, 1998.

COULSON, Seana; KUTAS, Marta. Getting it: human event-related brain response to jokes in good and poor comprehenders. *Neuroscience letters*, v. 316, 2001.

COUTINHO, Aline; GARRIDO, Stella; EVANGELISTA, Marcela. Gênero, religião e política: a mobilização evangélica contra os direitos reprodutivos e a atuação de Damares Alves. *PLURA, Revista De Estudos De Religião*, v. 13, n. 2, p. 100–121, 2023.

CROFT, Willian. CRUSE, D. Alan. *Cognitive linguistics*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2004.

CUENCA, María Josep; HILFERTY Joseph. *Introducción a la lingüística cognitiva*. Barcelona: Editorial Ariel, 2007.

DA HISTERIA. Site de conteúdo sexual. 2019. Disponível em: <https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2019/02/13/filosofa-tantrica-a-ditadura-do-pau-duro-nao-e-boa-para-ninguem.htm?cmpid=copiaecola>. Acesso em: 3 dez. 2022.

DANIEL, Camila. O trabalho e a questão de gênero: a participação de mulheres na dinâmica do trabalho. *Revista Social em Questão*, n. 25/26, p. 323-344, 2011.

DELAJUSTINE, Ana Claudia; RODRIGUES, Ana Kravczuk. O corpo da mulher sob tutela do fundamentalismo religioso: o controle reprodutivo feminino. In: CONGRESSO LATINO-AMERICANO DE GÊNERO E RELIGIÃO, 6., 2019, São Leopoldo. *Anais...* São Leopoldo: EST, 2019. p.55-64.

DEPÓSITO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/dep%C3%B3sito>. Acesso em: 22 nov. 2022.

DESCARTES, R. *Princípios da filosofia*. Tradução de João Gama. Lisboa: Edições 70, [20--].

DESCICLOPÉDIA. *Bem-vindos à Desciclopédia*. Site de conteúdo humorístico. Disponível em: https://desciclopedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal. Acesso em: 12 set. 2022.

DIRVEN, Rene; FRANK, Roslyn M.; PÜTZ, Martin. Introduction: Categories, cognitive models and ideologies. In: DIRVEN, Rene; FRANK, Roslyn; PÜTZ, Martin. *Cognitive models in language and thought: ideology, metaphors and meanings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003.

DUQUE, Paulo Henrique. Discurso e Cognição. Uma abordagem baseada em *frames*. *Revista da ANPOLL*, v. 1, p. 25-48, 2015.

DRURY, B. J.; KAISER, C. R. Allies against Sexism: The Role of Men in Confronting Sexism. *Journal of Social Issues*, v. 70, n. 4, p. 637–652, 2014.

EVANS, Vyvyan. *Cognitive linguistics: a complete guide*. Edinburgh-UK: Edinburgh University Press, 2019. p. 747-770.

EVANS, Vyvyan; GREEN, Melanie. *Cognitive linguistics, an introduction*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2006.

EVANS, Vyvyan. *A glossary of cognitive linguistics*. Edinburgh: Edinburgh University Press, 2007.

FAIRCLOUGH, Norman. *Discurso e mudança social*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2001.

FEDEGOSO. In: DICIONÁRIO Informal [em linha], 2006-2022. Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/sinonimos/fedegoso/>. Acesso em: 4 dez. 2022.

FERRAMENTA. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/ferramenta>. Acesso em: 08 nov. 2022.

FERRARI, Lilian. *Introdução à linguística cognitiva*. São Paulo: Contexto, 2011.

FERNANDEZ-DUQUE, Diego; JOHNSON, Mark. Cause and Effect Theories of Attention: The Role of Conceptual Metaphors. *Review of General Psychology*, v. 6, n. 2, p. 153–165, 2002.

FILLMORE, Charles. An alternative to checklist theories of meaning. *The Annual Proceedings of the Berkeley Linguistics Society*, v. 1, p. 123–131, 1975.

FILLMORE, Charles. Syntactic intrusions and the notion of grammatical construction. *Berkeley Linguistic Society*, 1985. p. 73–86.

FILLMORE, Charles. *Frame Semantics*. In: LINGUISTIC SOCIETY OF KOREA (ed.). *Linguistics in the morning calm*. Seoul: Hanshin, 1982. p. 111–137.

FILLMORE, Charles. *Frame Semantics*. In: GEERAERTS, D., (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter. 2006. p. 373-400.

FILLMORE, Charles; BAKER, Collin. A *Frames Approach to Semantic Analysis*. In: HEINE, Bernd; NARROG, Heiko. *The Oxford Handbook of Linguistic Analysis*. 2nd. ed. Oxford: Oxford University Press, 2015. p. 791-816.

FISKE, Susan; GLICK, Peter. Ambivalence and stereotypes cause sexual harassment: A theory with implications for organizational change. *Journal of Social Issues*, v. 51, p. 97-115, 1995.

FORCEVILLE, Charles. Metaphor in pictures and multimodal representations. In: GIBBS, Raymond (ed.). *The Cambridge handbook of metaphor and thought*. Cambridge: Cambridge University Press, 2008. p. 462-482.

FORCEVILLE, Charles. Visual and multimodal metaphor in advertising: cultural perspectives. *Styles of Communication*, v. 9, n.2, p. 26-41, 2017.

FORMIGA, Newton. Valores humanos e sexismo ambivalente. *Revista do Departamento de Psicologia*, UFF, Niterói, v. 19, n. 2, p. 381-396, dez. 2007.

FRANCISCO, Leilane Camila Ferreira de Lima et. al. Ansiedade em minorias sexuais e de gênero: uma revisão integrativa. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 69, p. 48-56, 2020.

FREITAS, Patrícia Oliveira de; BERNARDO, Sandra Pereira; CAVALCANTI, Fernanda Carneiro. *Conceptualização de órgãos sexuais e identidade de gêneros: tabu e preconceito*. Signo, Santa Cruz do Sul, v. 42, n. 75, dez. 2017. Disponível em: <https://online.unisc.br/seer/index.php/signo/article/view/9835>. Acesso em: 23 dez. 2022.

FREITAS, Patrícia Oliveira de. *Mesclagem Conceptual na construção de sentido em piadas com nomes de órgãos sexuais*. 2017. 120 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

GEERAERTS, Dirk. (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.

GIBBS, Raymond; COLSTON, Herbert L. Image schema: The cognitive psychological reality of image schemas and their transformations. In: GEERAERTS, Dirk (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin: Walter de Gruyter GmbH & Co, 2006. Chapter 7, p. 239-268.

GIBBS, Raymond W. Bodies and persons. In: GIBBS, Raymond. *Embodiment and cognitive science*. New York: Cambridge University Press, 2005.

GIBBS, Raymond W. What's cognitive about cognitive linguistics? In: CASAD, Eugene H. (1996). *Cognitive Linguistics in the Redwoods: The Expansion of a New Paradigm in Linguistics*. Berlin: Mouton de Gruyter, 1996. p. 27-53.

GIL, Antônio Carlos. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 2. ed. São Paulo: Editora Atlas, 1987.

GOLDENBERG, Mirian. Dominação masculina e saúde: usos do corpo em jovens das camadas médias urbanas. *Revista Ciência & Saúde Coletiva*, v. 10, n. 1, p. 91-95, 2005.

GOMES, Rosely Costa Silva. *O riso, seus poderes e perigos: um estudo da discursivização do riso e da materialização do poder na sátira gregoriana*. 2007. 123 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Letras e linguística, Universidade Federal de Uberlândia, Minas Gerais, 2007.

GOMES, Claudete Pereira. *Tendências da semântica linguística*. 2. ed. Ijuí: Editora Inijuí, 2006.

HAWKINS Bruce. Incorporating Tensions. On the Treatment of Ideology in Cognitive Linguistics. In: DIRVEN René; HAWKINS, Bruce; SANDIKCIOGLU, Esra. *Language and ideology volume 1: theoretical cognitive approaches*. Amsterda; Philadelphia: John Benjamins, 2001.

JOHANSON, Izilda Cristina. De objeto a sujeito: uma contribuição feminista à história e à filosofia. *Revista Estudos Feministas*, São Paulo, v. 23, n. 1, 2020.

JOHNSON, Mark. The meaning of the body. In: OVERTON, Willis; MUELLER, Ulrich; NEWMAN, Judith. *Developmental perspectives on embodiment and consciousness*. New York; London: Taylor & Francis Group, LLC, 2008a.

JOHNSON, Mark. *The body in the mind: the bodily basis of meaning, imagination, and reason*. Chicago: The University of Chicago Press, 2008b.

JONES, Peter. Cognitive Linguistics and the Marxist Approach to Ideology. In: DIRVEN René; HAWKINS, Bruce; SANDIKCIOGLU, Esra. *Language and ideology volume 1: theoretical cognitive approaches*. Amsterda; Philadelphia: John Benjamins, 2001.

JONES, Rodney. Creativity and discourse analysis. In: JONES, R. *The routledge handbooh of language creativity*. London; New York: Routledge, 2016.

KNECHTEL, Maria do Rosário. *Metodologia da pesquisa em educação: uma abordagem teórico-prática dialogada*. Curitiba: Intersaberes, 2014.

KISURI, Thaís Gualberto. Exposição “Lugar de mulher é no tanque e onde mais ela quiser”. Site de conteúdo informativo. 2014. Disponível em: <http://ladyscomics.com.br/exposicao-lugar-de-mulher-e-no-tanque-e-onde-mais-ela-quiser>. Acesso em: 03 maio 2022.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor in culture: universality and variation*. New York: Cambridge University Press, 2005.

KÖVECSES, Zoltan. *Metaphor and ideology in slang: the case of WOMAN and MAN* (2006a). Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/341030197_Women_and_men_in_slang. Acesso em: 25 out. 2022.

KÖVECSES, Zoltan. *Language, mind and culture: a practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2006b.

KÖVECSES, Zoltan. *Where metaphors come from: reconsidering context in metaphor*. Oxford: Oxford University Press, 2007

KÖVECSES, Zoltan. *A practical introduction*. New York: Oxford University Press, 2010.

KÖVECSES, Zoltan. *Extended conceptual metaphor theory*. Cambridge; New York: Cambridge University Press, 2020. p. 23-39.

KÖVECSES, Zoltan. *The lexical vs. corpus-based method in the study of metaphors*. 2019. Disponível em: https://www.researchgate.net/publication/335190137_Chapter_6_The_lexical_vs_corpus-based_method_in_the_study_of_metaphors. Acesso em: 08 ago. 2022.

KÖVECSES, Zoltan. A multilevel and contextualist view of conceptual Metaphor Theory. *Journal of Language and Communication*, v. 8, n. 2, p.133-143, 2021.

KÖVECSES, Zoltan. Extended Conceptual metaphor theory: the cognition-context interface. In: SCHRÖDER, Ulrike; OLIVEIRA, Millene Mendes de; TENUTA, Adriana Maria. *Metaphorical Conceptualizations: (Inter)Cultural Perspectives*. Berlin; Bostan: Walter de Gruyter, 2022.

LAKOFF, George. *Women, fire and dangerous things*. What categories reveal about the mind. Chicago: The University of Chicago Press, 1987.

LAKOFF, George.; JOHNSON, Mark. *Philosophy in the flesh*. The embodied mind and its challenge to western thought. New York: Basic Books, 1999.

LAKOFF, George. The contemporary theory of metaphor. In: GEERAERTS, Dirk. (ed.). *Cognitive linguistics: basic readings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2006.

LANGACKER, Ronald. *Foundations of Cognitive Grammar*, v. 1. Stanford: Stanford University Press, 1987.

LANGACKER, Ronald. *Concept, image, and symbol: the cognitive basis of grammar*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 1991.

LANGACKER, Ronald W. Discourse in cognitive grammar. *Cognitive Linguistics*, v. 12, p. 143–188, 2001.

LAZAR, Michelle. Feminist critical discourse analysis: articulating a feminist discourse praxis. *Critical Discourse Studies*, v.4, n.2, p. 141–164, 2007.

LEITE, Bruna Renova Varela. *Caracterizando suporte digital e gêneros textuais em dispositivos fixo e móvel*. 2017.183 f. Dissertação (Mestrado em Língua) – Instituto de Letras, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2017.

LEWIS, Elizabeth Sara. Notas etnográficas iniciais sobre um site de encontros para pessoas com pênis pequeno. In: CONEIL, 1., 2020, Campina Grande. *Anais...* Campina Grande: Realize Editora, 2020. Disponível em: <https://www.editorarealize.com.br/index.php/artigo/visualizar/72026>. Acesso em: 3 dez. 2022.

MALRIEU, Jean Pierre. *Evaluative semantics: cognition, language, and ideology*. London; New York: Taylor & Francis Group, 1999.

MARTIN, Joanne. Does Gender Inequality Ever Disappear? In: JEANES, Emma; KNIGHTS, David; MARTIN, Patricia Yancey. *Handbook of gender, work, and organization*. United Kingdom: Wiley, 2011. p. 213-230.

MEDEIROS, Ilana Souto; DUQUE, Paulo Henrique. *Doenças Nos discursos sobre economia: um estudo baseado em frames e metáforas*. *Revista Matraga*, Rio de Janeiro, v. 27, n. 49, p. 59-80, jan./abr. 2020.

MEDEIROS, Ilana Souto de. *Sentidos e pontos de vista construídos a partir de notícias e reportagens sobre a economia brasileira do período 2015-2018: o enquadramento metafórico como um mecanismo cognitivo-discursivo*. 2019. 151 f. Doutorado (Doutorado em Estudos da Linguagem) - Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2019.

MELO, Thiago Benitez de. Quando tamanho é documento: um estudo sobre o pênis no aplicativo Grindr na fronteira. *Revista Tempo da Ciência*, Toledo, v. 29, n. 58, p. 31-47, jul./dez. 2022.

MILLS, Sara. *Discourse*. 2. ed. New York: Routledge, 2004.

MILLS, Sara. *Language and sexism*. New York: Cambridge University Press, 2008.

MILLS, Sara; MULLANY, Louise. *Language, gender and feminism: theory, methodology and practice*. London; New York: Routledge, 2011.

MINOIS, Georges. *História do riso e do escárnio*. Tradução Maria Elena O. Ortiz Assumpção. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

MITTELBERG, Irene; FARMER, Thomas A.; WAUGH, Linda R. They actually said that? An introduction to working with usage data through discourse and corpus analysis. In: GONZALEZ-MARQUEZ, Monica et. al. (ed.). *Methods in cognitive linguistics*. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2007. p. 19-52.

MONTEIRO, Monik Giselle Lira. O Homem e Falocentrismo: Um Estudo Epistemológico Sobre A História Do Pênis. In: MAMEDES, Rosilene Feliz; RODRIGUES, Hermano de França; MONTEIRO, Monik Giselle Lira. *Palavras e seus múltiplos sentidos: Psicanálise e suas interface: fragmentos de discursos psicanalíticos*. São Paulo: Pá de Palavra, 2020. v. 4.

OLIVEIRA, Roberta Pires de. Language and Ideology. Na interview with George Lakoff. In: DIRVEN René; HAWKINS, Bruce; SANDIKCIOGLU, Esra. *Language and ideology volume 1: theoretical cognitive approaches*. Amsterda; Philadelphia: John Benjamins, 2001.

OLIVEIRA, Eloisa Paula de. *Paradigma interpretativista nos estudos organizacionais*. 2018. Disponível em:

http://anais.unespar.edu.br/iv_secisa/data/uploads/administracao/oliveira_paradigma-interpretativista-nos-estudos-organizacionais_iv-secisa-2018.pdf. Acesso em: 01 ago. 2022.

PARAFUSETA. In: DICIONÁRIO Informal [em linha], 2006-2022 Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/parafuseta/>. Acesso em: 07 nov. 2022.

PELÁGICO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/pel%C3%A1gico>. Acesso em: 19 nov. 2022.

PASTOR, Daniela. A. *Non-sexist language in female anatomy and physiology content*. SciELO Preprints, 2021a. DOI: 10.1590/SciELOPreprints.2852. Disponível em: <https://preprints.scielo.org/index.php/scielo/preprint/view/2852>. Acesso em: 25 nov. 2022.

PASTOR, Daniela. *Introducción a la Anatomía y Fisiología femenina género diverse*. Daniela Alejandra Pastor. 2021b. Disponível em: <https://bibliotecadigital.cin.edu.ar/bitstream/123456789/2798/1/IAFFGD%20%281%29%20-%20Daniela%20Pastor%20-%20Red%20Interuniversitaria%20por%20la%20Igualdad%20de%20G%C3%A9nero%20y%20contra%20las%20Violencias.pdf>. Acesso em: 3 dez. 2022.

PORDEUS, M. P.; VIANA, R. A. Feminismo, desigualdade de gênero e LGBTfobia: a interseccionalidade das minorias no Brasil. *Conhecer: debate entre o público e o privado*, v. 11, n. 26, p. 113-131, 2021.

PRECIADO, Paul Beatriz. *Manifesto contrassexual*. Tradução de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: N-1 edições, 2014.

PRODANOV, Cleber Cristiano; FREITAS, Ernani Cesar de. *Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico*. 2. ed. Novo Hamburgo: Feevale, 2013. [recurso eletrônico]

PINTO, Céli Regina Jardim. Feminismo, história e poder. *Revista de Sociologia e Política*, Curitiba, v. 18, n. 36, p. 15-23, 2010.

REBIMBOCA. In: DICIONÁRIO Informal [em linha], 2006-2022 Disponível em: <https://www.dicionarioinformal.com.br/rebimboca/>. Acesso em: 07 nov. 2022.

RECEPTÁCULO. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/recept%C3%A1culo>. Acesso em: 21 nov. 2022.

ROHRER, T. Embodiment and Experientialism. In: GEERAERTS, R.; CUYCKENS, H. *The Oxford handbook of cognitive linguistics*. New York: Oxford University Press, 2007. p. 25-49.

ROSCH, Eleanor. Principles of categorization (1978). In: ROSCH, Eleanor; LLOYD, Barbara B. (ed.). *Cognition and categorization*. Hillsdale, New Jersey: Lawrence Erlbaum. Disponível em:

http://commonweb.unifr.ch/artsdean/pub/gestens/f/as/files/4610/9778_083247.pdf. Acesso em: 28 abr. 2023.

SACCOL, Amarolinda Zanela. Um retorno ao básico: compreendendo os paradigmas de pesquisa e sua aplicação na pesquisa em administração. *Rev. Adm. UFSM*, Santa Maria, v. 2, n. 2, p. 250-269, maio/ago. 2009.

SCHOLNICK, Ellin Kofsky; MILLER, Patricia H. *Uncovering the body in Conceptual Development: a feminist perspective*. In: OVERTON, Willis; MUELLER, Ulrich; NEWMAN, Judith. *Developmental perspectives on embodiment and consciousness*. New York/London: Taylor & Francis Group, LLC, 2008.

SILVA, Fernando Moreno da. As várias faces do riso. *Revista Travessias*, v. 8, p. 211-228, 2010.

STEEN, Gerard, *et al.* [Pragglejaz Group]. MIP: A method for identifying metaphorically used words in discourse. *Metaphor and Symbol*, v. 22, n.1, p. 1-39, 2007.

SULLIVAN, Karen. *Mixed metaphors: their use and abuse*. London; New York: Bloomsbury Academic, 2018.

TRATOR. In: DICIONÁRIO Priberam da Língua Portuguesa [em linha], 2008-2021. Disponível em: <https://dicionario.priberam.org/trator>. Acesso em: 16 nov. 2022.

UNGERER, Friedrich; SCHMID Hans-Jörg. *An introduction to cognitive linguistics*. 2nd. ed. Londres: Longman, 1996.

URIBE, Luz Amparo Fajardo. La lingüística cognitiva: principios fundamentales. *Cuadernos de Lingüística Hispánica*, n. 9, p. 63-82, enero/jul. 2007. Universidad Pedagógica y Tecnológica de Colombia.

VARASCHIN, Raque Simone. O maior é melhor? *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, [S. l.], v. 16, n. 1, 2020. Disponível em: https://www.rbsh.org.br/revista_sbrash/article/view/488. Acesso em: 20 nov. 2022.

VEREZA, Solange C. Metáfora e argumentação: uma abordagem cognitivo-discursiva. *Linguagem em (Dis)curso*, v. 7, n. 3, p. 487-506, 2007.

VEREZA, Solange C. O Lócus da Metáfora: linguagem, pensamento e discurso. *Cadernos de Letras da UFF*, Niterói, n. 41, p. 199-212, 2010.

VEREZA, Solange C. Entrelaçando frames: a construção do sentido metafórico na linguagem em uso. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, v. 55, p.109- 124, 2013.

VEREZA, S. Cry me a river: metaphoric hyperboles in the interface between discourse and cognition. *Gragoatá*, v. 40, p.175-196, 2016.

VEREZA, Solange. “Metáfora é que nem...”: cognição e discurso na metáfora situada. *Revista Signo*, Santa Cruz do Sul, v. 38, n. 65, p. 2-21, jul./dez. 2013.

VEREZA, Solange. O gesto da metáfora na referenciação: tecendo objetos de discurso pelo viés da linguagem figurada. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, v. 59, n. 1, p. 135-155, jan./abr. 2017.

VEREZA, Solange; CAVALCANTI, Fernanda. Percorrendo as trilhas da metáfora: teorias, abordagens e métodos. In: ROSÁRIO, Ivo da Costa do; SANCHEZ-MENDES, Luciana (organizadores), *Teoria e análise linguística*. Niterói: Eduff, 2022. (Coleção Estudos de Linguagem, v. 1).

WHITE, Michael; HERRERA, Honesto. Metaphor and ideology in the press coverage of telecom corporate consolidations. In: DIRVEN, Rene; FRANK, Roslyn; PÜTZ, Martin. *Cognitive models in language and thought: ideology, metaphors and meanings*. Berlin; New York: Mouton de Gruyter, 2003.

APÊNDICE A – Nomes para o órgão sexual feminino

ALIMENTO

- | | | | |
|-----|---------------------------|-----|--|
| 1. | Abará | 50. | Castanha |
| 2. | Acarajé de Pelo | 51. | Charque |
| 3. | Acari Roxo | 52. | Cheeseburger |
| 4. | Agridoce (molho Agridoce) | 53. | Chuchu |
| 5. | Alfajor | 54. | Chucrute |
| 6. | Almôndega Cabeluda | 55. | Chucrutis |
| 7. | Apresuntada | 56. | Chuleta bisteca |
| 8. | Bacalhau | 57. | Chuleta Salgada |
| 9. | Bacalhau Amigo | 58. | Churrasquinho Mal-Passado |
| 10. | Bacalhau Assado | 59. | Cocadinha |
| 11. | Bacalhau com natas | 60. | Contra-Filé |
| 12. | Bacalhau Mijado | 61. | Couve-flor |
| 13. | Bacalhoa | 62. | Croca |
| 14. | Bacalhoada | 63. | Croquete Cabeludo |
| 15. | Bacalhoeta | 64. | Cup Noodles |
| 16. | Bacalhuda | 65. | Cuscuz (duplo, doce, múltiplo para as chamadas partes) |
| 17. | Berinjela | 66. | Cuscuz de cabelo |
| 18. | Bib-Sfirra | 67. | Danone |
| 19. | Bife | 68. | Doce de Dendê |
| 20. | Bife à Rolê | 69. | Docinho |
| 21. | Bife de Bigode | 70. | Docinho da Vovó |
| 22. | Bife de Prega | 71. | Empadinha |
| 23. | Bife Mijado | 72. | Esfiha |
| 24. | Big Mac | 73. | Esfiha Aberta |
| 25. | Biscoito | 74. | Esfiha de Bacalhau |
| 26. | Biscoito da Sorte | 75. | Esfiha de Carne Mijada |
| 27. | Biscoito Recheado | 76. | Esfiha de Pêlo |
| 28. | Bisteca | 77. | Esfiha de Rodoviária |
| 29. | Bisteca Molhada | 78. | Figo |
| 30. | Bolacha | 79. | Filé |
| 31. | Bolacha da Nona | 80. | Filé de Frango |
| 32. | Bolacha Recheada | 81. | Filé de Pêlo |
| 33. | Bolachuda | 82. | Fruta |
| 34. | Bolo | 83. | Fruta Mijona |
| 35. | Burgão | 84. | Frutilly |
| 36. | Cabaça | 85. | Frutinha |
| 37. | Cabação | 86. | Fruto do Meu Esparro |
| 38. | Cabacinha | 87. | Fruto Especial |
| 39. | Cabacinho | 88. | Fruto Proibido |
| 40. | Cabaço | 89. | Goiaba |
| 41. | Caju | 90. | Goiabada Cascão |
| 42. | Caldão | 91. | Goma de Laranja |
| 43. | Caldinho | 92. | Gominhos |
| 44. | Calzone | 93. | Gominhos Calientes |
| 45. | Canjão | 94. | Gomo de Mexirica |
| 46. | Carambola | 95. | Gorgonzola |
| 47. | Carne Crua | 96. | Guloseima |
| 48. | Carpacho | 97. | Hamburgão |
| 49. | Carrocel | 98. | Hamburguer |

99. Hamburguer de Pêlo
100. Hamburguer Dobrado
101. Hortelã
102. Hot-Dog
103. Jabuticaba
104. Jaca
105. Jamelão
106. Jaquinha
107. Jiló
108. Jujuba
109. Kibe-cru
110. Kibe-de-chupar
111. Kinder Ovo
112. Kiwi (Peludo, Mas Gostoso por Dentro)
113. Lanha
114. Lazanha
115. M&M's
116. Maçã-do-Amor
117. Maçãzinha
118. Mamão Rachado
119. Manga do Fiapo Preto
120. Manga Larga
121. Manga-Rosa
122. Manjar dos Deuses
123. Manjuba
124. Manjubinha
125. Maracujá
126. Massa Folhada
127. Mc Duplo
128. Mc Lanche Feliz
129. Mc Lanche Feliz Vertical
130. Mechilhão Barbudo
131. Melzinho
132. Merenda
133. Mexilhão
134. Mixirica
135. Mocotó
136. Moela
137. Moela de pau
138. Molho de Vajaina
139. Moranguinho
140. Mortadela
141. Moscada
142. Muquica de Pelo
143. Murcilha
144. Negresco
145. Nêspira
146. Nhoque
147. Nugget de Peixe
148. Nuggets
149. Paçoquinha
150. Pacu
151. Pamonha
152. Pamonha de Sal
153. Panqueca
154. Pão
155. Pão cilindro
156. Pão com Mortadela
157. Pão de Cachorro-Quente
158. Pão de Queijo
159. Pão de Queijo com Cabelo
160. Pão de Trigo
161. Pãozinho
162. Parmesão
163. Pastel
164. Pastel Aberto
165. Pastel Babento
166. Pastel com Pentelho
167. Pastel de Cabelo
168. Pastel de Carne
169. Pastel de Carne Mijada
170. Pastel de Foca
171. Pastel de Pêlo
172. Pastel de Ricota
173. Pastel Pelado
174. Pastel Quatro-Queijos
175. Pastelão
176. Pastelícia
177. Pastelzinho
178. Pequi
179. Pêra
180. Picanha
181. Pimenta do Reino
182. Pipoca
183. Pizza de Cabelo
184. Polenta
185. Presunto
186. Pudim de Pêlo
187. Qualhada
188. Quarteirão com Queijo
189. Queijinho
190. Queijinho Melado
191. Queijo Cheiroso
192. Queijo Parmesão
193. Ração
194. Rapadura
195. Recheio de Sonho
196. Repolho
197. Rocambole
198. Rosbife
199. Rosquinha
200. Sanduíche
201. Sanduíche de Macho
202. Sanduíche de Mortadela
203. Sanduíche de Pão Árabe
204. Sashimi Mijado
205. Scargot
206. Sonho Recheado
207. Sopa de Rola

- 208. Sopinha
- 209. Sorvete Quente
- 210. Strudel
- 211. Sundae de Bigode
- 212. Sururu-de-capote
- 213. Sushi
- 214. Taco de Presunto
- 215. Tangerina
- 216. Tangerina do Nordeste
- 217. Tapioca
- 218. Tapioca de Pica
- 219. Torta
- 220. Toucinho de Segunda
- 221. Trakinas
- 222. Traquinas
- 223. Uva de chupar
- 224. Uva Passa
- 225. Vagem
- 226. Vagem rosada
- 227. X-Burguer
- 228. X-Salada
- 229. Xicória
- 230. Xuleta
- 231. Yakisoba
- 232. Yokan

ALMEJO

- 233. A Mais Pedida
- 234. Cobiçada
- 235. Desejada
- 236. Disputada
- 237. Preferência Nacional
- 238. Procurada
- 239. Querida
- 240. Queridinha
- 241. Queridinha da Mamãe
- 242. Queridinha do Papai
- 243. Sonho de Travesti

ALVO

- 244. Alvo
- 245. Alvo do Caralho
- 246. Mira

AMORTICE

- 247. Moribunda de Guerra
- 248. Zumbi

ANIMAL

- 249. Animal Sangrento (menstruada)
- 250. Aranha

- 251. Aranha Babosa
- 252. Aranha Fogosa
- 253. Araponga
- 254. Aratanha Disgramada
- 255. Aratu
- 256. Ariranha
- 257. Barata
- 258. Baratinha
- 259. Baratinha de laboratório
- 260. Besouro
- 261. Bezerro
- 262. Bezerro (Adora Um Leitinho)
- 263. Bichana
- 264. Bichinho
- 265. Bicho da Noite
- 266. Bicho Peludo
- 267. Bixana
- 268. Boga
- 269. Borboleta
- 270. Borboleta Molhada
- 271. Borboletinha
- 272. Brabuleta
- 273. Cadela
- 274. Camarão
- 275. Canarinha
- 276. Capivara
- 277. Caramujo
- 278. Caranguejeira
- 279. Cavala
- 280. Cavalona
- 281. Choquinha
- 282. Coruja
- 283. Corujinha
- 284. Cotorra
- 285. Cucaracha
- 286. Égua Alada
- 287. Eguinha Pocotó
- 288. Elefante
- 289. Faneca [peixe]
- 290. Frajola
- 291. Franga
- 292. Galinha (choca o pinto)
- 293. Gambá
- 294. Grila
- 295. Grilo
- 296. Jacaré Banguela
- 297. Jibóinha
- 298. Joaninha
- 299. Jumentinha
- 300. Jurupoca
- 301. Lacaia
- 302. Loba
- 303. Lobona
- 304. Lontra Peluda
- 305. Macaca

306. Macaca Banguela
 307. Macaco Mico Meu
 308. Macaquinha
 309. Mariposa
 310. Marmota
 311. Marreca
 312. Mocó-de-Pêlo
 313. Morceguinho
 314. Naja
 315. Ouriço
 316. Paca
 317. Passarinha
 318. Perdigueira
 319. Perereca
 320. Perereca Saltitante
 321. Perereca Suntuosa
 322. Pererecão
 323. Pererequinha
 324. Peru no Ponto
 325. Pintassilga
 326. Pirilampa
 327. Polaca
 328. Pomba
 329. Pomba Rola
 330. Pombão
 331. Pombinha
 332. Porquita
 333. Potranca
 334. Potrancuda
 335. Prejereba
 336. Quelícera-da-Rola
 337. Quelíceras-de-Moça
 338. Quero-Quero
 339. Rata
 340. Ratinha
 341. Ratona
 342. Rola
 343. Rolinha
 344. Rolinha Assada
 345. Salamandra
 346. Sanguessuga
 347. Sapão
 348. Sapinha Encantada
 349. Sapo
 350. Sapo de barba
 351. Sapo Verde
 352. Senisga
 353. Siri
 354. Siriema
 355. Sururú
 356. Tamanduá
 357. Tarântula
 358. Tarântula Negra
 359. Taturana
 360. Tatuzinha

361. Truta
 362. Ursa
 363. Ursa Maior
 364. Varejeira
 365. Zebrinha

APARÊNCIA FÍSICA

366. Baixinha
 367. Baranguinha
 368. Bonitinha
 369. Broaca
 370. Estranha
 371. Feiosa
 372. Gorda
 373. Gordinha
 374. Gorducha
 375. Gorduchinha
 376. Linda
 377. Lindinha
 378. Magrilinda
 379. Musculosa
 380. Parrudinha
 381. Pitéu
 382. Tarracho Pau
 383. Toda-Corada
 384. Vesguinha
 385. Xumbrega

AQUOSIDADE

386. Babenta
 387. Babona
 388. Enxarcadinha
 389. Fossa de Porra
 390. Goteira
 391. Lagoa (Sempre Molhada)
 392. Laguinho
 393. Meladinha
 394. Mijona
 395. Molhada
 396. Molhadinha
 397. Piscina
 398. Pororoca
 399. Suada
 400. Suadinha
 401. Toda-melada
 402. Toda-Molhada
 403. Úmida
 404. Umidecida
 405. Urinosa
 406. Valeta
 407. Valeta de Corrimento
 408. Valetinha
 409. Xixi

ÁREA DA BOCA

410. Banguela
411. Banguela Cabeluda
412. Banguela Pulsante
413. Banguelona
414. Beicinha
415. Beicinho
416. Beicinho Rosado
417. Beiço
418. Beiço do Pajé
419. Beiço-duplo
420. Beiço-gostoso
421. Beiçola
422. Beiçolinha
423. Beiçuda
424. Beiçudinha
425. Bico Doce
426. Bicuda
427. Boca Babona
428. Boca Banguela
429. Boca Barbuda
430. Boca da Loba
431. Boca da Onça
432. Boca da Vovó
433. Boca de Baixo
434. Boca de Bueiro
435. Boca de Cabelo
436. Boca de Caçapa
437. Boca de Camelo
438. Boca de Capim
439. Boca de Encrenca
440. Boca de Garrafa
441. Boca de Jacaré
442. Boca de Lobo
443. Boca de Macaco
444. Boca de Mina Amanteigada
445. Boca de Mochila
446. Boca de Pacu
447. Boca de Pele
448. Boca de Pelo
449. Boca de Sacola
450. Boca de Sapo
451. Boca de Vampiro
452. Boca de Veludo
453. Boca de Violão
454. Boca do Bin Laden
455. Boca do Corpo
456. Boca do Enéas
457. Boca do Homer
458. Boca do Inferno
459. Boca do Jô
460. Boca do Lula
461. Boca do Mundo
462. Boca do Povo
463. Boca em Convulsão

464. Boca em Pé
465. Boca Funda
466. Boca Melosa
467. Boca Mucha
468. Boca Negra
469. Boca Peluda
470. Boca Preta
471. Boca Que Baba
472. Boca Quente
473. Boca Sem Dente
474. Boca Vertical
475. Bocal
476. Boca-Loca
477. Bocão
478. Bocuda
479. Boquinha Boa de Beijar
480. Boquinha Bonita
481. Boquinha de Lontra
482. Boquinha Melada
483. Boquinha Molhada
484. Boquinha Nervosa
485. Boquinha Rosada
486. Boquinha Sem Dentes
487. Desbeijada
488. Desdentada
489. Gengiva
490. Grandes Lábios
491. Lábios de Fêmea
492. Lábios de Mel
493. Lábios Leporinos
494. Lábios Que Babam
495. Labiúda
496. Matraca
497. Segunda Boca
498. Segunda Língua
499. Sorriso Vertical

ARMADILHA

500. Alçapão
501. Arapuca de Caçar Pinto
502. Arapuca de Pegar Pinto
503. Armadilha
504. Armadilha de Cobra

AROMA

505. Cheiro de Bacalhau
506. Cheiro do Queijo
507. Cheirosa
508. Cheirosinha
509. Fedegosa
510. Fedida
511. Fedidinha
512. Fedorenta

- 513. Fedorenta do Caralho
- 514. Foderosa
- 515. Mal Cheirosa
- 516. Nhaca
- 517. Seu Fedó
- 518. Xurume

ARTEFATO REDONDO/CURVO

- 519. Aliança
- 520. Aliança de Pica
- 521. Aliança Oval
- 522. Alpargata
- 523. Anel da Frente
- 524. Anel de Couro
- 525. Anel de Veludo
- 526. Arco
- 527. Argola
- 528. Aro
- 529. Arroba
- 530. Bacurinha [
- 531. Barrigudinha
- 532. Baú da Felicidade
- 533. Berbigão
- 534. Biela
- 535. Boné
- 536. Botão
- 537. Botãozinho Mágico
- 538. Botãozinho Rosa
- 539. Bote
- 540. Braçadeira
- 541. Butina
- 542. Cachimbo
- 543. Capô
- 544. Capô de Fenemê
- 545. Capô de Fusca
- 546. Capô de Ka
- 547. Capô de Porsche
- 548. Caqui
- 549. Careca Do Giovanni
- 550. Carequinha
- 551. Caroco-de-pêssego
- 552. Casco-de-veado (alusão à forma)
- 553. Charuto de Pelo [ta na lista do pênis]
- 554. Chaveirinho
- 555. Chaveirinho de Cabelo
- 556. Chulinha
- 557. Colméia Que Dá Melzinho
- 558. Concha
- 559. Conchinha
- 560. Conchita
- 561. Conha [formato de concha]
- 562. Cornitcha [formato de concha]

- 563. Crica [uma espécie de berbigão]
- 564. Cuíca
- 565. Disco
- 566. Escova
- 567. Escova Chapada
- 568. Escova da Maria
- 569. Escova de Bambu
- 570. Escova-Côco
- 571. Esfregão
- 572. Farolete
- 573. Figa
- 574. Fusca
- 575. Fusquinha
- 576. Gaiola
- 577. Gaiola do Piu-Piu
- 578. Grande Figa
- 579. Lantejola
- 580. Lombadinha
- 581. Lula
- 582. Mariscão da Pedra
- 583. Marisco
- 584. Marisco de Forquilha
- 585. Marisco Lambe-Lambe
- 586. Ostra
- 587. Ostra Barbuda
- 588. Ostra Mijada
- 589. Ostrinha
- 590. Pata de Camelo
- 591. Pata de Camêlo
- 592. Pata de camelo (para gordas)
- 593. Pata de Lagosta
- 594. Peito de Pomba
- 595. Pochete
- 596. Pokébola
- 597. Redonda
- 598. Sineta
- 599. Sininho
- 600. Sino de Igreja
- 601. Sino Dourado
- 602. Soco do Gugu
- 603. Soquete Cavalari
- 604. Tacha
- 605. Testão
- 606. Testão Envergado
- 607. Testinha Cabeluda
- 608. Volante
- 609. Xuxinha

ASSEMBLEIA

- 610. Assembléia

ATIVIDADE ECONÔMICA/COMERCIAL

- 611. Bolsa de Valores
- 612. Conta no Exterior
- 613. Mercado Livre
- 614. Negócio bom
- 615. Negócio Certo
- 616. Negócio de puta
- 617. Paga-Conta
- 618. Passa-Cartão
- 619. Pechincha
- 620. PIB - Produto Interno Bruto
- 621. Quita

ATO SEXUAL ATIVO

- 622. Abridor de Caralho
- 623. Acolhedora
- 624. Acolhedora dos Santos
- 625. Aconchegadora
- 626. Adestadora de Piriquito
- 627. Afia-Lápis
- 628. Afia-Pinto
- 629. Afina-Pica
- 630. Afogador
- 631. Afogador de Ganso
- 632. Afoga-Ganso
- 633. Afoga-Rola
- 634. Agasalha Patê
- 635. Agasalha-Biscoito
- 636. Agasalhador de Croquete
- 637. Agasalhadora
- 638. Agasalha-o-Kibe
- 639. Alinha-Rola
- 640. Alisa-Benga
- 641. Alisadora
- 642. Alisa-Pau
- 643. Alisa-Pica
- 644. Amansa-Cobra
- 645. Amansa-Corno
- 646. Amansadora de Benga
- 647. Amansadora de Caralho
- 648. Amansa-Jegue
- 649. Amansa-Macho
- 650. Amansa-Pica
- 651. Amante de Grosso
- 652. Amarra-Macho
- 653. Amassa Pica
- 654. Amolador de Pica
- 655. Amolecedor de Pica
- 656. Amolecedora de Pau Duro
- 657. Amortecedor de Ovo
- 658. Apontador
- 659. Apontador de Pinto
- 660. Apontador de Vibrador
- 661. Aquecedor de Pau

- 662. Aquecedora de Linguixa
- 663. Aquecedora de Rolas
- 664. Areia Movediça
- 665. Arranca-Porra
- 666. Arranca-Toco
- 667. Arranha-Beijo
- 668. Arriadora de Caralho
- 669. Aspirador de Pica
- 670. Aspirador de Porra
- 671. Aspirador de Toco
- 672. Assadeira de Croquete
- 673. Assa-Pinto
- 674. Assa-Rola
- 675. Assassina de Palhaço
- 676. Atixa-Rola
- 677. Atola-Tora
- 678. Baba-Benga
- 679. Babadeira do Caralho
- 680. Babadora
- 681. Baba-Pau
- 682. Baba-Pica
- 683. Baba-Rola
- 684. Bate-Cartão
- 685. Batedeira
- 686. Bate-Estaca
- 687. Bate-Palma
- 688. Bebe-Porra
- 689. Bigorneira
- 690. Bimbadeira
- 691. Borracheira
- 692. Bota-Mangueria
- 693. Caça-Bichano
- 694. Caça-Conversa
- 695. Caçadora
- 696. Cansa Pingola
- 697. Capacitor de Fluxo
- 698. Cata-Cabeça
- 699. Cheira-Caralho
- 700. Chocadeira do Meu Pinto
- 701. Choca-Pinto
- 702. Chupa-Cabras
- 703. Chupa-Chupa
- 704. Chupa-Chups
- 705. Chupa-Cobras
- 706. Chupa-jegue
- 707. Chupa-Pau
- 708. Chupa-Pica
- 709. Chupa-Pinto
- 710. Chupe-Chupe
- 711. Coçadeira
- 712. Coça-Pau
- 713. Comedora
- 714. Comedora de Pica
- 715. Come-Pau
- 716. Come-Pinto

- | | | | |
|------|---------------------------------|------|-----------------------------|
| 717. | Come-Todos | 771. | Esquenta-Cabeça |
| 718. | Corta-Charuto | 772. | Esquenta-Linguica |
| 719. | Croqueteira | 773. | Esquenta-Sabugo |
| 720. | Cura-Ressaca | 774. | Finca o Charuto |
| 721. | Deflorador de Pinto | 775. | Fincadeira |
| 722. | Degoladora de Pinto | 776. | Fodedoura |
| 723. | Degustadora de Baguetes | 777. | Fode-Fode |
| 724. | Degustadora de Bengalas | 778. | Fodelhona |
| 725. | Degustadora de Pica-Doce | 779. | Fode-Pau |
| 726. | Descabela-Palhaço | 780. | Fode-Pica |
| 727. | Descascador de Espiga | 781. | Frita-Ovos |
| 728. | Desentupidor de Pica | 782. | Fudedor da Frente |
| 729. | Desgraça de Macho | 783. | Lambe Pau |
| 730. | Destroncadora de Pica | 784. | Lambe Pica |
| 731. | Destronca-Pinto | 785. | Lambedeira |
| 732. | Devoradora | 786. | Lambe-Lambe |
| 733. | Devoradora de Pemba | 787. | Lascadeira |
| 734. | Distribuidora de Prazer | 788. | Lasca-Pau |
| 735. | Domadora de Cobra | 789. | Lava Pau |
| 736. | Dominadora | 790. | Levanta Astral |
| 737. | Empurra-Vento | 791. | Levanta-Defunto |
| 738. | Encantadora de Serpente | 792. | Limpa-Canudo |
| 739. | Enfiadora | 793. | Limpa-Dedos |
| 740. | Enforca-Pau | 794. | Limpador de Cabeçote |
| 741. | Engole-Cobra | 795. | Limpadora de Dedos |
| 742. | Engole-Espada | 796. | Limpa-Pentelho |
| 743. | Engole-Pau | 797. | Lixa-Dedo |
| 744. | Engole-Pica | 798. | Lixa-De-Lingua |
| 745. | Engole-Pinto | 799. | Lixa-Pica |
| 746. | Engole-Quibabo | 800. | Lustra-Pinto |
| 747. | Engole-Quibe | 801. | Mama Caralhos |
| 748. | Engole-Rola | 802. | Mama Leitinho |
| 749. | Engolidora | 803. | Mama pombas |
| 750. | Engolidora de Espada | 804. | Mama Todos |
| 751. | Engolidora de Pizza | 805. | Mama Tudo |
| 752. | Engolidora de Taco | 806. | Mama Vergalhos |
| 753. | Engorda-Conta | 807. | Mamadora-de-pau |
| 754. | Enroladora de Croquete | 808. | Manjadora de caralho |
| 755. | Enxuga-Cabecinha | 809. | Manjadoura |
| 756. | Esconde-Bago | 810. | Mascadora de pau |
| 757. | Esconde-Cobra | 811. | Massageador de Benga |
| 758. | Esconde-Nervo | 812. | Mastigadora |
| 759. | Esconde-Salame | 813. | Mastiga-pau |
| 760. | Esconde-Varas | 814. | Matadora de Me-Nega-Te-Pega |
| 761. | Esacorregador de Rola | 815. | Mata-Homen |
| 762. | Esacorregador Lubrificado | 816. | Mata-Palhaço |
| 763. | Escraviza-Homens | 817. | Mata-Pica |
| 764. | Esfoladora da Cabeça do Caralho | 818. | Mata-Pinto |
| 765. | Esfola-Pinto | 819. | Mata-Porco |
| 766. | Esmaga-Banana | 820. | Mede-Rôla |
| 767. | Esmaga-Churro | 821. | Medidor de Lingua |
| 768. | Esmaga-Pau | 822. | Mela-Cueca |
| 769. | Esporradeira | 823. | Mela-Pentelho |
| 770. | Espremedor de Pica | 824. | Mela-Pinto |
| | | 825. | Metedeira |

826. Metedor
 827. Mijadeira
 828. Mijador de Feto
 829. Morde-Pinhaba
 830. Mordequeira
 831. Muxador de Pica
 832. Oculta-Cacete
 833. Ordenhadeira de Piroca
 834. Pacoteira
 835. Papa-Angu
 836. Papa-Benga
 837. Papa-Caralho
 838. Papa-Duro
 839. Papa-Ovo
 840. Papa-Pau
 841. Papa-Pica
 842. Papa-Pinto
 843. Papa-Rola
 844. Papa-Tudo
 845. Passa-Anel
 846. Passa-Gonorreia
 847. Pega-Pau
 848. Pega-Pica
 849. Pega-Rapaz
 850. Pela-Saco
 851. Persegue-Rola
 852. Perseguidora
 853. Pintora (adora um pincel)
 854. Põe-Porra
 855. Põe-Pra-Dentro
 856. Polidora de Penis
 857. Predadora
 858. Prendedor de Língua
 859. Prendedor de Pau
 860. Protetora de Pinto
 861. Provador de Camisinha
 862. Provadora de Salame
 863. Qualhadeira
 864. Que Lambe
 865. Quebra-Pinto
 866. Raladora do Meu Pinto
 867. Rala-Pau
 868. Rala-Pica
 869. Ranca-Toco
 870. Rasgadeira
 871. Raspa-Pênis
 872. Reciclador de Humanos
 873. Retífica de Caralho
 874. Roçadora
 875. Saca-Rola
 876. Sanguinária
 877. Soca-Coco
 878. Soca-Pinto
 879. Soca-Rola
 880. Soca-Rolha

881. Soca-Saco
 882. Some-Vara
 883. Sossega-Rola
 884. Sugadora
 885. Sugadora de Pinto
 886. Suga-Pau
 887. Suga-Rola
 888. Talha-Leite
 889. Tira-Leite
 890. Tira-Prosa
 891. Tira-prova-de-homem
 892. Tomba-Macho
 893. Torneadora de Pinguelo
 894. Treineira de Virgem
 895. Treineira de Virgem
 896. Trepadeira
 897. Trepanzeira
 898. Trinca-Ferro
 899. Trinca-Pau
 900. Tripa-Gaitera
 901. Triturador de Rôla
 902. Troca-Óleo
 903. Zeladora da Casa do Caralho
 904. Zeladoria de Caralho

ATO SEXUAL PASSIVO

905. Aconchego
 906. Aconchego da Piroca
 907. Aguenta Toco
 908. Almofada
 909. Almofada Furada
 910. Almofadinha
 911. Almofadinhas do Prazer
 912. Anti-Stress
 913. Apoio de Cabeça
 914. Ardida
 915. Assada
 916. Assento
 917. Atolada
 918. Atoladinha
 919. Bebedouro
 920. Bem Usada
 921. Blog
 922. Blog (Acesso Ilimitado)
 923. Bombril (adora ser esfregado)
 924. Botãozinho do Caralho
 925. Clube do Bolinha
 926. Consolo de Corno
 927. Corrimão
 928. Cutucada
 929. Descabaçada
 930. Descansa-Queixo
 931. Desvirginada
 932. Engate de Pinto

- 933. Escorrega-Lá-Vai-Um
- 934. Espera-Porra
- 935. Extinta
- 936. Fornicada
- 937. Gozaaki
- 938. Güenta-Eu
- 939. Leva-Bronca
- 940. Leva-Ferro
- 941. Leva-Pau
- 942. Leva-Pica
- 943. Leva-Rola
- 944. Passiva
- 945. Perseguida
- 946. Receptora
- 947. Receptora de Amor
- 948. Self-Service
- 949. Sem-Lacre
- 950. Senta-o-Pau
- 951. Suporte De Caralho
- 952. Suporte Para Pênis
- 953. Telhado-de-Pica
- 954. Trave
- 955. Travesseirinho
- 956. Travesseiro (Pra Botar a Cabeça)
- 957. Vomita Pra Dentro
- 958. ZzZzZz de pica (os ZzZzZz indicam que alguém esta dormindo)

ATRIZ CÔMICA

- 959. Palhaça
- 960. Palhacinho

AUSÊNCIA DE PELOS

- 961. Raspadinha

AUTOMÓVEL

- 962. Ambulância
- 963. Jatinho
- 964. Jatinho fino
- 965. Jipe de atoleiro
- 966. Limusine
- 967. Maxambomba
- 968. Motoca

AUTORIDADE

- 969. Bedegueba

BACTÉRIA

- 970. Salmonella

BAGUNÇA

- 971. Zorra

BANDA MUSICAL

- 972. Led Zeppelin

BANDIDA

- 973. Bandida

BEBIDA

- 974. Aguardenta
- 975. Aguardente
- 976. Bebida
- 977. Big Apple bebida
- 978. Cachaça de Cabeça
- 979. Chá de Hortelã
- 980. Chixa
- 981. Drink
- 982. Leite materno
- 983. Leitinho das Crianças
- 984. Limonada
- 985. Manguaça
- 986. Manguacinha
- 987. Poção
- 988. Quentão
- 989. Yakult

BRINDE

- 990. Prenda
- 991. Prendinha
- 992. Trofeuzinho

BRINQUEDO

- 993. Brinquedinho
- 994. Ioiô de gaveta
- 995. Ioiô de pimba
- 996. Ioiô de porra
- 997. Ioiô melada
- 998. Ioiô porta pinto
- 999. Lango-Lango
- 1000. Ursinho de Pelúcia
- 1001. Xirinha
- 1002. Yô-Yô de gaveta
- 1003. Yô-Yô de pimba
- 1004. Yô-Yô de porra
- 1005. Yô-Yô melada
- 1006. Yô-Yô porta pinto

CARDÁPIO

1007. Menu

CARTA GEOGRÁFICA

1008. Mapa de Todos os Paus

1009. Mapa do Mundo

1010. Mapa Mundi

CASTIDADE

1011. Virgem

1012. Virgenzinha

1013. Virgília

1014. Virgina

1015. Virginha

CAVIDADE

1016. Barroca

1017. Barroca do Amor

1018. B-Profunda

1019. Brecha

1020. Buraco

1021. Buraco Ardente

1022. Buraco Babado

1023. Buraco Cabeludo

1024. Buraco Cego

1025. Buraco da Coruja

1026. Buraco da Fechadura

1027. Buraco da Serpente

1028. Buraco da Vida

1029. Buraco de Avestruz

1030. Buraco de Avestruz (Esconde a Cabeça)

1031. Buraco de Cobra

1032. Buraco de Mandioca

1033. Buraco de Minhoca

1034. Buraco do Amor

1035. Buraco do Capeta

1036. Buraco do Inferno

1037. Buraco do Leite Quente

1038. Buraco do Ozônio

1039. Buraco do Saddam

1040. Buraco do Siri

1041. Buraco do Saddam Hussein

1042. Buraco Escuro

1043. Buraco Feio

1044. Buraco Fundo

1045. Buraco Liso

1046. Buraco Macio

1047. Buraco Molhado

1048. Buraco Negro

1049. Buraco no Meio da Floresta

1050. Buraco Quente

1051. Buraco Sem Fundo

1052. Buraco Turbinhado

1053. Buracona

1054. Buraquinho de Donut

1055. Buraquinho de Pau

1056. Buraquinho do Amor

1057. Buraquinho Doce

1058. Buraquinho Flamejante

1059. Buraquinho Inflamado

1060. Caçapa

1061. Caçapa Peluda

1062. Cacimba

1063. Cavidade

1064. Cavidade Cavernosa

1065. Cavidade Escorregal

1066. Cavidade Mucosa

1067. Cova de Quiabo

1068. Cova do Bilau

1069. Cova do Defunto

1070. Cratera Oculta

1071. Entrada USB

1072. Esburacada

1073. Fechadura

1074. Fenda

1075. Fenda de pelo

1076. Fenda melada

1077. Fendinha

1078. Fundo

1079. Fundo do Poço

1080. Furadinha

1081. Furo

1082. Furo Do Miguelão

1083. Grota

1084. Oco

1085. Orifício Schmalteriano

1086. Orifício Úmido

1087. Peneira de Um Buraco Só

1088. Perfurada

1089. Plug

1090. Pocinho de Gala

1091. Poço da Alegria

1092. Poço de Esperma

1093. Poço de Gozo

1094. Poço de Porra

1095. Poço do Fedor Eterno

1096. Poço do Meu Elevador

1097. Poço dos Desejos

1098. Poço Felpudo

1099. Poço Raso

1100. Poço Sem Fundo

1101. Puça de Pica

1102. Rombo

1103. Tomada

1104. Tomada de Pica

1105. USB Frontal

CIRCUNSTÂNCIA

1106. Fatal

COISA

1107. Bibelô Do Papai

1108. Coi de Loco

1109. Coisa

1110. Coisa Boa

1111. Coisa de Amigo

1112. Coisa Louca

1113. Coiseta

1114. Coisica

1115. Coisinha

1116. Cosita

1117. Negoça

1118. Negocin

1119. Negocinho que come terra

1120. Objecto de Hipnose

1121. Objeto de Hipnose

1122. Trocinha

COISA SUJA

1123. Badalhoca

1124. Encardida

1125. Lambusada

1126. Lodo

1127. Lodo Pecaminoso

1128. Mal-Lavada

COISA/ARTEFATO GRANDE

1129. Bitela

1130. Chapoca

1131. Conhuda

1132. Farol

1133. Grandiosa

1134. Grandona

1135. Olhuda

1136. Oreiúda

1137. Rabuda

1138. Xapoca

1139. Xulapa

COISA/ARTEFATO PEQUENO

1140. Esmiliguída

1141. Miúda

1142. Miudinha

1143. Miúxa

1144. Pequeninhinha

1145. Pinguelo

COISA/ARTEFATO RÍGIDO

1146. Mármore do Inferno

COISA/ARTEFATO SEM VALOR

1147. Besteirinha

1148. Miséria

1149. Mixaria

1150. Mixuruca

1151. Titita

1152. Vale-Nada

1153. Xexelenta

1154. Xurumela

COLETIVIDADE

1155. Coletiva

COMBOIO

1156. Trem Da Alegria

1157. Trem Gordo

1158. Trem Partido

1159. Trem Rachado

1160. Trem-Que-Pula

1161. Trenzin-Mais-Delicadin

COMPONENTE ELETRÔNICO

1162. Transistor

COMPROVATIVO DE COMPRAS

1163. Nota Fiscal

CONDUTO

1164. Bi-Canal

1165. Bueiro

1166. Bueiro Onde Desce o Careca

1167. Bueiro Quente

1168. Canal da Porra Louca

1169. Canal do Amor

1170. Canal do Executador

1171. Canal do Executivo

1172. Canal do Prazer

1173. Canal do Trabalhador

1174. Canhão

1175. Cano

1176. Conduite de Cacete

1177. Gargalinho

1178. Tobogã de Espermatozóide

1179. Tubo de Conexão

1180. Tubo de Ensaio

1181. Túnel de Veludo Cotelê

- 1182. Túnel do Afogamento
- 1183. Túnel do Amor
- 1184. Tunel do Caralho
- 1185. Túnel do Jegão
- 1186. Túnel do Prazer
- 1187. Túnel do Rossio
- 1188. Túnel do Tempo

ENTIDADE CONHECIDA

- 1189. Conhecida

CONJUNTO DE BENS

- 1190. Meios

CONSISTÊNCIA

- 1191. Cremosa
- 1192. Gosmenta
- 1193. Grudenta
- 1194. Ralinha
- 1195. Viscosa de Mauá

COR

- 1196. Branca
- 1197. Preta
- 1198. Pretinha
- 1199. Vermelhinha

COTAÇÃO

- 1200. Câmbio Flutuante

CRIATURA SIMBÓLICA

- 1201. Deusa
- 1202. Mito da caverna
- 1203. Pazuzu
- 1204. Pégaso
- 1205. Téia

DEGUSTAÇÃO

- 1206. Experimenta

DELEITE

- 1207. Delícia
- 1208. Delícia Cremosa
- 1209. Delícia Salgada
- 1210. Demais de Bão
- 1211. Tudo de Bom

DEPÓSITO

- 1212. Banco de Esperma
- 1213. Depósito
- 1214. Depósito de Esperma
- 1215. Depósito de Porra
- 1216. Repositório de Meu Pau
- 1217. Repositório de Porra
- 1218. Reservatório
- 1219. Reservatório de Esperma

DESEJO SEXUAL

- 1220. Tesão
- 1221. Tesão-do-Caralho
- 1222. Tesãozão
- 1223. Tesuda
- 1224. Tesudinha

DIVINDADE

- 1225. Milagrosa

DOENÇA

- 1226. Chanha
- 1227. Lazarenta

DÚVIDA

- 1228. Quiçá

ELEMENTO FÍSICO

- 1229. Eletrizante
- 1230. Esfrega

ELEMENTO QUÍMICO

- 1231. Adenina
- 1232. Barrilha
- 1233. Barrilha do Amor
- 1234. Citosina
- 1235. Guanina
- 1236. Madrepérola
- 1237. Margosa [marga]
- 1238. Sapólio

EMBARCAÇÃO

- 1239. Canoa
- 1240. Canoinha
- 1241. Catraia
- 1242. Chalana
- 1243. Titanic (Várias Pessoas Já Se Afogaram Nela)

ENTORPECENTE

1244. Loló

ENTRETENIMENTO

1245. Passatempo

ESBOÇO

1246. Esquema

ESTAÇÃO DO ANO

1247. Primavera

ESTADO DE ESPÍRITO

1248. A Alegria

1249. Abençoada

1250. Bela

1251. Burguesinha

1252. Chatinha

1253. Compenetrada

1254. Corajosa

1255. Culpada

1256. Danada

1257. Danada de Boa

1258. Dedicada

1259. Dengosa

1260. Deprimida

1261. Devassa

1262. Distinta

1263. Doidinha

1264. Endiabrada

1265. Engraçadinha

1266. Especial

1267. Esperançosa

1268. Esquecida

1269. Faminta

1270. Felicidade

1271. Fofa

1272. Fofinha

1273. Fofíssima

1274. Fofote

1275. Fofucha

1276. Fofurinha

1277. Fogosa

1278. Graciosa

1279. Gulosa

1280. Gulosinha

1281. Lesada

1282. Lesadinha

1283. Libertina

1284. Linguaruda

1285. Loca

1286. Malandrinha

1287. Maldosa

1288. Malvada

1289. Mandona

1290. Mansa

1291. Mansinha

1292. Maquiavélica

1293. Marota

1294. Marvada

1295. Meiga

1296. Meiguinha

1297. Mesquinha

1298. Metida

1299. Milindrosa

1300. Mimosa

1301. Nervosa

1302. Ociosa

1303. Padecida

1304. Pasmadinha

1305. Patricinha Metidinha

1306. Paz do Passarinho

1307. Perigoso

1308. Perversa

1309. Poderosa

1310. Pomba Lesa

1311. Pôrra-Louca

1312. Prazerosa

1313. Preguiçosa

1314. Preparada

1315. Profana

1316. Safada

1317. Samaritana

1318. Santinha

1319. Sapeca

1320. Sem-Vergonha

1321. Sinistra

1322. Sofredora

1323. Sofrida

1324. Super Poderosa

1325. Supimpa

1326. Suprema

1327. Tadinha

1328. Tá-louca

1329. Tá-maluca

1330. Tâmo-Feliz

1331. Temeroso

1332. Tímida

1333. Tirana

1334. Tobinha

1335. Toda

1336. Toda-toda

1337. Tô-maluco

1338. Tosca

1339. Tosquinha

1340. Transadinha

- 1341. Trapaiadinha
- 1342. Tumultuada
- 1343. Tumultuosa
- 1344. Usurpadora
- 1345. Vangloriada
- 1346. Vantajosa
- 1347. Verdadeira
- 1348. Versátil (Veralice)
- 1349. Viciada
- 1350. Vira-casaca
- 1351. Viscosa
- 1352. Xinforínfolá
- 1353. Xorosa

ESTILO MUSICAL

- 1354. Charanga
- 1355. Charanguinha
- 1356. Emo
- 1357. Emo Core

EUFEMISMO

- 1358. A Própria
- 1359. Aquela
- 1360. Aquela Que Matou o Guarda
- 1361. Aquela Que Me Endurece
- 1362. Aquilo Que Esfolá a Cabeça
- 1363. Ela
- 1364. Elazinha

ACONTECIMENTO EVITÁVEL

- 1365. Evitada
- 1366. Espanta-Viado
- 1367. Pavor de Bicha
- 1368. Proibida

EXCRESCÊNCIA CARNOSA

- 1369. Carne de Chavas
- 1370. Carne de Rosas
- 1371. Carne Louca
- 1372. Carne Mijada
- 1373. Carne Vagínosa
- 1374. Carnuda
- 1375. Cortina de Carne
- 1376. Crista de Galo
- 1377. Guelão
- 1378. Papuda
- 1379. Pelancuda
- 1380. Talhão
- 1381. Talho

EXISTÊNCIA

- 1382. Vida
- 1383. Vida do Homem
- 1384. Vida-Mia
- 1385. Vida-Minha
- 1386. Vitalícia
- 1387. Viva

EXPRESSÃO DE DUPLO SENTIDO

- 1388. ABCeta
- 1389. Abenzadeus
- 1390. Abu-Ceta
- 1391. Acetona (Bucetona)
- 1392. Akikesemete
- 1393. Amânsio Pinto
- 1394. Apartheid
- 1395. Atecubanos (Leia de Trás Pra Frente)
- 1396. Ateubarba (Leia de Trás Pra Frente)
- 1397. Bacurimba
- 1398. Bacurota
- 1399. Barbuceta
- 1400. Berbatana
- 1401. Berceta
- 1402. Bezona
- 1403. Billcetess
- 1404. Bocê Tá Bem?
- 1405. Borboceta
- 1406. Borceta
- 1407. Brecheca
- 1408. Bulcinéia
- 1409. Bussy
- 1410. Butchaca (Tchaca-tchaca na Butchaca)
- 1411. Cacetesulga
- 1412. Cacetilda
- 1413. Cacetina Ambrósia
- 1414. Césamo (Abre-te...)
- 1415. Cherekin
- 1416. Chupinga
- 1417. Chupisco (você chupa e eu pisco)
- 1418. Cicaralha
- 1419. Cicaralho
- 1420. Cuceta
- 1421. Cugina
- 1422. Docaralho
- 1423. Fodiola
- 1424. Jacinto Leite Aquino Rego
- 1425. Jatefodo
- 1426. Komieu
- 1427. Lambedouro
- 1428. Lambidestra

- 1429. Metiaí
- 1430. Na Picadura
- 1431. Nabunda
- 1432. Navaginas
- 1433. Ninfobabe
- 1434. Novagina
- 1435. Pau-Lá
- 1436. Paula Dentro
- 1437. Paula Tejando
- 1438. Pé-de-Buceteiro
- 1439. Pixana
- 1440. Pixiquita
- 1441. Pixoca
- 1442. Pixoróca
- 1443. Pixorra
- 1444. Pixota
- 1445. Prechereca
- 1446. Pucci
- 1447. Puci
- 1448. Rádio Toca-Siririca
- 1449. RaYMUNDA
- 1450. República Xeca
- 1451. Requeijuda
- 1452. Socaí
- 1453. Tanamira
- 1454. Tche QueVara
- 1455. Vivi Agra
- 1456. Wall Penis World
- 1457. Wulvarine
- 1458. Xebasca

FEDERAÇÃO

- 1459. Federal

FENÔMENO

- 1460. Calamidade
- 1461. Fenômeno

FERIMENTO

- 1462. Bereba
- 1463. Chaga
- 1464. Ferida
- 1465. Ferida Exposta
- 1466. Ferida Que Nunca Sara
- 1467. Machucada
- 1468. Machucadinha (menstruada)

FERRAMENTA

- 1469. Bigorna de moldar pau

1470. Bisegre (por sua função, como ferramenta de sapateiro, de somente ser eficiente quando bem esfregado)

1471. Bodoque de Caralho [instrumento tipo estilingue, só que grande]

- 1472. Broca
- 1473. Cabeçote
- 1474. Dobradiça
- 1475. Esmeril de Rola
- 1476. Ferramenta de Puta
- 1477. Furquilha
- 1478. Martelo-Prego
- 1479. Moto-Serra
- 1480. Parafuseta
- 1481. Pé de cabra
- 1482. Porca do Parafuso
- 1483. Rebimboca
- 1484. Rebimboca da Parafuseta
- 1485. Xibanca

FESTA

- 1486. Baladeira
- 1487. Festa
- 1488. Festão
- 1489. Festeira

FIGURA FEMININA

- 1490. Elza Soares
- 1491. Luana Piovani Tati-quebra-barraco
- 1492. Penélope Charmosa
- 1493. Smurfete
- 1494. Supernanny
- 1495. Teresa Batista
- 1496. Vivi Fernandez
- 1497. Xena
- 1498. Xuxa

FIGURA MASCULINA

- 1499. Bush
- 1500. Capitão Caverna
- 1501. Champa [dragon ball z (deus da destruição)]
- 1502. Chewbacca
- 1503. Ciclope
- 1504. Ciclope (Peluda e Um Olho Só)
- 1505. Daniboy
- 1506. Darth Vader [personagem do star wars]
- 1507. Don King
- 1508. Enéas

- 1509. Fidel Castro
- 1510. Homem do Bigode Cheiroso
- 1511. Homem-Aranha
- 1512. Mr. M (Esconde a Cobra)
- 1513. Osama
- 1514. Raul Seixas
- 1515. Sassá Mutema [personagem de Salvador da Pátria]
- 1516. Supla

FOGO

- 1517. Brasa
- 1518. Brasão
- 1519. Braseiro
- 1520. Chamuscada
- 1521. Fogueira
- 1522. Labareda
- 1523. Labareda Pirotécnica
- 1524. Tocha Cubana

FORMATO ABERTO

- 1525. Aba-de-Estrelas
- 1526. Ameba Cabeluda
- 1527. Arraia Preta
- 1528. Arreganhada
- 1529. Arreganhadinha
- 1530. Asa de Frango
- 1531. Barraca de Paia
- 1532. Desabrochada
- 1533. Estrela-Guia
- 1534. Estrelinha
- 1535. Reganhada do Golias
- 1536. Tesoura

FORMATO TRIAGULAR

- 1537. Bujarrona
- 1538. Escudo
- 1539. Triângulo
- 1540. Triângulo da Bermuda
- 1541. Triângulo do Prazer
- 1542. Triângulo Escaleno
- 1543. Triângulo Mineiro
- 1544. Triângulos Sem Bermudas

FRASE

- 1545. A-do-ponto-G
- 1546. Batman Dentro da Caverna Atrás dos Morcegos
- 1547. Bicho Que Mata o Homem
- 1548. Boa Pra Caralho
- 1549. Bom Demais da Conta

- 1550. Bom-Que-Só
- 1551. Dalila Do Meu Sansão
- 1552. Destruída quando o Glaubinho nasceu
- 1553. Dura Lex, Sed Lex a lei é dura, mas é a lei
- 1554. Engata-Meu-Bem
- 1555. Eu Quero É Lazer
- 1556. Eu Tô Maluco
- 1557. Faz-me Bem
- 1558. Faz-me Rir
- 1559. Fodo-te Sempre
- 1560. Kama O Meu Sutra
- 1561. Ki Cheirinho
- 1562. Ki Delícia
- 1563. Lavou Tá Nova
- 1564. Luz no Fim do Túnel
- 1565. Mais-bonita-que-a-dona
- 1566. Mais-linda-que-a-dona
- 1567. Mamãe Eu Quero
- 1568. Mamãe-Eu-Quero-Mamar
- 1569. Mancada de Menina Fresca
- 1570. Me Acaba
- 1571. Me Derruba
- 1572. Me Faz Feliz
- 1573. Me Leva
- 1574. Me Pega
- 1575. Me-Chupa
- 1576. Me-Dá-Mais-Que-Eu-Gosto
- 1577. Me-Lambe
- 1578. Melhor-Da-Mulher
- 1579. Menos-feia-que-a-dona [xingamento]
- 1580. Mesma-de-sempre
- 1581. Me-Soca
- 1582. Meu Nome É Enéas
- 1583. Momô Qué Fazê Nenê
- 1584. Não-Conta-Pra-Ninguém
- 1585. O Buraco Mais Caro do Mundo
- 1586. O Que Japonês Vê Mas Não Alcança
- 1587. O Que Nós Queremos
- 1588. O retorno de Jedy
- 1589. O Trem Querendo
- 1590. Olha o Rapa!
- 1591. Olheuaki
- 1592. Onde o Sol Não Bate
- 1593. Prefiro o cu
- 1594. Pronta-Pra-Meter
- 1595. Quase-Lá
- 1596. Quero-Levar-Pra-Casa
- 1597. Quero-Mais
- 1598. Quero-Uma
- 1599. Segura Peão
- 1600. Sem-Ela-Eu-Não-Vivo

1601. Sem-Ela-Não-Precisaríamos-De-Mulher
 1602. Shoyu do Meu Yakissoba
 1603. Só Capim Canela (Leia Rápido)
 1604. Só Para os Baixinhos
 1605. Soldado do Terrível Munha
 1606. Sugadora De Supremos Caralhos Do Afeganistão
 1607. Tá encrocado
 1608. Tá-em-todas
 1609. Tanta-graça
 1610. Te Meto o Cano
 1611. Txacabum gostoso das cobras frenéticas de plasma
 1612. Vai-que-dá
 1613. Vai-que-é-tua!
 1614. Vamo-que-vamo
 1615. Vão Pro Caralho
 1616. Vá-Te-Catar
 1617. Vejo-você
 1618. Vem Cá
 1619. Vem-Pro-Papai
 1620. Vem-Que-Eu-Tô-Querendo
 1621. Virgem Se O Caralho for Fresco
 1622. Vi-você
 1623. Volta-para-cá
 1624. Vontade-de-Fazer
 1625. Vou-te-comer

FREQUÊNCIA TEMPORAL

1626. Todo Dia
 1627. Todo-Santo-Dia

GÊNESE

1628. Big Bang (início do mundo)
 1629. Fonte
 1630. Fonte da Vida
 1631. Fonte de Gosma
 1632. Fonte De Ouro
 1633. Fonte de Tesão
 1634. Nascedouro
 1635. Origem da Vida

GOLPE COM INSTRUMENTO

1636. Escalpelada
 1637. Fuzilada
 1638. Machadada
 1639. Navalhada
 1640. Tamancada na Cachorra
 1641. Tamancada na Cadela

GRAU DE INSTRUÇÃO

1642. Doutora

HABITANTE

1643. Moradora

HERANÇA

1644. Legado

HOMEM GAY

1645. Baitola
 1646. Biba
 1647. Bicha
 1648. Bichinha
 1649. Tchola
 1650. Txola

HORMÔNIO

1651. Testosterona

INCISÃO

1652. Corte de Navalha
 1653. Corte Profundo

INDIVÍDUO/ ENTE

1654. Criança
 1655. Criatura

INDÚSTRIA

1656. Serraria

INSPIRAÇÃO

1657. Musa

INSTRUMENTO

1658. Apito
 1659. Chave de Ouro
 1660. Telescópio de Feto
 1661. Velocímetro de Tesão

INSTRUMENTO MUSICAL

1662. Gaita
 1663. Pandeireta
 1664. Taquara Rachada

INSTRUMENTO OFENSIVO/DEFENSIVO

1665. Faca de Dois Gumes
1666. Guilhotina de Caralho

INVÓLUCRO

1667. Abafador de Microfone
1668. Agasalho de Pica
1669. Agasalho de Rola
1670. Agasalho de Xonga
1671. Agasalho do Joystick
1672. Agasalho do Pica-Pau
1673. Agasalho pra Pipi
1674. Capa
1675. Capa do Batman
1676. Capa do Facão
1677. Capa do Meu Celular
1678. Capacete de Pau
1679. Capão
1680. Carapuça
1681. Casaco
1682. Casca de Banana
1683. Coberta do Menino
1684. Embalagem de Cabaço
1685. Embrulho
1686. Esconde o Feto
1687. Kapadepica
1688. Luva de Pica
1689. Luvinha
1690. Manta de pau
1691. Pacotão
1692. Pacote
1693. Pacote de Sorte
1694. Pacotinho
1695. Saco de Dormir
1696. Saco de Pão
1697. Toalhinha de Pau

LARGURA

1698. Apertadinha
1699. Arrochadinha
1700. Arrombada
1701. Arrombadinha
1702. Larga

LÁSTIMA

1703. Coitada

LIBIDO

1704. Libidinosa

LINK

1705. Link

LIVRE PERMISSÃO

1706. Vale-Tudo

LIVRETO

1707. Kamassutra
1708. Kamassutrinha

LOCALIZAÇÃO

1709. A Casa de Todos os Pênis
1710. A Casa de Todos os Pintos
1711. Abrigo
1712. Abrigo-do-Bombril
1713. Abrigo-do-meu-pau
1714. Adega do Meu Vinho
1715. Aeroporto
1716. Aeroporto Clandestino
1717. Aeroporto de Quibe
1718. Aeroporto de Rolinha
1719. Aeroporto do Caralho
1720. Aeroporto do Meu Bilau
1721. Aeroporto Peludo Arraial-da-Grota
1722. África
1723. África (mata-fechada ou alusão ao negrume do cabelo pixaim)
1724. Alameda
1725. Albergue do Fialho
1726. Ali Onde Eu Me Acabo
1727. Alojamento
1728. Amazonas
1729. Amazônia
1730. Amazônia Genérica
1731. Anfitriã
1732. Aonde Eu Me Acabo
1733. Aonde Se Perde a Inocência
1734. Área de Degustação
1735. Área de Lazer
1736. Área VIP
1737. Arriba
1738. Asilo da Porra Louca
1739. Asilo do Pau de Ouro
1740. Assentamento de Sem-peruca
1741. Ateliê de Ginecologista
1742. Atoleiro
1743. Babilônia (conhece várias línguas)
1744. Bacural
1745. Bagdá

1746. Bagdá (Toda Hora Entra Um Míssil)
1747. Barranco do Morro
1748. Batcaverna
1749. Beco
1750. Beco Úmido
1751. Bequinho
1752. Besnica
1753. Biasca
1754. Biroasca
1755. Cabana
1756. Cacetódromo
1757. Cachanga
1758. Cafofo do Osama
1759. Cafofo Particular
1760. Calabouço
1761. Câmara Secreta
1762. Campinho
1763. Campinho Onde A Galera Bate A Bola
1764. Campo Alagado
1765. Canavial
1766. Cantinho da Manjoba
1767. Cantinho da Manjuba
1768. Cantinho do Prazer
1769. Caralholândia
1770. Caralho's House
1771. Casa da Estrovinga
1772. Casa da Porra
1773. Casa da Porra Louca
1774. Casa de Bonecas
1775. Casa de Cacete
1776. Casa de Caralho
1777. Casa de Carnes
1778. Casa de Farinha
1779. Casa de Festas
1780. Casa de Pau
1781. Casa de Recepção de Vara
1782. Casa de Rôla
1783. Casa do Artista
1784. Casa do Caralho (literalmente)
1785. Casa do Careca
1786. Casa do Periquito
1787. Casa do Príncipe
1788. Casa do Salem
1789. Casa dos Amigos
1790. Casa dos Sócios
1791. Casa Rosada
1792. Casinha
1793. Casinha de Cachorro
1794. Casinha de Pau
1795. Casinha de Pica
1796. Casinha do Amor
1797. Casinha do Tatu
1798. Casinha do Xixi
1799. Catedral do Amor
1800. Caverna
1801. Caverna da Rola Quente
1802. Caverna da Serpente
1803. Caverna do Amor
1804. Caverna do Bin Laden
1805. Caverna do Dragão
1806. Caverna do Eco
1807. Caverna Escura
1808. Caverna Leiteada
1809. Caverna Mágica
1810. Caverna Melada
1811. Caverna Misteriosa
1812. Caverna Peluda
1813. Caverna Profunda
1814. Caverninha do Amor
1815. Cavernosa
1816. Caxopa de Marimbondo
1817. Cemitério de Espermatozóides
1818. Cemitério do Cacete
1819. Centro de Gravidez
1820. Centro Noturno de Lazer
1821. Chão de Barbearia
1822. Chapelaria
1823. Chechênia
1824. Chuí
1825. Cidade Dos Homens
1826. Clube dos Carecas
1827. Condomínio Privado
1828. Doca do submarino
1829. Elevador Sujo
1830. Empório Doce
1831. Endereço da Pica
1832. Engenho-d'água
1833. Epicentro
1834. Escolinha do Careca
1835. Esconderijo
1836. Esconderijo do Bin Laden
1837. Esconderijo do Cabral
1838. Esconderijo dos Carecas
1839. Escritório do Prazer
1840. Estacionamento de Caralho
1841. Estacionamento Free
1842. Fábrica de Chocolate
1843. Fábrica de Goma
1844. Fábrica de Iogurte
1845. Fábrica de Neném
1846. Fábrica de Pimpolho
1847. Fábrica de Pomarola
1848. Fábrica de Requeijão
1849. Fábrica de Tesão
1850. Fábrica do Amor
1851. Fábrica dos Prazeres
1852. Fábrica-de-fazer-boneco
1853. Feudo do Caralho

1854. Formigueiro
1855. Fudelândia
1856. Furna
1857. Garage-A-Bites
1858. Garagem
1859. Garagem Cheia
1860. Garagem da Frente
1861. Garagem de Piroca
1862. Garagem de Trator
1863. Garagem do Cacete
1864. Garagem do Caralho
1865. Garagem do Meu Picasso
1866. Garagem Pública
1867. Garajinha
1868. Gerlândia
1869. Ginásio
1870. Gruta
1871. Gruta Babadeira
1872. Gruta da Mata Funda
1873. Gruta da Porra Louca
1874. Gruta da Siririca
1875. Gruta De Mel
1876. Gruta do amor
1877. Gruta do Prazer
1878. Gruta Ensaboada
1879. Gruta Escorregadia
1880. Gruta Melosa
1881. Gruta Molhada
1882. Gruta Úmida
1883. Grutinha
1884. Grutinha Encantada
1885. Hangar do meu Jatinho
1886. Hopi-Hari da Minha Pica
1887. Hopi-Hari do Vizinho
1888. Horta Lá de Casa (Onde Eu Planto Mandioca)
1889. Hotel da Putaria
1890. Hotel do Climberson , servimos você desde 1992 com pontualidade e segurança
1891. House Of Love
1892. Jardim do Éden
1893. Kachanga
1894. Kiosque de Minha Pica
1895. Koréia
1896. Lá-Em-Casa
1897. Lar Doce Lar
1898. Largo do Caralho
1899. Lavanderia Para Caralhos
1900. Leiteria de Amor
1901. Linha do Equador
1902. Logo-Ali
1903. Logradouro do Caralho
1904. Lojinha
1905. Lugar da minha língua
1906. Lugar de Por Meu Pau
1907. Lugar do Zé
1908. Lugar que eu não quero sair nunca mais
1909. Lugar Vago
1910. Lugarzinho do Prazer
1911. Lugarzinho Pra Eu Gozar
1912. Luna Park
1913. Mama-África
1914. Mata Atlântica
1915. Mato Grosso do Sul
1916. Menor Galinheiro do Mundo
1917. Menor Galinheiro do Mundo (Só Cabe Um Pinto, Empurrado)
1918. Meridiano de Greenwich
1919. Michigan
1920. Mina
1921. Mina de Gozo
1922. Mina de Ouro
1923. Mina de Porra
1924. Monte Alegre
1925. Monte-de-Vênus
1926. Morada da Rôla
1927. Morada do Pênis
1928. Morada Temporária
1929. Morro Alegre
1930. Navaska
1931. Ninho de Cobra
1932. Ninho de Muriçocas
1933. Ninho de Pomba
1934. Ninho de Rola
1935. Ninho do Amor
1936. Oca de Adão
1937. Oca do Bojja
1938. Padaria de Pau
1939. Paraíso
1940. Parque
1941. Parque de Diversões
1942. Pátria Amada
1943. Peixaria
1944. Penis' Home Sweet Home
1945. Penis' Pool
1946. Penislândia
1947. Picadeiro
1948. Pindamonhangaba
1949. Pintódromo
1950. Pintolândia
1951. Pintópolis
1952. Piscinão de Ramos
1953. Piscinão do Povo
1954. Pista de Via Dupla
1955. Playcenter Peludo
1956. Playground
1957. Playground de Esperma
1958. Playground de Tarado

1959. Pocilga
 1960. Point dos Carecas
 1961. Porão
 1962. Pousada de Caralhos
 1963. Pousada do Bilau
 1964. Puerto Pinga
 1965. Recanto da Chibata
 1966. Recanto da Piroca
 1967. Região de interesse
 1968. Residência do Meu Pau
 1969. Residência do Sr. Bráulio
 1970. Rolândia
 1971. Rolódromo
 1972. Rua Sem Saída
 1973. Sala
 1974. Sala de comer
 1975. Sala de estar
 1976. Sala de visitas
 1977. Sala do puto
 1978. Seção Lazer
 1979. Seção Privê
 1980. Seção Umectada
 1981. Serra Pelada
 1982. Setor de Embarque
 1983. Shan-Gri-Lá
 1984. Tabernáculo das Rolas
 1985. Taião
 1986. Talibã
 1987. Tchecoslováquia
 1988. Terraço das Jóias
 1989. Terreno Suado
 1990. Toca
 1991. Toca da Benga
 1992. Toca da Coruja
 1993. Toca da Manjuba
 1994. Toca da Moita
 1995. Toca de Cobra
 1996. Toca de Gnomo
 1997. Toca de Serpente
 1998. Toca do Caralho
 1999. Toca do Coelho
 2000. Toca do Coiote
 2001. Toca do Diabo
 2002. Toca do Palhaço
 2003. Toca do Tatu
 2004. Toca do Thyrsó
 2005. Toca do Zé
 2006. Toca dos Gatos
 2007. Toca dos Pintos
 2008. Toca Encantada
 2009. Trincheira de Pau
 2010. Vale da Aguinha
 2011. Vale do Eco
 2012. Vale Encantado
 2013. Vale Sagrado

2014. Vaticano de Pau
 2015. Vênus
 2016. Viela Funda
 2017. Xerém
 2018. Xexênia
 2019. Xilindró
 2020. Xopana
 2021. Zona do Agrião

MASTURBAÇÃO

2022. Bronha
 2023. Bronheira
 2024. Punheta Automática
 2025. Razão da Punheta
 2026. Sirica

MATERIAL

2027. Borrachuda
 2028. Courinho Mijado
 2029. Couro de Buceta

MEDICAMENTO

2030. Xiloca
 2031. Viagrinha

MENSTRUÇÃO

2032. Menstruada

MONOTEÍMO

2033. Monoteísta (Acredita em Uma Só Pica)

MOVIMENTO DA TERRA

2034. Abalo Sísmico
 2035. Tsunami
 2036. Vesúvio

MOVIMENTO DO ATO SEXUAL

2037. Abre-Fecha
 2038. Acrobata
 2039. Até Suar
 2040. Mexidinha
 2041. Vai-vai

NOME CONVENCIONALIZADO ANATÔMICO

2042. Órgão Sexual Feminino

2043. Púbis
 2044. Pudendo de menina
 2045. Pudendo feminino (nome formal para a vulva)
 2046. Vulva

2091. Xiranhã
 2092. Xiri
 2093. Xonga
 2094. Xoronga
 2095. Xota

NOME CONVENCIONALIZADO NÃO

ANATÔMICO

2047. Boceta
 2048. Bolceta
 2049. Chavasca
 2050. Chibiu
 2051. Chirinha
 2052. Chonga
 2053. Cona
 2054. Gonada [provavelmente gônada / ovário é a gônada feminina]
 2055. Pachacha
 2056. Partes
 2057. Patareca
 2058. Pepeca
 2059. Pepequinha
 2060. Pepequita
 2061. Pepita
 2062. Pipi
 2063. Pisirica
 2064. Precheca Cabeluda
 2065. Prexeca
 2066. Proxasca
 2067. Quiquita
 2068. Senaita
 2069. Shawasca
 2070. Shibiu
 2071. Tabaca
 2072. Tabacão
 2073. Tabaquinha
 2074. Tchavasca
 2075. Tcheca
 2076. Têga
 2077. Thirida
 2078. Totó [em Portugal, partes íntimas das mulheres]
 2079. Totó In
 2080. Xampola
 2081. Xandanga
 2082. Xaranha
 2083. Xeca
 2084. Xereca
 2085. Xibio
 2086. Xibiu
 2087. Ximbica
 2088. Ximbiu
 2089. Xinim
 2090. Xirinha

NOME FEMININO

2096. Abigail
 2097. Aguilera
 2098. Alexia
 2099. Amélia
 2100. Astrid
 2101. Bastiana
 2102. Bebete
 2103. Benedita
 2104. Berenice
 2105. Bethânia
 2106. Bráulia
 2107. Bruninha
 2108. Buetz
 2109. Caetana
 2110. Camilinha
 2111. Carlota Joaquina
 2112. Carolzinha
 2113. Catarina
 2114. Celeste
 2115. Chayani
 2116. Cicarelli
 2117. Cicinha
 2118. Cíntia
 2119. Cira Gomos
 2120. Cissinha
 2121. Cléo
 2122. Cris
 2123. Crisinha
 2124. Daniela
 2125. Denise
 2126. Dirce
 2127. Djana
 2128. Dona Anja
 2129. Dona Moita
 2130. Dona Pêpa
 2131. Dona Vera
 2132. Dona Xana
 2133. Dora Pinto
 2134. Dorinha
 2135. Dorotéia
 2136. Duda
 2137. Elenilda
 2138. Elsa Raposo
 2139. Emengarda
 2140. Emília
 2141. Fernandinha
 2142. Filó

- | | | | |
|-------|------------------------------------|-------|-------------------------------------|
| 2143. | Filomena | 2197. | Maria Francisca |
| 2144. | Fiorela | 2198. | Maria Goreti |
| 2145. | Flavia | 2199. | Maria Joaquina |
| 2146. | Fulana | 2200. | Maria Rosca |
| 2147. | Genoveva | 2201. | Maria Zilda |
| 2148. | Genoveva | 2202. | Maricota |
| 2149. | Gertrudes | 2203. | Marieta |
| 2150. | Gina | 2204. | Maristela |
| 2151. | Gislene | 2205. | Marta |
| 2152. | Godofreda | 2206. | Matilde |
| 2153. | Guilhermita | 2207. | Minnie |
| 2154. | Guta | 2208. | Mônica (ver também Turma da Mônica) |
| 2155. | Jadê | 2209. | Ofélia |
| 2156. | Jáira | 2210. | Priscila |
| 2157. | Jaldenice Deiroz | 2211. | Rita |
| 2158. | Jamilda | 2212. | Riteca |
| 2159. | Jane (Habitat Preferido do Tarzan) | 2213. | Ritinha |
| 2160. | Janete | 2214. | Rô |
| 2161. | Janinha | 2215. | Romária |
| 2162. | Jennifer | 2216. | Ronaldinha |
| 2163. | Joana | 2217. | Rosa |
| 2164. | Joaquina | 2218. | Rosinha |
| 2165. | Josefa | 2219. | Rôsinha |
| 2166. | Juliana-doce | 2220. | Sacha |
| 2167. | Jurema | 2221. | Samara |
| 2168. | Karininha | 2222. | Sandy |
| 2169. | Kátia Flávia | 2223. | Sara irmã do Eliseu |
| 2170. | Katilce | 2224. | Sharon |
| 2171. | Katiursa | 2225. | Sheila |
| 2172. | Katiúscia | 2226. | Sheilinha |
| 2173. | Lacilda | 2227. | Shirley |
| 2174. | Lalinha | 2228. | Soraya |
| 2175. | Lasguinho | 2229. | Sulamita |
| 2176. | Lassie | 2230. | Tamara |
| 2177. | Laurinha | 2231. | Tamira |
| 2178. | Leandrinha | 2232. | Tatinha |
| 2179. | Léia | 2233. | Teresuda |
| 2180. | Lilibeth | 2234. | Tetê |
| 2181. | Lilica | 2235. | Tetéia |
| 2182. | Lilila | 2236. | Thalitinha |
| 2183. | Lilizinha | 2237. | Thayna |
| 2184. | Lilly | 2238. | Tieta |
| 2185. | Liloca | 2239. | Vanderléia |
| 2186. | Lolita | 2240. | Vandinha |
| 2187. | Lorezinha | 2241. | Vera Cabeluda |
| 2188. | Lulu | 2242. | Verusca |
| 2189. | Luluzinha | 2243. | Vilma |
| 2190. | Lurdes | 2244. | Vilmara |
| 2191. | Manu | 2245. | Virgínia |
| 2192. | Margarida | 2246. | Vivi |
| 2193. | Maria Cabeluda | 2247. | Waldimara |
| 2194. | Maria Caqui | 2248. | Wanderléia |
| 2195. | Maria Cha-Cha-Cha | 2249. | Wanessa |
| 2196. | Maria Eugênia | 2250. | Wendy |

- 2251. Wilma
- 2252. Wolverina
- 2253. Zefa (ou Dona Zefa)
- 2254. Zefinha
- 2255. Zenaide
- 2256. Zenaita
- 2257. Zenita Alcachofrada
- 2258. Zeza
- 2259. Zezinha
- 2260. Zileide
- 2261. Zulmira
- 2262. Zumira

NOMES MASCULINOS

- 2263. Cróvis
- 2264. Diogo
- 2265. Franklis
- 2266. João Antônio
- 2267. José
- 2268. Mustafá
- 2269. Tito
- 2270. Ubirajara
- 2271. Vavá
- 2272. Zequinha

NOVICIADO

- 2273. Noviça Rebelde

NUDEZ

- 2274. Pelada
- 2275. Peladinha

OBJETIVO

- 2276. Objectivo de Vida
- 2277. Objetivo de Vida

OBJETO PESADO

- 2278. Poita

OBJETO QUE PODE SER DADO

- 2279. Amostra Grátis
- 2280. Dadá
- 2281. Dadera
- 2282. Pasta para partilhar
- 2283. Tempratodos

OCULTAÇÃO

- 2284. Escondidinha

ONOMATOPEIA/INTERJEIÇÃO

- 2285. Aiai
- 2286. Bau-Bau
- 2287. Chaca-Chaca
- 2288. Fiu-fiu
- 2289. Fuc-Fuc
- 2290. Oba
- 2291. Opa
- 2292. Pimba
- 2293. Pimpa
- 2294. Pof-Pof
- 2295. Pom-Pom
- 2296. Reco-Reco
- 2297. Ronhinhó
- 2298. Tintim
- 2299. Trololó
- 2300. Tsc tsc!
- 2301. Uga Uga
- 2302. Uh!
- 2303. Uh-Tererê
- 2304. Ui-Ui
- 2305. U-láíá
- 2306. Ula-la
- 2307. Ula-Ula
- 2308. Upa
- 2309. Wola
- 2310. Wow
- 2311. Wuála
- 2312. Yabadabadu
- 2313. Yahoooooooooooo! (Já Entrei)

ORGASMO

- 2314. Gozadinha
- 2315. Gozinha do gozo

ORIENTAÇÃO ESPACIAL

- 2316. A Dois Dedos do Cú
- 2317. Comissão de Frente
- 2318. Entre o Cu e o Umbigo
- 2319. Entre-Pernas
- 2320. Frente
- 2321. Fundilho [parte do fundo de calcinhas, cuecas]
- 2322. Lado da frente
- 2323. Oposto do Cú
- 2324. Ponta Aguda
- 2325. Ponta Ao Averso
- 2326. Ponta Ao Contrário
- 2327. Ponta de lá
- 2328. Ponta Inversa

- 2329. Ponto de Partida
- 2330. Ponto G
- 2331. Por Trás da Moita
- 2332. Seta do Prazer
- 2333. Unilateral
- 2334. Vizinha do Cu

OUTRA LÍNGUA

- 2335. Amcek (Em Turco)
- 2336. Bhoshro (Em Gujarati)
- 2337. Black Dog
- 2338. Black hole
- 2339. Botakí (Em Hopês)
- 2340. Bujon (Em Portugal)
- 2341. Chavascum Vulvaris
Cabeloidea
- 2342. Chica
- 2343. Chiquita
- 2344. Chiquitita
- 2345. Cokita (Em Espanhol)
- 2346. Coño buceta em espanhol
- 2347. Cum Dumpster dumpster é
caçamba de lixo / cum é esperma
[caçamba de esperma?]
- 2348. Cunt ofensivo para vagina (em
espanhol)
- 2349. Cuquita vagina em espanhol
- 2350. Cute
- 2351. Dance of days
- 2352. Deep blue
- 2353. Deep purple
- 2354. Entrefolhos órgão sex feminino
em Portugal
- 2355. Esmifra (Em Portugal)
- 2356. Fessa (Em Italiano)
- 2357. Fetsa (Em Espanhol)
- 2358. Fincous Tonight
- 2359. Fissi (Em Dinamarquês)
- 2360. Fita (Em Norueguês)
- 2361. Fotze (Em Alemão)
- 2362. Foxhole
- 2363. Fritola (Em Italiano)
- 2364. Futz Legat (Em Alemão)
- 2365. Golden Gate
- 2366. Golden-Cross
- 2367. Golo (em Portugal)
- 2368. Grand Canyon
- 2369. Green Day
- 2370. Je t'aime
- 2371. Jungle
- 2372. Jurassic Park
- 2373. Katota (Em Crioulo de Cabo
Verde)
- 2374. Katze (Em Alemão)

- 2375. Kbla (gíria hebraica)
- 2376. Kudincka (Na República
Tcheca)
- 2377. Kügelschriber
- 2378. Kunami (fesquinho)
- 2379. Kurium
- 2380. Küsschen
- 2381. Lake of Fun
- 2382. Larousse
- 2383. Manko ? (Em Japonês)
- 2384. Muschi (Em Alemão)
- 2385. Musguenta (de Musgo,
Húmida)
- 2386. My Precious
- 2387. Ooo Manco (Em Japonês)
- 2388. Pussy
- 2389. Putka (Em búlgaro)
- 2390. Rachazón
- 2391. Rotworm
- 2392. Shinurbal (Em Alemão)
- 2393. Sinisga (Em Portugal)
- 2394. Slot
- 2395. Smile
- 2396. Step
- 2397. Sugar Loaf
- 2398. Sugoi (Em Japonês)
- 2399. Tchut (Em Hindi)
- 2400. The Last Line
- 2401. Totona (Em Espanhol)
- 2402. Tuxa (árabe)
- 2403. Wolf
- 2404. Xitombo (Do Dialeto Africano
Shangana)

OUTRA PARTE DO CORPO

- 2405. Bochechinha
- 2406. Bochechuda
- 2407. Bochechudinha
- 2408. Bozó
- 2409. Brioco
- 2410. Buchechinha
- 2411. Bucho-de-deusa
- 2412. Bufante
- 2413. Bunda mijadoura
- 2414. Bunda que mija
- 2415. Bundinha da Frente
- 2416. Busanfa
- 2417. Butico
- 2418. Coração
- 2419. Coração de Mãe
- 2420. Coração Rachado
- 2421. Cu com acento
- 2422. Cu da Frente
- 2423. Cu Doce

- 2424. Cu Fofinho
- 2425. Cu Frontal
- 2426. Cu Larguinho
- 2427. Cu Peludo
- 2428. CuDoJudas
- 2429. Fiofó
- 2430. Fiofó Superior
- 2431. Furico
- 2432. Furingo
- 2433. Garganta Profunda
- 2434. Munheca
- 2435. Olho Cego
- 2436. Olho D'Água
- 2437. Olho de Pandera
- 2438. Olho de Thundera
- 2439. Olho Mocho de Camões
- 2440. Olho-Grande
- 2441. Pau do Avesso
- 2442. Pé da Barriga Lascada
- 2443. Pé de Boi
- 2444. Petrina
- 2445. Pleura
- 2446. Rabicó
- 2447. Rego de Mijar
- 2448. Sovaco da Perna
- 2449. Suvaco de Coxa
- 2450. Suvaco do Sul
- 2451. Tarraqueta
- 2452. Testa
- 2453. Testa Alta
- 2454. Testa Cabeluda
- 2455. Testa de Peba
- 2456. Testa Larga
- 2457. Testuda
- 2458. Testudinha
- 2459. Venta
- 2460. Xoronha
- 2461. Xuranha
- 2462. Zoinho
- 2463. Zoinho Cheiroso
- 2464. Zoinho de Japonesa
- 2465. Zóiu dela
- 2466. Zoiúda

PARASITA

- 2467. Lumbriga de Pica

PARENTESCO

- 2468. Afilhada
- 2469. Comadre
- 2470. Dinda
- 2471. Dindinha
- 2472. Esposa do Elvis

- 2473. Filhinha
- 2474. Madre
- 2475. Madrinha
- 2476. Mãe África
- 2477. Mãe da Vida
- 2478. Mãe de Todos
- 2479. Mãe Joana
- 2480. Mãe Loura
- 2481. Mamãe
- 2482. Mamhuska
- 2483. Minha Irmã
- 2484. Mini-Prima
- 2485. Sobrinha
- 2486. Tia Beth
- 2487. Tia TINA
- 2488. Tiamara
- 2489. Tiazona
- 2490. Titia Beijuda
- 2491. Viúva Negra
- 2492. Vovózinha

PÊNIS

- 2493. Bilola
- 2494. Bimba
- 2495. Bimbinha
- 2496. Cacete Bonito
- 2497. Cacete-Melher
- 2498. Caraio de Asa
- 2499. Caraio Invertido
- 2500. Caralhuda
- 2501. Mini-Rola
- 2502. Pinto Invertido
- 2503. Xapuleta
- 2504. Xeba

PENUGEM

- 2505. Barba Cerrada
- 2506. Barba da Vó
- 2507. Barba do Bin Laden
- 2508. Barba Mal Feita
- 2509. Barba Negra
- 2510. Barbada
- 2511. Barbeada
- 2512. Barbuda
- 2513. Barbudinha
- 2514. Bigaduda
- 2515. Bigode
- 2516. Bigode do Hitler
- 2517. Bigodinha
- 2518. Bigodinho
- 2519. Bigoduda
- 2520. Cabeleira
- 2521. Cabelo Partido

- 2522. Cabeluda
- 2523. Cabeludinha
- 2524. Cabeludinha do Meio
- 2525. Cavanhaque de Coxa
- 2526. Churanha
- 2527. Crespa
- 2528. Crespo
- 2529. Descabelada
- 2530. Despenteada
- 2531. El Bigodón
- 2532. Encaracolada
- 2533. Lasca de Cabelo
- 2534. Pelego Furado
- 2535. Peluda
- 2536. Peluda do Pai
- 2537. Peludinha
- 2538. Peludona
- 2539. Pentelheira
- 2540. Peruca de Pinto
- 2541. Peruca de Rola
- 2542. Peruca do Careca
- 2543. Rastafari
- 2544. Sarará Crioulo
- 2545. Sombrancelha Dupla
- 2546. Topete de Pentelho
- 2547. Topete-de-Mate
- 2548. Topetuda
- 2549. Tufinho

PERCEPÇÃO VISUAL

- 2550. Visão-do-Inferno
- 2551. Visão-do-Paraíso

PERDA

- 2552. Perdida

PERSONAGEM DE DESENHO

- 2553. Taz
- 2554. Wally (Onde Está o Wally?)
- 2555. Willy (A Baleia)
- 2556. Yoshi
- 2557. Yoshimitsu (senta em cima da espada)

PESSOA DO SEXO FEMININO

- 2558. Garotinha
- 2559. Guriiazinha
- 2560. Menina
- 2561. Menina Super Poderosa, A
- 2562. Menininha
- 2563. Menininha

- 2564. Menininha do Bilau
- 2565. Menininha do Orgasmo
- 2566. Menininha do papai
- 2567. Meninona
- 2568. Mocinha
- 2569. Moçoila
- 2570. Moleca
- 2571. Molequinha
- 2572. Muchacha
- 2573. Senhora
- 2574. Sra. Bráulio

PESSOA JOVEM

- 2575. Pimpolha
- 2576. Pimpolhuda
- 2577. Pitchulinha

PESSOA QUE VOMITA

- 2578. Vomitadora de Gozo

PESSOA VIAJANTE

- 2579. Peregrina
- 2580. Viajadora

PLANTA(ÇÃO)

- 2581. Balceira (onde a palavra é empregada todos sabem que balça é "mata espessa")
- 2582. Bananeira
- 2583. Bem-Me-Quer
- 2584. Berlota
- 2585. Bocaiuva
- 2586. Braúna
- 2587. Brilhantina
- 2588. Buquê
- 2589. Butiá
- 2590. Caiçara (no sentido de mata espessa onde o caçador se embosca)
- 2591. Ervilheira
- 2592. Flor
- 2593. Flor da Mulher
- 2594. Flor de Maracujá
- 2595. Floresta Amazônica
- 2596. Floresta da Alegria
- 2597. Floresta das Cobras
- 2598. Floresta Negra
- 2599. Floricultura Ambulante
- 2600. Florzinha
- 2601. Florzinha do ICQ
- 2602. Gramado
- 2603. Jurubeba

- 2604. Mata Atlântica
- 2605. Mata Fechada
- 2606. Mata Seca
- 2607. Mata Seca
- 2608. Mata Virgem
- 2609. Mata Virgem
- 2610. Matagal
- 2611. Mato
- 2612. Moita
- 2613. Muringa
- 2614. Papoula
- 2615. Petúnia
- 2616. Pixirica
- 2617. Planta Carnívora
- 2618. Rosa Escondida
- 2619. Samambaia
- 2620. Savana
- 2621. Selva
- 2622. Tabaco
- 2623. Taioba
- 2624. Timbó
- 2625. Tipa
- 2626. Touceira
- 2627. Trevo
- 2628. Tuia
- 2629. Tulipa

PLASTICIDADE

- 2630. Elástica

PORÇÃO

- 2631. Pitada

POSSE

- 2632. Meu Bibelô
- 2633. Meu Prazer
- 2634. Meu-Vinho-Meu-Queijo
- 2635. Minha
- 2636. Minha Amiga
- 2637. Minha Branquela
- 2638. Minha Cabra
- 2639. Minha e Só Minha
- 2640. Minha Fabricadora
- 2641. Minha Grandona
- 2642. Minha Tara
- 2643. Minha Vida
- 2644. Sonho Meu

PRÁTICA RELIGIOSA

- 2645. Zoroastra

PROLONGAMENTO FILIFORME

- 2646. Assolan
- 2647. Aveludada
- 2648. Camurça
- 2649. Carpete
- 2650. Esponja de Aço
- 2651. Esponja de Carrapato
- 2652. Estopa
- 2653. Linho Frio Grosso
- 2654. Medusa Entrepernas
- 2655. Palha-de-Aço
- 2656. Pelúcia
- 2657. Pelucinha
- 2658. Peteca
- 2659. Petecão
- 2660. Petecuda
- 2661. Petequinha
- 2662. Rabiola
- 2663. Velcro

PUBLICAÇÃO EM REDE SOCIAL

- 2664. Tuíte

PUTA

- 2665. Puta
- 2666. Puta Aberta
- 2667. Puta do Caralho
- 2668. Puta gostosa
- 2669. Puta merda
- 2670. Puta paga
- 2671. Puta que me pariu
- 2672. Puta que pariu
- 2673. Puta que te pariu
- 2674. Putana
- 2675. Putavasca
- 2676. Putinha
- 2677. Putinha carnuda
- 2678. Putinha relaxada

RACHADURA

- 2679. Lascadinha
- 2680. Lascão
- 2681. Lascãozinho
- 2682. Racha
- 2683. Racha do Papai
- 2684. Rachada
- 2685. Rachadinha
- 2686. Rachadura
- 2687. Rachadura Peluda
- 2688. Racho
- 2689. Raja
- 2690. Rasgada

- 2691. Rasgo da Faca
- 2692. Repartição Pública
- 2693. Repartida
- 2694. Trinca
- 2695. Trincada

REALEZA

- 2696. Majestade
- 2697. Monarca
- 2698. Princesa Guerreira
- 2699. Princesinha
- 2700. Rainha da Escuridão
- 2701. Rainha dos Membros

RECEPTÁCULO

- 2702. Açucareira
- 2703. Arca
- 2704. Azeiteira
- 2705. Bacia
- 2706. Bainha
- 2707. Balaio de Milho
- 2708. Balaio de Rola
- 2709. Berço de Pica
- 2710. Bolsa de Tacos
- 2711. Bolsinha de Guardar Pau
- 2712. Bota-Charuto
- 2713. Box
- 2714. Cachote Peludo
- 2715. Caçarola
- 2716. Caixa de Fósforo
- 2717. Caixa de Gordura
- 2718. Caixa de Pandora
- 2719. Caixa de Papelão
- 2720. Caixa Econômica
- 2721. Caixa Eletrônico
- 2722. Caixa Registradora
- 2723. Caixão de Salsichas
- 2724. Caixinha
- 2725. Caixinha Cabeluda
- 2726. Caixinha de Ouro
- 2727. Caixinha de Pelo
- 2728. Caixinha de Segredos
- 2729. Caixinha de Surpresas
- 2730. Cálice de carne
- 2731. Caneco
- 2732. Canequinha
- 2733. Carrão
- 2734. Carreta
- 2735. Carrinho de Cachorro-Quente
- 2736. Carroça
- 2737. Carrocinha
- 2738. Carteira
- 2739. Cartola

- 2740. Cesta
- 2741. Chapeleta Vermelha
- 2742. Charola
- 2743. Charuteira
- 2744. Churrasqueira de Croquete
- 2745. Cisterna de Pica
- 2746. Cofre do Meu Pau
- 2747. Cofrinho de Esperma
- 2748. Cofrinho de Salsicha
- 2749. Copão
- 2750. Copinho de Couro
- 2751. Copinho de Esperma
- 2752. Copo de Fazer Milkshake
- 2753. Copo de Leite
- 2754. Cuia Pra Chá de Pau Barbado
- 2755. Cumbuca
- 2756. Cumbuca de Pobre
- 2757. Dedal
- 2758. Dedeira
- 2759. Disqueteira
- 2760. Drive de CD
- 2761. Envelope Peludo
- 2762. Escátula
- 2763. Escorredor
- 2764. Estojinho
- 2765. Estufa
- 2766. Farinheira
- 2767. Fornalha
- 2768. Forninho
- 2769. Forno à Lenha
- 2770. Frasco
- 2771. Frasco do Meu Pau
- 2772. Frasco-de-guardar-porra
- 2773. Frasquinho
- 2774. Frigideira
- 2775. Fritadeira
- 2776. Gamela
- 2777. Garrafinha de leite
- 2778. Gaveta
- 2779. Gavetinha
- 2780. Gavetona
- 2781. Geladeira (Deixa a carne dentro e os ovos na porta)
- 2782. Guarda-Hímeme
- 2783. Guarda-Leitinho
- 2784. Guarda-Pau
- 2785. Guarda-Pica
- 2786. Guarda-Pingelo
- 2787. Guarda-Porra
- 2788. Guarda-Rolas
- 2789. Guarda-Volume
- 2790. Guardião do Pau
- 2791. Jarra de Porra
- 2792. Latinha-de-pica
- 2793. Leitera

- 2794. Maleta de Cego
- 2795. Mantegueira
- 2796. Marmita
- 2797. Mealheiro
- 2798. Micro-ondas
- 2799. Mictório
- 2800. Nassa
- 2801. Paliteiro
- 2802. Pantufa
- 2803. Pantufa de Elefante
- 2804. Pantufinha
- 2805. Papeiro
- 2806. Porta USB
- 2807. Porta-Bambu
- 2808. Porta-Bandeira
- 2809. Porta-Broca
- 2810. Porta-Caralho
- 2811. Porta-Charutos
- 2812. Porta-Esperma
- 2813. Porta-Incenso
- 2814. Porta-Jeba
- 2815. Porta-Lápis de Itu
- 2816. Porta-Luva
- 2817. Porta-Mandorová
- 2818. Porta-Níqueis
- 2819. Porta-Pau
- 2820. Porta-Pau do MaaT
- 2821. Porta-Pica
- 2822. Porta-Picolé
- 2823. Porta-Porra
- 2824. Porta-Salsicha
- 2825. Porta-Taco
- 2826. Porta-Trecos
- 2827. Porta-Tromba
- 2828. Potinho Fedido
- 2829. Receptáculo de Esperma
- 2830. Sisterna de Porra
- 2831. Taça
- 2832. Tacho
- 2833. Urna
- 2834. Vasilhame
- 2835. Vaso

RECREAÇÃO

- 2836. Recreio

RELAÇÃO ENTRE PESSOAS

- 2837. Amiga
- 2838. Amigosa
- 2839. Amiguinha
- 2840. Amiguxa
- 2841. Amistosa
- 2842. Coleguinha

- 2843. Miguxa
- 2844. Miguxinha

RELAÇÃO SEXUAL

- 2845. Bacanal
- 2846. Coito
- 2847. Cunilinga
- 2848. Dia e Noite no Lambe-Lambe
- 2849. Enfia-tira-e-põe
- 2850. Entra-E-Sai
- 2851. Esfrega-Esfrega
- 2852. Queca
- 2853. Toma e Leva

REPRESENTAÇÃO

- 2854. Parábola
- 2855. Quadro
- 2856. Tela Mágica
- 2857. Vitrine

SABOR

- 2858. Azeda
- 2859. Azedinha
- 2860. Docinha
- 2861. Gostosa
- 2862. Gostosinha
- 2863. Salgadinha
- 2864. Suculenta
- 2865. Temperada
- 2866. Tempera-Pepino
- 2867. Tempero de Bigode
- 2868. Todavida gostosa
- 2869. Totosa
- 2870. Untada
- 2871. Vitaminada

SENTIMENTO

- 2872. Amor
- 2873. Paixão
- 2874. Vergonhas

SIGILO

- 2875. Segredinho
- 2876. Segredo
- 2877. Segredo-da-crente
- 2878. Segredo-da-mulher

SINGULARIDADE

- 2879. Uma

- 2880. Uma-das-três
- 2881. Umazinha
- 2882. Uminha
- 2883. Única

SISTEMA MONETÁRIO

- 2884. Milionária
- 2885. Monetária
- 2886. Pataca
- 2887. Salário Mínimo

TAMPA

- 2888. Tampão

TECIDO

- 2889. Algodão Queimado
- 2890. Lila
- 2891. Xita

TEMPERATURA

- 2892. Geladinha
- 2893. Quente
- 2894. Quentinha
- 2895. Quentona
- 2896. Quentosa

TENTAÇÃO

- 2897. Perdição
- 2898. Tentação
- 2899. Tentação do Caralho
- 2900. Tentação do Diabo

TERRORISMO

- 2901. Bin Laden
- 2902. Bomba Atômica
- 2903. Bombinha

TESTAGEM

- 2904. Testa Viado
- 2905. Testada E Aprovada
- 2906. Testadinha
- 2907. Testador de Batina
- 2908. Test-Drive de Pau

TIME ESPORTIVO

- 2909. Vascaína

TRAJETÓRIA

- 2910. Acesso ao Útero
- 2911. Caminho da Aventura
- 2912. Caminho da Felicidade
- 2913. Caminho do Mal
- 2914. Descendo a Ribanceira
- 2915. Estrada do Meu Picasso
- 2916. Jabaquara-Tucuruvi
- 2917. Parada Obrigatória
- 2918. Paradinha
- 2919. Pit Stop
- 2920. Pit Stop de Caralho
- 2921. Vem-vem
- 2922. Via de Regras
- 2923. Viagem de Pica
- 2924. Vias de Feto

TRANSFORMAÇÃO

- 2925. Metamorfose

TRANSGRESSÃO

- 2926. Pecado
- 2927. Pecaminosa

TUMULTO

- 2928. Confusão
- 2929. Encrenca

UNIDADE DE MEDIDA

- 2930. Cem Gramas
- 2931. Meio-Quilo de Cada Lado

VALOR

- 2932. Diamante Cor-de-Rosa
- 2933. Esmeralda
- 2934. Jóia
- 2935. Pérola Rosa
- 2936. Preciosa
- 2937. R\$ 50,00 (Squenta Pau)
- 2938. R\$ 60,00 (Sessenta pau)
- 2939. R\$ 70,00 (seteta pau)
- 2940. Tesouro de Pirata
- 2941. Tesouro de Pobre
- 2942. Valiosa

VARIAÇÕES DE BUCETA

- 2943. Boçanha
- 2944. Bu (abreviação inventada por Bruna Surfistinha)
- 2945. Bubuca

2946. Bubuta
 2947. Buca
 2948. Buça
 2949. Buça
 2950. Buçanga
 2951. Buçanha
 2952. Buçanha
 2953. Buçanhola
 2954. Bucéfala
 2955. Bucegna
 2956. Bucenilda
 2957. Buceta
 2958. Buceta de Nóis Tudo
 2959. Bucetalina
 2960. Bucetalopiteca
 2961. Bucetanha
 2962. Bucetão
 2963. Bucetão Nervoso
 2964. Bucetation
 2965. Buceteia
 2966. Bucetera
 2967. Bucetilda
 2968. Bucetilde
 2969. Bucetin
 2970. Bucetineia
 2971. Bucetinha
 2972. Bucetófolis Rachadum
 2973. Bucetoia
 2974. Bucetórium
 2975. Bucetosa
 2976. Bucetoviski
 2977. Bucetriz
 2978. Bucetron
 2979. Bucetum Gozadex
 2980. Buceuta
 2981. Bucha
 2982. Buchaca
 2983. Buchana
 2984. Buchinha
 2985. Bucica
 2986. Bucicleia
 2987. Bucicleide
 2988. Bucinha
 2989. Buciquinha
 2990. Bucirus
 2991. Bucis
 2992. Bucleta
 2993. Buçoca
 2994. Buçoroca
 2995. Bulceta
 2996. Buschulenta
 2997. Busgreta
 2998. Busheta (Fode com Todo Mundo)
 2999. Bussanha

3000. Bustenga
 3001. Bustraca
 3002. Butchekita
 3003. Butisaiques
 3004. Buzina
 3005. Buzineta
 3006. Ceceta
 3007. Ceta
 3008. Cetabu
 3009. Cetão
 3010. Cetinha
 3011. Cetona
 3012. Cetondi
 3013. Cetosa
 3014. Tacebu [buceta ao contrário]
 3015. Velha Buceta Campeira

VARIAÇÕES DE CONA

3016. Conacha
 3017. Conão
 3018. Conas
 3019. Conassa
 3020. Conejito
 3021. Conejo
 3022. Kona

VARIAÇÕES DE GRELO

3023. Grela
 3024. Greladinha
 3025. Grelhada
 3026. Grelho
 3027. Grelhuda
 3028. Grelinho
 3029. Grelo

VARIAÇÕES DE GRETA

3030. Greta (nome pelo qual Bocage apelidava a vagina)
 3031. Greta Barbada
 3032. Greta do Prazer
 3033. Greta Garbo
 3034. Greta pachacheira

VARIAÇÕES DE MC

3035. McMax
 3036. McXonga
 3037. McXota

VARIAÇÕES DE PERIQUITA

3038. Periquita

- 3039. Periquita Devassa
- 3040. Periquita D'Oro
- 3041. Periquitinha
- 3042. Piriquita
- 3043. Piriquita Azeda
- 3044. Piriquita de Ouro
- 3045. Prequêta
- 3046. Priquileta
- 3047. Priquitita
- 3048. Priquito

VARIAÇÕES DE VAGINA

- 3049. Gígina
- 3050. Vadjaina
- 3051. Vagenina
- 3052. Vagilene
- 3053. Vagina
- 3054. Vaginácea
- 3055. Vaginalda
- 3056. Vaginaldo
- 3057. Vaginão
- 3058. Vaginéia
- 3059. Vagineuda
- 3060. Vaginilda
- 3061. Vaginilde
- 3062. Vagininha
- 3063. Vaginona
- 3064. Vajoca
- 3065. Valgina
- 3066. Vargina

VARIAÇÕES DE XANA

- 3067. Chana
- 3068. Chaninha
- 3069. Chanosa
- 3070. Super-Xana
- 3071. Xana
- 3072. Xaná
- 3073. Xana, A Princesa Pornô
- 3074. Xanahana
- 3075. Xanarreta
- 3076. Xaneca
- 3077. Xaneta
- 3078. Xanete
- 3079. Xaninha
- 3080. Xanisguana
- 3081. Xanivalda
- 3082. Xanosa
- 3083. Xanxan
- 3084. XaXanis

VARIAÇÕES DE XAVASCA

- 3085. Xabasca
- 3086. Xava
- 3087. Xavanesca
- 3088. Xavas
- 3089. Xavasca
- 3090. Xavascuda
- 3091. Xavasken

VARIAÇÕES DE XERECA

- 3092. Checheca
- 3093. Cherelhete
- 3094. Cherereca
- 3095. Cherevers
- 3096. Cheroka
- 3097. Cherry
- 3098. Gereca
- 3099. Xebeca
- 3100. Xebrecas
- 3101. Xereba
- 3102. Xerécla
- 3103. Xerelete
- 3104. Xerenga
- 3105. Xerereca
- 3106. Xeroca
- 3107. Xeronga
- 3108. Xerósa
- 3109. Xerosca
- 3110. Xexeca
- 3111. Xexela
- 3112. Xexequinha do Meu Bem
- 3113. Xirica
- 3114. Xoroca
- 3115. Xuruca

VARIAÇÕES DE XOTA

- 3116. Xorota
- 3117. Xotica
- 3118. Xotinha
- 3119. Xotuta
- 3120. Xoxa
- 3121. Xoxinha
- 3122. Xoxita

VARIAÇÕES DE XOXOTA

- 3123. Xexeta
- 3124. Xoxoca
- 3125. Xoxonha
- 3126. Xoxota (infantil)
- 3127. Xoxotinha
- 3128. Xoxotoxota

VIA DE ACESSO

- 3129. Entrada da Perdição
- 3130. Entrada de Careca
- 3131. Entrada de prazer
- 3132. Entrada de Vara
- 3133. Entrada Principal
- 3134. Ponte de ligação
- 3135. Ponte do Meu Fusquinha
- 3136. Ponte do Rio Kuwait
- 3137. Ponte do Rio Que Cai
- 3138. Ponte que se partiu
- 3139. Ponte que te partiu
- 3140. Porta
- 3141. Porta da Esperança
- 3142. Porta da Fábrica
- 3143. Porta da Frente
- 3144. Porta da Vida
- 3145. Porta de Entrada
- 3146. Porta do Bebê
- 3147. Porta do Mundo
- 3148. Porta Pra Vida
- 3149. Portal pro Céu
- 3150. Portão de Jade
- 3151. Portão do Inferno
- 3152. Porta-Que-Nunca-Fecha
- 3153. Porteira
- 3154. Porteira da Felicidade
- 3155. Porteira do Caralho
- 3156. Porteira do Inferno
- 3157. Porteira do Mundo
- 3158. Porteira do Prazer
- 3159. Saída de Filho da Puta
- 3160. Saída de Incêndio
- 3161. Saída Pela Frente

VÍNCULO EMPREGATÍCIO

- 3162. Desempregada
- 3163. Ganha-Pão
- 3164. Manicure
- 3165. Meio
- 3166. Meio de Vida
- 3167. Patroa
- 3168. Professora de Língua
- 3169. Professora do Meu Caralho
- 3170. Sgt. Dorotéa
- 3171. Vigilante

XINGAMENTO / OFENSA

- 3172. Acabada
- 3173. Babaca
- 3174. Biscate
- 3175. Canganha
- 3176. Carcumida

- 3177. Catilanga
- 3178. Catota
- 3179. Chita macaca fidida
- 3180. Chula
- 3181. Chumbeta
- 3182. Cocó
- 3183. Cocota
- 3184. Creca
- 3185. Erro de Projeto
- 3186. Erro de Projeto (Área de Lazer Próxima ao Esgoto)
- 3187. Esbagaçada
- 3188. Esculachada
- 3189. Fossa
- 3190. Fubica
- 3191. Fudida
- 3192. Furustreca
- 3193. Gorgona
- 3194. Jubiraca
- 3195. Judiada
- 3196. Kikita [periguete]
- 3197. Lama de mulher
- 3198. Lambisgóia
- 3199. Lameiro atolado
- 3200. Mais-feia-que-a-dona
- 3201. Mal-Agradecida
- 3202. Mardita
- 3203. Melequenta
- 3204. Melequinha
- 3205. Menos-mal
- 3206. Menos-Menos
- 3207. Muxiba
- 3208. Muxibenta
- 3209. Muxibinha
- 3210. Oferecida
- 3211. Ordinária
- 3212. Peçonhenta
- 3213. Pistoleira
- 3214. Ramboia
- 3215. Rapariga
- 3216. Rapariga de Bigode Branco
- 3217. Sirigaita
- 3218. Tilanga
- 3219. Toioba
- 3220. Tonha
- 3221. Toskerão
- 3222. Vagabunda

SEM DEFINIÇÃO

- 3223. Abacurel
- 3224. Abaxeira
- 3225. Abre caricas
- 3226. Achô
- 3227. Alina

- | | | | |
|-------|--------------|-------|---------------------|
| 3228. | Aputnani | 3283. | Bruxela |
| 3229. | Babau | 3284. | Budega |
| 3230. | Bacurina | 3285. | Bulica |
| 3231. | Bacurix | 3286. | Buluco |
| 3232. | Badaioca | 3287. | Buzigarga |
| 3233. | Bajalinho | 3288. | Cacaca |
| 3234. | Bajosta | 3289. | Cachopa |
| 3235. | Baltinha | 3290. | Cachopinha |
| 3236. | Bartuela | 3291. | Cachuleta |
| 3237. | Basila | 3292. | Cafeteira |
| 3238. | Beju Taiado | 3293. | Caiaia |
| 3239. | Beleskinha | 3294. | Cajada |
| 3240. | Beleta | 3295. | Cajogay |
| 3241. | Benaita | 3296. | Cajuda |
| 3242. | Berbela | 3297. | Calígola |
| 3243. | Berbelha | 3298. | Cantaroladora |
| 3244. | Berimboga | 3299. | Cara da Gata |
| 3245. | Berôla | 3300. | Cara do Tadeu |
| 3246. | Bibica | 3301. | Cara do VR |
| 3247. | Bibil | 3302. | Cara Mijada |
| 3248. | Bibita | 3303. | Cara Preta |
| 3249. | Bigucha | 3304. | Carancuda |
| 3250. | Biguleta | 3305. | Carcaça |
| 3251. | Bil | 3306. | Cardoca |
| 3252. | Bilcites | 3307. | Carregada |
| 3253. | Bilela | 3308. | Cartela |
| 3254. | Bilica | 3309. | Cena |
| 3255. | Bilila | 3310. | Chaba |
| 3256. | Bililica | 3311. | Chabonga |
| 3257. | Bililinha | 3312. | Chamelague |
| 3258. | Bilongueira | 3313. | Chandanga |
| 3259. | Biluca | 3314. | Chapolina Colorada |
| 3260. | Biluguinha | 3315. | Chassi de Borboleta |
| 3261. | Birda | 3316. | Cheba |
| 3262. | Birimbinha | 3317. | Cheboca |
| 3263. | Biringonga | 3318. | Chimbica |
| 3264. | Biringuela | 3319. | Chimbinha |
| 3265. | Bironguina | 3320. | Chimbocuda |
| 3266. | Birsa | 3321. | Chimbreca |
| 3267. | Biscaveia | 3322. | Chincha |
| 3268. | Bitiquita | 3323. | Chinela |
| 3269. | Bixiguenta | 3324. | Chineluda |
| 3270. | Biziu | 3325. | Chinês Caolho |
| 3271. | Bizorra | 3326. | Chinesa Barbuda |
| 3272. | Bocó de Pelo | 3327. | Chinoca |
| 3273. | Boçorica | 3328. | Chip |
| 3274. | Bombata | 3329. | Chixola |
| 3275. | Bono | 3330. | Choca |
| 3276. | Borburinha | 3331. | Chola |
| 3277. | Boresta | 3332. | Chora-Porra |
| 3278. | Bózinha | 3333. | Chorona |
| 3279. | Braguilha | 3334. | Chuarana |
| 3280. | Brejeira | 3335. | Chubby-Lubby |
| 3281. | Bruculha | 3336. | Chubrega |
| 3282. | Brunardida | 3337. | Chuchela |

- | | | | |
|-------|-------------------------|-------|-------------------------|
| 3338. | Chuchukinha | 3393. | Mudinha |
| 3339. | Chulapa | 3394. | Mulher de Colher |
| 3340. | Chula-ula | 3395. | Munhecosa |
| 3341. | Chulipa | 3396. | Murici Babosa |
| 3342. | Chupirinha | 3397. | Orra-Diá |
| 3343. | Chupiscadela | 3398. | Otilious |
| 3344. | Cinc-à-Sec | 3399. | Pachequita |
| 3345. | Clayderman | 3400. | Pachucha |
| 3346. | Cocodrila | 3401. | Pachulita (como a |
| 3347. | Cocozinho | | chama Larissa Riquelme) |
| 3348. | Compenistrada | 3402. | Pac-Man (Come-Come) |
| 3349. | Confronga | 3403. | Pacota |
| 3350. | Corinho | 3404. | Panocha |
| 3351. | Cotota | 3405. | Pantuá Carnudo |
| 3352. | Cricrita dos céus | 3406. | Paparrão |
| 3353. | Cromosso | 3407. | Paparrucha |
| 3354. | Cromossomos Espiralados | 3408. | Papica |
| 3355. | Cuca | 3409. | Papinto |
| 3356. | Cunicha | 3410. | Paquetão |
| 3357. | Curnicha | 3411. | Paquita |
| 3358. | Custozinha | 3412. | Paquita Erótica |
| 3359. | Dedê do Grande | 3413. | Paradanguapiana |
| 3360. | Degustandi | 3414. | Para-Isso |
| 3361. | Dêla | 3415. | Paranho |
| 3362. | Dogão | 3416. | Pardala |
| 3363. | Douglita | 3417. | Pardaleca |
| 3364. | Embrameira | 3418. | Pardeja |
| 3365. | Espera-Zóide | 3419. | Parede |
| 3366. | Estilicão | 3420. | Parrachita |
| 3367. | Estufa-Barriga | 3421. | Parratcha |
| 3368. | Fefezinha | 3422. | Parreca |
| 3369. | Galinherineiro | 3423. | Passada |
| 3370. | Ligadinha | 3424. | Passinha |
| 3371. | Maroquinha | 3425. | Patchoca |
| 3372. | Meitódromo | 3426. | Patchoquinha |
| 3373. | Meminha | 3427. | Patinha |
| 3374. | Mentinha | 3428. | Paxaxa |
| 3375. | Mesclada | 3429. | Paxinha |
| 3376. | Metelona | 3430. | Paxona |
| 3377. | Michiguana | 3431. | Paxuxa |
| 3378. | Milinha | 3432. | Peca |
| 3379. | Miminha | 3433. | Pechereca |
| 3380. | Mintisica | 3434. | Pecinha |
| 3381. | Mirindanha | 3435. | Pedeguêba |
| 3382. | Mixibera | 3436. | Pef-Pef |
| 3383. | Mixuga | 3437. | Pelão Doidão |
| 3384. | Modedora | 3438. | Peleiúda |
| 3385. | Moderá | 3439. | Pelêra |
| 3386. | Mói-Cano | 3440. | Pelestroika |
| 3387. | Momboca | 3441. | Peloza |
| 3388. | Momô | 3442. | Pelozinha |
| 3389. | Mona | 3443. | Pembeca |
| 3390. | Monossilábica | 3444. | Penteadeira |
| 3391. | Moquinha | 3445. | Pentium IV |
| 3392. | Muci | 3446. | Penxa |

3447. Pepê
 3448. Pepeco
 3449. Pepeta
 3450. Pepeu
 3451. Pepexa
 3452. Perequeca
 3453. Perequeta
 3454. Pererinha
 3455. Perestróika
 3456. Pericletes
 3457. Peri-Gozar
 3458. Peronha
 3459. Persega
 3460. Perva
 3461. Pesseguinha
 3462. Petcheca
 3463. Petitica
 3464. Pexeca
 3465. Pexereca
 3466. Pexingueta
 3467. Pica-Pau
 3468. Pichirica
 3469. Pichita
 3470. Picirica
 3471. Picó
 3472. Picoca
 3473. Picoca Peluda
 3474. Pida
 3475. Pimpinha
 3476. Pinguelitas
 3477. Pinguinhonha
 3478. Pinta
 3479. Pintinha
 3480. Pipa
 3481. Pipia
 3482. Pipinha
 3483. Pipiquinha
 3484. Pipita
 3485. Pipiu
 3486. Pipiuzinha
 3487. Piquitón
 3488. Pirica
 3489. Piriclética
 3490. Piricota
 3491. Pirimpola
 3492. Piririca
 3493. Piroquita
 3494. Piscuila
 3495. Pisdá
 3496. Pissota
 3497. Pita
 3498. Pitareca
 3499. Pitchorra
 3500. Pitica
 3501. Pitinha D'Ouro
 3502. Pitirica
 3503. Pito
 3504. Pitó
 3505. Pitota
 3506. Pitrica
 3507. Pituxinha
 3508. Piu Piu
 3509. Piunça
 3510. Pixel
 3511. Pixilanga
 3512. Pixuguinha
 3513. Pixula
 3514. Pixuluca
 3515. Pixureta
 3516. Pixuruca
 3517. Placa-Mãe
 3518. Ploncha
 3519. Pocaroxa
 3520. Pochola
 3521. Polala
 3522. Pombanha
 3523. Pomboca
 3524. Pombosa
 3525. Ponga
 3526. Ponga Mironga (Buceta Cabeluda)
 3527. Ponga Mironga do Cabuletê (Buceta Cabeluda da Mãe)
 3528. Popica
 3529. Popó
 3530. Popoadora
 3531. Popoca
 3532. Popola
 3533. Popota
 3534. Popotinha
 3535. Poqrita
 3536. Porontchesca
 3537. Potichonga
 3538. Poxanga
 3539. Preluda
 3540. Prêola
 3541. Preula
 3542. Prexana
 3543. Prexereca
 3544. Prexerela
 3545. Prexilda
 3546. Prexoca
 3547. Prexureca
 3548. Prochaca
 3549. Protoca
 3550. Punani
 3551. Pupusa
 3552. Pupusa com pelos
 3553. Purupupuca
 3554. Pururuquinha

- | | | | |
|-------|------------------|-------|----------------|
| 3555. | Quibane | 3610. | Tchanga |
| 3556. | Quicas | 3611. | Tchonada |
| 3557. | Quilha | 3612. | Tchonga |
| 3558. | Quiquina | 3613. | Tchulaipa |
| 3559. | Quiquinha | 3614. | Tchurranas |
| 3560. | Quiquiriquinha | 3615. | Tchutchuca |
| 3561. | Quitinha | 3616. | Tchutchuquinha |
| 3562. | Ragadinha | 3617. | Tchutchura |
| 3563. | Ragatanga | 3618. | Terracha |
| 3564. | Ranides | 3619. | Teteco |
| 3565. | Ranifrange | 3620. | Thequinha |
| 3566. | Rebucetéia | 3621. | Tibúrcia |
| 3567. | Renaça | 3622. | Ticha |
| 3568. | Respos | 3623. | Tiché |
| 3569. | Rilú | 3624. | Tichim |
| 3570. | Rinny | 3625. | Tika |
| 3571. | Rivinha | 3626. | Tilidinha |
| 3572. | Rogeca | 3627. | Timba |
| 3573. | Rogequinha | 3628. | Timusserusa |
| 3574. | Rogerzita | 3629. | Tirruão |
| 3575. | Rorocão | 3630. | Todavia |
| 3576. | Roroquinha | 3631. | Toladinha |
| 3577. | Rosalvagina | 3632. | Toner |
| 3578. | Rueleira | 3633. | Topa |
| 3579. | Rulinha | 3634. | Tota |
| 3580. | Saboreandi | 3635. | Totinha |
| 3581. | Sandona da Orgia | 3636. | Totoca |
| 3582. | Sararucu de Pau | 3637. | Totonha |
| 3583. | Sargadeira | 3638. | Tuangarê |
| 3584. | Saroca | 3639. | Tulhufa |
| 3585. | Schumole | 3640. | Txubankrians |
| 3586. | Senduba | 3641. | Ubuê |
| 3587. | Sendubuinha | 3642. | Ubuntu |
| 3588. | Serico | 3643. | Úgara |
| 3589. | Sharapova | 3644. | Uiara |
| 3590. | Shinobuzinha | 3645. | Underbeijo |
| 3591. | Shiranha | 3646. | Unicorna |
| 3592. | Shnozer | 3647. | Vão |
| 3593. | Snaita | 3648. | Veiudazinha |
| 3594. | Snéka | 3649. | Verdana |
| 3595. | Sorca | 3650. | Verdaniska |
| 3596. | Spazolla | 3651. | Viadinha |
| 3597. | Spazollona | 3652. | Vicilda |
| 3598. | Sulanha | 3653. | Video In |
| 3599. | Surinapa | 3654. | Viscondinha |
| 3600. | Tabaquirá | 3655. | Vombarda |
| 3601. | Taio Feio | 3656. | Voracenta |
| 3602. | Taiuda | 3657. | Xabinha |
| 3603. | Tandera | 3658. | Xaboita |
| 3604. | Tarólis | 3659. | Xalapuda |
| 3605. | Tarrota | 3660. | Xamanga |
| 3606. | Tchaca | 3661. | Xamangueta |
| 3607. | Tchakinha | 3662. | Xamituscanosa |
| 3608. | Tchan | 3663. | Xamprisco |
| 3609. | Tchanaraina | 3664. | Xanfra |

- | | | | |
|-------|--------------|-------|-----------------|
| 3665. | Xarapova | 3704. | Xoboita |
| 3666. | Xaxá | 3705. | Xods |
| 3667. | xDino | 3706. | Xoiola |
| 3668. | Xelinha | 3707. | Xola |
| 3669. | Xelu | 3708. | Xolinha |
| 3670. | Xemba | 3709. | Xolofompila |
| 3671. | Xembrenha | 3710. | Xolozinha |
| 3672. | Xenga | 3711. | Xomba |
| 3673. | Xenha | 3712. | Xombélia |
| 3674. | Xenhém | 3713. | Xonguinolenta |
| 3675. | Xenonhão | 3714. | Xoroba |
| 3676. | Xepresca | 3715. | X-Pimba |
| 3677. | Xequoprana | 3716. | Xubidubidu |
| 3678. | Xequinha | 3717. | Xucruta |
| 3679. | Xexelinha | 3718. | Xulanga |
| 3680. | Xiba | 3719. | Xulipa |
| 3681. | Xibiga | 3720. | Xunaninha |
| 3682. | Xibireca | 3721. | Xupica |
| 3683. | Xibóca | 3722. | Xupita |
| 3684. | Xiboquinha | 3723. | Xuranhã |
| 3685. | Ximbrulha | 3724. | Xureta |
| 3686. | Ximindanga | 3725. | Xurita |
| 3687. | Ximpana | 3726. | Xurumina |
| 3688. | Xinguila | 3727. | Xurumila |
| 3689. | Xinxas | 3728. | Xúster |
| 3690. | Xiquirela | 3729. | Xuxela |
| 3691. | Xirana | 3730. | Xuxoleta |
| 3692. | Xirimbinha | 3731. | Ynu Come Rasha |
| 3693. | Xirimomelina | 3732. | Ynu Iasha |
| 3694. | Xisa | 3733. | Yombinha |
| 3695. | Xispita | 3734. | Yoshimira |
| 3696. | Xixila | 3735. | Yoshimitsucú |
| 3697. | Xixim | 3736. | Zacabiba |
| 3698. | Xixiroca | 3737. | Zuceta |
| 3699. | Xixiu | 3738. | Zumba-na-caneca |
| 3700. | Xixóca | 3739. | Zurena |
| 3701. | Xixola | 3740. | Zutudimas |
| 3702. | Xixoquinha | 3741. | Zuzu-zóio |
| 3703. | Xoberosa | | |

APÊNDICE B – Nomes para o órgão sexual masculino

AÇOITE

1. Chibata
2. Chicote-de-barriga
3. Peia
4. Relho

ALIMENTO

5. Arroz
6. Bacalhau
7. Banana
8. Bananada (pequeno e murcho)
9. Brachola
10. Biscoito
11. Berinjela
12. Cachorro quente
13. Calabresa
14. Choriço
15. Chouriço
16. Chouriça
17. Carne quente
18. Cana
19. Croquete
20. Drops de carne
21. Drops paquera
22. Enrolado de salsicha
23. Inhame
24. Kibe
25. Lenguiça
26. Mandioca
27. Pepino cabeçudo
28. Palmitão
29. Morangão
30. Mucilon
31. Murcilha
32. Picolé de alcatra
33. Picolé de nervos
34. Rocambole de carne
35. Porongo
36. Sacolé de nervo
37. Salame
38. Salgado erótico
39. Salpicão
40. Salsicha
41. Salsichão
42. Salsichão alemão com mostarda
43. Salsichão e ovos
44. Sorvete de carne

ANIMAL

45. Anaconda
46. Bagre
47. Besugo
48. Bicho
49. Bichoca
50. Bironha
51. Brejereba
52. Camelo cuspidor
53. Canguru
54. Cavalão
55. Cavalo power
56. Cobra
57. Cobra albina caolha
58. Cobra cuspideira
59. Cobra da cabeça furada
60. Cobra de calça
61. Cobra de um olho só
62. Cobra zarolha
63. Cobra zuiuda
64. Curió
65. Ganso
66. Golfinho
67. Jamanta (grande) [peixe]
68. Jegue (grande)
69. Jiboia (grande)
70. Lambari [peixe]
71. Lontra do Dede
72. Manba negra
73. Manduruva
74. Manjuba
75. Mastodonte
76. Minhoca
77. Pássaro
78. Peru
79. Piaba
80. Pirarucu
81. Pomba
82. Robalo
83. Pinto
84. Rola
85. Serpente-rei
86. Sabiá-buraquero
87. Serpente
88. Sarafano [rato pequeno]
89. Sardão [lagarto]
90. Sharpei [raça de cachorro]
91. Tubarão
92. Tatuzão
93. Traíra [peixe]
94. Tubiba [abelha]

ANJO

95. Querubim

APARÊNCIA FÍSICA

96. Saradão

97. Xumbrega

ARTEFATO MILITAR

98. Bibico

99. Cabeço

100. Mangotão

101. Mangote

102. Petardo

ATO SEXUAL ATIVO

103. Abre-alas

104. Abridor de montanha

105. Afrouxa-pregas

106. Ajunta-pasto

107. Apagador de fogo

108. Aproveitador-de-buraco-aberto

109. Arranca-cabaço

110. Arromba-buceta

111. Atrasabosta

112. Bate-estaca

113. Cala de boca cheia

114. Calador

115. Cava cova

116. Cava túnel

117. Come-cu

118. Come-buceta

119. Come-perereca

120. Come-xereca

121. Estora caverna

122. Crescedor de barriga

123. Enfornar o robalo

124. Derrubador

125. Derrubador de muro

126. Desentupidor

127. Devora a tua mae

128. Espalha carne

129. Estufador de cu

130. Embucetador

131. Embrulhador liquido

132. Emburacador

133. Empurra bufas

134. Empurra bosta

135. Empurra cabaço

136. Empurra carne

137. Empurra tarolo

138. Empurra tudo

139. Empurra-útero

140. Enterrador

141. Escavador

142. Escavador de túnel

143. Fudedor de buceta

144. Fura-bilhas

145. Cata-canto

146. Fura olho cego

147. Papa-cú de cabeça roxa

148. Papa-cú de cabeça vermelha

149. Papa-cú-rasteiro

150. Para-te-empurra

151. Para-te-endoida

152. Para-te-parte em dois

153. Para-te-rasga

154. Rompedor

155. Sóca bosta

156. Socador

157. Sóca bixiga

ATO SEXUAL PASSIVO

158. Chupa-chupa

159. Enforcado

160. Deslombada

161. Imerso

ATOR CÔMICO

162. Palhaço

BEBÊ

163. Bebezão

BEBIDA

164. Chá-de-besta

165. Chá-de-homem

166. Chá de minhápica

167. Coca-cola de dois litros (grande e de negro)

168. Leite de coco

169. Mandureba

170. Pingas

171. Pituzinho

172. Toddynho, o companheiro de aventuras

BEIJO

173. Bitoca

BRINCADEIRA

174. Balangandã

175. Faz-de-conta

BRINQUEDO

- 176. Boneca
- 177. Boneco duro (ereto)
- 178. Brinquedinho
- 179. Megaman
- 180. Megazord

CALVÍCIE

- 181. Careca
- 182. Careca baleado
- 183. Carequinha

CANNABIS

- 184. Baseação de 3 folhas

CHAMARIZ

- 185. Isca

COGUMELO

- 186. Bolete
- 187. Pironga

COISA

- 188. Coisa
- 189. Coisinha
- 190. Geringonça
- 191. Negoço
- 192. Objeto alegre
- 193. Troço

COISA/ARTEFATO GRANDE

- 194. Baita
- 195. Trapizomba

COISA/ARTEFATO PEQUENO

- 196. Catoco
- 197. Mingão
- 198. Mingo

COISA/ARTEFATO RIJO

- 199. Calcete
- 200. Dique de basalto
- 201. Rocha (duro)
- 202. Envernizado (duro)

203. Troço duro

204. Ultraduro

COISA/ARTEFATO SEM VALOR

- 205. Chorumela
- 206. Bregueço
- 207. Trambolho

COISA SUJA

- 208. Badalhoco
- 209. Podre

COMEMORAÇÃO

- 210. Jubileu

COMISSÃO INTERNA DE PREVENÇÃO DE ACIDENTES

- 211. Cipa

COMPRIMENTO

- 212. Alto
- 213. Comprido

CONSISTÊNCIA

- 214. Cremoso
- 215. Leitoso

CONSOLO

- 216. Consolo
- 217. Consolo-de-mulher

CORPO

- 218. Corpo

CRIANÇA

- 219. Picorrucho

CRATURAS SIMBÓLICAS

- 220. Baphomet
- 221. Basilisco

DOENÇA

- 222. Bulemico
- 223. Farfalho

ELEMENTO QUÍMICO

224. Nitrofurano

ESCOADOR DE LÍQUIDO

225. Cuspidor
226. Torneirinha
227. Torneira esportadeira

ESTADO DE ESPÍRITO

228. Alegria-das-meninas
229. Criterioso
230. Carente
231. Doido
232. Dengo
233. Dengoso
234. Intrometido
235. Imbecil
236. Malandro
237. Ogro
238. Metido
239. Foguentinho
240. Perigoso
241. Narso [de narciso]
242. Ligação
243. Rebelde
244. Queridinho
245. Precioso
246. Sem-vergonha
247. Serelepe
248. Skinhead
249. Tola
250. Zangado
251. Trouxa
252. Ultrajado

ESTANDARTE

253. Bandeira a meio pau (semiereto)
254. Estandarte

EUFEMISMO

255. "aquilo"
256. Dito cujo

EXCREMENTO

257. Troçulho
258. Tripa

EXPLORADOR

259. Aproveitador

EXPRESSÃO DE DUPLO SENTIDO

260. Afroxasseta
261. Chupica
262. Furasseta
263. Injeção de picalomicina
264. Inchalá
265. Mel pal dansano
266. Jacinto cabeçaço
267. Lambresta
268. Passaroducusorium
269. Penislongo
270. Passaralho
271. Pirocalhão
272. Picaralho
273. Piçolim
274. Piçulim
275. Picurilho
276. Salpicão sem SAL
277. Shereco
278. Tuchupa
279. Tulambe
280. Tumama
281. Xoxotarola

EXPRESSÃO DE NEGAÇÃO

282. Neca

EXTREMIDADE PONTIAGUDA

283. Bicuda

FAGULHA

284. Faisca à noite

FATIA

285. Naco

FERRAMENTA

286. Acunhador
287. Aparelho
288. Berbequim do amor
289. Bigorna
290. Cabeçote
291. Cambão
292. Chibanca
293. Equipamento
294. Estrovenga
295. Furadeira
296. Ferramenta
297. Ferramentas de trabalho
298. Gonzo [dobradiça]
299. Manjolo

- 300. Mandril
- 301. Martelo
- 302. Martelo power
- 303. Marreta
- 304. Macete [tipo um martelo]
- 305. Jumelo
- 306. Morsa
- 307. Trolha
- 308. Verruma

FIGURA MASCULINA

- 309. Alexandre, o grande
- 310. Barba-roxa
- 311. Carlinhos Brown
- 312. Chuck norris
- 313. Ciclope
- 314. Cebolinha
- 315. Eurico miranda
- 316. Dick vigarista
- 317. Di gianni
- 318. Derico sciotti
- 319. Donga
- 320. Fittipaldi
- 321. Esperidião amim
- 322. Hintze ribeiro
- 323. Grand highblood
- 324. Hulk (fica enorme quando mexem com ele)
- 325. Jesus Cristo
- 326. Godzilla
- 327. Magaiver (macgyver)
- 328. M. Bison
- 329. Mantorras
- 330. Kojak
- 331. Julião Petrúcio
- 332. Picasso
- 333. Roberto justus
- 334. Pikachu
- 335. Pífaró leiteiro (citado por paulo francis)
- 336. Salvador Dali
- 337. Tony Ramos
- 338. Shirek
- 339. Saitama
- 340. Saruman
- 341. Scooby - doo
- 342. Willie Wonka
- 343. Xitãozinho
- 344. Xororó
- 345. Transformer
- 346. Ultraman
- 347. Zangief

FLATULÊNCIA

- 348. Peido do capeta

FORMATO REDONDO

- 349. Biloca [bola]
- 350. Bilola musculosa
- 351. Bilolão
- 352. Biroca
- 353. Dardo
- 354. Roliço

FRASE

- 355. Bom pra tudo
- 356. Escravo do meu ovo
- 357. Espião da casa do caralho
- 358. Lontra que a Vi se amarra
- 359. Mandar o bernardo às compras
- 360. Prá ti foi feito
- 361. Queédechupar
- 362. Querbuceta
- 363. Quercú
- 364. Sai da frente
- 365. Seu Duval, presente!

FURÚNCULO

- 366. Carnegão

GRUPO ÉTNICO

- 367. Mandingo

HERESIA

- 368. Herege

HISTERISMO

- 369. Histeria coletiva

IMIGRANTE

- 370. Imigrante

IMPOTÊNCIA

- 371. Broxa (flácido)

INCENTIVO

- 372. Torcida

INCLINAÇÃO

- 373. Torto

INSTRUMENTO

- 374. Instrumento
- 375. Instrumento de fazer nenen
- 376. Instrumento de trabalho
- 377. Instrumentos

INSTRUMENTO MUSICAL

- 378. Gaita

INSTRUMENTO OFENSIVO/DEFENSIVO

- 379. Arma
- 380. Arma-pra-boquete
- 381. Bacamarte
- 382. Cambão
- 383. Canivete
- 384. Canhangulo
- 385. Carabina
- 386. Espada
- 387. Espada-de-duas-mãos
- 388. Fuzil
- 389. Faca
- 390. Pistola
- 391. Pistolão
- 392. Pistolim
- 393. Sabre (Dev!L, o VT te ama)
- 394. Trabuco
- 395. Virote

INSTRUMENTO PARA ABRIR/FECHAR

- 396. Chave-de-mulher
- 397. Chave para o paraíso

INVERTEBRADO

- 398. Invertebrado

LAGOA

- 399. Manguaba

LOCALIZAÇÃO

- 400. Bastelo
- 401. Gogolina
- 402. Maranhão
- 403. Parque de diversão
- 404. Massaranduba
- 405. Napa
- 406. Região pelágica

MADEIRA

- 407. Caibro
- 408. Barrote
- 409. Estaca
- 410. Estadulho
- 411. Gano [braço de árvore]
- 412. Pau
- 413. Pau-de-barraca
- 414. Pau-de-sebo
- 415. Manaíba
- 416. Talo [ramo de uma árvore]
- 417. Tanganho [ramo de uma árvore]
- 418. Toro [ramo de uma árvore]
- 419. Toco
- 420. Tora
- 421. Tição
- 422. Tarolo
- 423. Vara
- 424. Vara da felicidade
- 425. Vara-de-mijo
- 426. Vara-do-diabo
- 427. Vara-verde-verdolenga
- 428. Vara - pau

MÁQUINA

- 429. Britadeira
- 430. Trator (empurra o barro)

MARCA COMERCIAL

- 431. Chaparrau

MASTURBAÇÃO

- 432. Bronha
- 433. Alisa-que-cresce
- 434. Doutor alisando cresce

MATERIAL

- 435. Borracha

MOVIMENTO DO ATO SEXUAL

- 436. Entra e sai
- 437. Vai-e-vem

NATURALIDADE/NACIONALIDADE

- 438. Açoriano
- 439. Grego

NERVURA

440. Nervo

NOME CONVENCIONALIZADO (ANATÔMICO)

441. Falo

NOME CONVENCIONALIZADO (NÃO ANATÔMICO)

442. Benga
443. Bilau
444. Bingolim
445. Bingulino
446. Bibiu
447. Bigulau
448. Bilunga
449. Bimba
450. Birro
451. Blica
452. Caralho
453. Caralhão
454. Catatau
455. Chapeleta
456. Chapuleta
457. Chumarra
458. Documento
459. Documentos
460. Caralho grande e grosso
461. Caralinhos voadores
462. Géba
463. Fazedor de xixi
464. Giromba
465. Jeba
466. Krl
467. M. Bison
468. Jereba
469. Jiroba
470. Jiromba
471. Mangalho
472. Manjeba
473. Pemba
474. Orgão penes
475. P.a. (pinto amigo)
476. P.e. (pinto experiente)
477. P.g. (pinto grande)
478. P.p.m.m. (pinto pequeno muito mole)
479. Meu membro
480. Pênis do capeta
481. Marzápio
482. Pica
483. Pica berola
484. Pica do nê
485. Pica doce
486. Pica salgada
487. Piroca

488. Pirocão

489. Piru

490. Pirulito

491. Pirulito salgado

492. Piu-piu

493. Pingolim

494. Pipi

495. Pipico

496. Pipinto

497. Pipiu

498. Piça

499. Picha

500. Pila

501. Pila murcha

502. Pila tesa

503. Pilinha

504. Pimba

505. Pinto mágico

506. Rola dura

507. Rola gostosa

508. Pingola

509. Pingolo

510. Pinguelo

511. Pitoca

512. Sabordalhão [em Portugal, nome para o pênis]

513. Tota

514. Tronzoba

515. Trozoba

516. Xoroca

517. Zeguedegue

518. Veíudo

NOME FEMININO

519. Cacilda

520. Lily

521. Lola

522. Janubia

523. Maria veiuda

524. Zuleika

NOME MASCULINO

525. Aderaldo

526. Aloísio

527. Bráulio

528. Adamastor Junior

529. Bartolomeu

530. Belarmindo

531. Binho

532. Charlie

533. Dênis

534. Dedé

535. Duval

536. Fernando
 537. Felipinho
 538. Franklin yuri
 539. Gabriell o rola dura
 540. Godofredo
 541. H. Romeu pinto
 542. James
 543. Jacó
 544. Jarbas
 545. Jhonny
 546. João
 547. Joãozinho
 548. Jeffinho
 549. Joaquim Madrugada
 550. Júnior (Jr.)
 551. Judas
 552. José zarolho
 553. Juninho Poyer
 554. Leonardo Nunes Dias (Jão)
 555. Leopoldo
 556. Lucão
 557. Jaiminho, o carteiro
 558. João Fedegoso
 559. Johnny ;D
 560. Junim
 561. Paul
 562. Paul snake
 563. Ocarlos
 564. Pepeu
 565. Ribamar jr.
 566. Romualdo
 567. Rudolph, a rena do nariz vermelho
 568. Roberlau (o pau)
 569. Santana lopes
 570. Teobaldo - para os intimos (T)
 571. Tico
 572. Tónico
 573. Tonhão
 574. Tião cabeça
 575. Zé
 576. Zé ciclope
 577. Zé fedegoso
 578. Zé-sem-osso
 579. Zé tolas
 580. Zé varizes
 581. Zebedeu
 582. Zeca
 583. Zezinho
 584. Zezé Camarinha
 585. Zé sabe a mel
 586. Zezão
 587. Zulu
 588. Valdizinho (30cm de cabeça)
 589. Xico

OBJETO CILÍNDRICO

590. Badalo
 591. Bambu
 592. Basculho [uma espécie de vassoura]
 593. Bastão
 594. Bengala
 595. Bengala mágica
 596. Berimbau
 597. Berrante
 598. Cabo USB
 599. Cabo-de-caçarola
 600. Cabo-de-relo
 601. Cabo-de-vassoura
 602. Cacete
 603. Cacete de agulha
 604. Cacete-homem
 605. Cajado
 606. Canhão
 607. Canudinho de Itu
 608. Canudo
 609. Charuto
 610. Charuto de carne
 611. Charuto de nervo
 612. Cigarro
 613. Cilindro
 614. Cipó
 615. Cipó cabeludo
 616. Cipó maijão
 617. Clarineta
 618. Clarinete-de-capá
 619. Espiga
 620. Estopim
 621. Flauta
 622. Freio-de-mão
 623. Fumo
 624. Fumo de rolo
 625. Mangueira
 626. Mangueira do mijo
 627. Microfone do faustão
 628. Microfone do sílvio
 629. Pescoço de frango
 630. Pilão
 631. Pilão-de-merda
 632. Rojão de vara
 633. Rolinho
 634. Sem-ombro*
 635. Sinalizador
 636. Tabaco
 637. Taça
 638. Taco
 639. Taco de bilharito
 640. Tarugo
 641. Tromba
 642. Tromba-de-elefante

- 643. Vela
- 644. Vuvuzela
- 645. Zarabatana

OBJETO DE METAL

- 646. Aço
- 647. Arame
- 648. Ferragem
- 649. Ferrão
- 650. Ferro
- 651. Vergalhão

OBJETO PARA SUCÇÃO

- 652. Chupeta
- 653. Mamadeira de carne

OBJETO PENDURADO

- 654. Pendurado

OBJETO RETILÍNEO

- 655. Alavanca-de-arquimedes
- 656. Haste
- 657. Engate
- 658. Fósforo
- 659. Mastro
- 660. Descanso-de-carroça (grande)
- 661. Pé de mesa
- 662. Fuso
- 663. Pendúculo
- 664. Pincel
- 665. Trem-bala*
- 666. Viga
- 667. Verga
- 668. Vassourão (grande)

OBRA CINEMATOGRAFICA

- 669. Rafiki

OLHO/VISÃO (ORIFÍCIO DO PÊNIS)

- 670. Caolho
- 671. Chinês caolho
- 672. Japonês caolho
- 673. Mike wazowski(monstro de um olho so)
- 674. Monstro de um olho só
- 675. Monstro veiúdo da cabeça redonda lascada no meio
- 676. O olho que chora grosso
- 677. Ceguim

ONOMATOPEIA

- 678. Glugluglu
- 679. Poft

ÓRGÃO SEXUAL DE ANIMAL

- 680. Vergalho

ORIENTAÇÃO ESPACIAL

- 681. Entre-pernas

OUTRA PARTE DO CORPO

- 682. Braço do judas
- 683. Cabeça-de-baixo
- 684. Cabeça-de-frade
- 685. Cabeça-de-tomate
- 686. Cabeça-lisa
- 687. Cabeça-pelada
- 688. Cabeção
- 689. Cabeçudo
- 690. Coluna-do-meio
- 691. Dedão sem unha
- 692. Dedo sem osso
- 693. Fedegoso
- 694. Teta de homem
- 695. Testa-furada

OUTRA LÍNGUA

- 696. Cazzo
- 697. Dings
- 698. Long-dong
- 699. Plug-and-play
- 700. Snake
- 701. Shadowfrost
- 702. Welcome to Jamaica! Have a nice day (enquanto ereto)
- 703. Wood of god

PARENTESCO

- 704. Pai de todos

PARTE DESCOBERTA

- 705. Destelhado

PATENTE MILITAR

- 706. Alferes (ver soldado)
- 707. Capitão (ver soldado)
- 708. General
- 709. General (ver soldado)

- 710. Guerreiro de cabeça roxa
- 711. Marechal
- 712. Major pennys
- 713. Major (ver soldado)
- 714. Soldado (em sentido)
- 715. Soldadinho do capacete roxo
- 716. Soldado (a patente aumenta por
merecimento)
- 717. Sargento (ver soldado)
- 718. Sergetex
- 719. Tenente (ver soldado)

PENTEADO

- 720. Birote

PESSOA DO SEXO FEMININO

- 721. Garota
- 722. Garota chorona
- 723. Menina
- 724. Menina chorona
- 725. Menina salgadinha
- 726. Mulher
- 727. Mulher fiel

PESSOA DO SEXO MASCULINO

- 728. Garoto
- 729. Menino
- 730. Neguinho
- 731. Varão

PESSOA ORIENTADORA

- 732. Mentor
- 733. Mestre

PESSOA QUE URINA COM FREQUÊNCIA

- 734. Xixizento
- 735. Mijão

PESSOA REVOLUCIONÁRIA

- 736. Maragato

PLANTA(ÇÃO)

- 737. Jacarandá
- 738. Jequitibá
- 739. Jurubeba
- 740. Mastruço
- 741. Mata jaburú
- 742. Naba (muito grande)
- 743. Nardo
- 744. Pessegueiro
- 745. Pimpinela

- 746. Taioba
- 747. Tatuzão
- 748. Teca

POTÊNCIA

- 749. Possante
- 750. Potência
- 751. Potente

PROEMINÊNCIA [NA ÁREA PENIANA]

- 752. Barraca armada
- 753. Circo armado (ereto)
- 754. Marola
- 755. Marrana
- 756. Tenda armada (erecto debaixo das
calças)

REALEZA

- 757. Princesa sofia

RELAÇÃO ENTRE PESSOAS

- 758. Amigo
- 759. Amigão
- 760. Amiguinho
- 761. Nosso amigo

SABOR

- 762. Gostosão

SER DESPREZÍVEL

- 763. Bigorrilho

SER ESPIRITUAL

- 764. Anjinho barroco

SOBRENOME

- 765. Mendes
- 766. Seromenho

TAMPA

- 767. Tampa-de-mulher
- 768. Tapa poço
- 769. Tampa de cu

TRIPEÇA

770. Tripé
771. Terceira perna (se for jumento)

UTENSÍLIO PARA FAZER LUME

772. Binga

VASO SANGUÍNEO

773. Cheio-de-veia

VÍNCULO EMPREGATÍCIO

774. Bombeiro

VISTO

775. Carimbo

SEM DEFINIÇÃO

776. Abxivisprolino
777. Abjurana
778. Aramanho
779. Bacural
780. Badjanca
781. Bage
782. Bregorgelo
783. Bélão
784. Bidalo
785. Bilolanã
786. Bimbola
787. Birola
788. Biruleibi
789. Birunga
790. Bistronga
791. Bitoludo
792. Biula
793. Bizuzu
794. Bodelos
795. Cajó
796. Calháu
797. Cambange [pênis em pernambuco]
798. Carulho
799. Catso
800. Cátis
801. Capãno
802. Chechoca
803. Chonga
804. Catrino
805. Chulapa
806. Charola categorizado com objeto
receptáculo para a vulva
807. Cissão

808. Catrovasca
809. Chorongá
810. Chamboco
811. Caceta
812. Dolejal
813. Django
814. Djhow
815. Dj
816. Djaylito
817. Dj pinto
818. Djorge
819. Djeba
820. Edmose
821. Djonga
822. Durango
823. Daia
824. Danoteli
825. Dúzito
826. Dezoito mole
827. Cokinho (lc)
828. Hambruge
829. Hadduken
830. Guiga (19)
831. Gogo
832. Géa
833. Guaviróva
834. Gunga
835. Ivinho
836. Gagau
837. Gandamangala
838. Gudiro
839. Entre-campos
840. Gândula
841. Xurupita na pika
842. Entre fodas
843. Jajãojajão ou seja pila que não se vem
844. Manjoba
845. Mangola
846. Macarumgumbé
847. Malha-Vacas
848. Mandruca
849. Lalau
850. Landrasca
851. Kratos
852. Kirojuba
853. Jabara
854. Jaramaça
855. Jaburana
856. Jarambada
857. Jambra
858. Manel da veia
859. Jarolo
860. Jera
861. Jiribaita
862. Jomba

- | | | | |
|------|--------------------|------|---------------------|
| 863. | Jurumba | 897. | Tante |
| 864. | JP "Precoco" Manso | 898. | Teca-liana |
| 865. | Mastrola | 899. | Tertulho |
| 866. | Mrmanson | 900. | Parte Ticão |
| 867. | Marzagão valente | 901. | Ticha |
| 868. | Palelo | 902. | Tiche |
| 869. | Mesoproponha | 903. | Tixinga |
| 870. | Mijolo | 904. | Tombica |
| 871. | Mulambo | 905. | Topin |
| 872. | Neryal | 906. | Totoia |
| 873. | Peyote | 907. | Trambulhetão |
| 874. | Pínguido | 908. | Trapizomba |
| 875. | Piporoto | 909. | Treboço |
| 876. | Pirogênea | 910. | Treboçu |
| 877. | Pirombeta | 911. | Trolheta |
| 878. | Pirosquete | 912. | Trolóris |
| 879. | Pirulóla | 913. | Trussui |
| 880. | Platileva | 914. | Twister |
| 881. | Polipec | 915. | Uduro |
| 882. | Precholo | 916. | Vascolhão |
| 883. | Régueque | 917. | W (enquanto fálico) |
| 884. | Sanabre | 918. | Xarola |
| 885. | Sabugalho | 919. | Xinforímpula |
| 886. | Saroba | 920. | Ximboro |
| 887. | Serpélo | 921. | Xixico |
| 888. | Sem ombro | 922. | Xonofompila |
| 889. | Tingue-lingue | 923. | Zanzão |
| 890. | Seupôsegeme | 924. | Zaromba |
| 891. | Seupôsechora | 925. | Zimba |
| 892. | Seupôtiatrasa | 926. | Zinguinha |
| 893. | Talha Bestas | 927. | Zumbelha |
| 894. | Sulamba | 928. | Lendo vagina |
| 895. | Torre de pizzao | 929. | Pinta |
| 896. | Thuthuco | 930. | Órbita |